



Beija-Flor

Uma historia de amor além da imaginação

Autora best-seller da amazon

LARA SMITHE



Lara Smithe

O BEIJA-FLOR

Primeira edição

Salvador/Brasil

2019



O BEIJA-FLOR

Capa: Joice S. Dias

Revisão: Lorena Bastos

Diagramação: Lara Smithe

Todos os direitos reservados. Proibidos a reprodução, o armazenamento ou a transmissão, no todo ou em parte.

Esta é uma obra de ficção. Seu intuito é entreter as pessoas. Nomes, personagens, lugares e acontecimentos descritos são produtos da imaginação da autora. Qualquer semelhança com nomes, datas e acontecimentos reais é mera coincidência.

Título original: O Beija-Flor

Todos os Direitos reservados

Copyright © 2019 by Lara Smithe

Sumário

Índice

[Agradecimentos](#)

[Mensagem](#)

[Sinopse](#)

[FLOR DE ÍRIS](#)

[Capítulo 1](#)

[Capítulo 2](#)

[Capítulo 3](#)

[Capítulo 4](#)

[Capítulo 5](#)

[Capítulo 6](#)

[Capítulo 7](#)

[Capítulo 8](#)

[Capítulo 9](#)

[Capítulo 10](#)

[Capítulo 11](#)

[FLOR DE ACÁCIA](#)

[Capítulo 12](#)

[Capítulo 13](#)

[Capítulo 14](#)

[Capítulo 15](#)

[Capítulo 16](#)

[Capítulo 17](#)

[Capítulo 18](#)

[Capítulo 19](#)

[Capítulo 20](#)

[Capítulo 21](#)

[Capítulo 22](#)

[Capítulo 23](#)

[Capítulo 24](#)

[Capítulo 25](#)

[Capítulo 26](#)

[Capítulo 27](#)

[Capítulo 28](#)

[Próxima História](#)

[LÓTUS](#)

[Capítulo Bônus](#)

[O encontro entre o ÓDIO e o AMOR](#)

[Outros Romances da Autora](#)

Agradecimentos



Agradeço a DEUS em primeiro lugar, pois minhas inspirações vêm dele. Às minhas leitoras amigas do grupo do Whatsapp e do facebook: meninas vocês são maravilhosas.

Obrigada família, por sua paciência e compreensão.

Obrigada, minhas betas maravilhosas, por suas análises críticas, vocês me ajudaram muito com as opiniões e os conselhos.

Mensagem



As 7 mensagens espirituais transmitidas pelos beija-flores:

Os beija-flores são vistos como mensageiros do mundo superior. De acordo com as lendas, esses pássaros flutuam no ar e podem entrar em dimensões muito diferentes da nossa.

Os nativos americanos acreditavam que os beija-flores trazem cura e luz divina, e oferecem alegria, amor e sorte para aqueles que se aproximavam.

Abaixo estão as 7 mensagens espirituais que esses belos pássaros nos transmitem.

1 – Leveza Física

Os beija-flores são animais leves, de pouco peso. Essa leveza nos transmite a mensagem de uma vida livre de tudo aquilo que nos sobrecarrega e nos torna infelizes, tristes e cheios de cargas emocionais que nenhum bem nos fazem. Também nos inspira a mantermos vidas iluminadas, livres de dúvidas, preocupações e medos. Quando temos uma existência leve,

permitimos aos nossos espíritos a liberdade de vagarem para diferentes lugares, assim como os beija-flores.

2 – Adaptabilidade

Os beija-flores são considerados os menores pássaros do mundo, com uma média de apenas 5 centímetros de comprimento e peso de 200 gramas. O seu tamanho e peso facilitam com que [voem](#) sem esforço e permitem que realizem incríveis movimentos acrobáticos no ar. Para esses pássaros, é fácil voar em qualquer sentido desejado ou mudar de direção e velocidade em um segundo. Essa habilidade dos beija-flores é um lembrete do quanto devemos ser adaptáveis em nossas vidas. É necessário que sempre estejamos dispostos a recuar em algum movimento, seguir em frente com nossos planos ou analisar situações de diferentes pontos de vista, mudando o rumo quando se mostrar necessário.

3 – Persistência

Um dos principais alimentos dos beija-flores é o néctar das flores. Eles estão sempre em busca do lado doce da vida, persistindo em sua procura mesmo em meio a dificuldades. Sua persistência é uma inspiração para nossas vidas, pois muitas vezes desistimos de encontrar aquilo que desejamos rapidamente. Saiba que a vida está cheia de doçura, você apenas precisa saber onde procurar.

4 - Infinitude

Ao voarem, as asas dos beija-flores se movem em um padrão que remete ao símbolo do [infinito](#), um número 8. Esse padrão pode nos ensinar que o tempo nada mais é do que uma ilusão da mente; o que nos motiva a pensar considerando outras razões além do tempo, a curar o passado e focarmos nossa atenção e consciência no momento presente, pois é o único que temos garantido.

5 – Profundidade

Os beija-flores são equipados com bicos longos e estreitos e línguas ainda mais longas, isso permite com que atravessem as partes amargas das flores e alcancem a doçura que se esconde em seu interior. Fazendo uma analogia com nossas vidas, somos ensinados a ir além das aparências, das primeiras impressões. Quando analisamos coisas ou pessoas superficialmente, nós nos privamos de enxergar a verdadeira essência que se

encontra no núcleo, que nos permite enxergar além de uma possível amargura inicial.

6 – Alegria

Beija-flores são pássaros felizes, que voam de flor em flor motivados por seus objetivos, e vivem plenamente seguindo o caminho mais positivo em busca daquilo que os traz felicidade. Com isso, [ensinam](#) que mesmo em meio aos imprevistos e negatividades, temos a opção de escolher fazer da alegria uma constante em nosso caminho.

7 – Autenticidade

Beija-flores têm uma característica que os distinguem de outras aves: o zumbido suave de suas asas. Crê-se que esse zumbido nos transmite cura e energia. Todos nós temos nosso próprio “zumbido”, uma característica que nos difere daqueles ao nosso redor, e não devemos ter medo de mostrá-la. A sua particularidade pode ser um exemplo ou energia de cura para alguém ao seu redor. Seja fiel a quem você realmente é.

Todas essas mensagens são muito reais e positivas para nosso crescimento. Portanto, ao encontrar-se com um beija-flor, mantenha seu coração e mente bem abertos para absorver seus ensinamentos e incorporá-los em sua vida, para uma realidade mais iluminada e feliz!

Texto originário: <https://osegredo.com.br/as-7-mensagens-espirituais-transmitidas-pelos-beija-flores/>

Sinopse



Baseado em uma fábula antiga.

Uma história de amor além da imaginação.

Ao se formar em medicina veterinária, Jordan resolve voltar para São Pedro, sua cidade natal, após 13 anos afastado, abrindo uma clínica no local. O que o atraente veterinário não sabe é que o seu retorno selará o seu destino. O homem acostumado a despertar suspiros apaixonados, mas que sempre se manteve distante de romances, será conduzido por uma jovem enigmática e não apenas descobrirá o ardor de uma grande paixão, como também se verá envolvido em uma trama cheia de aventura, romance e mistério.

Ele será guiado pelo inexplicável, mas o amor o levará a caminhos inimagináveis.

FLOR DE ÍRIS

A flor de íris implica uma mensagem e uma promessa de esperança. O significado desta flor é freqüentemente associada com coragem e sabedoria.

No sentido geral afirma-se que as folhas de íris simbolizam a fé, coragem e sabedoria.



Capítulo 1



São Pedro é uma cidade interiorana bem aconchegante, daquelas que quando conhecemos não queremos deixar. Seus campos largos, repletos de vegetação, são apropriados para a criação de gado e equinos, e foi isso que me levou a estudar medicina veterinária, na capital. A natureza foi bastante generosa com a nossa cidade, ela é banhada por um rio de mesmo nome, que nos proporciona uma linda paisagem verde e sempre com aquele frescor das manhãs de primavera, qualquer que seja a estação do ano. Era o que eu mais sentia falta em todo esse tempo que fiquei fora estudando: o cheiro da terra molhada, o orvalho nas plantas e o frio da madrugada regado à neblina densa. Agora estava de volta, após alguns anos de estudos árduos passados longe dos meus pais e dos poucos amigos que sobraram, que talvez nem se lembrarem mais de mim.

Meu pai transformou uma das nossas propriedades, um sobrado de dois andares, em um hospital/clínica veterinária onde poderei atender todos os meus futuros pacientes. A clínica funcionará na parte térrea, que abrange toda a área externa do terreno, e o primeiro andar será a minha residência. Meus pais queriam que eu continuasse morando com eles, mas após anos morando

sozinho, eu não me acostumaria a dividir meu espaço com outras pessoas, mesmo que essas pessoas fossem os meus pais. Além do que, era mais prático morar próximo ao trabalho, principalmente sendo médico.

— Então, filho, o que achou? — Papai olha para o meu rosto com um ar de entusiasmo, esperando minha aprovação. Fico um tempo admirando tudo à minha volta. — Posso garantir que até os pregos foram todos colocados de acordo com a planta do seu arquiteto. Inclusive, ele e o engenheiro acompanharam tudo de perto.

Entro na casa, verifico parede por parede. Durante a reforma do sobrado não pude vir, deixei tudo a cargo do meu pai, do engenheiro e do arquiteto. Eu só acompanhava por fotos e imagens de vídeos, mas pelo o que estava vendo, está tudo de acordo com o desenho da planta.

— Então, filho... — mamãe circula o braço no meu, olha-me com a singularidade do seu olhar maternal. — Ficou perfeito, não foi? Você precisa ver a parte de cima, seu novo lar é muito aconchegante. Acho até que pegarei algumas ideias do arquiteto para reformar nossa casa. — Ela olha para o papai. — O que acha, Orlando?

— Nossa casa está precisando mesmo de uma boa reforma, Martha. Acho uma excelente ideia. — Impaciente, papai vira-se em minha direção. — Então, JC, vai ou não nos dar a sua opinião?

Meus pais me chamam de JC desde pequeno, só me chamam de Jordan quando querem me chamar atenção.

— Humm... — faço um ar de mistério.

— Jordan Cavalcante! — Mamãe me chama a atenção. — Pare de nos atormentar.

— Está perfeito. Completamente diferente do vídeo, nossa! Não vejo a hora de começar a trabalhar. — Saio da recepção principal, sigo para o interior da clínica e depois subo os degraus em direção ao andar de cima.

Papai e mamãe não economizaram em nada, principalmente nos detalhes. A decoração ficou linda, principalmente a da salinha que transformaram em um pequeno escritório com todos os quadros das minhas fotografias premiadas. Tinha um hobby enquanto estudava na capital, que era um meio de me livrar do estresse do curso de medicina veterinária. Nos finais de semanas e feriados costumava tirar fotografias de flores exóticas. Enfiava-

me nas matas e pântanos em busca do raro e do belo, e este hobby me trouxe vários prêmios.

Estava tudo pronto, se eu quisesse já poderia inaugurar a clínica, mas por enquanto ficarei só com o atendimento domiciliar. Aliás, já tenho alguns pacientes, em duas fazendas de gados. Só começarei a atender na clínica após a festa da cidade, que durará cinco dias.

Na maioria das cidades da região nordeste, o mês de junho é festivo devido ao São João, no entanto, aqui se comemorava mesmo o São Pedro. São cinco dias de festa em toda a cidade.

— Assim que terminar as festas da cidade você inaugura, meu filho. São só cinco dias, e por enquanto você dará atenção aos bois do Walter e do Alaor.

— Por falar em festa, temos uma novidade: o baile de gala voltará a fazer parte dos festejos, depois de cinco anos o prefeito resolveu incluí-lo outra vez. Vem gente de toda a região, inclusive lindas moças. Acho bom o senhor comparecer, quem sabe não encontrará uma linda jovem que fará o seu coração palpitar.

Caio na gargalhada. Mamãe não desiste de arrumar uma namorada para mim.

— Qual a graça no que sua mãe disse, JC? Ela tem razão, na sua idade eu já estava casado com sua mãe, portanto, trate de ir à festa, pois além de arrumar uma namorada, será bom para fazer novas amizades.

— Não há graça alguma, papai. Só que não estou interessado em romances, não por enquanto. Afinal, estudei tanto para quê? Para no final de todo o sacrifício me dedicar a algo contrário aos meus planos? Não, não, papai, por enquanto a minha profissão está acima de qualquer outra coisa. Talvez um dia, quem sabe, alguém caia de paraquedas na minha frente e eu me interesse por ela...

— Talvez... talvez... — mamãe me interrompe. — Talvez um dia seja tarde demais, você estará velho demais... principalmente para ser pai, e nós, caducos para curtir os nossos netinhos. Por isso se apresse, você já tem trinta anos, JC.

— Mamãe, nunca é tarde para o amor, não sabia disso?

— Não venha com frases feitas, senhor doutor veterinário. Queremos

um neto e uma nora. — Papai vem até mim, passa o braço por meus ombros, mas antes bate com a mão em minha cabeça.

— Concordo com o seu pai, queremos uma nora bem linda, para mimarmos. — Mamãe sempre que pode me mostra as fotos das filhas das suas melhores amigas, com detalhes minuciosos, que vão da educação ao número de namorados que cada uma já teve.

A lista é grande, mas confesso que nenhuma delas despertou interesse. Não que sejam feias, são bonitas, no entanto, não são o tipo de mulheres com as quais eu sairia. Talvez uma saída rápida e no final uma boa noite de prazer, mas seria só isso. Só que eu jamais levaria uma das filhas das amigas da mamãe para cama.

— Vamos mudar de assunto? Estou faminto, que tal almoçarmos no melhor restaurante da cidade? Eu pago. — Digo, sorrindo.

— Já está gastando por conta dos novos clientes? — Papai pergunta, irônico.

Todo aquele tempo que fiquei na capital estudando eu economizei bastante, apesar de não me faltar nada. Meus pais sempre foram muito generosos, todos os meses eles enviavam uma farta quantia com a qual fiz investimentos. Como eu trabalhava, vivia com o salário que recebia. Por isso, hoje posso cometer certos exageros, como comprar um bom automóvel, um luxo ao qual eu não podia me dar enquanto estudava.

— Não, senhor Orlando, por conta das minhas economias. Vamos, me sigam, quero matar a saudade da boa comida do “Rafaely”¹.



Dois dias depois, já estava em minha rotina que tanto amo. Às quatro da manhã, fui acordado pelo som do meu celular, uma das éguas do Alaor estava com problemas para parir.

— Ele é lindo. Não acha, doutor Jordan? — Selenia, filha do Alaor, pergunta com malícia na voz. Ela não tinha saído de perto de mim desde a hora em que cheguei à fazenda.

— Será um belo cavalo quando se tornar adulto, Selenia. — Termina

meu trabalho com a égua e volto minha atenção para o filhote. — Ele está bem e a égua também. — Volto o olhar para o Alaor. — Pronto, acabamos. — Aliso o pequeno potro.

— Jordan, não quer ficar para o café da manhã? — Tenho a impressão de que a intenção do Alaor é outra, pois percebo o olhar que ele envia para a filha.

Arrumo minhas coisas na valise e sigo para o carro.

— Sinto-me honrado pelo convite, mas infelizmente ficará para a próxima oportunidade. Hoje estou atolado de compromissos. — Minto.

— Podemos almoçar juntos, hoje estarei na cidade fazendo compras. Posso passar na clínica, se quiser. — Não sei se todas as moças do interior se comportavam assim, ou se a Selenia é assim porque é rica e mimada e não tem o costume de receber um não como resposta.

— Poxa, Selenia, infelizmente não será possível. Já marquei com os meus pais para almoçar com eles. Fica para a próxima, ok?

— Quando? Amanhã? — Ela não desistiria. Sua expressão corporal, o jeito que mordia o lábio inferior e como suas mãos cercavam os quadris com impaciência entregavam sua falta de compostura. Odeio isso em uma mulher.

— Eu ligo para você, certo? — Selenia franze o cenho, não gostou da minha resposta.

Abro a porta do carro e entro. Ela se debruça na janela, inclina-se sobre o meu corpo até alcançar uma caneta e um cartão que está próximo ao câmbio. Então ela escreve algo.

— O número do meu celular. Se não me ligar vou atrás de você, doutor... — Sorri lubricamente.

— Não precisará. Assim que puder ligarei, eu ligo, não se preocupe. — Pego o cartão e ela aproveita para segurar a minha mão, sorrindo descaradamente.

Selenia é o tipo de mulher que não está acostumada a receber um não como resposta. Não fico admirado, ela é mimada e fútil, suas roupas e maquiagem não negam o quanto está acostumada com os homens caindo aos seus pés. Quando ela me conhecer melhor, verá que comigo será bem diferente. Ela saberá disso em breve.

— Selená, deixe o doutor ir embora, vocês terão muito tempo para se conhecerem. — Alaor puxa a filha pelo braço e a afasta do carro. — Talvez ele possa levá-la para a festa a rigor, amanhã à noite. O que acha, doutor Jordan?

Por essa eu não esperava, estava quase sendo forçado a sair com a espevitada da Selená. Precisava dar um jeito nisso e sair daquela sinuca de bico.

— Seria um prazer acompanhar sua filha à festa, mas infelizmente não irei. Devido ao meu tempo escasso, ainda tenho muitas caixas de mudança para desempacotar, mas se por acaso eu decidir ir nos outros dias, já tenho o número do celular da Selená. — Fito-a e sorrio levemente. — Eu prometo que ligo para você. — Ligo o carro, preciso sair da fazenda bem depressa, ou corro o risco de já sair com a data do casamento marcada. — Qualquer problema com a égua é só me ligar, Alaor. Um bom dia! Foi um prazer conhecê-la, Selená. Tchau!

— Estou aguardando sua ligação... — Deixo-a sem resposta, dou ré e saio sem olhar pelo retrovisor.

Capítulo 2



A vantagem de se morar em uma cidade pitoresca do interior é que não precisamos de despertadores para nos acordar; temos a natureza a nosso favor. Na varanda do meu quarto, mamãe colocou alguns vasos de flores naturais e de lá vem o som que há tempos eu não escutava, de pássaros brincando entre as flores com os seus cânticos diferenciados.

Sento-me na cama e observo o voar elegante dos pequenos passarinhos e suas cores variadas. Levanto lentamente e sigo para a varanda, mantendo um pouco de distância, pois tenho receio que minha presença espante os pássaros. Contudo, um deles entra através da porta de vidro aberta e faz acrobacias por todo o quarto, como se estivesse acostumado com a minha presença. Fico embasbacado com a beleza da cena, a ponto de quase não perceber que alguém me chama do lado de fora do portão. Assustados com meu movimento brusco, todos os pássaros vão embora, inclusive o pequeno beija-flor que rodopiava em meu quarto. Visto uma camisa e saio para a varanda. É uma moça, que carrega no colo um cachorro, meu primeiro paciente do dia.

— Só um minuto, já estou descendo. — Ela sinaliza uma afirmação com

um sorriso e um aceno de cabeça.

Visto-me rapidamente e desço para abrir o portão e a clínica.

— Desculpe chegar tão cedo, doutor, mas meu cachorrinho desde ontem não quer comer nada e nem brincar.

A jovem, que não desvia os olhos de mim, aparenta ter no máximo uns dezoito anos, talvez menos. Usa um vestido curtinho com um decote que mostra mais do que deveria.

— Vou examiná-lo, entre. — Artigo, enquanto abro o portão de ferro.

A moça me segue. Sinto o seu olhar avaliador atrás de mim enquanto abro as portas da clínica.

— Sente-se. Espere só um instante, preciso abrir as janelas para ventilar um pouco. Ainda não encontrei uma recepcionista, por isso a clínica ainda está fechada. — Abro todas as janelas e sigo para a recepção.

— Se quiser posso ajudá-lo em meio período. É que estou cursando o terceiro ano do nível médio no período da tarde.

— Eu preciso de alguém por tempo integral e com experiência na área de veterinária, desculpe-me. — Ela sorri e cruza as pernas, e de onde eu estou dá para ver sua calcinha branca.

Desvio os olhos imediatamente. Não sou ingênuo, apesar de ser uma cidade interiorana, as moças daqui estão dando de dez a zero nas da capital.

— Posso aprender, afinal, só se aprende na prática, concorda? — Ela descruza e cruza as pernas outra vez.

Sei bem o que ela quis insinuar...

— Bem, vamos examinar o seu cãozinho. Siga-me, por favor. — Levo-a para o interior da clínica — Qual o nome dele? — Pergunto, enquanto coloco o pequeno cão na maca para examiná-lo.

— Thor. E o meu é Jacqueline, mas pode me chamar de Jacque. — Eu conheço duas Jacqueline e nenhuma delas é assim, tão saliente. — Você sabia que todas as moças que têm bichos virão vê-lo?

Encaro-a com espanto no olhar.

— Como assim!? Quer dizer que todos os animais da cidade ficaram doentes de repente?

— Você é a grande novidade da cidade. Bonito, médico e solteiro. — Ela olha para minha mão esquerda. — Seu pai me disse que você é solteiro. Eu estive aqui durante a reforma e andei sondando, e o senhor Orlando me passou sua ficha completa. Mamãe também conhece você e me disse que quando você era adolescente era bem bonito. Continua lindo!

Ela suspira. Sou pego de surpresa quando sua mão toca a gola da minha camisa. Imediatamente me distancio do seu toque com cautela. Limpo a garganta e volto a atenção para o impaciente cãozinho.

— Jacqueline, o Thor tem visitado outras casas que tenha cães?

— Sim. Como estou no último ano do ensino médio, minha vida está um inferno, pois tem o Enem. Tenho estudado bastante, então todos os finais de semana há grupos de estudo nas casas dos meus amigos, e todos eles têm cachorro, então eu levo o Thor comigo.

— Então, ele anda comendo outras rações? — Pergunto, examinando o pelo do Thor.

— Provavelmente.

— Você muda a ração dele de quanto em quanto tempo?

— Nunca mudei, ele come a mesma ração desde que o ganhei, quando era filhotinho.

— Ele tem... — Seguro o focinho do Thor e o fito por alguns segundos. — Uns dois anos, não é?

— Como sabe?

— Sou veterinário, esqueceu? — Brinco com o Thor, coçando sua cabeça e lhe oferecendo um biscoito canino que pego do pote. Ele prontamente aceita e solta um latido de satisfação, pedindo outro.

— Jacqueline, o Thor está saudável. O pelo está brilhante, os olhos, a boca, as patas estão livres de qualquer parasita. O problema dele é a ração.

— Ele come a ração mais cara, não é possível! Meu pai vai processar o fabricante. Ah, se vai!

— Não estou dizendo que a ração está fazendo mal. — Sigo até um armário, pego um pacote de ração e despejo em um prato, oferecendo ao Thor em seguida. — Jacqueline, se sua mãe só servisse galinha em sua casa e um certo dia você experimentasse um ensopado de carne, é claro que não iria

querer comer galinha nunca mais. Assim é com os animais, eles também têm paladar. O Thor come a mesma ração por dois anos, e um belo dia ele prova outra. Ele não quer mais a ração antiga, então troque-a e, tem mais Thor não é mais filhote, ele tem comer ração para cão adulto. — aponto para o prato que o Thor acabara de limpar.

— Como eu poderia imaginar que sua falta de apetite era greve de fome? — Ela articulou com tanta graça, que não pude deixar de gargalhar.

— Eles não sabem falar, precisamos ficar atentos. Troque a ração a cada dois meses, ok? — Sento-me, começo a fazer as anotações e a preencher a ficha veterinária do meu novo paciente no computador.

— Você irá para o baile da cidade? A mulherada está a ponto de ter um ataque de nervos por sua causa. Compramos um vestido novo para cada dia do baile. Se prepare, você será a cereja do bolo.

Não acredito no que acabo de escutar. Estou muito fodido.

— Não há homens nesta cidade? — Pergunto, com ar zombeteiro. — Acho que a maioria das mulheres ficará decepcionada, pois não irei ao baile. Como você mesma pode ver, tenho muita coisa para fazer aqui. — Mostro com o olhar os arredores da clínica. — Estarei muito cansado no final do dia.

— Não faça isso, deixará a metade da cidade no caos. — Faz um bico de insatisfação, e com a mesma ousadia no olhar, toca o meu queixo com a mão. — Será bom para a sua clínica. A maioria das moças daqui tem pais fazendeiros, pense nisso. O meu é dono de uma fazenda de gado leiteiro.

Retiro sua mão do meu queixo, levanto-me e ela se aproxima, ficando bem rente ao meu corpo. Com a cabeça erguida ela me encara, enquanto lambe os lábios. Tenho a impressão de que a moça vai me agarrar, mas sou salvo por uma voz que vem da recepção da clínica. Afasto-me e entrego a nota com o valor da consulta.

— Siga as orientações prescritas e o Thor ficará bem. Tenha um bom-dia, Jacqueline. — Aponto o caminho para a recepção. Ela passa por mim levando o Thor consigo.

Assim que chego à recepção, encontro uma senhora com um gato dentro de um cestinho. Ao me ver, ela sorri.

— Bom dia, Jacque! Como está a sua mãe? — A sorridente senhora nos avalia demoradamente.

— Bom dia, senhora Sônia. Mamãe está bem. — Jacqueline vira-se para mim — Pense no que eu disse, espero que vá ao baile. Até mais, Jordan. — Ela alisa meu jaleco com certa intimidade, sem se importar com a presença da senhora.

— Tenha um bom-dia Jacqueline — Afasto sua mão e dou espaço para ela passar. Deixo-a ir sem lhe dar esperança de que irei ao baile.

Assim que a porta se fecha, viro-me para a senhora, que me encara curiosa, sorrindo.

— Essas moças de hoje são todas cheias de ousadia. No meu tempo não era assim. — Fala com malícia na voz. — O senhor precisa conhecer a minha neta, ela é linda, formada em Pedagogia e ensina no colégio estadual. Vocês formariam um belo par, e ela ama animais... — Faz uma pausa e depois completa: — Ela não tem acompanhante para o baile. O que acha? — arqueia a sobrancelha com um meio sorriso nos lábios.

Era só o que me faltava, agora até as vovós estão me oferecendo suas netinhas.

— Eu terei um imenso prazer em conhecer sua neta, mas em outra ocasião. Só sinto não poder ir ao tal baile — sento-me atrás do balcão. — O que esse lindo gato anda sentindo?

A senhora Sônia desata a falar. O gato se chama Matias, nome do seu falecido marido. Acho o nome até apropriado, afinal, ela encontrara no gato a figura amada do marido. A consulta demora mais do que devia, e quando termino, já está quase no horário do almoço. Só então eu lembro que não como nada desde ontem à noite. Sigo para um dos restaurantes que fica próximo à clínica, e antes de atravessar a rua, vejo a Selenia saindo, acompanhada de um rapaz. Pelo que vejo, eles são bem íntimos, pois ela, antes de entrar no carro, beija-o com fervor. Deixo-os ir e sigo para o restaurante. Pelo menos não me preocuparia mais com a Selenia, ela já tem um novo brinquedo.

Capítulo 3



...Primeiro Dia...

Já estou fechando as portas da clínica, quando mamãe corre em minha direção com algumas sacolas nas mãos.

— Mamãe, o que faz aqui? — Beijo-a na testa enquanto pego as sacolas.
— Onde está o papai? — Deixo-a entrar, e antes de fechar a porta dou uma espiada rápida, à procura dele.

— Ficou em casa. Está com dor nas costas, então eu peguei o carro e vim ver o meu filho. Trouxe sopa e pães fresquinhos que eu mesma fiz.

Demos a volta pelo jardim e subimos as escadas que dão acesso ao andar de cima. Mamãe abre as cortinas e as janelas, deixando a brisa do início da noite entrar na espaçosa sala.

— E ele deixou que a senhora dirigisse sozinha?! — Papai era muito cuidadoso com a mamãe. Ele sempre a acompanhava para todos os lados, e quando não podia ir, não permitia que saísse sozinha.

— É seguro, mesmo porque não adiantaria nada ele reclamar, eu viria do mesmo jeito. — Ela me olha com aquele olhar de mãe... com calor, ternura e saudade.

— É... o senhor Orlando não é mais o mesmo. — Balanço a cabeça, sorrindo. — A sopa está com um aroma... humm! — Sigo até a ilha da cozinha e a ajudo a retirar as vasilhas das sacolas. — Nossa! Já havia me esquecido desse cheiro. Nem vou tomar banho primeiro, a fome bateu desesperada.

— JC, trate de tomar um banho, ou juro que jogo toda essa sopa no ralo da pia. — Ela me fita com aquele olhar de antigamente, quando eu aprontava feio. — Chispa, menino. Banho. — Aponta na direção do banheiro.

Beijo-a na bochecha, mas antes de ir roubo um pedaço do pão de milho, que ainda está quente.

— Ai... — Recebo uma lapeada com um pano de prato no braço. — Já estou indo.

As lembranças veem junto com o pequeno ardor em meu braço. Elas me remetem à minha adolescência, o tempo em que nada era preocupante, que eu tinha tudo sem precisar fazer esforço. O cheiro da comida que antes mesmo de virar a esquina eu já sentia. Minhas roupas cheirosas, passadas e dobradas

dentro do armário. A cama feita com lençóis limpos e macios. O beijo carinhoso todas as manhãs e todas as noites. A conversa com o papai, sua risada franca e o seu jeito simples de me dizer que me amava, sempre no final de nossas conversas. O amor é um sentimento mágico, não precisamos de muito para nos sentirmos amados.

— O perfume desta sopa está chegando no banheiro. — Descalço, com apenas um short e uma toalha nas mãos, enxugando os cabelos, aproximo-me da ilha, sentando-me em uma das cadeiras. — Humm... — Provo o líquido quente e aromatizado, parto um pedaço do pão e mergulho no caldo grosso. — Mamãe, ficaríamos ricos só com essa sopa, juro à senhora. Nesse tempo que fiquei longe, não encontrei um restaurante que chegasse perto do sabor da sua sopa.

— Filho, aqui dentro tem um ingrediente que nenhum chefe de cozinha conhece. — Ela aponta para o meu prato e mexe em meu cabelo, bagunçando-o. — Só eu conheço. E a mulher a qual se apaixonará por você.

Fito-a admirado, arqueio uma sobrancelha, enrugando a testa.

— Que ingrediente é esse, dona Martha?

— Amor de mãe e amor de mulher... — Ela fica séria por alguns segundos, mas logo depois abre um lindo sorriso. — Por falar nisso, onde estavam as moças da capital que não fisgaram esse coração lindo?

Estava demorando para ela chegar ao assunto “nora”.

— Mamãe, houve muitas moças, mas nenhuma delas conseguiu chegar aqui. — Aponto para o meu coração. — Não por culpa delas, mas... — nem eu sei explicar, a verdade é que nunca me preocupei com romances. Eu me divertia, elas também. Algumas moças até que tentaram algo sério, mas quando percebiam que eu não queria o mesmo, ou me deixavam ou dançavam conforme a minha música. — O problema sou eu, acho que quando chegar a hora a moça surgirá do nada e eu cairei de quatro por ela.

— Concordo em parte. — Mamãe pega o meu prato e o leva para a pia. — A moça não cairá de paraquedas em sua porta, portanto, trate de vestir uma roupa bem elegante. — Ela me segura pelo braço e me arrasta para o quarto. — O baile de gala da cidade estará repleto de moças daqui e de todas as outras regiões. Não precisa ter pressa, você terá cinco dias para encontrar uma.

— Mamãe... — Antes que eu consiga articular, ela abre o meu armário e tira de lá dois ternos, um preto e um cinza-escuro.

— Qual dos dois? — Pergunta, olhando-me com um olhar interrogativo. — Ok, esse. — Guarda o cinza, escolhe uma camisa azul e uma gravata cinza chumbo. — JC, não precisa arrumar uma namorada na festa, mas pelo menos arrumará muitos clientes. Vá por mim, estão todos curiosos em conhecê-lo. Não são só as moças, mas os pais delas também. Faça só uma visita de médico, depois que fizer o social siga o caminho de casa, hein?

Ela tem razão, a festa será excelente para os negócios, e no mais, não preciso ficar até o final.

— Ok, senhora convincente, irei a esse baile. — Pego o terno e sigo para o banheiro.

— Bom menino, divirta-se. Amanhã me ligue para contar como foi, estou indo antes que o seu pai mande o corpo de bombeiros inteiro vir me buscar.

Demos a volta pelo jardim e subimos as escadas que dão acesso ao andar de cima. Mamãe abre as cortinas e as janelas, deixando a brisa do início da noite entrar na espaçosa sala.



Às dez horas, estaciono o carro em um lugar onde eu possa sair despercebido assim que quiser ir embora, o que não demorará muito para acontecer. Pelo o que lembro, o lugar é um antigo casarão do início do século vinte, morada de um marquês que se apaixonou por uma moça da capital e construiu tudo aquilo para ela. Assim que o casarão passou a ser patrimônio da cidade, virou local para festas sociais e uma delas é o baile de gala em comemoração ao aniversário do município. Lembro-me dessa festa, vinha escondido do papai. Eu e alguns amigos. Menores de idade não eram permitidos, a não ser que estivessem acompanhados dos pais, e os meus pais nunca gostaram muito de festas.

Entro no casarão.

Nossa! Parece que entrei no século passado, todo o local guarda a originalidade da época. Era muito lindo.

— Jordan! Esperei sua ligação a manhã inteira. — Mal pego uma taça de vinho da bandeja de um dos garçons, quando sou abordado por Selena. Ela faz uma carranca de insatisfação e agarra o braço cuja mão segura a taça de vinho, impedindo-me de provar a bebida. — Não é muito elegante deixar uma dama esperando, concorda?

Com gentileza, afasto sua mão do braço enquanto provo a bebida e em seguida varro com o olhar o salão.

— Olá, Selena, como vai? — Volto o olhar para o seu rosto e lhe ofereço um meio sorriso. — Acontece que ontem ao meio-dia eu a vi com aquele rapaz, — aponto com o olhar em direção ao rapaz que nos olha com desconfiança. — A intimidade que eu vi entre vocês foi o bastante para tomar a decisão de não ligar para você, e acho que tomei a decisão certa. — Fito-a seriamente — Acho melhor você voltar para o seu namorado, ele não parece muito satisfeito.

— Que se dane. E ele não é meu namorado, é o seu substituto, portanto, podemos ficar juntos agora. — Selena não tem medidas nem consideração pelos outros. Pessoas assim quero bem distante de mim.

— Sinto muito, Selena, para mim vocês são namorados, e se não são, só podem ser amantes, o que dá no mesmo. Portanto, volte para o seu acompanhante. Estou muito bem sozinho, passe bem.

Toco gentilmente em seu braço enquanto me afasto, deixando-a estagnada no meio do salão. Nem olho para trás, apenas sigo em frente sorrindo para algumas pessoas que me acenam com a cabeça.

— Você veio... — Sou abordado por uma linda jovem sorridente, Jacqueline. — Pelo visto já deu de cara com a engolidora de espadas. — Estica o pescoço em um dos lados do meu corpo e aponta com o dedo indicador para Selena. — Acho que ela não gostou nada do fora que você deu nela. — Jacqueline continua encarando a Selena. — Sabia que ela proibiu qualquer uma das moças que conhece de se aproximar de você? Disse em alto e bom tom que você era dela, acho que a coitada acaba de experimentar do próprio veneno.

Não resisto e solto uma gargalhada.

— Eu não sabia que era de alguém nessa cidade. Quer dizer, que nenhuma moça pode se aproximar de mim porque sou um homem proibido?

— Era... agora, todas, viram que a Selena não é sua dona. Se prepare, a mulherada cairá em cima de você. — Jacqueline enlaça o braço no meu e começamos a passear pelo salão.

— Por que “engolidora de espadas”? — Indago, curioso, apesar de já desconfiar da resposta. Ela interrompe os passos e vira-se em minha direção.

— Ah, tá... você não sabe o que é isso? — Ela faz um gesto com a mão na boca como se estivesse socando algo nela. — Entendeu? — Faz o gesto outra vez. Não dá para esconder o riso.

— Entendi. — Voltamos a caminhar. — Senhorita Jacqueline, neste baile não é permitido menores de idade. O que faz aqui? — Ela vira o rosto, sorrindo, e aperta meu braço com os dedos.

— Sou quase uma adulta, faço dezoito anos daqui a dois meses, e no mais, estou com meus pais. Venha, vou apresentá-los.

Jacqueline me leva até os pais, eles estão em uma mesa perto de um dos halls das várias entradas do casarão. Sou apresentado e convidado a sentar. Jacqueline me deixa na companhia dos pais e vai ao encontro de algumas amigas. A senhora Iolanda não é muito de falar, ela apenas sorriu para mim e perguntou como estavam os meus pais. Já o senhor Osvaldo fala pelos cotovelos, Jacqueline tem a quem puxar. Ele tem uma criação de gado leiteiro e é dono de uma rede de farmácias, e me contou da vontade de abrir uma representação de medicação veterinária. Logo questionou se eu não estava interessado em uma parceria. Gostei da proposta e ficamos de nos encontrar para conversarmos melhor sobre o assunto.

Já estou me levantando da cadeira, quando Jacqueline me puxa pela mão.

— Adoro essa música, vamos dançar. — Ela não me deu escolha, quando percebo já estou na pista de dança. — Está vendo aquela moça ruiva ali... — Aponta com o queixo. — O nome dela é Lina, o pai dela é um dos homens mais ricos da cidade vizinha. Ela me disse que ele está à procura de um veterinário. Dança com ela um pouco, é só uma dança.

— É impressão minha, ou estou sendo objeto de troca? — Inclino um pouco a cabeça para encará-la.

— Não seja bobo nem pudico. É só uma dança, não custa nada. — Paramos de dançar e ela faz um aceno para a moça, que logo vem toda

sorridente.

Sou jogado nos braços da tímida Lina. Conversamos bastante, e antes de a música terminar, ela me convidou para conhecer a fazenda onde mora. Aceitei e ela me entregou um papel com o número do seu celular anotado. Lina vai embora, mas minha dança não acaba. Assim que dou um passo, outra moça se aproxima e pergunta se eu posso dançar com ela. Olho para Jacqueline, que me oferece um sorriso inocente.

Acabo de me transformar no rei do baile.

Perco a conta da quantidade de moças com quem dancei. Meus pés já estavam me matando, quando decido sair de mansinho depois de escutar o maestro dizer que farão uma pausa de cinco minutos. Essa é a deixa para escapar da fila de moças que pretendem dançar comigo.

Procuro um local bem tranquilo e afastado da agitação do salão. Preciso de um pouco de ar e descanso antes de ir embora.

Quase ao fundo do casarão, ao lado de uma grande janela onde praticamente não havia ninguém, onde só conseguia-se ver a pista de dança, há uma porta semiaberta. É por ela que eu saio. Encontro uma longa varanda com pouca luz e uma vasta vegetação. Permaneço de pé, admirando a paisagem. As árvores balançam seus galhos fazendo um barulho um pouco assustador, pois o vento assobia entre as folhas. Desço os degraus e dou alguns passos. Mesmo na penumbra, fico imaginando como será este lugar com o dia claro, cheiro de mato, capim... Quando eu era criança, vivia explorando as montanhas e os seus riachos.

Alguém solta uma gargalhada dentro do casarão e a música volta a tocar. Já estou me virando para ir embora, quando escuto um barulho de galhos se quebrando vindo de um arbusto logo à frente. Mesmo com a pouca luz, um tecido branco me chama atenção. Aproximo-me um pouco mais e a pessoa que está escondida dá um passo para trás.

— Olá, quem está aí? — Ao se mexer, vejo que o tecido branco é um vestido. — Moça, o que faz escondida aí? Pode sair, não tenha medo. Não lhe farei mal, venha. — Estendo o braço, oferecendo minha mão. — Venha, não precisa ter medo.

— Vo-você está me vendo? — ela balbucia as palavras. — Es-está me vendo, moço?

— Posso vê-la melhor se sair de trás desse arbusto. Venha, não tenha medo.

Reticente, ela sai. Cabelos na cor cobre ao vento, vestido longo e branco. Aproximo-me e ela arregala os olhos, então eu posso vê-la perfeitamente. Dona de lindos olhos verdes, pele branca e um lindo rosto assustado. Quase a puxo para os meus braços. Preciso fazer um esforço incomum para não fazê-lo.

— Olá, moça. Meu nome é Jordan, e o seu? — Sorrio e estendo a mão. A linda moça, assustada, fita a minha mão estendida. Ela treme, e em certo momento tenho a impressão que sairá correndo. — Está tudo bem. — Digo, tentando acalmá-la.

— Meu... meu nome é Íris.

Capítulo 4



Meus olhos varrem de cima a baixo a linda moça que está em pé diante de mim, assustada, trêmula, boquiaberta. Parece mais uma gatinha medrosa.

— Prazer, Íris, — fito-a com um sorriso esticando meus lábios. — Por que você não está lá dentro? É muito mais quente do que aqui, sabia?

— Não... — Responde rapidamente, dando um passo para trás. — Não estou vestida apropriadamente para a festa. — Ela baixa os cílios e os mantém assim por alguns segundos, até os seus lindos olhos verdes encontrarem os meus outra vez.

— Íris, você está muito bem vestida. Garanto que é a moça mais linda da festa, pelo menos para mim. — Dou um passo à frente, com cautela, pois tenho medo que ela saia correndo a qualquer segundo.

— Você só está sendo gentil. Eu vi as moças que estavam dançando com você, jamais chegarei a ter a elegância delas. — Expressa tristemente.

— Você me viu dançando? — Ela assente com a cabeça.

— As moças só faltavam se jogar aos seus pés, e não tiro a razão delas...

— Fica rubra e se cala.

— Não sou tudo isso, Íris, sou só uma novidade. Logo deixarei de ser e a vida voltará ao normal.

— Não... — Fita-me, com o olhar brilhando. — Você é muito bonito, seus cabelos ruivos e os seus olhos claros são raros, chamam a atenção... — Ruboriza outra vez e baixa os cílios timidamente.

— Eu chamo a sua atenção? — Ela apenas confirma com a cabeça. — Podemos entrar se quiser, prometo que não sairei do seu lado. Serei o seu acompanhante.

— Não... — Rapidamente ela se vira. Se não sou rápido, ela se embrenharia pelo matagal e sumiria.

— Tudo bem, Íris. — Seguro-a pelo braço, seus olhos paralisam em minha mão. — Podemos ficar aqui, se quiser — Olho em volta, à procura de um local onde o vento não esteja tão forte. — Vamos nos sentar ali. — Aponto para um banco de ferro no canto da varanda. — Não precisamos entrar no casarão para escutar a música, aqui podemos nos divertir. — Aponto com o olhar para o espaço.

Íris aceita minha mão em seu braço e eu a levo para o local indicado, deixando-a se sentar.

— Essa música é linda, não acha? — Ela fecha os olhos enquanto seu corpo se move lentamente de um lado ao outro, ao som da melodia instrumental.

— Quer dançar? — Abre os olhos rapidamente, encarando-me, surpresa. Estendo a mão. — Vamos, também gosto da música, podemos dançar aqui mesmo. — Sorrio enquanto os seus dedos gelados tocam a palma da minha mão.

— Faz tempo que não danço. Não vai se importar se eu pisar em seu pé?

— Dançar é igual a andar de bicicleta, quando se aprende, nunca mais se esquece.

Ela se levanta. Circulo um braço em volta da sua cintura, seguro sua mão, nossos dedos se entrelaçam e eu a puxo lentamente para perto do corpo. Ela tem cheiro de flor, não sei qual, mas só pode ser a flor mais cheirosa do mundo. Sua mão livre circula o meu pescoço, sinto seus dedos acariciarem o

tecido do meu paletó. Íris ergue a cabeça e por longos minutos ficamos com os olhos presos... hipnotizados.

Nossa dança é lenta, suave, quase não saímos do lugar. Sequer consigo escutar a música tocando, estou movido pelo som do meu coração. Ela é tão linda, tão meiga. É como um lindo sonho, um sonho do qual faço questão de nunca acordar.

— Jordan... Jordan. — Meu nome saindo dos seus lábios é como uma melodia.

— Oi. — Saio do transe e encontro dois lindos olhos verdes me observando.

— A música acabou. — Ainda estamos nos movendo lentamente.

— Nem percebi, está tão bom que nem me dei conta. — Minha mão escorrega lentamente por seu braço. — Nossa, você está gelada! — Retiro meu paletó e o coloco em volta dos seus ombros. — Sente-se aqui. Já volto, vou buscar uma bebida para mim e um caldo quente para aquecê-la.

— Não, não precisa, o frio passará com o seu paletó.

— Nem pensar, não quero que fique doente, está muito frio aqui. — Deixo-a sentada e entro no casarão.

Já estou voltando, quando encontro Selenia. Ela olha para as minhas mãos e para a direção na qual estou indo.

— Então você já encontrou uma acompanhante, não é?

— Selenia, não se meta em minha vida. Eu mal a conheço, nem você a mim, portanto não precisa fazer uma ceninha de ciúmes.

Ela nem me escuta, seus olhos brilham de raiva.

— Quem é ela? — Olha em direção à porta entreaberta. — Não precisa me dizer, eu mesma descobrirei e darei uma lição nessa idiota.

Selenia se vira bruscamente, e em passos rápidos alcança a porta, escancarando-a.

— Selenia... Selenia, não ouse...

Não sei se agradeço a Deus, ou lastimo por Íris ter ido embora.

— Onde ela está? — Selenia olha para o banco de ferro onde o meu paletó está jogado. — Ela fugiu, a filha da mãe. Escute aqui...

A raiva me toma, procuro um local para deixar o copo e a caneca com caldo quente.

— Escute aqui você... — Interrompo-a com arrogância na voz. — Não sou sua propriedade, tampouco seu brinquedo. Não estou interessado em você, será que já não percebeu isso? Selena, se tem uma coisa que odeio é mulher temperamental, volúvel, presunçosa e mimada. Por isso pare de pensar que teremos algum tipo de envolvimento. Isso jamais acontecerá, esqueça.

Pego o meu paletó e dou-lhe as costas.

— Isso não ficará assim, doutor Jordan. Mas não ficará mesmo.

Dou meia-volta. Não sou homem de levar desaforo para casa.

— Não ficará mesmo, senhorita Selena. — Seguro-a pelos ombros, fitando-a com força em meu olhar. — Não tenho medo de você, não tenho medo do seu pai, nem tenho medo de porra alguma. Se o seu pai dispensar meus serviços, outros virão. Se ele boicotar meus clientes, não tem problema também, volto para a capital, pois lá já tenho emprego garantido. Então, se restrinja à sua insignificância, moça mimada. Não serei o seu brinquedinho.

— Vá a merda. — Ela não diz nada mais, empurra-me e sai às pressas sem olhar para trás. Acho que foi o primeiro fora da Selena, ela nunca fora rejeitada na vida e posso garantir que nunca se esquecerá desta noite.

Entro no carro amaldiçoando cada segundo que passei com a Selena. E agora? Como encontrarei a linda Íris outra vez? Não sei onde ela mora, nem seu sobrenome.

O casarão fica afastado da cidade, a estrada não é asfaltada e é ladeada por uma densa vegetação e, no momento, uma forte neblina a invade. Com medo de atropelar algum animal, dirijo lentamente. Assim que viro uma curva, vejo algo branco através da neblina. Sem saber o que é, reduzo ainda mais a velocidade, e quando estou perto, meu coração acelera. É ela, é a Íris. Buzino para chamar sua atenção, e ela olha para o carro, mas não para os passos. Então paro o carro e desço.

— Íris, o que faz aqui nesse frio e sozinha? — Ela passa por mim e não diz nada, então sigo atrás. — Íris, eu a levo para casa, venha. — Ela continua andando. — Íris, o que foi que eu fiz?

— Nada, só me esqueça. Estou indo para casa e não preciso que me leve.

— Íris, a entrada da cidade está distante, está tarde, faz frio e é perigoso. Venha, eu a levarei.

— Não, obrigada, não posso aceitar. — Ela acelera os passos.

Volto para o carro e sigo atrás dela, ultrapasso-a e paro o carro atravessado na estrada. Desço e vou ao seu encontro, pois ao ver o que eu fiz, ela havia parado, assustada.

— Escute aqui, menina, já perdi a minha paciência com uma moça mimada hoje e já não tenho mais nenhuma, portanto, ou você entra naquele carro com as próprias pernas, ou eu mesmo a coloco nele. — Aponto para o automóvel.

Íris passa por mim pisando firme, a poeira chega a subir. Entra no carro e bate a porta com força.

— Coloque o cinto de segurança — Digo, enquanto ligo o carro. Ela faz o que eu mando. — Onde você mora?

— Não precisa me deixar em casa, deixe-me na entrada da cidade. É o suficiente, moro perto.

— Nem pensar, eu a deixarei na porta de casa. — Afirmo.

— Por favor, você não pode me deixar em casa, meu pai não sabe que eu saí escondido.

— O quê!? — Paro o carro bruscamente. — Quantos anos você tem, Íris? — Ela me fita com aquele olhar assustado que já conheço.

— Hoje... hoje é meu aniversário, faço vinte e cinco anos. — Diz, mas com tristeza. Fico surpreso, tanto com a sua idade quanto com a tristeza.

— Parabéns! Mas me diga a verdade, você não tem vinte e cinco anos, no máximo dezoito. Se fosse maior de idade não precisaria fugir de casa para ir a um baile.

— Acredite, eu tenho vinte e cinco anos, só que em cidade do interior, para alguns pais, as filhas só mandam em si mesmas quando saem de casa. Enquanto viverem sob o seu teto, devem-lhe obediência, e o meu pai é terrível. Por favor, deixe-me próximo da entrada da cidade, ficarei bem, eu prometo.

Respiro fundo, ligo o carro e sigo a estrada. O silêncio nos cerca por alguns segundos, e eu já estou pensando em um jeito de vê-la outra vez.

— Onde você mora? — Ela pergunta, quebrando o silêncio entre nós.

— No centro da cidade, perto da praça central. Tenho uma clínica veterinária e minha casa fica no andar de cima. — Diminuo a velocidade.

— Você é médico de animais? Que linda profissão. — Não respondo, apenas olho para ela rapidamente. Paro o carro.

— Chegamos. — Desço do carro e dou a volta, abro a porta e a ajudo a descer. — Íris, quero vê-la amanhã, vamos nos encontrar no baile? — Quase suplico. Ela avalia o meu rosto demoradamente.

— Está bem, mas ficaremos do lado de fora do casarão e em um local mais escondido... — Fica pensativa. — Do outro lado, lá é mais tranquilo. Amanhã no mesmo horário, ok?

— Ok, não me deixe esperando. — Seguro sua mão e puxo o seu corpo de encontro ao meu. — Contarei os segundos para a noite chegar. — Beijo o lado esquerdo do seu rosto, bem próximo ao canto da sua boca.

— Eu também — Ela responde. Estamos tão próximos, tão perto um do outro. — Agora vá, até mais tarde.

Entro no carro. Ela segue andando, em certo momento a neblina fica densa demais e eu a perco de vista. Procuro-a assim que meu carro passa da entrada da cidade, mas ela deve ter seguido algum atalho, havia vários. Desolado, sigo para casa.

Capítulo 5



...Segundo dia...

Os pássaros resolveram fazer festa em minha varanda exatamente às oito horas da manhã. Não lembro a que horas adormeci, estava tão desolado que sequer olhei o relógio, mas pelo meu mau humor, devo ter pego no sono quase pela manhã, já que sempre que durmo pouco acordo mal-humorado.

Levanto quase me arrastando, abro a porta da varanda, puxo o ar fortemente e o retenho por alguns segundos. Talvez o oxigênio recarregue minhas energias. Alguns passos à frente, debruço-me no parapeito da sacada. Os pássaros nem se importam com a minha presença, continuam fazendo a festa com suas cantorias diferenciadas. O dia já está quente, em São Pedro é assim, durante o dia o sol reina em toda a sua magnitude e calor escaldante, mas à noite o frio impera. Ao lembrar da noite fria, lembro-me dela... Íris.

Esqueça essa moça, Jordan.

Íris não sai dos meus pensamentos. Dormi pensando nela, acordei pensando nela. É a primeira vez que uma mulher domina meus pensamentos. *É, JC, o melhor que tem a fazer é seguir com a vida.* Estou a caminho do banheiro, quando escuto meu celular tocar.

— Bom dia, mamãe! — Desisto do banho e sigo para a cozinha, preciso com urgência de um café. Enquanto converso com ela, preparo-o na cafeteira.

— *Bom dia, meu filho! Então, como foi a festa? Encontrou alguma moça interessante?*

Cedo ou tarde ela faria essa pergunta.

— Sim, encontrei. — Sou direto, talvez assim, quem sabe, ela pare de procurar namoradas para mim.

— *Jura! Não acredito... Orlando, o Jordan arrumou uma namorada.*

Ela grita para o papai, contando-lhe a novidade. Escuto quando ele diz “já era tempo”.

— Mamãe, não exagere. Só conheci a moça, ainda não somos namorados. — Ralho com ela, conheço dona Martha, se não a frear, em questão de minutos já estarei noivo.

— *Deixe de bobagens. Diga-me, qual o nome dela?*

— Íris... E, sim, ela é linda. — Já sabia que a próxima pergunta seria

essa.

— *Íris? Não conheço nenhuma moça com este nome. Como se chamam os pais dela?*

— Mamãe, não sei, eu conheci a moça ontem à noite, não vou sair perguntando o nome dos pais nem o endereço dela. Não tem cabimento uma coisa dessas.

— *Estamos falando da minha futura nora, tem cabimento, sim. Vocês se encontrarão hoje?*

A curiosidade da minha mãe não tem dimensão.

— Vamos, mas não farei pressão na moça, mamãe. Se ela quiser conversar sobre a família, ouvirei. Fora isso, perca as esperanças.

— *JC, deixe de malcriação, só quero ter certeza que essa moça é a certa para você.*

— Mamãe, já sou bem grandinho para fazer as minhas próprias escolhas.

— *Olha a birra, menino! Ainda posso lhe dar uns bons cascudos.*

Acho graça da maneira que ralha comigo, fazia tempo que ela não falava assim.

— *Está bem, deixo com você a parte investigativa, mas me conte tudo o que descobrir. No mais, como estão as coisas, já tem muitas clientes?*

— Algumas. Jacqueline e o seu cão Thor, a senhora Sônia e o seu gato Matias.

— *Conheceu a Sônia!? Ela é uma boa pessoa, só é fofoqueira.*

— Mamãe, qual a mulher que não é fofoqueira? — Provoco, rindo.

— *Eu! Me respeite, Jordan Cavalcante.*

Ficou brava. Eu não consigo segurar a gargalhada.

— Está certo, com exceção da senhora. Pronto, satisfeita?

— *Melhorou. — Escuto papai chamá-la. — Filho, estou fazendo o seu almoço, não precisa ir a nenhum restaurante. Agora eu tenho que ir, seu pai está me chamando. Beijos, amo você.*

Ela desliga, sem me deixar argumentar nem lhe dizer que eu também a

amava muito.

Deixo o celular na ilha da cozinha, pego a caneca do café e sigo para as escadas que dão acesso à parte externa da casa. Desde ontem não verifico a caixa de correio, estou à espera de algumas correspondências da capital. Abro a caixa do correio de madeira que papai mandou fazer, e quando me inclino para verificá-la, fico surpreendido pelo que está dentro – um pequeno buquê de flores lilás. Conheço algumas espécies de flores, e aquelas pareciam com algumas que mamãe cultivava no jardim. Pego as flores e as diversas correspondências que estavam na caixa do correio e volto para casa.

Deixo os envelopes no console da mesa, sento-me em frente ao notebook e procuro um site sobre flores, atrás da flor que acabara de encontrar em minha caixa de correio. Após alguns minutos, encontro o que procuro. Alguém me presenteou com um buquê de flores de Íris.

Bem sugestivo o presente, só consigo pensar em alguém que poderia ter se dado ao trabalho de vir até aqui e colocá-las em minha caixa de correio: a própria Íris. À noite, perguntarei a ela, se a mesma não me contar antes.



Estou ansioso. Não, a palavra certa é nervoso. Não entendo por que estou me sentindo assim, como se fosse um adolescente inexperiente. Talvez seja a Íris que me deixa assim, tão abobado. Sei lá, ela tem algo diferente, um “quê” de mistério, timidez, mas ao mesmo tempo é muito audaz.

O baile já está em seu auge, a pista de dança lotada. Vozes, perfumes se misturando no ambiente, o colorido das roupas femininas, gargalhadas... tudo em um tom de alegria. Rostos novos se misturam aos de ontem à noite. Mulheres com quem tive o prazer de conversar e dançar acenam ao me verem. Retribuo o aceno, mas sigo adiante, não tenho intenção de dançar nem de conversar com mais ninguém. Sei exatamente para onde ir e com quem ficar. Antes de adentrar a porta que leva à parte mais afastada do casarão, dou uma averiguada em todo o salão. Algumas mulheres estão me observando, então disfarço e sigo para o bar. Peço duas taças de champanhe, e enquanto as pego, olho em volta do salão outra vez. Ninguém me observa. Apressadamente sigo como se fosse para alguma mesa do setor reservado, mas viro à esquerda, passo pelo corredor que leva aos banheiros, depois dou

meia-volta, avalio a minha volta novamente e adentro a porta de madeira envelhecida.

A espera quase me enlouquece. Os minutos logo viram uma hora. Estou a ponto de ir à procura de Íris, quando escuto o farfalhar de folhas secas a serem pisadas. Na escuridão dos arbustos vejo o mesmo tecido branco movendo-se com o vento frio.

— Íris, saia logo daí. Será que não está sentindo frio? Posso ver a neblina daqui. — Ela não responde, fica parada como se estivesse com medo de sair do seu esconderijo.

— Você está me vendo? — Pergunta, balbuciando.

— Estou vendo o seu vestido, venha para cá. — Como ela não se move, vou até ela. Embrenho-me entre os galhos espinhosos até alcançá-la. — Não tem outro caminho para chegar até aqui? Tem que ser pela mata? É escuro, frio e perigoso, sabia? — Seguro-a pela mão e a puxo para fora da escuridão.

Ela está tão gelada que não sei como suporta tanto frio, deveria estar trêmula. Minha reação é instantânea. Cerco seus ombros com os meus braços, puxando-a para meu corpo, abraçando-a com força.

— Por Deus, você está gelada! — Deixo-a bem próximo ao meu coração, que bate acelerado. Esfrego seus braços com minhas mãos. — Íris, por que não vestiu um casaco? Este vestido é fino demais para a noite.

Íris está completamente pasmada. Seu rosto erguido para mim, seus olhos verdes encaram minha face. Ela mal respira. Só então percebo o quanto nossas bocas estão próximas, só preciso inclinar um pouco o rosto para que nos beijássemos.

— Você é tão linda... tão linda! — Nossos olhares fixos, respiração pausada. Ela nem pisca os olhos, apenas me fita. — Íris... — Faço apenas um movimento, giro o seu corpo de encontro à parede de pedras rústicas.

Meu corpo prende-se ao dela. Sem escapatória, ela fica imóvel. Não posso pensar, só desejar.

— Não sou homem de pedir permissão... eu quero você. — Roubo sua boca, traçando seus lábios com minha língua, pedindo passagem para adentrar em sua sedução feminina.

Íris imediatamente tenta me deter com as mãos em meu peito. Sem saber

exatamente o que quer, ela me empurra e ao mesmo tempo entreabre os lábios, dando-me permissão para explorar sua boca. Com uma mão, seguro as suas e com a outra circulo o seu queixo, transformando o beijo em um turbilhão de vontades ambíguas, pois ora ela se entrega, ora tenta fugir.

— Não resista, minha linda flor. Eu a quero, quero muito... — Ofegante e cheio de desejo, sussurro em seus lábios.

A mão que estava em seu queixo segue para a sua nuca. Meus dedos se entrelaçam entre os fios dos seus cabelos longos, deixando-a completamente à minha mercê. Beijo-a com mais intensidade, mostrando o quanto a quero.

— Jordan... Jordan — Sussurra, com voz trêmula. — Não está certo. Isto não está certo, não podemos... — Ela tenta mais uma vez me afastar. Está chorando, então eu me afasto lentamente.

— Por que não podemos? — Ofegante, encosto minha testa na dela. Ainda estamos abalados pelo calor da paixão: olhos fechados e respiração oscilante.

— É errado. — Errado? Como assim? Abro os olhos, ela está me encarando com lágrimas nos dela.

— Você tem namorado? Noivo? É... casada? — Tremo com esses pensamentos. Fito-a com desespero no olhar, esperando a resposta.

— Não! — Exclama rapidamente. — Mas... você não me conhece... e se eu disser que irei embora para outro lugar? Sem volta?

Íris esconde o rosto em meu peito, chorando. Seguro o seu rosto com minhas mãos e faço com que me encare. Penteando seus cabelos com os dedos, fito-a carinhosamente.

— Íris, podemos nos conhecer, é para isso que estamos aqui. Quanto ao fato de você ir embora, tudo pode mudar...

— Não, não pode. — Ela me interrompe. — Terei que ir embora em breve e você conhecerá outra moça, e...

— Íris. — Eu a interrompo. — Vamos viver o hoje, o agora. O amanhã ainda não aconteceu, ele depende do nosso hoje. Eu quero você, e você me quer, então vamos fazer isso acontecer, ok?

— Mas...

— Shhh. O hoje, minha flor, só o hoje. — Com as mãos nos dois lados

do seu rosto lindo, beijo-a com amor, e desta vez ela se entrega.

Suspendo o seu corpo, fazendo-a montar em mim. Empurro-a contra a parede enquanto ela circula as pernas em volta dos meus quadris. Esta posição faz com que o seu sexo fique rente ao meu. Só com este pensamento minha ereção pulsa e o desejo domina minhas ações. As mãos que estavam segurando sua bunda agora alisam suas coxas até se colocarem entre elas para explorá-las. Dedos afoitos raspam no tecido da sua calcinha, até conseguir afastá-la para o lado.

— Jordan... — Ela tenta afastar o meu desejo. — Jordan, o que está fazendo?

— Matando a nossa vontade. — Afasto minha boca da sua só um pouco, enquanto meu dedo encontra seu carocinho delicado e começo a boliná-lo. — Você vibra, minha flor, eu queria ter um espelho para mostrar o brilho dos seus olhos nesse momento. — Íris fecha os olhos e morde os lábios quando meu dedo penetra sua entrada. Fodo-a lentamente, bem lentamente. — Está gostoso, não está? — Seus olhos encontram os meus, posso ver o prazer crescendo através deles, a vibração do clímax em suas paredes íntimas. — Humm... apertadinha, molhadinha e muito gostosa. Humm! Minha flor, você está me deixando doidinho.

Íris joga a cabeça para trás quando soco o dedo com força. Eu sei que ela está próxima do prazer, então movo mais um dedo para dentro dela, depois outro, socando com força e com movimentos giratórios.

— Ai... isso... isso é bom, é muito bom... eu... eu nunca pensei que sentiria isso. — Ela delira, arqueia o corpo, soltando um gemido orgástico. — Mais forte, forte.

Movo os dedos com rapidez sem deixar de admirar o seu rosto consumido pelo orgasmo feroz. Não sei como consegui mantê-la em meus braços, a força do seu prazer é tão grande que, para não gritar, ela morde meu ombro.

Meu coração está quase saindo pela boca. Íris me encara e me beija sem nenhuma vergonha.

— Onde está a minha flor tímida? — Ela sorri, escondendo o rosto em meu pescoço. Retiro os meus dedos do seu sexo — Veja, aqui está o seu desejo por mim. — Mostro meus dedos molhados por seu prazer. — Humm!

— Sem afastar meu olhar do dela, lambo meus dedos, um por um. — Você é deliciosa. — Ainda com o seu sabor em minha língua, a beijo com desespero, enquanto desço o seu corpo, até que os seus pés toquem o chão. — Venha comigo para minha casa, por favor, Íris. Depois eu a levo de volta, preciso de você...

— Hoje não, ainda não estou pronta, desculpe-me. Entenda, isso é novo, estou assustada. Hoje não...

Acho que estou indo com muita sede ao pote. Íris é tímida, posso dizer que é quase inocente. Não posso exigir dela o mesmo que estou sentindo, tenho que ir devagar, ou corro o risco de assustá-la e afastá-la.

— Tudo bem, minha flor, eu entendo. Eu que peço desculpas, estou apressado demais, vem cá. — Ela me abraça, e nos beijamos com lentidão e sem afoitamento.

Uma hora depois, ela diz que tem de ir embora.

— Hoje a levarei para casa. — Seguro sua mão e a puxo para começarmos a caminhar em direção ao casarão.

— Não — ela puxa a mão, soltando-se da minha. — Não entrarei no casarão, não posso. Se quiser me dar uma carona, será até onde me deixou ontem. — Ela se afasta, indo em direção aos arbustos.

— Íris, não precisa se esconder, estamos juntos. — Consigo segurá-la antes que ela adentre na mata.

— Se quiser ficar comigo terá que ser assim. Me encontre na estrada. — Ela foge de mim. Ainda tento segui-la, mas a densa neblina me cega e eu a perco de vista.

Corro para o carro com a esperança de encontrá-la na estrada. Dez minutos depois, eu a encontro andando em meio à neblina. Paro o carro, desço e a ajudo a entrar nele. Deixo-a no mesmo local da noite anterior, só que desta vez a nossa despedida é com um longo beijo apaixonado.

Capítulo 6



...Terceiro dia...

Morar em um lugar onde a natureza reina é um presente divino. Estou dirigindo há quase quarenta minutos, e o cenário é o mais lindo que os meus olhos já viram. As árvores estão em floração, é o prenúncio de que a primavera será a mais linda de todas. Ainda estamos no inverno, mas a natureza se esqueceu deste detalhe. Para onde olho há uma mistura de cores entre o vermelho, laranja, amarelo e o roxo. As mangueiras estão carregadas de frutos e os pássaros festejam a fartura.

Às oito da manhã fui chamado à fazenda do Walter, um dos seus bezerros ficou preso em uma cerca. O pobre filhote ficou muito machucado, mas felizmente, após quase três horas, conseguimos soltá-lo. Passamos a manhã e uma parte da tarde cuidando dos ferimentos, e ele já está bem. Não sei como o Alaor ficou sabendo que eu estava por perto, mas ele me ligou e pediu para que eu fosse até a sua fazenda.

Já estava quase escurecendo e ele não me disse o que queria, só pediu para que eu desse um pulo lá. Minha vontade imediata foi de dizer não, inventar uma desculpa qualquer. No entanto sou um profissional, não posso negar assistência aos meus pacientes.

Antes de estacionar o carro, já vejo a Selenia vindo em minha direção.

— Boa noite, Jordan! — Ela se inclina na janela aberta do carro. — Hoje você não me escapa. Não terá como negar ser o meu acompanhante da festa.

Abro a porta do carro sem pedir licença. Selenia ergue-se e me deixa sair. Fito-a com indiferença, não quero alongar a conversa.

— Boa noite, Selenia! Estou aqui a serviço, não para diversão. — Fecho o carro e sigo para a majestosa casa.

— Jordan, o que há com você? Por acaso não sou o suficiente para você? Porque feia eu sei que não sou, e gay eu sei que você não é.

— Como eu também sei que você não é burra. — Digo ao parar e virar em sua direção, com a testa franzida.

Volto a caminhar e ela salta à minha frente, interrompendo meus passos.

— Sim, não sou. Outros homens em seu lugar já estariam me oferecendo

presentes, acho que o burro aqui é você — Articula enquanto caminha. Ela segue com as mãos nos bolsos do pequeno short.

— O problema é esse, eu não sou os outros homens. — Digo secamente. — Os outros homens podem até se jogarem aos seus pés, mas eu jamais faria isso. Não sou do tipo de homem que gosta de ser conquistado. Gosto de conquistar, de correr atrás, entendeu?

Selena vira-se bruscamente, estende o braço e sua mão toca o meu peito. Parando-me, fita-me com raiva no olhar.

— Jordan Cavalcante, você ainda se dobrará aos meus pés, escreva isso. Não tem um homem que eu conheça que não tenha feito isso. Espere e verá. — Volta-se rapidamente e caminha a passos rápidos. Eu até que tentei engolir o riso, mas não por muito tempo, o riso preso saiu em forma de uma gargalhada estrondosa.

— Seu idiota, não admito que riam de mim. — Selena avança em mim, tento contê-la segurando seus braços. O que é quase impossível, pois ela começa a chutar minhas pernas. — Farei da sua vida um inferno Jordan. Me provoque...

— Que gritaria é essa!? — Alaor nos encara estupefato, seu olhar paira diretamente em minhas mãos aprisionando Selena. — Solte a minha filha, senhor Jordan. O que pensa que está fazendo?

Não tiro a razão do Alaor, se fosse minha filha eu já teria partido para a agressão.

— Esse idiota, papai, acha que é o rei da cocada preta. Acho melhor o senhor colocá-lo no lugar e mostrar para ele quem é quem manda aqui. — Solto-a, e ela me encara com um brilho vitorioso no olhar, como se dissesse assim: agora, imbecil, quero ver como se sairá dessa!

— Selena, nem Deus me convencerá a sair com você. — Seguro em seus ombros, fitando-a seriamente.

— Veremos. — Ela se afasta a passos largos. — Ele é todo seu, papai, vou me arrumar para o jantar.

Selena desaparece de vista. Alaor me encara desconfiado, então acho melhor dar logo um basta no assunto.

— Podemos conversar, Alaor?

— Sou todo ouvidos. — Ele me mostra o caminho para o interior da casa, seguimos até uma porta enorme de madeira talhada. — Entre, aqui podemos conversar sem sermos interrompidos. — Entro na imensa sala, uma mistura de escritório e biblioteca. — Pronto, pode se explicar. — Não gosto do seu tom de voz, se ele acha que vai me intimidar está muito enganado.

Sento-me, cruço a perna e o encaro em silêncio. Ele senta também. Percebo que Alaor já está ficando impaciente, então limpo a garganta.

— É o seguinte, não sou homem de meias palavras, gosto de ir direto ao assunto. — Levanto-me, dou dois passos, apoio as mãos na mesa e encaro o pai da Selenia. — Assinamos um contrato de trabalho, serei o veterinário das suas fazendas, cuidarei de todos os seus bichos, e é só. Estou certo?

Alaor se levanta da cadeira, dá a volta na mesa e fica de pé perto de mim.

— Correto, mas isso não lhe dá o direito de seduzir a minha filha.

Então ele estava pensando que queria seduzir a Selenia.

— Não, isso não dá o direito de a sua filha tentar me seduzir, tentar me ameaçar e fazer da minha vida um inferno. Quero deixar bem claro que não tenho interesse algum em sua filha. Se quiser os meus serviços de veterinário, será um prazer trabalhar para o senhor, mas será só isso, que fique claro. Não tenho intenção de sair com a Selenia, de ficar com ela, sequer de ser amigo dela. A nossa relação, senhor Alaor, será estritamente profissional, caso o contrário, acho melhor encerrar nosso contrato agora. Fui claro?

Alaor me olha, abismado. Acho que acabo de perder o meu melhor cliente e o início da minha vida profissional foi por riacho abaixo.

— Você não nega o seu sangue, sempre admirei o seu pai. O Orlando tem honradez, orgulho, caráter, e você não nega de quem é filho. Jordan, você acaba de ganhar minha admiração. Não se preocupe, a Selenia não vai mais incomodá-lo. Ela é geniosa, mimada, mas é obediente, e a partir de hoje ela o deixará em paz.

Ele estende a mão, eu a aperto. Selamos nossa palavra e o nosso contrato naquele momento.

Alaor queria que eu ficasse para jantar, mas não aceito, pois preciso correr para casa, tomar um banho, comer algo e ir ao encontro da moça que está me tirando o sono. Íris.



Chego ao casarão às vinte e três horas, uma hora depois do combinado com a Íris. Nem entro no salão, sigo direto para o local marcado. Nervoso, vasculho todos os cantos com o olhar e não paro de verificar as horas. À meia-noite e quinze, minhas esperanças de vê-la caem por terra, então decido ir embora. Antes de ir, olho por cima do ombro para o arbusto onde ela sempre se esconde. Meu coração pede para que fique mais um pouco, mas a minha razão sabe que ela não virá.

Entro o carro completamente transtornado. Ela na certa me esperou todo aquele tempo, e como não apareci, foi embora pensando que eu não viria mais. Quando eu saí da fazenda do Alaor já passava das vinte horas. Dirigir em estradas com neblina à noite é perigoso, então precisei diminuir a velocidade. Levei quase uma hora para chegar em casa, e quando cheguei fui atender a dona Sônia e o seu gato Matias, não poderia negar atendimento.

Desesperançoso, dirijo pela densa neblina, que a essa altura não me incomoda, pois, meus pensamentos estão em uma só pessoa... Íris.

Será que ela pensou que eu esqueci o nosso encontro?

Esse pensamento deixa-me atordoado. Não, ela não pensou isso. Ela não é boba, sabe o quanto estou interessado nela.

Já estou quase chegando à entrada da cidade, quando vejo ao longe um tecido branco esvoaçante. Meu coração acelera e o suor toma as minhas mãos. É ela, a minha Íris. Paro o carro bruscamente e desço, desesperado. Nem fecho a porta, caminho a passos largos em direção ao tecido branco.

— Íris, é você? — Ninguém responde, e eu não paro, continuo caminhando em direção aos arbustos. — Íris... — Então eu a vejo, deitada, encolhida, abraçando os joelhos. Logo penso no pior, que alguém a machucou. Corro. — Íris, minha flor, você está bem? — Agacho-me e seguro o seu corpo frio em meus braços. — Minha flor, fale comigo. O que fizeram a você? — Toco em todo o seu corpo à procura de algum machucado. — Íris, fale comigo.

— Foi... foi ele. Eu o vi... o vi... — Balbucia palavras perdidas.

— Quem? Quem você viu? Quem a machucou? — Ela abre os lindos

olhos, encarando-me. Eles estão enevoados, e isso me quebra. — Venha, você precisa se aquecer.

Pego-a em meus braços e a levo para o carro. Íris não reclama, apenas se embrulha em meu corpo, escondendo o rosto em meu pescoço.

— Minha flor, você está tão fria. — Tento aquecê-la, abraçando-a, apertando-a de encontro ao corpo. — Por que não me esperou no casarão? Se eu disse que estaria lá, era porque estaria. — Beijo seus cabelos, repetidas vezes.

Chegamos ao carro. Ainda bem que não tinha fechado a porta. Com cuidado, coloco-a dentro e inclino o banco. Retiro o meu blazer e a cubro. Seus olhos verdes estão perdidos, tristes, inermes.

— Íris, o que aconteceu? Alguém a machucou? Quem foi? Quem foi? — Pensamentos ruins me atordoam, se alguém ousou machucá-la não sabe a encrenca em que se meteu. — Íris, fale comigo!

— Eu... eu o vi... — Não entendo o que ela quer dizer, balbucia as palavras com os lábios trêmulos.

— Quem você viu? Vamos, minha flor, fale comigo. — Seu olhar nublado me encara.

— Leve-me com você, por favor. Leve-me com você. — Ela começa a chorar. Desesperado por não saber o que aconteceu, afivelo o seu cinto de segurança, dou a volta no veículo e assumo o volante.

Íris fecha os olhos e fica quieta, apenas as lágrimas escorrem por sua face pálida. Os lábios estão arroxeados. Toco em sua mão, e ainda está muita fria. Antes de ligar o carro avalio o seu corpo por alguns segundos, e só então eu percebo que o seu rosto está machucado, há um corte no lábio inferior.

— Maldição! — Grito, batendo fortemente a mão no volante. Alguém a machucou. Íris só me fita com o olhar perdido, e isso me quebra mentalmente. — Isso não ficará assim, minha flor, quem fez isso com você pagará caro. — Ela fecha os olhos.

Não sigo para casa. Faço o retorno na praça e pego o caminho que leva à clínica médica. O hospital fica na outra cidade, e como eu sei que sempre fica alguém de plantão na clínica, acho melhor levá-la primeiro lá.

— Íris, eu já volto, fique quietinha aí. — Beijo-a levemente nos lábios, e

ao ver o machucado a raiva me toma. Peço mentalmente que algo pior não tenha acontecido.

Deixo-a no veículo e vou à procura de alguém na clínica. Por sorte, há dois médicos e alguns enfermeiros. Relato rapidamente o que aconteceu, e um dos enfermeiros pega uma cadeira de rodas e me segue até o carro.

— Meu carro está logo ali. — Aponto para a *pick-up* preta.

— Onde está a moça? — O enfermeiro pergunta, assim que eu abro a porta.

— Íris! — Só encontro o meu blazer jogado no banco. Íris tinha simplesmente desaparecido.

Ainda a procuramos por todo o estacionamento, mas não encontramos sequer vestígio dela. Agradeço ao enfermeiro, entro no carro e saio em busca da minha pequena flor.

Capítulo 7



...Quarto dia...

Acordo com o barulho intermitente da campainha da porta. Mal-humorado por mais uma vez não ter dormido direito, levanto da cama. Passei a madrugada procurando Íris. Vasculhei todos os lugares possíveis da cidade, desde o casarão onde estava acontecendo a festa, até os caminhos em que eu a vi seguir nas vezes em que a deixei na entrada da cidade. Ela simplesmente desapareceu.

— JC! — Escuto a voz do papai me chamando. — Filho, estamos preocupados. — Ele grita do lado de fora do portão.

Cambaleando de sono, sigo para lá. Nem me preocupo em vestir um roupão, estou apenas com uma cueca de cetim.

— Nossa! O baile foi bom, ontem. — Mamãe comenta com ironia, olhando-me dos pés à cabeça. — Por acaso temos alguma convidada? — aponta com o olhar para o andar de cima.

— Quem me dera, dona Martha, quem me dera. — Abro o grande portão de ferro, e antes de fechá-lo, verifico a caixa de correio. Ao abri-la, a primeira coisa que vejo é o pequeno buquê de flores de íris.

Ela esteve aqui. Era sinal que estava bem. Sinto-me aliviado.

— Filho, viemos almoçar com você — Papai pega algumas sacolas no carro e segue a mamãe para dentro da casa.

— Almoçar!? — Exclamo. — E o café da manhã ficou onde?

— JC, são quase duas da tarde. Nós ficamos preocupados, pois eu passei por aqui logo cedo e vi sua *pick-up* fora da garagem. Pensei que tinha acontecido algo. Então sua mãe passou quase a manhã toda ligando para o seu celular, e nada de você atender.

Só então eu lembro que deixei a carteira e o celular no porta-luvas do carro.

— Desculpem, o celular está no carro — fito meus pais com o olhar confuso. — Tem certeza de que já é de tarde?

— Como dois mais dois são quatro. — Responde papai. — Você bebeu ontem? Jordan Cavalcante, não faça besteiras. — Sou repreendido sem ter culpa alguma.

— Claro que não, papai. Não sou louco.

— Orlando, nosso filho é responsável. Ele deve ter passado a noite com a Íris, não foi, filho?

Fito o olhar curioso da mamãe e depois o rosto sério do papai. Já sei até o que ele dirá...

— JC, olha a responsabilidade com a filha dos outros. Você não está na cidade grande, aqui a situação é diferente. Dormiu com uma moça, casou.

— Deixe de falar asneiras, Osvaldo. Isso era no nosso tempo, agora os tempos são outros. Isso se chama conhecer a pessoa antes de assumir qualquer compromisso. Como se fala mesmo...? Ah, lembrei! Reconhecimento de território.

— Isso se chama safadeza. — Papai completa. — Não criei filho safado, portanto, tome jeito.

Recebo um tapa na cabeça.

— Vocês dois querem parar? Não sou mais um adolescente, minha vida íntima só diz respeito a mim. — Abro a geladeira e me sirvo de um pouco de suco. — Vocês vieram para almoçar, portanto, vamos almoçar. — Deixo o copo na pia.

— Não conheço nenhuma moça chamada Íris. Ela mora em São Pedro? Sabe o nome do pai dela? — Papai pergunta, enquanto ajuda mamãe a pôr a mesa.

— Já disse para a mamãe que a Íris e eu estamos nos conhecendo. Ainda é cedo para perguntar sobre a família dela.

— Do jeito que os seus olhos brilham quando escuta o nome da moça, e do jeito que as coisas andam... — Mamãe aponta com o dedo para o buquê de Íris. — O seu coração já a conhece perfeitamente. Conheço esse olhar de homem apaixonado de longe, Jordan Cavalcante. Para paixão virar amor é um pulo. — Ela completa.

— Não exagera, mulher. — Papai vira para mamãe e lhe envia aquele olhar de repreensão. — Jordan não é menino amarelo, ele sabe diferenciar as coisas.

— Ei... eu estou aqui, não estão me vendo? Quer saber, vou tomar um banho, e quando eu voltar mudem de assunto, ok?

Como eu pedi, meus pais mudam de assunto, falamos sobre tudo, menos sobre relacionamento. Foi um dia gostoso de sábado. À noite saímos para jantar e nos despedimos no restaurante mesmo. Eu voltei às pressas para casa, pois teria mais um encontro com a Íris. Não tínhamos marcado, mas eu sabia que a encontraria e ela teria muito o que me explicar.



Quase não encontro um local para estacionar, os arredores do casarão estão lotados. Nunca vi tanta gente desde que começou as festividades de São Pedro, mas já era esperado que lotasse assim, afinal, é final de semana e o penúltimo dia de festa. Deixo o carro em um local um pouco distante do evento e levo cerca de três minutos para chegar à festa. Olho o relógio em meu pulso: são quase vinte e duas horas. Não sei se a Íris está me esperando, ainda é cedo, então, resolvo ir até o bar.

— Jordan! — Alguém bate em meu ombro e eu me viro rapidamente. — Cara, como você está diferente! — O estranho me puxa para um abraço. Ele se afasta e avalia minha expressão de surpresa. — Não está me reconhecendo? — Sorrio, sem jeito. — Sou eu, Solano. Corríamos pelos morros de São Pedro fingindo explorá-los, lembra?

Só então é que me lembro. Solano fazia parte do meu pequeno grupo de amigos. Nós, inclusive, fugíamos durante a madrugada para vir espiar essa mesma festa. Ficávamos escondidos olhando as moças dançarem. Só que o Solano gostava de observar as moças namorar escondido nos carros. Ele tinha gostos bem diferentes de todos nós.

— Solano! — exclamo, observando o rapaz. Ele está muito diferente, os anos não foram generosos com ele. Engordou um pouco, estava um pouco calvo e com dentes amarelados. Devia ser o cigarro, senti o cheiro assim que ele me abraçou. — Quanto tempo... — faço uma pausa para fazer os cálculos. — Treze anos. Cara, é muito tempo.

— Pois é, você foi estudar fora e eu fiquei por aqui mesmo. O Jair e o Otávio também foram embora, uns dois anos depois de você. Só restou o tonto aqui.

O pai do Solano era dono de vários frigoríficos espalhados por várias cidades das redondezas. Ele é filho único e ficou responsável por tudo

quando o pai faleceu. Foi isso que mamãe me contou anos atrás.

— Tonto nada. Eu soube que multiplicou o número de frigoríficos, então de tonto você não tem nada. — Solano sempre se sentiu inferior, ele dizia que nenhuma moça iria querer namorar com ele, pois era muito feio.

Solano é alto, e quando adolescente, além de ser muito alto, era magro demais. Os poucos cabelos lisos e loiros deixavam-no com uma aparência um pouco fúnebre. Mamãe o chamava de varapau – não na presença dele – mas sempre que ia falar sobre ele usava esse apelido. Realmente, ele era um pouco assustador, lembrando-me da sua antiga fisionomia, posso dizer que ele se parecia com o monstro do *Frankenstein*.

— Pois é, trabalho árduo, mas valeu a pena. Hoje posso dizer que sou um homem rico. E você, como vai? Soube que abriu uma clínica veterinária, no centro.

— Sim, eu poderia ter ficado na capital, mas esta cidade nunca saiu dos meus pensamentos. Amo o campo, o mato e os animais.

— Casou? — Ele faz um aceno para o garçom — Dois uísques...

— Para mim não, estou dirigindo. — Faço um aceno para o garçom.

— Sempre responsável... — O garçom serve a bebida, e enquanto Solano beberica, ele observa uma moça morena que conversa com um rapaz. Assim que ela percebe que está sendo observada, dá as costas para o Solano. — Vaca! Dá pra todo mundo e fica de cu doce para mim. Putinha, vagaba. — Solano se perde em sua divagação. — Então, casou-se? Tem filhos? — Como se não tivesse dito nada de mais, volta-se para mim e repete a pergunta de minutos atrás.

— Que nada, estudar medicina veterinária tomou todo o meu tempo. E você?

— Casei. Tenho três filhos: uma menina com cinco anos, um menino com sete e outro a caminho. Minha esposa está ali. — Ele aponta para uma mesa onde há três mulheres e dois homens.

Solano acena para a mesa, e uma mulher de cabelos negros, traços delicados e um sorriso meigo acena de volta.

— Muito bonita sua esposa. Ela é de São Pedro? — Fico admirado com a beleza da moça.

— Não. Nem as moças de São Pedro nem das outras cidades vizinhas casariam comigo. A Lourdes é argentina, eu a conheci em uma viagem de negócio. — Por alguns segundos ele fica triste. — Você lembra que fugíamos para ver esta festa? Eu ficava louco para ver as moças recatadas da cidade fodendo dentro dos carros e vocês se penduravam nas árvores para vê-las dançar? Fiz muita chantagem com as fotos que tirei de algumas. — Ele solta uma gargalhada. Eu não sabia que ele havia tirado fotos comprometedoras.

— Você fez isso, Solano? — pergunto, abismado.

— Claro que fiz. E fodi algumas mocinhas das redondezas em troca do meu silêncio. — Alguém o chama. — Vamos até a minha mesa, quero apresentá-lo à minha esposa. — Sua mão toca o meu ombro e seus dedos o apertam. Não sei por que, mas isso me incomoda.

Para não ser deselegante, eu o acompanho até a mesa e sou apresentado a todos. Lourdes é muito tímida e quase não fala, ela mal abre a boca para me cumprimentar. Nem chego a me sentar, apenas aperto as mãos dos amigos do Solano

— Foi um prazer conhecê-los — despedindo-me de todos, viro-me para o Solano. — Passa lá em casa, semana que vem.

— Quarta-feira talvez eu vá vê-lo. Levarei o cãozinho do meu filho. — Ele me puxa para um abraço. — Estou muito contente em encontrá-lo, Jordan, espero que nossa amizade recomece a partir de agora.

— Com certeza. Vamos nos ver mais. Até logo, Solano. — despeço-me dele, deixo a mesa e sigo para o local fora do casarão.

Assim que chego na parte isolada do casarão, onde só escutamos o som da música e a confusão de vozes das pessoas, observo todo o local à procura da Íris. Olho o relógio; passa das vinte e três horas, já era para ela estar aqui. Meu coração acelera e o meu medo cresce. Será que a Íris não vem?

Sento-me, olho para o relógio outra vez. Meus olhos fitam os arbustos de onde a Íris sempre surge, mas nem sinal dela.

Onde você está, minha flor?

Recosto-me no banco e ergo a cabeça até encontrar a parede de tijolos. Fecho os olhos e acho que cochilo por alguns segundos, pois me sobressalto com um barulho do farfalhar de folhas secas. Foi tudo tão rápido, foi como se alguém tivesse passado correndo. Eu só vi um vulto desaparecendo entre os

arbustos.

— Íris. — Sinto o cheiro dela. — Íris, é você? — Apenas ouço o som do vento entre os galhos das árvores.

Levanto-me e tento enxergar algo através da bruma fria. Então escuto um barulho semelhante a alguém correndo sobre as folhas secas. É ela, eu tenho certeza que é a Íris.

Embrenho-me no mato e sigo o som. Corro sem mesmo prestar atenção para onde estou indo.

— Íris. — chamo-a em voz alta. Então eu vejo o tecido branco esvoaçante.

— Jordan, é você? — Ela murmura, sua voz soa medrosa.

— Íris, por que está fugindo de mim? — Ela se esconde em meio às árvores. — Sim, sou eu. — digo, enquanto me aproximo. Ela está encolhida entre duas árvores gigantescas. — Íris, o que está acontecendo? — Antes mesmo de completar a frase, ela está em meus braços.

— Leve-me daqui. Por favor, leve-me daqui. — Chora copiosamente. Sem esperar que me peça outra vez, coloco-a nos braços e a levo por um caminho estreito. Sigo o som das vozes e das buzinas dos carros.

Saímos por um atalho que leva ao estacionamento. Assim que ela escuta as vozes, ergue a cabeça.

— Deixe-me aqui, encontro você na estrada. — pede, nervosa.

— De jeito algum — falo com veemência. — Ficou louca? Esqueceu de ontem? E se a pessoa que a atacou estiver esperando-a? Não, meu carro está ali do outro lado. Você virá comigo.

— Quero descer. — Eu a coloco no chão. — Estou com frio. — murmura. Solto-a para despir meu blazer e cobri-la. — Espero por você na estrada. — Ela diz rapidamente.

Nem tenho tempo de segurá-la. Íris se vira ligeiramente e sai correndo, embrenhando-se no mato. Não tenho outra alternativa, a não ser seguir para o carro e sair atrás dela.

Na estrada, meus olhos percorrem todo o acostamento, inclusive a mata, mas nem sinal da Íris. Sigo até a entrada da cidade, e nada dela. Faço o retorno e sigo até próximo ao casarão. Volto guiando lentamente, na

esperança de encontrá-la, no entanto, nem sinal da minha linda flor. Derrotado por tê-la perdido mais uma vez, sigo para casa.

Paro o carro em frente ao portão e desço para abri-lo. A neblina está densa, fria. Não há uma viva alma na rua, a não ser os cachorros abandonados, que começam a latir feito desesperados. Deixo o carro na garagem e volto para fechar o portão, e quando já estou fechando-o, Íris surge do outro lado da rua. Ela caminha lentamente, o vento em seus cabelos e em seu vestido fazendo um contraste com o tempo nebuloso. Sem reação, fico atônito onde estou, até que ela para bem na minha frente.

— Posso ficar com você? — Ela me abraça, deitando a cabeça em meu peito. Eu apenas fecho o portão, pego-a nos braços e a levo para dentro da minha casa.

Capítulo 8



Com o coração batendo forte contra a minha caixa torácica, subo as escadas com cuidado. A emoção me toma, por isso tenho medo de tropeçar e deixar cair o meu bem mais precioso. Não sei como um sentimento tão intenso assim podia acontecer em tão pouco tempo, nunca senti isso antes. Aliás, nunca me apaixonei.

Eu disse isso? Disse a palavra paixão?

Por Deus, devo estar ficando louco! Como poderia pensar em tal probabilidade? Esse tipo de coisa só acontece em filmes ou livros.

Já em meu quarto, acendo a luz. Desço-a dos meus braços e seguro as suas delicadas mãos frias. Íris não tira os olhos dos meus e nem eu dos dela. Estamos hipnotizados. Não sei o que se passa em sua linda cabecinha, mas sei o que se passa na minha. Não quero ser pretencioso, mas eu sempre soube que, cedo ou tarde, isso aconteceria. O latir de um cão a assusta e ela afasta os olhos dos meus, solta as minhas mãos e avalia todo o quarto.

— Original, confortável e marcante. Parece com você. — Ao me fitar, seus olhos brilham e os seus lábios se esticam em um lindo sorriso.

Os traços delicados do seu rosto me transmitem paz, alegria. Sinto uma necessidade tão grande de abraçá-la, beijá-la. Os olhos verdes, o cabelo contrastando com a pele alva. Ela parece uma linda boneca de porcelana.

— E com você aqui, ele ficou muito mais cheio de vida. — digo, enquanto meus dedos brincam com mechas dos seus cabelos.

— Vida... — repete com um olhar perdido, como se a palavra que eu acabara de dizer fosse algo intangível. — Gostaria de ser dona do tempo. Juro que o pararia agora.

Volta a me fitar, só que desta vez seu olhar está confuso, sem brilho. Senta-se na beira da cama e alisa a colcha branca. Noto em suas feições a agitação de pensamentos, talvez sua mente esteja sendo invadida por lembranças tristonhas. Lembro-me do que aconteceu ontem à noite, então procuro os sinais que eu vi, os que me assustaram tanto. Porém, não os encontro. O vestido está intacto, e o lábio que antes estava cortado, não há sequer sinal de machucado. Como, como pode ter cicatrizado em tão pouco tempo? Avalio outra vez todo o seu corpo, só então percebo que a Íris não mudava de vestido desde a primeira vez que nos encontramos. Ela devia ser bem humilde, seus pais, possivelmente, não tinham recursos para lhe comprar mais roupas, mas isso não importava. Eu a queria, queria muito.

Instala-se um silêncio entre nós e toda casa está muda, até os cães pararam de latir.

Em um passe de mágica, ela se levanta e volta a sorrir. Agarra-se a meu corpo, seus lábios procuram os meus.

— Nunca imaginei que um dia seria beijada assim. — Íris me aperta.

— Você nunca foi beijada antes de mim, linda flor? — pergunto, sem afastar os meus lábios dos seus. Ela se afasta um pouco, engole em seco e avalia meu rosto por alguns segundos.

— Não, não desse jeito. Não com tanta ternura e vontade ao mesmo tempo. — Ela fica na ponta dos pés e me beija outra vez.

Completamente excitado com o clima que paira sobre nós, ousa um pouco mais. Meus dedos se entrelaçam nos fios dos seus cabelos sedosos e os pressiono, fazendo com que sua cabeça se incline para trás. Minha outra mão passeia lentamente pelas curvas do seu corpo. A partir daí não consigo domar meus instintos de macho alfa, o desejo que sinto por ela é maior do que

qualquer pensamento sensato. Então as mãos que antes só acariciavam as curvas do seu corpo, agora despem o seu vestido. Sinto a peça cair no chão. Íris não se retrai, ela corresponde aos meus beijos lubrificados com a mesma ardência e sensualidade. Ela usa os dedos para desabotoar os botões da minha camisa, e em poucos minutos meu peito nu é acariciado. Gemidos baixos saem dos seus lábios, e quando minha mão cobre o seu seio, ela expressa um sonoro arfar.

Acaricio o bico sensível e rijo, giro-o entre os dedos. Minha outra mão solta seus cabelos e desce ao longo de suas costas até chegar às suas nádegas firmes. Aperto-as e volto a explorar o seu corpo.

Suas pequenas mãos encontram o botão da minha calça. Desajeitada, ela me despe, deixando-me só de cueca. Meu membro duro, quase furando o tecido, encosta em seu ventre, pulsando ao sentir a pele nua. A sensação das suas mãos, acariciando o meu corpo com uma timidez clara, é deliciosa. Torno-me mais ousado, tocando o seu sexo, sentindo a penugem lisa, macia. Meus dedos encontram seus lábios vaginais molhados com a sua excitação. Introduzo os dedos entre os lábios, até encontrar o seu ponto sensível.

Íris é tímida ou realmente não sabe o que fazer, pois suas mãos estão acariciando minhas costas enquanto as minhas brincam e seduzem a sua intimidade. Pego uma de suas mãos e levo-a até o meu sexo, fazendo-a apertá-lo.

Ela se assusta, e nesse momento nossos olhares se cruzam. Por um instante, ela fica imóvel, incapaz de falar ou de se mover. Boquiaberta, assustada, com um olhar distante. Instintivamente, suas mãos me empurram, tentando me afastar.

— Não, nós não podemos... deixe-me ir.

Sem responder ao seu apelo, começo a me aproximar dela. Ela tenta fugir, mas é muito tarde. Prendo-a em meus braços. Nossos corpos se tocam mais uma vez. Minhas mãos percorrem suas costas, puxando-a para junto de mim.

— Não, Jordan — pede mais uma vez, empurrando meu peito com os punhos cerrados.

— Não por quê? Não existe impedimento para que possamos nos amar... — digo, beijando seus ombros e pescoço. — Íris, meu Deus! Eu a desejo

tanto que sou capaz de perder a cabeça... — Não sei do que ela tem medo, só sei que ela perturba os meus sentidos e eu perturbo todo o seu corpo, sua mente e seus nervos. Com o coração batendo descompassadamente, sinto o desejo gritar latente dentro de mim como jamais me ocorrera antes.

Num supremo esforço, ela consegue me afastar.

— Não podemos, Jordan. Nós dois... Oh, meu Deus, como posso explicar isso?

— Você não acha que é tarde demais para voltar atrás, Íris? Eu a quero e você me quer, é o destino. — Cerro os olhos por um momento. — Não dá mais para fugir do inevitável. Preciso de você, Íris. — Devoro-a com os olhos enquanto acaricio seu corpo perfeito. — E você precisa de mim.

— Oh, Jordan! — sussurra, encostando o rosto em meu peito.

— Não fuja do que está sentindo, Íris, porque eu não fugirei, acredite! Estou perdido, minha flor. Não sei mais o que vou fazer. Estou enlouquecendo! — exclamo, com tal violência que a deixo assustada. Então meus lábios procuram os dela, mais possessivos do que nunca. Não a deixo raciocinar mais, pressiono meus dedos em sua nuca fortemente e a beijo com voracidade.

O beijo libidinoso me faz sentir pleno. É como se a vida brilhasse sobre nós. Ela me abraça fortemente, passando a mão pelo meu pescoço, acariciando meus cabelos. Sinto o calor ardente deste sentimento crescer entre nós. Só desejo que ela se entregue e aceite este sentimento para que possamos vivê-lo sem restrições.

Num gesto brusco ela me empurra, tremendo e ofegante, como um ser prestes a se afogar. E com as mãos espalmadas em meu peito, mantém uma distância entre nós.

— Não posso! — afirma, angustiada. — Jordan, não há futuro para nós, sinto muito... tenho que ir!

Completamente transtornada, Íris começa a se vestir.

— Eu amo você! — afirmo, voltando a agarrar seu pescoço. Apesar de ser a primeira vez que digo isso, sou capaz de reconhecer a realidade de meus sentimentos.

— Não... — Ela me encara com desespero no olhar.

— Como não? Não duvide dos meus sentimentos. — Seguro-a pelos ombros, ela ainda está trêmula e eu ainda estou nu. — Estou dizendo que amo você. Será que isso não significa nada?

— Significa. Você nem imagina o quanto isso significa, Jordan. É só que... — Ela baixa os cílios longos, e eu vejo uma lágrima descer silenciosamente por sua face.

Não sei por que ela está tão reticente em se entregar, pois sei que o sentimento que sinto é recíproco, só não entendo sua resistência.

— Íris, eu sei que você sente o mesmo por mim. O que a impede de se entregar a isso? O que está impedindo que fiquemos juntos?

— A vida, Jordan. A vida... — Íris se joga em meus braços, escondendo o rosto na curva do meu peito. — Não podemos ficar juntos, não podemos...

— Por quê? — interpelo-a. — O que nos impede, minha flor? Seja o que for, eu enfrentarei. Por você farei qualquer coisa. — Afasto-a um pouco do meu corpo, minhas mãos cercam o seu rosto, uma de cada lado. Ela me encara com os olhos marejados.

— Não ficarei na cidade por muito tempo. Eu irei embora, Jordan, e você não poderá fazer nada. Nunca mais nos veremos, nunca mais, entendeu?

A sinceridade de suas palavras doloridas doe em mim. Não posso permitir que ela se vá. Íris não sabe do que sou capaz, farei qualquer coisa para que ela fique.

— Nenhum lugar é longe demais para quem ama. E, Íris, tudo na vida tem solução. Para onde você vai? Outra cidade? Outro país?

— Quase isso... — Limpa as lágrimas com o dorso da mão. — Jordan, você não tem como impedir. Em breve eu irei embora e você nunca mais terá notícias minhas, por isso não alimente seu amor por mim... — Suas mãos seguram meu rosto e ela varre os olhos carinhosamente por sua extensão. — Logo você conhecerá seu verdadeiro amor. Acredite em mim, ela será a única flor do seu jardim...

— Eu já encontrei a minha flor, você. — interpelo-a outra vez. — Eu a amo, Íris, não deixarei que se vá, se for preciso eu me caso com você.

Suas mãos soltam o meu rosto para cobrir o seu. Ela chora copiosamente, até os soluços se tornarem insuportavelmente doloridos. Tento

puxá-la para mim, mas ela se afasta bruscamente.

— Não, não, Jordan. Não podemos... — Fito-a, e em seu rosto vejo sofrimento. Sua dor é visível, e eu só quero saber o que ela me esconde, pois estou disposto a lutar por ela.

— Acalme-se, minha flor. — Consigo segurá-la, cubro-a com meus braços protetores. — Íris, está tudo bem. Faremos assim, vamos viver um dia de cada vez, ok? Assim que acabar as festividades da cidade irei conversar com seus pais, e seja o que for, não a deixarei partir. Agora, só respire. Respire, minha flor.

Íris está a um passo de ter uma síncope, seu corpo treme, está pálida e fria, com olheiras escuras e profundas. Fico preocupado, por isso resolvo acabar com a discussão.

— Preciso ir embora. — Ela tenta se afastar, mas pressiono meus braços em torno do seu corpo.

— Não, não a deixarei ir assim — Fito-a com amor no olhar. — Não precisamos fazer nada, nem nos acariciar, se não quiser. Só durma comigo. Pela manhã a levarei para onde quiser ir. Por favor, minha flor. — Ela assente com a cabeça.

Emito um som de satisfação, coloco-a em meus braços e a levo para a cama. Deposito-a sobre os travesseiros confortavelmente, depois me visto. Deito-me ao seu lado, trazendo-a para o peito, e enquanto acaricio os seus cabelos, nós adormecemos.

Na manhã seguinte, quando abro os olhos e encaro diretamente a porta de vidro, encontro um céu nublado e constato a presença de pesadas nuvens de chuva. Por instantes permaneço imóvel, como se quisesse reagrupar meus pensamentos. Em seguida, olho para o lado à procura da linda moça que dormiu em meus braços, mas o travesseiro está solitário.

— Íris. — Ninguém responde. Levanto-me, verifico o banheiro e nada.

Durante algum tempo que me parece interminável, continuo perplexo, sem querer acreditar que ela foi embora.

Não, não. Ela não fez isso.

Digo para mim mesmo, lutando contra o meu medo de ela ter fugido de mim outra vez. Levanto-me, visto-me apressadamente e desço as escadas.

Sigo para a sala em completo estado de nervosismo. Ela não está lá, nem na cozinha.

— Merda! — Bato fortemente com as mãos fechadas no mármore negro da ilha da cozinha, e ao passar rapidamente os olhos pela pedra, encontro um buquê de flores de Íris. Ela tinha me deixado um presente.

Capítulo 9



...Quinto dia...

*P*assei o restante do dia do domingo em completa aflição. Ansioso para que chegasse logo a noite para que pudesse vê-la. Não quis sair de casa, pois fiquei na expectativa de que ela pudesse mudar de ideia e vir me ver para que passássemos a tarde juntos. Meus pais me convidaram para almoçar e jantar com eles, mas recusei imediatamente. Fiquei prisioneiro das lembranças que vivi durante aqueles cinco dias. Não conseguia encontrar uma explicação plausível para este sentimento que nascera de uma forma tão inesperada. Queria entender o porquê do medo da Íris, o motivo pelo qual não podemos ficar juntos, o que a obriga a ir embora. Afinal, ela era maior de idade, nada nem ninguém poderia obrigá-la a fazer algo que não quisesse.

— Doutor Jordan! — Alguém grita meu nome no portão. — Doutor Jordan, sou eu, a Sônia.

Levanto-me do sofá e arrasto-me até a janela. Não estou com a mínima vontade de conversar, mas não posso fingir que não estou em casa. Aceno para ela, avisando-a que já estou descendo para abrir o portão.

— Boa tarde, doutor Jordan. Desculpe incomodar o seu descanso de domingo, mas o Matias não amanheceu bem...

— Não se preocupe, dona Sônia, são ócios do ofício. Ser médico veterinário é isso, sem dia e sem horário. Entre, vamos ver o que o Matias tem.

Ela me acompanha até o interior da clínica.

— Então, o que o nosso Matias tem? — Começo a examinar o lindo gato siamês.

— Ele não quer comer, desde ontem à noite. Hoje até comprei outra ração, mas ele nem encostou na vasilha.

— Então, Matias, o que o senhor aprontou? — Matias olha para mim e mia sonoramente, levanta a pata e a esfrega em minha mão. — Deixe de manha, — Aliso seu pelo, examino suas patas e por fim o seu focinho. — Humm, aqui está o problema do nosso lindo felino. — Assim que toco o local, do lado esquerdo do focinho, encontro um espinho encravado. — Pronto. O Matias andou enfiando o focinho onde não devia, não é, Matias?

— Como não percebi isso? — Sônia tenta segurá-lo, mas o Matias

escapa. Ele me segue, sabe que lhe servirei uma deliciosa refeição.

— Dona Sônia, a senhora conhece uma moça chamada Íris? — pergunto, enquanto despejo a ração do Matias no prato.

— Íris, Íris... não lembro de ninguém com esse nome. É bem diferente, os pais não colocam mais nomes assim em seus filhos, agora é tudo inglês ou exótico. Como a moça é?

— Cabelos na cor cobre, olhos verdes, pele alva. Não é alta, não muito magra, meiga, delicada...

— Você está apaixonado. — Só então eu percebo que estou de olhos fechados, descrevendo a Íris através dos meus pensamentos. — Ela é muito bonita, sim? Não, meu filho, eu não conheço uma moça assim. Sabe o sobrenome dela?

— Não, infelizmente eu não sei.

— A conheceu na festa, não foi?

— Sim, no primeiro dia. Estamos nos conhecendo. — Pego o Matias no colo e começo a alisar seu pelo.

— Ela deve ser de outra cidade, nessa época vem muitas moças de outras cidades.

— É, talvez a senhora tenha razão, talvez ela esteja hospedada na casa de alguma amiga.

— Deve ser isso. Quando reencontrá-la pergunte o sobrenome dela, talvez eu conheça seus pais.

— Perguntarei, sim. — Sônia se levanta e pega o Matias dos meus braços.

— Quanto foi a consulta?

— É cortesia, o Matias merece.

Acompanho Sônia até o portão, espero-a desaparecer na esquina e fico alguns minutos observando alguns meninos brincarem com as poças de água que a chuva deixou na calçada. Pensar que já fui assim, desprovido de qualquer preocupação. Viro-me e volto para casa, tentarei dormir um pouco até o horário de voltar ao encerramento das festividades da cidade.



Por hoje ser o último dia de festa, o casarão já está lotado. Duas duplas sertanejas serão a atração principal no palco que foi montado próximo ao grande estacionamento, e duas bandas tocarão no baile. Assim que entro no casarão, sou abordado por algumas pessoas, amigos do meu pai e outros que fiz nesses últimos dias. Converso um pouco com eles até conseguir sair sorrateiramente, sem dar a impressão de que quero me livrar deles. Algumas moças acenam para mim, outras me chamam com as mãos. Eu apenas sorrio e finjo não entender nada.

Saio à francesa, seguindo para o local onde sempre me encontro com a Íris. Atravesso a grossa porta de madeira talhada que está entreaberta e sigo pela calçada até chegar na parte mais reservada. Ao descer dois degraus, logo vejo o vestido branco esvoaçante. Meu coração acelera de alegria e me sinto em paz. Ela está observando as pessoas no salão por uma abertura discreta de uma das janelas, mas não daria para ver muita coisa. Ao perceber minha proximidade, ela desce do banco e vira, sorrindo.

— Faz tempo que está aqui? — pergunto, beijando levemente seus lábios. Ela retribui o beijo.

— Um pouco. Hoje está lotado, as moças capricharam nos vestidos. — articula com espanto na voz e se afasta para pegar algo nos arbustos. — Trouxe para você. — Mostra-me um buquê de flores de Íris.

— Venha aqui — chamo-a, num tom tão gentil quanto ansioso. Ela se aproxima devagar, sem me encarar.

— Posso fazer uma pergunta? — indago, esforçando-me para dar à minha voz uma entonação natural, porque estou nervoso, não sei se ela entenderá minha curiosidade.

— Claro que pode fazer. — Ela me olha com desconfiança por um instante.

— Qual o seu sobrenome?

— Íris Santiago, por quê? — pergunta calmamente.

— Porque eu quero saber mais sobre a mulher que amo, não é justo? — Fito-a, tentando entender sua linguagem facial.

— Há muitas coisas no mundo que não são justas... muitas. — Contrapõe, pensativa.

Por um momento, sua expressão torna-se triste. Como eu gostaria que ela me contasse tudo, tudo o que se passa em sua linda cabecinha.

— Íris, eu a amo, é o que importa. No resto, daremos um jeito.

— Não... não, por favor, não comece. Oh, Jordan. — Não a deixo terminar a frase, tomo-a em meus braços, roubando sua boca.

Ao entreabrir os lábios, minha língua toca a sua. O desespero do beijo afoito nos acomete a lamúrias excitantes, mãos nervosas e ansiosas percorrem nossos corpos, tateando nossa intimidade sem vergonha alguma. Nós dois queríamos a mesma coisa, saciar o nosso desejo. Seu corpo curvilíneo enlouquece meus sentidos, meu membro pulsa sob a calça e sua mão, que o acaricia sem qualquer experiência.

— Íris...

Prendo-a em meus braços, fazendo seus pés flutuarem. Levo-a para o banco de ferro, sento-me e a coloco em meu colo. Suas pernas ficam uma de cada lado do meu corpo. Seu sexo em contato com o meu acende uma chama que nos faz estremecer.

— Jordan...

O beijo torna-se libertino e meus dedos encontram o interior das suas coxas. Afasto sua calcinha com um dedo e com o outro penetro sua intimidade, excitando-a e me levando à loucura. Sua pequena mão abre o zíper da minha calça, e com desespero, meu pênis é retirado da cueca.

— Por Deus, Íris, farei uma loucura... — Beijo-a com mais força e penetro o dedo bem fundo em sua vagina. — Íris...

— Jordan... — sussurra meu nome, ofegante, sacudindo o corpo enquanto meu dedo a fode lentamente, e sua mão masturba o meu pênis.

Perco completamente o senso de responsabilidade, não consigo sequer raciocinar onde estamos. Com uma mão suspendo o seu quadril, fazendo com que o meu pênis fique entre seus lábios vaginais. Íris se contorce enlouquecidamente, movendo-se sobre o meu colo, roçando o clitóris em minha ereção. Enquanto nos beijamos luxuriosamente, fixamos os nossos olhares.

— Íris, eu preciso de você... — Movo o seu corpo para cima. — Quero fazer amor com você, quero torná-la minha. Não posso mais esperar...

Então ela se afasta de mim e desce rapidamente do meu colo. Nem tive tempo de impedi-la. Ela fica de pé, olhando-me sentado com o pênis ereto para fora da calça.

— Íris, o que pensa que está fazendo? Eu a desejo e você me deseja. — Tento segurar sua mão, mas ela dá um passo para trás.

— Isso é um erro. Isso não pode estar acontecendo, não faz sentido.

Ela começa a andar de um lado para outro, balbuciando as palavras. Reconstituo-me e me levanto.

— Íris, pare... Íris, olhe para mim. — Exijo, quase gritando com ela. — Que merda! O que eu tenho que fazer para a convencer que a amo?

— Não. — Ela me interrompe, calando-me com dois dedos em meus lábios. — Já disse, não sou o seu amor, acredite em mim.

— Deixe de bobagens! — interrompo-a — Você é o meu amor, não quero outra.

— Não sou, não sou o seu amor nem posso ser. Eu e você não temos futuro.

Pronto, ela ia começar com o discurso de que iria embora em breve. Eu não queria estragar a nossa noite, não hoje. Depois ela me explicaria direito toda aquela história.

— Íris, minha flor. — Seguro-a pelos ombros e a puxo para o meu corpo, abraçando-a. — Um dia de cada vez, lembra-se? Um dia de cada vez.

Seguro o seu queixo e os nossos olhares se prendem.

— Está bem, um dia de cada vez. — Ela me beija enquanto meus braços cobrem o seu corpo trêmulo.

— Você está gelada, por que não vestiu um agasalho? — Ela dá de ombros. Tiro o meu blazer e a cubro com ele. — Como faremos para nos encontrar a partir de amanhã? — Pergunto.

— Não se preocupe, eu sei onde você mora. — Ela diz, encarando-me com um sorriso tímido nos lábios.

— Estou em desvantagem. Quando me dirá onde mora? — Ela esconde

o rosto em meu peito. É uma maneira de não me encarar, pois eu sei que ela me esconde algo.

— Um dia de cada vez, senhor beija-flor. — Ela sorri quando termina a frase.

— Quer dizer que sou um beija-flor? — Gosto do apelido, apelidos nós só damos a quem amamos ou desprezamos, e este último não era o meu caso.

— Sim... — Começa a tocar uma música instrumental. — Dança comigo? — Começamos a dançar lentamente. A música para de repente e alguém solta uma gargalhada estridente lá dentro.

Íris se afasta bruscamente. Fita-me com pavor no olhar, começa a tremer e lágrimas descem copiosamente pelo seu rosto.

— Não, não... — Ela se afasta, andando para trás com passos incertos — Não estou pronta para ele. Eu pensei que estaria, mas não estou. Perdoe-me, Jordan, eu preciso ir, preciso ir, ele está perto. Adeus!

Antes que eu possa detê-la, Íris desaparece correndo pela bruma cinzenta, e assim que se embrenha no mato, uma chuva grossa cai. Ainda tento segui-la, mas alguém grita o meu nome.

— Jordan, aonde pensa que vai? — Paro os passos e viro em direção a Selena. Ela me olha assustada. — Com quem estava conversando? — O céu se ilumina com um relâmpago e logo em seguida raios e trovões atordoam nossos ouvidos e visão.

— Agora não, Selena. Eu preciso ir atrás dela. — Passo apressadamente por ela.

— Atrás de quem? — Pergunta, aturdida.

— Não interessa. Até mais, Selena. — Deixo-a com suas perguntas e saio em direção ao estacionamento.

Espero que a estrada esteja transitável, tenho pressa de ainda encontrar a Íris.

Capítulo 10



*P*assei quase toda a madrugada procurando a Íris. Segui todos os caminhos que ela percorrera durante os cinco dias que ficamos juntos. A trilha que ela sempre seguia dava para dois lugares: uma seguia direto para uma vila e a outra acabava nos muros do cemitério. Mas em nenhum dos dois encontrei vestígios dela. Absolutamente nada.

Por isso hoje resolvi ir à sua procura. Tenho o seu sobrenome, o que tornará mais fácil encontrá-la. Antes de sair e começar minhas investigações, achei melhor ligar para minha mãe, talvez ela conheça a família.

— Bom dia, filho! Muitos clientes na clínica? — Ela atende com a sua voz melódica de sempre.

— Bom dia, mamãe! Não, hoje não abrirei a clínica, tenho um assunto urgente para resolver. — Antes que ela me encha de perguntas curiosas, pergunto logo o que quero saber. — Mamãe, a senhora conhece alguma família Santiago, que tenha alguma filha que se chame Íris?

— Perdeu a moça de vista, filho? — Eu sei que ela está achando graça.

— Mamãe, não é engraçado, eu preciso muito encontrá-la. — Ela faz

uma pausa, na certa está pensando.

— Conheço duas famílias Santiago, mas nenhuma delas tem uma filha com este nome. Acho melhor você ir nos Correios, eles podem ajudar. Quer que eu vá com você?

Ela está certa sobre ir aos Correios, assim não perderei tempo.

— Não, não precisa, eu me viro. Beijos. — Desligo rapidamente e nem escuto o que ela disse.

Chego aos correios quinze minutos depois, pergunto a uma atendente como faço para encontrar uma pessoa através do sobrenome e a moça me indica a porta do gerente. O senhor que me atende conhece todos os moradores de São Pedro, e assim quer lhe dou o nome e o sobrenome da Íris, ele afirma que não há nenhuma na cidade e me aconselha a verificar nas cidades circunvizinhas. Aceito seu conselho e sigo para uma cidade chamada Poços. É uma cidade bem pequena, nos Correios de lá também sou informado que não há nenhuma família Santiago na região. E foi assim nas duas cidadezinhas seguintes.

Cansado e quase sem esperanças, sigo para a próxima: Piaçavas. Não é bem uma cidade, é um vilarejo. A agência dos Correios é bem pequena, e assim que entro, uma moça sorridente me atende.

— Boa tarde! — Cumprimento-a. — Meu anjo, estou à procura de uma família com o sobrenome Santiago. Será que você poderia me dizer se há algum morador aqui com este sobrenome?

— Só um minuto. — Ela segue para uma sala, leva mais ou menos uns quinze minutos para retornar. — Encontrei duas famílias Santiago. Aqui estão os endereços.

A jovem me ensina como chegar aos locais, e eu sigo para o mais próximo. Fica no centro de cidade. O senhor Manuel Santiago, um viúvo que não tinha filhos. O próximo endereço era um pouco afastado do centro, ficava na parte rural da cidade, e levei cerca de uma hora para encontrar a casa.

Um chalé branco, cercado por um muro sem pintura. A casa é bem simples, na frente há vários animais. Galinhas, patos, duas cabras e alguns cães, um deles me olha, curioso. Em frente ao portão de madeira, amarrado por uma corda, bato palmas para chamar a atenção dos moradores. Como ninguém responde, resolvo entrar. Suspendo a corda que segura o portão,

abro-o e entro no terreiro de terra batida. Em frente à porta com a pintura gasta, que nem sei identificar a cor, fecho a mão e bato com o punho na madeira.

— Ô, de casa! — Grito.

— Já vou... — Uma voz feminina responde ao longe.

Alguns minutos depois, a porta é aberta e uma senhora, aparentando mais de quarentas anos, surge, com o olhar desconfiado.

— Pois não? — Encara-me e depois me olha dos pés à cabeça.

É esta a casa... Reconheço alguns traços da Íris na jovem senhora, os mesmos olhos verdes e a boca em forma de coração. Com o coração aos pulos, olho para ela, sorrindo.

— Boa tarde, meu nome é Jordan Cavalcante, — Estico o braço para cumprimentá-la. Ela olha a minha mão estendida e depois fixa os olhos nos meus — Estou procurando uma jovem que tem cabelos acobreados, olhos verdes e um sorriso que aquece o coração de qualquer ser vivo deste planeta. Por acaso conhece alguma moça com essa aparência?

A jovem senhora estica os lábios num sorriso idêntico ao da Íris.

— Boa tarde — aperta minha mão — sou a Adriana. O que o senhor quer com minha filha? É amigo dela? — Junta as sobrancelhas ao me fitar com um ar desconfiado.

— Sim, somos. Posso dizer que somos mais do que amigos. — Ela dá um passo para trás, surpresa com a minha afirmação. — Posso entrar para que possamos conversar melhor?

Reticente, ela olha para os lados, mas depois se afasta, permitindo que eu entre em sua casa. A sala pequena é humilde, mas bem arrumada. Um conjunto de sofá, duas cadeiras, um rack, uma TV não muito grande e uma estante com vários porta-retratos. Em um deles está Íris sorrindo, usando o mesmo vestido branco.

— Sente-se, por favor — Ela me mostra o sofá — Quer beber algo? Café, água?

— Não, obrigado — Sento-me, limpo a garganta e pergunto: — Sua filha está?

— De onde o senhor a conhece? — Continua me encarando com dúvida,

e eu não tiro sua razão.

— Da festa da cidade de São Pedro...

— Quando foi isso? — pergunta rapidamente, interrompendo-me.

— Semana passada, desde quarta-feira.

— Impossível, o senhor deve ter se confundido, não foi minha filha, foi outra moça parecida com ela. — diz e me encara com um ar zangado.

— Não, não me enganei. Foi aquela moça ali do porta-retratos, inclusive com o mesmo vestido. — Adriana se vira na direção que estou apontando.

— Enlouqueceu? — Corre em direção à foto e a pega. — O senhor quer brincar comigo? Ficou louco, o que ganha com isso? Vá embora daqui! — Começa a chorar, abraçada ao porta-retratos.

— O que eu fiz? — protesto. — Não estou brincando com a senhora, eu conheço a Íris. Estivemos juntos esses dias, nos apaixonamos, e é por isso que estou aqui, quero conversar com a senhora e com o pai dela...

— Louco... Louco, não brinque com os meus sentimentos, eu já sofri muito. Não faça isso, por favor. — Ela segura em meu braço e me empurra em direção à porta. — Vá embora e não volte mais, não se brinca assim com as pessoas, é maldade... — Chora copiosamente.

— Senhora... — Tomo o porta-retratos de suas mãos. — Estive com sua filha nesses últimos cinco dias. Ela vestia este vestido e um crucifixo dourado bem pequeno pendurado no pescoço. — Havia visto o crucifixo desde a primeira vez que nos conhecemos.

— Sim, como sabe disso? Ela não o tirava do pescoço, foi presente do pai dela quando completou quinze anos.

— Pois eu sei, ela o usa sempre. Por favor, senhora, chame-a aqui, eu preciso vê-la. — imploro, quase ficando de joelhos.

Adriana pega o porta-retratos das minhas mãos e aponta para a imagem de Íris.

— Impossível o senhor ter visto ela, porque esta moça aqui... — Soluça. — Esta moça... morreu há oito anos.

Um silêncio toma conta da sala, ficamos imóveis, um olhando para o outro. Minha garganta seca, minhas pernas tremem, o suor toma conta do

meu corpo, meu coração dispara de um jeito que me obriga a sentar. Inclino a cabeça e escondo meu rosto entre as mãos.

— Não pode ser — sussurro. — Não foi delírio, estive com essa moça durante cinco dias. Eu a beijei, acariciei, senti sua pele macia, escutei sua voz... Não, não, só tem uma explicação. Ela tem uma irmã gêmea, não tem? — Olho para Adriana, desesperado, imploro em pensamento que ela diga que sim.

— Não. — Adriana se senta ao meu lado e segura as minhas mãos. — Filho, é verdade o que estou falando. Essa moça aqui. — Mostra-me a foto outra vez. — Morreu há oitos anos. Ela foi encontrada semanas depois da festa da sua cidade, em um matagal. Ela só tinha dezessete anos, foi abusada sexualmente e asfixiada, nunca encontraram quem fez isso. O pai dela morreu três anos depois, de tristeza.

— Eu não acredito! — Grito ao me levantar, estou completamente transtornado. — A senhora quer me dizer que durante esses cinco dias eu estive com uma morta? Um fantasma? É isso?

— Ou um fantasma, ou alguém muito parecida com ela...

— E com o mesmo nome e sobrenome? — interrompo-a.

— O senhor está de carro? — assinto com a cabeça. — Então eu o levarei onde a Íris está. — Concordo.

Voltamos para São Pedro e a Adriana me guia até o cemitério. Estou completamente atordoado, é como se estivesse em um pesadelo. Se eu contasse aquela história, ninguém acreditaria em mim.

Antes mesmo de Adriana me apontar o túmulo da Íris, eu já sei qual é. Há diversos túmulos perfilados, e por cima de um deles está o meu blazer, com o qual cobri os ombros da Íris na noite anterior.

— Não sei que gosto é esse de alguns casais de virem namorar em um cemitério — Adriana diz, enquanto pega o blazer nas mãos. Ao tirar a peça de roupa da lápide, surge uma moldura com a foto da Íris entalhada no mármore frio.

— Por Deus, não! Então é verdade, estou louco, louco... — Olho para ela completamente transtornado e saio correndo do cemitério.

Adriana vem logo atrás de mim, chamando meu nome. Deixo-a entrar

no carro, pois eu precisava levá-la de volta para casa.

— Jordan, você a viu mesmo?

— Não, não tinha como vê-la, afinal ela está morta. A senhora tem razão, a moça com quem fiquei esses dias é muito parecida com a sua filha e os nomes são pura coincidência. É isso, perdoe-me por tê-la feito passar por isso.

— Mas... — Ela tenta argumentar.

— Esqueça, Adriana, foi um engano. Sua filha está morta, eu me enganei.

Passamos o resto da viagem calados, cada um com seus pensamentos e conclusões. Deixo Adriana na porta de casa, nem desço do carro nem olho para trás, apenas sigo de volta para São Pedro, pedindo a Deus que daqui a alguns minutos eu acorde deste pesadelo.



Acordo na escuridão, com os latidos dos cães e o barulho da chuva batendo densamente no asfalto da rua. O vento sopra fortemente nos vidros da porta da varanda do meu quarto. Meu portão bate violentamente, fazendo uma balbúrdia enlouquecedora. A vontade que eu tenho é de deixá-lo bater, mas eu sei que o som incomodará os vizinhos.

Ao chegar de Piaçavas, vim direto para a cama. A intenção era de dormir e acordar sem nenhuma recordação dos meus últimos dias com a Íris, mas não funcionou, dormia e acordava com ela nítida em minha mente. A bem da verdade, é que não conseguia assimilar toda essa loucura. Era bizarro demais, fantasioso demais. Não, não, aquilo não aconteceu, devo estar sonhando. Ou quem sabe sofri um acidente grave e naquele exato momento estava em uma UTI, em coma, em um hospital qualquer, e tudo aquilo era uma viagem traumática da qual a qualquer hora eu acordaria. Mas mesmo que minha razão dissesse que tudo o que vivi foi uma alucinação, o meu coração dizia que tudo foi real.

Eu me envolvi afetivamente com um fantasma... Internem-me, pois eu vejo gente morta... Só podia ser coisa de filme.

Sento-me na cama e olho para o celular: já passa das vinte e três horas.

Levanto e rastejo até a porta de saída, abro-a lentamente... E lá está ela.

No jardim da minha casa. Imóvel, molhada, vestida em seu lindo vestido branco, olhando-me fixamente. Minha linda flor, Íris.

Capítulo 11



A linda moça, vestida em seu vestido branco molhado pela chuva, com o tecido grudado em seu corpo, desenhando-o majestosamente, e com os cabelos longos encharcados, está bem diante de mim. Braços largados ao longo do corpo, com um olhar atordoado e a fisionomia tristonha. Para falar a verdade, fantasmas não se molham, ou sim? Não sei mais o que é fantasia ou o que é realidade, só sei que a moça que vi no porta-retratos na casa da Adriana era a Íris, e ela está morta há oito anos.

Fecho a porta imediatamente. Mantenho as costas na madeira e desço o corpo lentamente até me sentar no chão. Escondo meu rosto entre as mãos. Não estou com medo, estou com raiva. Eu me apaixonei por uma pessoa que não existe.

— Jordan... — Ela grita o meu nome. Aperto as mãos em minhas orelhas. — Jordan... por favor, deixe-me entrar, eu preciso me explicar. — Nesse momento, um trovão estridente enche a sala com seu som aterrorizante. — Jordan...

— Vá embora. Vá embora, Íris, você está morta. Será que já não é o

suficiente?

— Jordan, precisamos conversar. Por favor, deixe-me entrar.

— Conversar sobre o quê? Que estou louco? Que eu vejo gente morta? Não... Deixe-me em paz, siga o seu caminho, não me atordoe mais do que já estou.

— Jordan, perdoe-me, não foi a minha intenção fazê-lo sofrer..., Mas quero que saiba que quem está sofrendo mais sou eu, pois eu também me apaixonei por você. — Ela sussurra atrás da porta. Outro trovão estronda no céu e logo em seguida a sala fica toda iluminada por um longo relâmpago. Então, bem diante de mim, sentada sobre os joelhos, surge Íris.

Ela está completamente seca, seus cabelos longos e acobreados emolduram o seu rosto como um véu, descendo por seus ombros e caindo logo abaixo dos seus seios. Seus lindos olhos verdes me fitam fixamente. Ela está mais linda do que antes, a pele sedosa brilha na penumbra da sala, os lábios vermelhos e carnudos parecem um lindo coração. Sinto vontade de tocá-la, beijá-la.

— Eu não lembro de ter dado permissão para que entrasse em minha casa. — Digo com a voz vacilante. Inesperadamente ela toca o meu rosto com seus dedos gelados.

— Jordan, perdoe-me... — Ela inclina o corpo, suas duas mãos cercam os dois lados do meu rosto e sua testa toca a minha. Sinto seus lábios encostarem na ponta do meu nariz, depois no lado esquerdo da minha face, então no direito. Segue em meu queixo e, por fim, em meus lábios. — Perdoe-me, meu amor... perdoe-me — Nosso beijo é lento, suave, dolorido e regado a lágrimas. Minhas e suas.

— Por que eu, Íris, por que eu? — sussurro entre lágrimas. — Não posso acreditar que você está morta, que você é um fantasma. — Afasto-me um pouco e acaricio o seu rosto, não querendo acreditar nas palavras que acabei de proferir.

Olhando para ela, parece tão real, eu nunca acreditaria se ela me contasse a verdade. Íris varre os olhos por meu rosto, acariciando-o ternamente com os dedos. Por Deus, será que estava sonhando? Não pode ser verdade, esta moça tão linda, e por quem eu me apaixonei, não era um fantasma.

— Fantasmas não existem, Jordan. — Ela sorri antes de me beijar outra vez.

— Não me confunda mais, Íris. — Fito-a com um olhar suplicante. Eu quero acordar deste pesadelo, quero que ela vá embora, quero esquecê-la.

— Eu sou um espírito como você é, a diferença é que você está encarnado, ou seja, tem um corpo para habitar, e eu não.

— Como não? — Estou cada vez mais atordado. — Estou vendo você, tocando em você. E você está do mesmo jeito da foto que eu vi em sua casa. Isto aqui é um corpo, é carne, e você pode sentir isso. — Belisco o seu braço, ela solta um gritinho. — Viu? Se você estivesse morta não sentiria nada, não sentiria nem amor.

— Jordan, é difícil explicar isso a você, levaria muito tempo para que entendesse, mas posso fazer um resumo curto... — Sinto seus dedos acariciarem minha pele. Como eu posso acreditar que ela está morta, como? Íris me beija mais uma vez. Depois volta a sentar sobre os joelhos. — Quando morremos nós levamos as impressões de como erámos. Muitos espíritos não se conformam com a sua passagem, não aceitam e não seguem o caminho...

— Da luz — interrompo-a. — É assim que ouço dizer, principalmente nos filmes. Você também não seguiu a luz. Por quê?

Ela sorri, olhando-me com meiguice.

— É isso mesmo, alguns espíritos se veem do mesmo jeito que desencarnaram. Por isso há ocasiões em que as pessoas que os veem se assustam, muitas vezes eles estão desfigurados, pois suas mortes foram violentas...

— Como assim!? — exclamo, pasmado. — Então há pessoas que veem mesmo gente morta e isso não é charlatanismo?

— Claro que existem, isso é um dom que todos os encarnados têm, basta só desenvolvê-lo e levá-lo a sério. Alguns só veem, ou escutam, ou sentem. Outros conseguem fazer tudo isso, como você, só não me pergunte como podemos nos tocar, isso eu não sei explicar. Talvez seja a nossa vontade, ou a minha vontade de querer muito saber como é ser amada por alguém, já que a minha experiência em vida em matéria de amar não foi uma das melhores...

Íris se entristece quando finaliza a frase. O pouco que a Adriana me

contou sobre a sua morte é que ela fora encontrada semanas depois do seu desaparecimento. Tinha sido violentada e asfixiada, algo traumático demais para qualquer pessoa. Só ela sabia o que passou e sentiu, só ela sabia o que aconteceu.

— Se eu tenho este dom, por que só agora se manifestou e por que só consigo ver você?

— Você já viu outros, sim... — Sua mão toca a minha, tento afastá-la, mas Íris a segura firme e a leva até seus lábios, roçando-os suavemente em minha pele. Meu corpo todo se arrepia e a minha necessidade de tocá-la vem vertiginosamente. — Lembra de um menino que sempre brincava com você? Você devia ter uns quatro anos...

— Como você sabe disso? Ele era o meu amigo imaginário, eu era apenas uma criança. — digo, puxando minha mão e levantando. Precisava ficar longe dela ou enlouqueceria.

— Esqueceu que agora sou um espírito livre? Eu sei de muitas coisas, principalmente sobre você. Então, aquele menino era seu amigo protetor, um espírito amigo que o acompanhou há tempos. Ele só não continuou ao seu lado porque você o esqueceu, deixou que os seus pais o convencessem que era fruto da sua imaginação. Isso é muito comum quando não se tem o conhecimento.

— Não, Íris, você não me convencerá que sou uma daquelas pessoas que conversam com espíritos, isso não existe.

— Então me explique como você está conversando comigo — Ela me interrompe — Como me vê? Eu sou um espírito, Jordan, você não pode fingir que não sou.

— Chega! — esbravejo, e apertando meus punhos na frente do corpo, fito-a com desespero no olhar. — Chega, Íris... chega! Será que não vê o quanto isso está me machucando? Eu estou apaixonado por você! — digo pausadamente. — Fui até a sua casa pedir sua mão em casamento — Ela me encara, chocada. — Sim, eu fui, achei que pedindo-a em casamento você não precisaria ir embora, mas quando chego lá, descubro que está morta... Morta, entendeu? Não dá mais para continuar com isso. Não dá, pois a cada segundo que fico perto de você só sinto vontade de beijá-la, quero fazer amor com você, quero ficar velhinho ao seu lado. Eu amo você...

— Eu também o amo. — Quando menos espero, ela prende-se ao meu corpo. — Eu o amo muito e sei o quanto isso é dolorido, pois nós dois sabemos que nada que dissermos ou fizermos fará as coisas mudarem. Eu sei que logo terei que partir e que vamos nos separar, mas eu sei também que você conhecerá outro amor, e então eu só serei uma lembrança maravilhosa...

— Não. — Empurro-a e ela cambaleia para trás. — Vá embora, Íris, deixe-me em paz. Eu preciso esquecer tudo isso, entenda que quanto mais você se aproxima mais eu sofro e você também. Deixe-me em paz, pelo amor de Deus!

Viro-lhe as costas e saio às pressas para o quarto, mas ela vem logo atrás de mim.

— Não posso ir embora, Jordan, não posso. Preciso da sua ajuda, preciso de você.

— Procure outro que possa vê-la, você mesma disse que existe outros com o mesmo dom que eu. Deixe-me em paz.

— Por favor, não me abandone. — Ela esconde o rosto entre as mãos e começa a chorar. — Você é único em quem eu confio, não me abandone... — O que fazer diante de tal suplício? Eu a amo, mas não posso tê-la. O que faço?

Abraço-a, é o que faço. Não resisto, não consigo me manter indiferente à sua dor.

— Minha flor, não me castigue, nós dois sabemos que não podemos ficar juntos, e ficar ao seu lado é doloroso demais. — Ela ergue a cabeça e os seus lindos olhos verdes marejados encontram os meus. — Eu a amo tanto, Íris, tanto... — Meus dedos acariciam sua pele e minha boca rouba a sua. O beijo a princípio é lento, mas aos poucos se intensifica, chegando ao ápice da tortura.

Meu corpo inteiro responde ao toque de suas mãos, que passeiam por toda parte. Ela deixa a timidez de lado e faz tudo aquilo que eu tanto queria, toca-me com ousadia, meu membro pulsa quando sua mão o circula e o aperta.

— Jordan... — Murmura meu nome enquanto eu a pego no colo.

— Íris, por Deus, estou louco. Estou perdendo a razão... — Deito-a na cama e cubro o seu corpo com o meu, e minha mão sobe lentamente o seu

vestido. A pele macia e fria me fascina, meus dedos encontram sua calcinha.
— Amo você, minha flor.

— Eu também, eu também amo você.

Afasto sua calcinha com um dedo e com o outro deslizo-o entre os seus lábios vaginais, até encontrar o seu ponto sensível. Ela acaricia meu membro por cima da cueca de seda. Estou tão duro, com tanto desejo. Quero fazê-la minha, quero fazer amor com ela, quero...

Então a realidade bate na minha cara, sem dó nem piedade. Ela está morta, e eu estou louco.

— Não, não posso. Não podemos, Íris. Isso é doentio, é insano, é masoquista. — Saio de cima do seu corpo, deitando-me de costas no colchão. Ela não diz nada, fica quieta e eu também. Estou sem palavras, sem ação, sem vontade, sem nada.

— Era meu aniversário de dezessete anos. — Ela quebra o silêncio. — Eu queria muito conhecer a festa de São Pedro, mas meus pais não permitiam. Então eu os esperei dormirem, pulei a janela do meu quarto, peguei um ônibus e fui para a festa. Era o último dia, estava uma confusão para entrar, e eu aproveitei e entrei de penetra.

Íris faz uma pausa e eu permaneço calado, esperando que continue. No fundo eu quero saber o que aconteceu com ela, mesmo que não tenha a intenção de ajudá-la.

— Dancei com muitos rapazes, até experimentei bebida alcoólica... — Ela riu, fez um barulhinho com a boca, um gesto que se fazia quando se experimentava algo bom. — Então eu o conheci... — Faz outra pausa, demora tanto que resolvi acabar com o silêncio atordado.

— Conheceu quem? — inquiri, mas tento não transparecer minha curiosidade.

— O homem que me matou. — Aperto as mãos nos lençóis da cama, mas não a interrompo. — Ele me convidou para dançar e nós dançamos algumas músicas, mas ele começou a ficar ousado. Apertava-me, roçava-se em mim, até que sua mão apertou minha bunda. Eu tentei fugir, mas ele disse que poderia me dar o que eu quisesse, era só fazê-lo feliz. Dei uma pisada forte em seu pé e corri dele. Passei o resto da festa me escondendo, não podia voltar para casa, porque eu me esqueci do horário. Os ônibus só ficavam

rodando até às duas da manhã, depois disso, só às quatro.

— Por que não pediu ajuda? A um policial, eles sempre ficam rondando a festa. — Viro o rosto para observá-la, Íris está de olhos fechados, provavelmente revivendo todo o seu sofrimento.

— Eu não podia, esqueceu que eu fugi de casa? Resolvi ficar escondida dele, então, quando deu o horário, eu fui embora. Segui a estrada, e no caminho um carro parou bruscamente. Quando vi que era ele eu corri para a floresta, corri o mais rápido que eu pude, até sentir uma dor na nuca...

Ela puxa o ar com força. Olho para ela, está pálida e as lágrimas escorregam pelo canto dos seus olhos.

— Íris, não precisa reviver isso. — Por mais que eu quisesse saber, não achava que ela deveria passar por tudo aquilo novamente.

— Acordei amarrada a uma cama em um quarto com paredes de madeira, janelas antigas, mas com tábuas grossas pregadas nelas. Estava nua... Consegui contar os cinco primeiros dias, depois disso não sei por quanto tempo ele me manteve viva. Passei fome, frio, sede. Ele me batia para me obrigar a fazer todos os tipos de perversão.

Íris soluça. Senta na cama, e após alguns segundos, vira o rosto transtornado para mim.

— Em uma noite chuvosa, ele me arrastou pelo mato, e quando parou me violentou outra vez. Depois que ficou satisfeito, colocou um saco plástico em minha cabeça. Foi desesperador não poder respirar. Eu o via de pé, assistindo ao meu desespero, então eu adormeci.

— Íris, não precisa mais me contar, chega... — Sento-me e puxo-a para meus braços. Ela se agarra ao meu corpo, apertando minhas costas com os dedos.

— Acordei com o som da voz do meu pai. Ele chorava e chamava o meu nome. Eu respondia, dizia que agora estava bem, mas ele não escutava, continuava gritando, desesperado, agarrado ao meu corpo. Foi então que eu percebi que estava olhando para mim mesma nos braços do meu pai. Eu vi quando me colocaram em um saco preto e me levaram para um carro.

— Íris, pare. Isso só a machuca. — Ela chorava copiosamente, seus apertos já estavam machucando minhas costas. — Minha flor, isso já passou.

— Não — ela me interrompe — Não passou. — Ergue a cabeça. — Olhe para mim, veja como ele me deixou.

Assim que a encaro, tenho um sobressalto, seu rosto está todo machucado. Está nua, seus pulsos e tornozelos estão em carne viva, seu corpo com hematomas, quase não há um lugar imaculado.

— Filho de uma cadela! Meu Deus! — Fecho os olhos, pois a raiva consome minha mente. Volto a encará-la, e ela voltou ao normal, do jeito que a conheci. Linda e sem nenhum sinal de violência.

— Eu vi quando me enterraram... — Ela volta a me encarar. — Jordan, você não imagina o quanto é angustiante a sensação de ser enterrada. Eu gritava para os meus pais não permitirem, pois eu estava ali, estava do lado deles e a qualquer momento poderia voltar. Por meses eu fiquei com minha família. Chorava junto aos meus pais, tentava conversar com eles. Uma senhora tentou me convencer a ir com ela, ela se apresentou como um espírito amigo e me disse que não me obrigaria a nada, eu só iria com ela se quisesse. Ela me explicou tudo, mas eu não aceitei, e quando o meu pai morreu foi que entendi que não estava fazendo bem à minha família. Então eu me afastei deles.

— Você não encontrou o seu pai? — Pergunto, curioso, afinal, ela era um espírito e poderia perfeitamente encontrar quem quisesse.

— Não, ele foi levado por dois espíritos. A senhora me disse que ele aceitou a ajuda e foi levado para ser cuidado. Ela voltou a me chamar para ir com ela, mas eu não quis.

— Por quê? Afinal, ela só queria ajudar.

— Quando eu me afastei da minha casa, voltei para a floresta. Eu queria encontrar alguma pista do homem que fez isso comigo. Foi então que encontrei quatro moças. Pensei que elas estivessem vivas, mas elas também foram vítimas do meu algoz. As moças estavam sentadas ao lado dos seus corpos, cobertos por terra e folhas secas.

— Então esse homem já tinha feito isso antes? — Levanto-me e caminho até a porta de vidro da varanda. Olho para o céu cinzento, a chuva amenizou, mas os raios e os relâmpagos continuam clareando a noite.

— Sim, tentei tirá-las de lá, mas elas não querem sair. Estão lá sentadas ao lado dos seus ossos, chorando e chamando pela mãe e pelo pai. — Ela se

levanta e vem até mim. — Jordan, eu preciso descobrir quem é esse monstro, pois eu sei que ele fez outra vítima. Em algum lugar há outra moça passando pelo mesmo que eu passei. Ajude-me, eu preciso de sua ajuda.

Como, como eu posso ajudá-la? E quem me ajudará? O que posso fazer?

— Eu não posso ajudar, esqueça isso. O que quer que eu faça? Vá até a delegacia e diga: Oh, delegado, é o seguinte, o espírito da Íris Santiago apareceu para mim e me contou toda a sua história. — Olho fixamente para ela e pergunto: — Por acaso você sabe o nome do seu assassino?

— Não, não sei. — Grita e volta a chorar. — Não sei nem como ele é, só tenho sensações, como a voz, a risada. Eu ainda tenho medo dele, entendeu?

— Esqueça isso, Íris, siga o seu caminho. Siga para a luz, ou para qualquer lugar, eu não sei, mas esqueça isso. Nada que fizer mudará sua situação nem a minha. Deixe-me em paz, eu preciso seguir minha vida, e com você ao meu lado só vou conseguir ser internado em um hospício. Chega! Vá embora.

— Jordan, eu preciso da sua ajuda. — Ela suplica. O que farei? Eu não sei, por enquanto só quero ficar sozinho, eu preciso pensar.

— Vá embora, Íris, deixe-me sozinho. Prometo que pensarei em uma solução, agora vá embora.

— Não me abandone, por favor, eu só tenho você — Suplica, soluçando, segura o meu braço, tenta me fazer olhar para ela. — Quando quiser falar comigo é só me chamar. — Viro-me e encaro seu rosto sofrido. Ela beija meus lábios, fecho os olhos e retribuo o beijo. Quando os abro, ela não está mais ali, só deixou para trás o gosto do seu beijo, o seu cheiro e uma sensação de solidão.

FLOR DE ACÁCIA

A Acácia representa a inocência ou pureza, a segurança e a certeza. Em países como Índia, Nepal, Tibet e China é usada como incenso, acreditando-se que o seu fumo afasta os fantasmas e os maus espíritos e, ainda, dá aos deuses bom humor. Oferecer flores de acácia, é uma prova do amor da pessoa que o envia, e transmite paz e estabilidade para a pessoa amada.



Capítulo 12



Um mês se passou após o meu último encontro com Íris. Ela está cumprindo com o que pedi, não me procurou mais, apenas deixa um buquê de flores de Íris dentro da minha caixa de correio todos os dias. Às vezes, sinto vontade de chamá-la. Sei que se fizer isso ela surgirá bem diante dos meus olhos, e se isso acontecer faremos coisas que não podemos fazer. Eu a amo e ela me ama, no entanto, esse amor é impossível, pois pertencemos a mundos diferentes. Por isso faço um esforço descomunal para resistir à minha necessidade de vê-la.

Além do mais, preciso manter minha sanidade intacta, porque a primeira semana depois de descobrir sobre a sua morte não foi muito fácil. Eu me isolei de todos, fechei a clínica e me tranquei em meu quarto, a depressão quase me tomou. Não queria me alimentar nem tomar banho, só dormir, pois em minha cabeça estava vivendo um pesadelo, e eu só queria acordar e esquecer tudo aquilo. Até menti para os meus pais, disse-lhes que precisava voltar à capital porque tinha assuntos pendentes a resolver. Eu sabia que se não fizesse isso eles ficariam preocupados e só sairiam da minha casa após eu lhes contar tudo. Talvez até me internassem ao descobrirem a verdade.

Contudo, consegui me erguer, e após o oitavo dia que a Íris se afastou, voltei ao normal, acordei bem-disposto, decidido a virar a página e a recomeçar outra nova em folha. Não a esqueci, Íris permanece em minha memória, afinal, ela foi o meu primeiro amor. Mesmo estando morta, mesmo sendo um espírito, foi real, todavia anormal.

*Em memória à filha amada e querida, que nos foi levada cruelmente. Descanse em paz, Íris da Silva Santiago. *1993 - † 2010.*

Já gravei a frase de tanto vir aqui. Todos os dias eu venho visitar o túmulo da Íris, deixo sempre um buquê de flores de Íris, sempre de cores diferentes. Eu sei que não é ela quem está lá dentro, são apenas seus ossos, mas é uma forma carinhosa de dizer-lhe que não a esqueci. Hoje eu vim me despedir, pois não virei mais aqui. Se quero esquecê-la, não posso alimentar as lembranças, preciso acabar com todos os vínculos que nos liga, então eu trouxe as Íris amarelas que ela deixou em minha caixa de correio.

— Espero que goste de flores amarelas. — Deixo as flores sob o mármore negro.

— Flores de Íris, isso não é nada original, não acha? — Uma voz melodiosa soa bem atrás de mim. Viro-me lentamente, e assim que encaro a pessoa, meu coração dispara.

— Meu Deus! — Dou um passo para trás, fico tão assombrado que emudeço.

Uma moça parecidíssima com a Íris sorri para mim. Cabelos longos acobreados, olhos verde-esmeralda, brilhantes e grandes. A pele clara, o corpo esguio e curvilíneo, um sorriso encantador capaz de aquecer qualquer coração. A única diferença entre as duas é o tom da cor dos olhos; os da Íris eram bem mais claros

— Nossa! Calma, você não está vendo uma assombração, apesar de eu me parecer muito com a Íris, não sou ela. — Ela sorri, o mesmo sorriso da Íris. Aliás, tudo nela lembra a Íris.

— Vo-vocês são gêmeas? — balbucio as palavras, tremendo.

— Humm! — Ela sorri, na certa está achando engraçada a minha cara de assombro. — E você, conhecia a Íris de onde? Pelo que lembro, ela não tinha nenhum amigo ruivo.

— A Íris era amiga do meu primo. — Minto, não quero explicar para

uma estranha como conheci a Íris. Ela não entenderia, ninguém entenderia. — Estava fora de São Pedro há anos, e quando eu voltei, soube da tragédia, então resolvi prestar uma homenagem. — Ela me encara com as sobrancelhas arqueadas, mordendo o lábio inferior e apertando um buquê de rosas brancas entre as mãos. — E você, quem é?

A moça permanece me encarando por alguns segundos. Olha-me dos pés à cabeça. Já estava me incomodando com sua avaliação, mas quando penso em ir embora, ela se aproxima. Deixa no mármore negro as rosas brancas, fecha os olhos, toca a lápide, e eu tenho a impressão de que está fazendo uma prece.

— Quando éramos crianças, as pessoas só não nos confundiam porque eu era mais velha, mesmo assim, havia gente que pensava que eramos gêmeas. Sou mais velha do que ela três anos. — diz, enquanto seus dedos alisam o túmulo, depois se vira e os nossos olhos se encontram. Olhando mais de perto, ela não era tão parecida assim com a Íris, acho que foi mais o impacto do primeiro encontro.

O rosto da Íris era mais redondo, a testa menor e o nariz mais arrebitado e o queixo tinha uma pequena covinha. Além do mais, os cabelos da estranha eram de um cobre mais claro, quase loiro.

— Você é parente da Íris? — pergunto.

— Irmã mais velha, meu nome é Acácia. — Ela estende a mão, olhando fixamente para o meu rosto. Sorrio ligeiramente, por achar os nomes das duas surpreendentes.

— Seus pais gostam de flores — comento, apertando sua mão. — Prazer, Jordan.

— Pois é, Jordan, as flores preferidas da mamãe são Íris, Acácia, Violeta e Margarida. Graças a Deus que ela não teve mais filhas, já imaginou? Seria um jardim inteiro. — Ela começa a olhar para os lados, algo a estava incomodando. — Podemos sair daqui? Odeio cemitérios.

— Podemos, sim, já estava indo embora. Você mora em Piaçavas? Posso lhe dar uma carona, se não estiver de carro.

Acácia pega a bolsa e a pendura no ombro. Caminhamos lado a lado, sentindo o ar frio da manhã. Eu enfio as mãos nos bolsos, fingindo calma. Na verdade, ficar ao lado da irmã da Íris está me deixando nervoso.

— Não, acabei de chegar, estou em uma pousada no centro da cidade. Faz algum tempo que não visito a minha cidade, na verdade, desde a morte da Íris. Tudo foi muito dolorido, primeiro minha irmã, depois o meu pai, então eu fui embora. Fui estudar na capital, levei um tempo por lá, mas as coisas não deram muito certo. Aí, num belo dia, encontrei com uma amiga que há muito tempo não via. Sabe aqueles encontros inusitados? — Ela me encara sorrindo e isso mexe comigo. Devolvo o riso.

— Sei bem como é — lembro-me do meu encontro com a Íris — aquelas situações que você não sabe explicar. — comento, pensativo.

— Pois é, estava no shopping no meu horário de almoço. O engraçado é que eu nem ia almoçar, mas de repente resolvi ir. Eu praticamente esbarrei nela, e conversa vai, conversa vem, eu lhe disse que estava querendo voltar para o interior e que só precisava de um emprego. Por incrível que pareça, ela me disse que abriram uma clínica veterinária em São Pedro e que estão precisando de uma recepcionista, então aqui estou eu. Talvez seja o meu dia de sorte, estou indo à tal clínica, só espero que a vaga não tenha sido preenchida.

Quase dou um pulo para trás quando ela termina de falar. Coincidência? Será?! Bem, não sei, pois não acredito em coincidências, acho que tudo tem um motivo, mas o problema é... Qual o motivo para a irmã da Íris aparecer tão de repente e justamente se candidatar à vaga de recepcionista em minha clínica? Eis a questão. Será que seria uma boa ideia contratá-la? Será que essa proximidade não me deixaria muito mais confuso do que já estou? Afinal, eu quero esquecer a Íris.

— Qual a sua formação? Acho que precisa de uma certa experiência para se trabalhar em uma clínica veterinária, não é? — Finjo-me de desentendido.

— Sou farmacêutica e atualmente trabalho em um grande laboratório, mas se eu conseguir esse emprego, largo tudo e venho para cá. — Chegamos ao estacionamento do cemitério.

— Não se incomoda em ganhar menos? Acho que o salário de uma recepcionista é bem menor do que o de uma farmacêutica. — Fico curioso, ela seria louca de largar um emprego bem remunerado e de carreira. A não ser que estivesse fugindo de algo, ou de alguém.

— Eu sei, mas às vezes precisamos escolher entre a felicidade e o

dinheiro — Estende o braço, oferecendo a mão. — Foi um prazer, Jordan, espero que possamos nos encontrar se eu for aceita no emprego.

— Estou indo para o centro, entre que eu te dou uma carona. — Aponto com um gesto de cabeça para o carro, enquanto aperto sua mão sem afastar os meus olhos dos dela. Não sei explicar, mas estou curioso em conhecer um pouco mais da irmã da Íris.

— Não, obrigada, quero ir andando, matar um pouco a saudade de São Pedro. Quando eu morava em Piaçavas sempre que podia vinha aqui passear. Adeus, Jordan, foi um prazer conhecê-lo.

Ainda estamos presos pelas mãos, sinto uma onda eletrizante percorrer o meu corpo enquanto os dedos dela apertam os meus. Não é porque ela se parece um pouco com a Íris, ou por ser irmã dela, mas é como se já a conhecesse, como se esta situação já tivesse acontecido. Só não consigo lembrar quando.

— O prazer foi todo meu, mas prevejo que nos veremos em breve. — Sorrio enquanto solto sua mão.

— Deus o ouça, Jordan, espero que o dono da clínica goste do meu currículo, quando eu o apresentar hoje à tarde.

Ela anda alguns passos de costas, acenando enquanto se afasta. Vira-se e sai andando lentamente, cabisbaixa.

Sigo para casa. Enquanto dirijo, penso na Acácia. Que coisa doida, nos dias que passei com a Íris ela nunca mencionou que tinha uma irmã, sequer deu uma pista sobre o assunto, e agora a moça surge como por encanto, bem no momento em que fui me despedir da Íris. Será que é um prenúncio para que eu não me afaste dela?

Jordan, você está ficando paranoico.

Viro a esquina e estaciono o carro em frente à clínica. Antes mesmo de descer, avisto minha mãe na frente da porta.

— Bom dia, filho! Onde estava tão cedo? Algum paciente resolveu acordá-lo? — Ela beija o meu rosto. Abro a porta, pego suas sacolas – que não são poucas – e a ajudo a entrar em casa.

— Não, fui dar uma caminhada, espairecer um pouco. — Deixo as sacolas na ilha da cozinha. Eu já sei o que tem dentro delas: meu almoço,

frutas e guloseimas para abastecer a dispensa. — Mamãe, eu já lhe disse para parar de fazer as compras — digo, enquanto retiro as compras das sacolas — Eu preciso ter o gosto de cuidar de mim mesmo, a senhora está me tirando este prazer.

— Deixe de ser ingrato. — Ela me interrompe — Estou cuidando de você até que encontre a mulher da sua vida. — Ela para o que está fazendo e me encara. — A propósito, que fim levou a tal Íris? Você não falou mais nela, como está o namoro?

Cedo ou tarde ela iria fazer esta pergunta, mamãe não se esqueceria deste assunto, mesmo que eu não tocasse nele.

— Acabou mesmo antes de ter começado. O nome dela nem era Íris. — Minto propositalmente, não quero que mamãe saia por aí à procura da moça que rejeitou o seu filho. — A moça mora na capital, estava aqui só para conhecer a festa. Não daria certo um relacionamento à distância, não sou o tipo de homem que namora online, mesmo porque ela é muito jovem, ainda está no início da faculdade e não quer atrapalhar os estudos. Portanto, nos despedimos com um adeus. Foi bom enquanto durou.

Mamãe está me encarando com um olhar pasmado, como se não estivesse acreditando em minhas palavras frias.

— Por Deus, JC, este não é o meu filho. Como pode falar assim? Você parecia tão apaixonado. Não, não... Essa moça aprontou alguma com você. Ande, diga logo qual é o nome dessa biscate...

— Mamãe! Thalia não é uma biscate, é só uma jovem que veio a uma festa na intenção de se divertir — Digo o primeiro nome que vem à minha cabeça.

— Thalia... Tinha que ser um nome esnobe, deve ser uma aventureira. Esqueça essa biscate, filho, logo aparecerá uma jovem que o fará tremer nas bases.

Solto uma gargalhada com o jeito que fala.

— Tremer nas bases, mãe? Sério isso? — Não consigo parar de rir. — Fique tranquila, por enquanto não estou à procura da mulher da minha vida, quero paz e tranquilidade para administrar a minha clínica.

Mamãe termina de arrumar tudo e puxa o pano de prato das minhas mãos. Eu estava lavando a louça.

— E por falar nisso, como anda a clientela? Está tendo retorno? Seu pai está preocupado, se estiver precisando de dinheiro é só pedir.

Desde que fui estudar fora só precisei dos meus pais financeiramente até conseguir encontrar um emprego, depois disso vivi do meu próprio salário, mesmo que fosse pouco. Não seria agora que mudaria de atitude, mesmo porque a clínica andava muito bem.

— A clientela está crescendo, tenho alguns pacientes particulares, mas em termo de contrato está melhor do que imaginei para o primeiro mês. Fora os contratos com o Walter e o Alaor, acabo de assinar com mais quatro fazendas com valores muito maiores. Estou até pensando em contratar um veterinário plantonista para quando não puder ficar na clínica.

— E uma recepcionista. — Ela acrescenta. — Do jeito que as coisas andam, você precisa de uma com urgência. A filha de uma amiga, a moça é linda de morrer...

— Mamãe... — chamo sua atenção, pois sei qual a sua intensão.

— Deixe de drama, JC, a moça é linda e precisa de um emprego, e você de uma namorada. Pronto, tudo resolvido. — Encaro-a com um olhar repreensivo. — Posso mandá-la vir aqui? — Ela nem liga para o meu olhar crítico.

— Já tenho uma entrevista marcada para hoje, e pelo o currículo da moça, acho que o emprego será dela. — Estou me referindo à Acácia, nem sei se vou contratá-la, mas faço qualquer coisa para afastar as filhas das amigas da mamãe.

— Quem é a moça? É bonita? Quem são os pais dela? Mora perto?

— Mamãe, eu não sei. A moça virá hoje ser entrevistada. — Preciso dar um fim a essa conversa.

— Quer que eu fique para ajudá-lo? Assim eu conheço a moça. — insiste.

— Não, a Jacqueline está me ajudando no período da tarde até eu contratar alguém, portanto, não se preocupe, pode ir tranquila.

— Está me mandando embora, JC? — Leva as mãos aos quadris e me encara, enfezada.

— Estou, eu preciso trabalhar, dona Martha. Até à noite. — Todas as

noites eu ia jantar com eles.

Não muito satisfeita, ela se vai.

Capítulo 13



Antes das quatorze horas, um cliente me chama na porta da clínica. Um professor da faculdade me aconselhou, certa vez, que se eu tivesse a intenção de abrir uma clínica, jamais fizesse isso próximo à minha residência. Ele alegou que os vizinhos acham que estamos sempre de plantão médico. Agora é tarde, ignorei por completo o conselho do meu professor. Deixo o meu almoço pela metade e vou atendê-lo.

— Boa tarde, doutor Jordan, desculpe vir tão cedo, mas o Ted está com alguma coisa na pata. Estou sentindo a dor dele, por favor, ajude-o.

Ted era o coelho albino da Celeste, minha vizinha do meu lado esquerdo. Ela era uma moça muito simpática, casada com o Fábio, um militar um pouco carrancudo, mas quando ele olhava para a esposa, seus olhos brilhavam e o seu rosto todo se iluminava.

— Eu que peço desculpas. Ainda estou sem recepcionista, por isso fecho a clínica no horário de almoço. — Deixo-a entrar e mostro o caminho para a sala de exames.

— A filha do Osvaldo não está trabalhando para você? — Pergunta,

curiosa.

— Não, ela só está me ajudando até que eu encontre uma recepcionista. Ela vem após a aula, mas primeiro vai em casa, almoçar. — Pego o Ted e o deito na maca. Quer dizer, tento deitá-lo.

— Estão falando mal de mim? — Nesse instante, Jacqueline mostra sua figura alegre na sala de exames. — Não me olhe assim, senhor doutor mandão, já estou indo para a senzala. — Ela nos dá as costas e sai saltitando.

— Essa menina não regula bem da cabeça. — Celeste comenta.

— Eu ouvi isso, mãe do Ted. — Jacqueline grita da recepção. — Não comece, ou eu conto que o Ted está de romance com a cadela poodle da dona Margarida, a Sherazade.

— Mentirosa, meu Ted é só amigo da Sherazade, não existe malícia entre eles. — defende-se Celeste.

— Tem mãe que é cega...

— Jacqueline — interpelo-a, antes que a brincadeira fique séria. — Tem alguns cadastros para colocar no sistema. — digo em tom autoritário.

— Sim, senhor! — Ironiza. Contudo, fica calada e a paz volta a reinar.

Dez minutos depois, Jacqueline entra na sala de exames, eufórica.

— Jordan, tem uma moça bonita pra caralho na recepção...

— Jacqueline, olha o vocabulário. — advirto-a.

— A Celeste sabe o que é caralho — diz com pressa. — A moça veio para se candidatar à vaga de recepcionista, o que eu faço?

— Leve-a para a minha sala, já estou indo. — Digo e volto a minha atenção para o Ted.

— Está louco? Aquela sala só cheira a tinta. Acho melhor deixar a moça na sala da sua casa.

Fito-a, estreitando os olhos.

— Jacqueline, faça o que eu mando, já estou indo. — Desta vez sigo até a porta e fecho-a.

— Grosso! — Ela esbraveja.

Cinco minutos depois, acompanho a Celeste até a saída. Encontro

Jacqueline jogando no notebook, fecho a máquina e olho para ela com uma sobrelance arqueada.

— A moça está em minha sala? — pergunto, enquanto enfio as mãos nos bolsos do jaleco.

— O nome dela é Acácia, um nome estranho, exótico, mas ela é bonita pra caralho — repreendo-a com o meu olhar furtivo. — Tá, tá... Ela está esperando em sua sala, doutor Jordan. Boa sorte.

Sigo sorrindo para a sala. A cadeira que a Acácia está sentada fica de costas para a porta, nem sei qual será sua reação ao descobrir que eu sou o dono da clínica.

— Boa tarde, desculpe a minha demora, estava com um paciente. — Acácia vira e, ao me ver, leva as mãos à boca.

— Meu Deus, é você! — exclama, surpresa. — Por que não me disse?

— E estragar a surpresa? Não, achei melhor ficar calado e deixar as coisas acontecerem.

— Ai, que vergonha... Eu falei uma porção de besteiras. Acho que acabei por perder o emprego. — fala com tristeza.

— Esqueça nossa conversa, foi um papo informal. Agora vamos ao que interessa, trouxe o seu currículo? — pergunto, enquanto me sento e a observo com detalhada atenção.

Acácia veste uma blusa branca de seda de mangas curtas e com botões na frente fechados até o colo, bem-comportada. Está de saia preta, com as pernas cruzadas, e eu vejo os sapatos altos e fechados alongando suas pernas esguias e de panturrilhas bem torneadas. Seu rosto tem pouca maquiagem, mas o rosa suave dos lábios me chama a atenção. Usa poucas joias, apenas um par de brincos bem pequenos e um anel em forma de crucifixo. Os cabelos longos estão presos no alto da cabeça, mas chamam atenção pela cor, volume e comprimento. O penteado deixa em evidência seu rosto e ressalta o verde-esmeralda dos seus olhos. Ela era um espetáculo de mulher, se minha mãe a visse a chamaria de nora imediatamente.

— Aqui está ele. Não encontrará nenhuma experiência em recepção, sempre trabalhei na área da saúde...

Ela está nervosa, não sei se pela expectativa de conseguir a vaga ou por

ser eu o dono da clínica.

— Não se preocupe, se acalme, Acácia. — digo, fixando os meus olhos em seu rosto. Ela sorri timidamente. Começo a avaliar seu currículo. — Nossa! Você é boa demais para uma simples vaga de recepção, tem certeza que quer mesmo largar tudo e vir se esconder em São Pedro?

— Me esconder?! — pergunta, intrigada. Ela me encara por alguns segundos, como se estivesse me analisando. — Por que acha que estou me escondendo, doutor Jordan?

— Porque é óbvio demais. Você tem um emprego invejável com um salário altíssimo e todas as vantagens de uma grande multinacional. Pode perfeitamente encontrar outro emprego muito melhor do que o atual e, no entanto, quer se enfiar em uma cidade pequena e trabalhar em uma clínica veterinária, onde nunca terá oportunidade de promoção, a não ser que eu precise de uma sócia, o que não é o caso.

— Não estou me escondendo nem fugindo, só não quero mais viver em uma cidade grande, onde tudo é movido pelo dinheiro e pela beleza e onde a falsidade reina. Cansei de viver sorrindo para satisfazer os outros, não me sinto feliz e quero ser feliz novamente, não preciso de muito para me sentir realizada.

Nossos olhares estão fixados. Quando ela para de falar, continuamos com eles presos por alguns segundos, até que eu resolvo quebrar o silêncio.

— Ok, então o emprego é seu. Pode começar quando? — Entrego-lhe a pasta com o currículo.

— Eu preciso encontrar um apartamento ou uma casa para alugar, de preferência aqui perto. Depois voltar para a capital, pedir demissão, entregar meu apartamento e arrumar a mudança. Acho que preciso de uns três dias.

— Bem, acho que posso esperar. Este será o seu salário, não posso pagar o que você ganhava na outra empresa. — Mostro-lhe o valor rabiscado em um papel.

— Eu pensei que seria bem menos, está ótimo. — Ela devolve o papel. — Acho que vou gostar de trabalhar aqui, tudo aqui é lindo e tranquilo.

— Espero que goste mesmo. Quando pretende voltar para a capital?

— Assim que encontrar um apartamento.

— Não precisa procurar, meu pai é dono de alguns imóveis. — Pego o celular. — Só um minuto. — Ligo para o papai. Ele atende. — Papai, o senhor tem algum imóvel para alugar? Não precisa ser grande. — Ele pede um minuto para verificar. — Ok, papai. Sim, é para uma pessoa amiga. Está bem, eu sei onde fica. Estou esperando o rapaz, até mais, um beijo. — Desligo.

Acácia prestava atenção a cada palavra, fitando-me curiosa com um brilho nos olhos.

— Ele tem? Não precisa ser um palácio, estou acostumada a lugares pequenos, meu apartamento na capital é um quarto, sala e banheiro. — pergunta, apressada.

— Se você não estiver com pressa, eu posso levá-la até a casa, fica a duas quadras daqui, bem pertinho.

— Não tenho outro compromisso, mas não quero atrapalhar o seu trabalho. É só me dizer onde fica, irei sozinha.

— Faço questão de acompanhá-la. — Levanto-me e imediatamente vou até ela, puxo a cadeira gentilmente e a ajudo se levantar. Nesse momento nossos dedos se tocam e uma eletricidade corre entre nossos corpos. Meus pelos e os dela se eriçam. Fito seu braço eriçado, e ela o meu. — Deve ser o ar-condicionado, está muito gelado. — Digo, sem conseguir afastar meus olhos dos dela.

Ela sorri timidamente, limpa a garganta e solta a minha mão. Deixo-a passar na minha frente, abro a porta e ela segue para a recepção.

— Jacqueline, pode fechar a clínica e ir embora. Até amanhã. — Jacqueline me encara com um olhar travesso, e eu peço em pensamento para que ela não diga nenhuma gracinha. Para evitar qualquer embaraço, saio às pressas.

— Fica em que direção? — Acácia pergunta, virando-se para mim.

— Virando a esquina, na próxima rua. É uma casa de dois quartos, sala, cozinha e banheiro. Tem um pequeno jardim e um quintal e acabou de ser reformada, eu acho que você vai gostar.

Andamos cerca de dez minutos e logo estamos em frente a uma linda casinha branca com muros altos e um grande portão de grades de ferro preto. A porta da frente e as janelas são de vidros transparentes com persianas

brancas, o que dá um charme à fachada da casa. Um rapaz que trabalha com o papai aparece e nos entrega a chave.

Acácia olha deslumbrada para a casa, seus olhos brilham de entusiasmo.

— Nossa! É perfeita. — Ela gira em torno da sala. — O piso é de madeira, que lindo. Acho que só andarei descalça nele. — Segue para o quarto principal. — É grande, só tenho uma cama e um armário.

— Depois você compra outros móveis. — falo e mostro a vista da janela do quarto. — Você gosta de flores? Terá um jardim. — Aponto para o pequeno jardim de flores coloridas.

— Estou apaixonada... — Seus olhos verdes brilhantes encontram os meus e duas rugas se formam em sua testa. — Espero que eu possa pagar o aluguel.

— Não se preocupe, os três primeiros meses serão por conta da clínica.

— De jeito nenhum — Ela me interrompe. — Não posso aceitar isso, eu quero pagar o aluguel. — afirma.

— E pagará, mas após os três meses, e não tem argumentação. — Ela tenta argumentar; a impeço, — Eu mesmo preencheri o contrato de aluguel, assim poderá voltar para a capital hoje mesmo e terá mais tempo para finalizar seus assuntos, pois você começa na segunda-feira.

Acácia tenta argumentar outra vez, mas não permito que diga uma só palavra. Assim que saímos da sua futura casa, eu a levo para a pousada e logo depois a deixo na rodoviária. Ela parte para a capital no ônibus das dezoito horas, levaria cerca de duas horas para chegar.

Fico observando o ônibus desaparecer e me sinto vazio, como se ele estivesse levando um pedaço de mim. Não sei explicar, mas as poucas horas que passei com a Acácia me deixaram com uma sensação de paz revigorante, uma paz que só senti quando estava com a Íris.

Capítulo 14



No carro, em meu horário de almoço, estou a caminho da fazenda do senhor Walter em pleno domingo, indo trabalhar. Não estou reclamando, eu já sabia que seria assim quando escolhi medicina veterinária, principalmente quando se escolhia morar em uma região repleta de fazendas. Por alguns segundos, contemplo a linda paisagem. Árvores frutíferas ladeando a estrada, gados espalhados por vários pastos, cavalos espetaculares galopando ao ar livre, borboletas se misturando aos pássaros. Puxo o ar lentamente para os pulmões sentindo o cheiro do mato e da grama molhada pela fina chuva que acabara de cair. O vento fresco que entra através da janela do carro me inebria, não me arrependo nem por um segundo em ter escolhido aquela região para abrir a minha clínica.

Assim que viro à esquerda, seguindo uma curva fechada, freio o carro bruscamente. Um bezerro atravessa a estrada e quase o atropelo, não sei como consegui parar tão rápido, meu reflexo foi imediato.

Baixo a cabeça encostando a testa no volante, meu coração bate tão

apressado que quase consigo escutá-lo. Minhas mãos tremem, respiro com dificuldade. Se eu não tivesse sido rápido, meu carro capotaria com a batida violenta. Nem quero imaginar as consequências de tal acidente. Ergo a cabeça lentamente, e assim que os meus olhos alcançam o horizonte, eu a vejo.

Íris está parada no meio da estrada, há alguns metros do meu carro, cabelos ao vento, vestida de branco. Tão linda, tão viva, tão perfeita. Ela sorri e acena timidamente.

Não consigo reagir, estou atônito. Só então, eu compreendo a rapidez dos meus reflexos. Foi ela, foi a Íris que me ajudou, ela acabara de salvar a minha vida. Vejo-a caminhar em direção ao acostamento e ela faz um gesto com a mão, mandando-me seguir. Ligo o carro e sigo lentamente, passando por ela, olhando-a confuso, extasiado. Vejo-a desaparecer através do espelho retrovisor. A expressão atordoada desaparece do meu rosto, dando lugar a um sorriso tranquilo. Acabo de ser salvo por um anjo, um anjo que foi o meu primeiro amor.

Só então eu me dou conta que desde o dia em que a Íris desapareceu da minha vida, eu não sinto mais tristeza, solidão ou amargura. E vendo-a agora o que senti foi paz, admiração e saudade.

Minha linda flor, obrigado por me salvar.

Sorrio enquanto penso nela e sigo porteira adentro, até estacionar o carro. Walter já está à minha espera com um sorriso franco no rosto.

— Bom dia! Ou boa tarde, pelo horário, acho que é boa tarde... — comenta Walter, apertando minha mão.

— Ainda não almocei, então para mim é bom dia. — Pego minha valise e toco com a mão o seu ombro. — Então, o que aconteceu? São as éguas?

— Primeiro o senhor comerá algo, não admito que trabalhe de estômago vazio.

— Walter, não estou reclamando, só fiz um comentário. Não precisa se preocupar, estou bem.

— Nada de bem, saco vazio não fica de pé. Venha, vamos até a cozinha, nossa cozinheira fez um cozido de lambar os beiços.

Não consigo dizer não ao Walter, principalmente quando ele se senta à

mesa para me acompanhar no almoço. A mesa posta abre meu apetite: pirão, carnes variadas e muitas verduras e legumes.

— Você está sabendo que a filha do Joel, a Rebecca, está desaparecida? — Ele pergunta despretensiosamente, enquanto corta a carne com a faca.

— Não. Ela desapareceu quando? — Joel é um dos meus mais novos contratantes e muito amigo do Walter, o homem era podre de rico.

— No último dia do baile de São Pedro. A polícia esteve aqui fazendo perguntas. Minha filha Victoria é amiga da Rebecca, e no domingo, ela e mais duas amigas, foram para a festa. Só deram por falta dela quando estavam vindo embora.

— Como assim? As amigas não a viram com alguém? Deixaram a moça sozinha?

— Victoria nos contou que ela só saiu de perto delas quando foi ao banheiro, e quando estavam prontas para irem embora foram procurá-la. Elas pensaram que a moça tinha se encontrado com algum amigo e resolvido voltar para casa, já que a Rebecca não gostava muito de festa.

— E só agora deram falta da moça? — pergunto, curioso, lembrando do que a Íris me contou.

— Não! Na manhã seguinte, a mulher do Joel ligou para cá perguntando sobre a filha, e quando a Victoria disse que pensava que a Rebecca estivesse em casa, eles ligaram para a polícia. Daí por diante começaram as buscas.

— Não soube de nada, e olha que eu tenho muitas clientes que sabem da vida de todo mundo.

— A polícia está mantendo sigilo, estão investigando.

— Será que a moça fugiu? — pressupus.

— Não, Rebecca é filha única, rica, os pais fazem todas as suas vontades. Ela já viajou o mundo, se fosse para fugir, fugiria para o exterior. Essa hipótese foi descartada. — Walter fica pensativo. — Sabe, há oito anos uma moça foi encontrada morta lá para os lados da antiga represa, no pântano. Ela foi estuprada e asfixiada, desapareceu também no último dia da festa e foi encontrada um mês depois.

— A polícia acha que vai acontecer o mesmo com essa moça? — Começo a me preocupar, a Íris me disse que tinha uma moça passando pelo

mesmo que ela passou.

— Não, isso foi há oito anos, provavelmente foi algum filhinho de papai que bebeu demais, violentou a moça, e para não ser reconhecido, a matou. O assassino da menina possivelmente está casado com filhos e morando no exterior, ou bem longe daqui. No caso da Rebecca, segundo o Joel, a polícia acha que ela foi sequestrada e os sequestradores estão fazendo pressão para pedir um resgate alto, por isso ainda não entraram em contato com a família.

— Houve outros casos de desaparecimento aqui em São Pedro? — pergunto.

— Houve, quatro moças desapareceram na mesma semana que ocorreu a morte da primeira, mas a polícia chegou à conclusão que as moças fugiram. Elas tinham motivos, eram pobres e sofriam opressão do pai. Sabe aquele tipo de pai carrasco? Tem muitos deles por aqui. E como não encontraram os corpos e nem pistas das moças, arquivaram os casos.

— E eu pensei que só na cidade grande que acontecem essas coisas.

— Em todos os lugares há maldade, meu filho. As pessoas não estão livres das energias negativas, precisamos ser vigilantes, sempre fazer o bem e orar muito.

— Espero que os sequestradores liguem logo e libertem logo a moça. Nem imagino o que ela deve estar passando.

— E os pais dela? Não quero nem imaginar o que eu faria se estivesse no lugar deles. Deus me livre, depois disso eu contratei um segurança, minha filha só sai com ele na cola.

Após aquela notícia eu perdi o apetite, acho que o Walter também. Deixamos a comida de lado e fomos ver as éguas. Voltei para São Pedro duas horas depois, já estava fechando a garagem quando meu celular tocou.

— Alô! — atendo, enquanto tento colocar a chave na fechadura da porta de casa.

— Oi, sou eu, a Acácia, espero não estar interrompendo nada. — Ela parece eufórica, sua voz oscila entre uma palavra e outra. — Jordan? — Ela chama minha atenção.

— Oi... Não, não atrapalha em nada. Está precisando de alguma coisa? — Um pouco atordoado – não sei por que – respondo.

— Preciso de sua ajuda... — Eu sei que ela sorriu — com a mudança. Será que você pode vir até aqui?

— Em Salvador?! — exclamo.

— Não, aqui em São Pedro. Acabei de chegar em minha nova casa e preciso de ajuda. Eu prometo recompensá-lo.

Não poderia escutar notícia melhor. Não sei explicar, mas uma felicidade instantânea aflora dentro de mim.

— Já estou indo. — Desligo o celular, fecho a porta outra vez e sigo a caminho da casa da minha nova amiga e recepcionista.

Antes de virar a esquina, tenho a impressão de que estou sendo seguido. Paro e olho para trás, espero alguns segundos e, enquanto isso, avalio os arredores, mas não vejo nada. Volto a andar, e no terceiro passo, um vento forte bate em minhas costas e o cheiro inconfundível da Íris penetra em minhas narinas.

— Íris. — Olho por cima do ombro e chamo-a. — Íris, é você? — Minha nuca se arrepia e sinto outra rajada de vento, desta vez em meu rosto, e o cheiro dela fica mais perceptível. — Minha flor. — digo com carinho. — Obrigado por ter me ajudado hoje mais cedo. — Espero-a surgir, mas nada acontece. Então volto a caminhar.

Algo bate em minhas costas. Quando viro a cabeça, olhando para trás, meus olhos seguem para o chão e, jogado bem próximo aos meus pés, lá está um buquê de flores de Íris.

— Íris, não faz isso... — Outra vez sinto o seu cheiro e sinto uma carícia leve em meu rosto, como dedos escorregando levemente sobre minha pele. — Íris... — Respiro profundamente seu cheiro suave, então eu sinto um beijo, como se seus lábios tocassem minha face. — Íris, eu... eu sinto tanto a sua falta. — A emoção me toma, e junto vem uma vontade de chorar. Eu quero abraçá-la, beijá-la. Quero senti-la em meus braços novamente. — Íris, minha flor...

Estou de pé em uma esquina, em plena tarde de domingo, de olhos fechados, sendo beijado por um espírito – fantasma, não sei como chamá-la. Só sei que para mim ela é bem real.

— Jor... dan... siga seu caminho, não tenha medo... sejam felizes, vocês nasceram um para o outro... e sempre amarei você...

Escuto o seu sussurro, mas não consigo entender o que quer dizer, principalmente o “você nasceu um para o outro”.

— Íris, apareça, eu quero vê-la.

— Não é a hora, meu amor. Agora vá, ela está à sua espera...

— Íris...

— Seja feliz, entregue-se. — Eu a vejo vagamente. Seu rosto lindo sorrindo e sua mão em meu rosto, alisando-o, até que tudo desaparece...

— Jordan... Jordan... — Escuto uma voz atrás de mim. Viro-me. — Você está bem? Com quem estava falando? — Acácia me encara com espanto e preocupação.

— Não... quer dizer, sim, estou bem. E não, não estou falando com ninguém. — digo, um pouco atrapalhado.

— Que susto! Eu o vi aqui parado, chamei por você, mas você não respondia. Pensei que estava passando mal. — Ela continua me observando.

— Estou ótimo. — Puxo-a para o meu corpo e a abraço, ela recua assustada, fitando-me em assombro. — Um abraço de boas-vindas. E então, vamos arrumar a bagunça?

Ela sorri, voltando para os meus braços. Nós caminhamos abraçados em direção à sua casa.

Capítulo 15



Parado no centro da sala, fico admirado com a bagunça de caixas espalhadas por todos os lados. Os móveis já estavam montados, o que me deixa surpreso.

— A que horas a mudança chegou? — pergunto, enquanto dou alguns passos em direção à cozinha.

— Nas primeiras horas da manhã. — Acácia responde. Viro-me, e ela me encara com um olhar culpado, e eu a fito com um de censura. — Não me olhe assim, Jordan, não queria incomodá-lo, não tenho esse direito. Era cedo demais para acordar alguém em pleno domingo.

— Em primeiro lugar, você não me incomodaria, e em segundo lugar, além de você ser minha funcionária, já a considero uma amiga. Portanto, amigos ajudam os outros. — Ela estica os lábios em um lindo sorriso, igual ao sorriso da Íris. — Quem montou os móveis?

— Os montadores da transportadora, eles desmontam e montam. — Acácia pega uma caixa nos braços.

A caixa parece bem mais pesada do que imaginava, então ela se

desequilibra quando tropeça em um pequeno banco que estava à sua frente. Com rapidez, dou dois passos e a seguro pela cintura, evitando uma queda feia.

— Você está bem? — Acácia e Íris têm o mesmo cheiro. Ao segurá-la, meu rosto se aproxima dos seus cabelos, e assim que me afasto, me inclino para fitá-la. Nossos rostos ficam próximos. — Machucou? — pergunto pausadamente, sem conseguir desviar os olhos dos dela. Uma onda de eletricidade corre por minhas veias, o meu coração começa a bater acelerado e sinto o dela na mesma frequência através de sua caixa torácica, que está colada à minha. Nem piscamos e mal respiramos.

— E-estou... — Acácia desvia os olhos dos meus para olhar para baixo. — Oh, não! — exclama, levando as mãos à cabeça. — Espero que não tenham se quebrado. — Ela se agacha, rompendo assim o nosso contato.

Só então eu percebo que a caixa caiu de suas mãos quando a socorri. Agacho-me também e começo a ajudá-la. É a caixa de pratos, e não conseguimos salvar nenhum, quebraram-se todos.

— Que merda! E agora, como servirei o jantar para você? — Ela pega um caco de um dos pratos e eu o tomo de suas mãos, nossos dedos se tocam e nossos olhares se fixam.

Ficamos assim por alguns segundos, tentando entender o que estava acontecendo. Pelo menos eu estava completamente confuso. Eu sei que existia uma linha tênue entre a Acácia e a Íris, eu só não queria confundir as duas e nem os sentimentos que tinha por elas. Sentimentos? Acho que já estava começando a confundi-los.

Jordan, ela é a irmã da Íris, não a Íris.

— Não se preocupe com isso, existem restaurantes em São Pedro. — Pego o caco de porcelana e o jogo dentro da caixa, em seguida a ajudo a se levantar. — Deixe que eu mesmo levo esta caixa para o quintal, não quero que se machuque.

Pego a caixa, levando-a comigo. Acácia não faz mais nenhum comentário, apenas me segue com o olhar. Chego ao quintal e deixo a caixa em um canto qualquer, porém encosto-me em umas das paredes e respiro fundo, viajando em meus próprios pensamentos. O que está acontecendo, por que Acácia mexe tanto comigo? Eu mal a conheço...

— Jordan, está tudo bem aí?

Acácia me chama. Respiro profundamente outra vez, passo as mãos nervosamente pelos cabelos. Ergo-me, viro-me para a porta, respiro outra vez.

— Já estou indo. — Encontro minha futura recepcionista organizando a cozinha, caixas e mais caixas abertas; panelas, copos, talheres, taças, xícaras, aquelas caixinhas de plásticos... não sei onde caberão tantas coisas.

— Não se preocupe, nós vamos conseguir organizar tudo isso se você não ficar aí parado, me olhando. — Ela faz um aceno com a mão, me chamando, dou de ombros e vou até ela.

Durante o restante da tarde conseguimos arrumar a cozinha, a sala, o banheiro e um dos quartos.

— Nossa, eu pensei que não acabaríamos hoje. — Exaustos, nos jogamos na cama de casal do quarto principal e ficamos olhando para o teto por alguns segundos.

— Até que não foi tão difícil. — Ela gira o corpo em minha direção e sustenta a cabeça com a mão. — Ficou perfeito, não foi?

Faço o mesmo, viro-me de lado e sustento a cabeça com a mão, olhando-a com intensidade.

— Claro que ficou, o trabalho pesado ficou para mim. — digo, sustentando seu olhar.

— Sim, senhor modesto, eu não fiz nada, não é? — Ela sorri, levando a cabeça um pouco para trás, o que lhe dá um charme exótico.

— Fez, mas o pesado ficou para mim. — Acácia volta a me encarar, para de sorrir, molha os lábios com a ponta da língua. Isso me deixa com uma vontade louca de puxá-la para beijar sua boca de lábios carnudos.

Jordan, o que está acontecendo com você?

Levanto-me rapidamente e sigo para a sala. Estou intrigado, imaginando coisas e procurando adivinhar o que poderá acontecer daqui por diante. Acácia me perturba de um jeito que estava me incomodando. Não entendo a velocidade das coisas, eu a conheço há pouco dias e já estou com pensamentos íntimos demais para a nossa relação profissional. Não sou um homem volúvel, nunca o fui, e o que aconteceu entre mim e a Íris foi real, eu

me apaixonei por ela.

Não, não pode ser, já estou pensando na Íris e no passado. Mas que inferno.

Das duas uma, ou estou confundido as irmãs e o meu coração está correndo para os braços da que é real, ou me tornei um canalha.

Escolhi um restaurante para jantarmos não muito longe de casa. Fomos andando, assim Acácia matava a vontade de apreciar a noite fria de São Pedro. A pequena cantina italiana era bem aconchegante. Acácia admirou o exterior incrível, ostentando simplicidade e delicadeza, as mesas com suas toalhas quadriculadas em vermelho e verde, candelabros em seus centros e uma música romântica tocando ao fundo. Minha adorável convidada vestia uma saia longa e florida, uma blusinha de alcinhas, e para se aquecer do frio, um lindo casaco de lã preta. Optei por uma calça jeans, camisa social de mangas compridas azul-marinho e um casaco amarrado despretensiosamente sobre meus ombros.

As pessoas nos olhavam com curiosidade e admiração. Para falar a verdade, acho que eles estavam olhando para Acácia, a beleza dela chamava muita atenção. Ajudo-a a se sentar e ela ignora os olhares curiosos, tocando de leve nas pétalas das rosas de um vaso e inclinando-se para aspirar o seu aroma.

No entanto, não consigo me manter indiferente à sua beleza. Fico extasiado, contemplando sua figura bonita e graciosa.

Lentamente, aproximo-me dela, fazendo-a me encarar.

— Você está linda. — exclamo, encantado.

Seus olhos brilham de satisfação com o elogio e o meu coração começa a bater acelerado, como se estivéssemos apaixonados. Ela baixa os cílios e um sorriso meigo aflora em os seus lábios, quando volta a me encarar.

— Você está me deixando sem graça, Jordan.

— Não, estou sendo sincero — confesso. — Sua beleza é radiante, mas eu acho que você já sabe disto, não é? Você e sua irmã seriam uma dupla infalível, se ela não tivesse... — me interrompo.

— Se ela não tivesse morrido — afirma, tristemente. — Nem tanto, a Íris e eu eramos muito parecidas exteriormente, mas diferentes no interior.

Ela era uma flor silvestre, colorida, podia se adequar a qualquer ambiente. Queria conhecer o mundo, namorar, viver a vida sem mordanças e algemas. Eu sempre sonhei com pouco, o que eu mais queria era fazer uma faculdade, e consegui. Quanto aos demais sonhos, eles são simples, como eu. Morar em um lugar tranquilo, casar, ter filhos, amar muito e ser amada pela pessoa que me escolher para ser sua. — completa, e o seu semblante se mantém tristonho.

Sinto meu sangue ferver e se espalhar por todo o meu rosto, pois os sonhos dela são um pouco parecidos com os meus. Apesar de não fazer planos para um futuro casamento, eu sempre quis me realizar profissionalmente, viver em um lugar tranquilo e encontrar uma mulher para amar. Meus olhos, perturbadoramente alarmados, fitam-na sem entender o que se passa nesse momento. Seguro sua mão, acariciando levemente seus dedos com os meus.

— Eu sinto muito, não queria deixá-la triste. — desculpo-me.

— Está tudo bem, faz tempo que não penso em minha irmã. Quando ela faleceu, eu evitava comentários ou especulações, ver o sofrimento dos meus pais era o bastante. Por isso, após a morte do papai e quando a mamãe voltou a sorrir, eu fui embora de Piaçavas. Não conseguia ver o olhar de piedade das pessoas dirigidos a mim.

Os lábios tensos e trêmulos davam ao seu rosto uma expressão dolorida.

O garçom chega à nossa mesa e pergunta se já nos decidimos sobre o pedido. Acácia deixa a escolha nas minhas mãos, então eu peço uma massa leve com mexilhões e vinho branco para acompanhar.

— Então, por que voltou para cá? — pergunto, encarando-a.

— Não consegui me adaptar à cidade grande, mesmo evitando algumas situações, não deu para fingir que estava feliz.

— Desculpe-me, mas não consigo entender os seus motivos. Você tinha um emprego dos sonhos, uma carreira fantástica. Acho que esses eram motivos suficientes para fazê-la mandar à merda todas as outras coisas e ficar — articulo.

— Jordan, fui criada em um lar cheio de amor, respeito e confiança. E não era só dentro da minha casa, nossos vizinhos eram amigos, uns ajudavam os outros. Quando cheguei na capital, percebi que amigo era aquele que

poderia te oferecer mais do que o outro, tudo dependia da moeda de troca. As mulheres só valorizavam o dinheiro e os homens a beleza e a gostosura...

— Por Deus, Acácia! — interrompo-a, estremeando ante sua afirmação.

— Sabe perfeitamente que é assim, Jordan. Você viveu na cidade grande também, não estou exagerando. Talvez tenhamos isso também em cidades pequenas como São Pedro, Piaçavas, mas não em grandes proporções. No meu trabalho, apesar do salário excelente e de um futuro promissor, vivia sufocada e pisando em ovos, pois sempre tinha alguém querendo puxar o meu tapete ou algum engraçadinho querendo tirar proveito da minha ingenuidade.

— Acácia, é assim em todos os lugares, não pense que aqui é diferente, cedo ou tarde você vai se deparar com situações semelhantes. As pessoas são pessoas em todos os lugares, ser humano é isso. O importante é que você seja você mesma, sem se preocupar com a opinião dos outros, seguir em frente e pronto.

Permaneço com minha mão sobre a dela. Acácia inclina o rosto, olhando para os meus dedos que alisavam os seus. Depois de algum tempo, ela ergue a cabeça e me encara. Permanece imóvel, com os olhos fixos em meu rosto. Inquieto, mexo-me na cadeira de um lado para outro. Acácia passa um dedo por cima do meu e faz uma carícia lenta em minha mão.

— Eu conheci uma pessoa... — Eu sabia que essa atitude severa tinha a ver com uma desilusão. — Faz algum tempo. Pensei que ele era diferente, me envolvi. Quer dizer, me apaixonei. Ficamos três anos juntos, conheci a família dele, os amigos... fizemos planos para nos casar e já estava combinado que ele viria conhecer meus pais para marcarmos a data do nosso casamento.

Ela para quando o garçom vem nos servir. Assim que o garçom se vai ela continua, mas antes bebe um gole da taça de vinho branco.

— Um belo dia, ele chegou de viagem. Ele trabalhava em uma outra cidade, só nos víamos duas vezes na semana e sempre em finais de semanas alternados. — Ela respira profundamente, fecha os olhos por alguns segundos e continua: — Só que ele não me avisou, fiquei sabendo por intermédio de uma amiga do trabalho. Sem saber, ela me perguntou se o Felipe estava melhor. Claro que eu quis saber o que estava acontecendo, então ela me contou que o viu na farmácia pedindo remédio para infecção e febre. Ela

morava perto dele, fiquei louca de preocupação, pois isso havia acontecido no sábado. Saí do trabalho às presas e fui para o apartamento dele. Eu tinha a chave, e quando entrei, dei de cara com uma mulher e duas crianças.

Quando ela terminou, me encarou e me viu observando-a, muito pálido.

— Quem era a mulher? — quis saber, com voz carregada de consternação. — Não é o que estou pensando?

— É, sim, era a esposa dele e os dois filhos. Felipe não estava no apartamento quando eu cheguei, então eu inventei uma desculpa, disse que era a diarista e só tinha ido avisar que não poderia trabalhar naquele dia. Deixei meu nome e fui embora.

— E ele, foi te procurar depois?

— No mesmo dia e com as desculpas prontas. As de sempre, que todo homem casado descarado usa. Que ele não vivia bem com a esposa, que não eram felizes e que só não se separou ainda por causa dos filhos, mas o que vi nos olhos da mulher dele era que eles viviam muito bem.

— Você o mandou à merda, não mandou?

— Mandeí, e depois disso nunca mais confiei em ninguém. — Ela estava fazendo um esforço descomunal para não chorar. — O que mais me doeu não foi ele mentir, foi a família e os amigos dele apoiarem a mentira. Todos sabiam que ele era casado, mas fingiam não saber. Me chamavam de nora, cunhada, irmã... meu Deus, foi muito doentio.

— Então esse foi o real motivo para você largar tudo e vir embora.

— Foi, eu não conseguia olhar ninguém de frente, estava me sentindo suja.

— Mas não foi culpa sua, o canalha foi ele, ele a enganou. Merecia uma boa surra, o filho da puta. — Ela me olha com espanto. — Desculpe, mas esse cidadão é um filho de uma cadela, mau caráter, e eu não admito que se sinta mal por esta situação. Você é a vítima, mas que merda!

Ela volta a me olhar com espanto, mas desta vez sorri.

— Vamos mudar de assunto. Eu estou bem, superei o cretino, mudei de cidade, de emprego e de amigos. Quero recomeçar, é o que pretendo fazer.

— Então um brinde ao recomeço. — Levanto a taça, ela brinda e começamos a comer, conversando animadamente.

Capítulo 16



...Dez dias depois...

Rapidamente, os dias passaram e a minha rotina se restabeleceu. Acácia aprendeu rápido as atividades da clínica e se transformou em meus dois “braços direitos”, e a cada dia estávamos nos tornando mais amigos. Às vezes, chego a me perguntar se não nos conhecemos de algum lugar, pois o vínculo entre nós estava se apertando. Sinto um carinho muito forte por ela, tanto que me pego pensando nela e no que ela está fazendo quando não está ao meu lado. Após o expediente, sempre encontro uma desculpa para ficar um pouco mais ao seu lado. Passeamos de carro pelas ruas da cidade, à procura de distração. Todas as noites jantamos juntos e sempre conversamos de forma descontraída. Deixo-me contagiar pelo seu riso lindo, nossa amizade estava crescendo de uma forma despreocupada e informal.

Lembro-me com frequência de como foi o nosso primeiro encontro. Na ocasião, os meus pensamentos não pareciam fluir com facilidade, estava confuso com toda a bagunça que a Íris deixou em minha cabeça. Ainda me sentia assim, mas já não com a frequência de antes, já que não penso mais na Íris como pensava. Acho que isso se deve ao fato de não tê-la visto mais. A Íris simplesmente sumiu, literalmente. Antes eu tinha a impressão de ela estar ao meu lado, ou me observando, mas desde que a Acácia se tornou mais frequente em minha vida, aquela sensação desaparecera. Raras vezes, depois de um breve silêncio, batia uma saudade sufocante do meu primeiro amor, minha linda flor Íris. Era como se uma corrente elétrica ligasse nossas mentes telepaticamente, e isso sempre me surpreendia. Porém, penso com amarga ironia que isso era absolutamente surreal. Ainda quero acreditar que tudo o que aconteceu entre a Íris e eu foi vivido através de um sonho. Quero muito crer nisso, mesmo quando a cruel realidade bate em minha cara. Eu me comuniquei com uma pessoa morta, e o pior, nos apaixonamos. Talvez ainda haja um laço entre nós, apesar de saber – queria muito acreditar nisso – que aquele laço não era plausível.

Contudo, mesmo ainda sentido uma forte ligação com a Íris, não podia negar que a Acácia estava fazendo meu coração palpitar mais forte, principalmente quando estávamos juntos. Mesmo sob a aparência de compatibilidade e compreensão, outros fenômenos estavam acontecendo, e eu sabia que a Acácia tinha consciência disso. Quando, num casual contato, nossas mãos se tocavam ou nossos olhares se cruzavam, estabelecia-se entre

nós uma tensão que impedia que ficássemos nos encarando por muito tempo.

Um dia, ela estava arrumando o meu consultório e tropeçou no tapete. Para que ela não desmoronasse, rapidamente eu a segurei em meus braços. Foi por pouco que não nos beijamos, ficamos com os nossos rostos tão próximos que eu pude sentir sua respiração ofegante e os nossos batimentos cardíacos se confundirem. Ficamos paralisados em nosso olhar. As maçãs do seu rosto levemente rosadas, a boca entreaberta, ela sequer piscava. Percebi, através do brilho dos seus olhos, a chama da paixão refletida e, antes de tirar as mãos do seu corpo, ela se inclinou rapidamente. Só não nos beijamos porque desviei o rosto, erguendo-a discretamente para que se recuperasse do susto.

Sabendo da atração que estávamos sentindo, procurei me manter afastado, apesar de querer muito ficar ao seu lado. No entanto, eu sei que não estava certo alimentar tal sentimento. Ela era a irmã da Íris, eu podia perfeitamente estar confundido os sentimentos, ou pior, as irmãs.

— Bom dia, dona Melina, já foi atendida? — Escuto a voz da Acácia vinda da recepção. Ela está atrasada, e isto só acontece quando ela encontra algum amigo no caminho. — Só um minuto, que eu já venho atendê-la. — Agora eu tenho certeza que ela tinha encontrado algum amigo.

Saio às pressas do meu consultório. Acácia pensa que ainda estou em casa. Assim que chego à recepção, eu a encontro com um pequeno cão nos braços.

— Acácia! — Ela corre para a sala de atendimento e eu sigo atrás. — Bom dia, dona Melina. — cumprimento rapidamente a senhora com um pequeno gato no colo. — Acácia, volte aqui! — Ela segue para os fundos da clínica. — Acácia, não fuja de mim. — Consigo alcançá-la, e ela tenta esconder o pequeno cão.

— Eu o encontrei na rua, perto de casa. Ele precisa de cuidados. Por favor, Jordan, o examina. Olha a carinha dele, está triste. — Ela acaricia o focinho do cão, e o pequeno trapaceiro emite um grunhido manhoso.

— Acácia, você não pode adotar todos os animais que encontra na rua. — digo, fitando-a com carinho. — Você já tem dois gatos, como dará conta de um cachorro? — Acácia não pode ver um animal abandonado que quer logo cuidar dele, se eu não fosse enérgico com ela, a essa hora já estaria com uns seis cães e uns cinco gatos.

— Eu gosto dele. E ele gosta de mim — Beija o focinho do cão. — Ele pode ficar aqui e ser o nosso mascote, o que acha? Será o seu cão de guarda!

— Cão de guarda! De onde você tirou isso? Olhe para ele, mal consegue cuidar de si mesmo. Não... não e não, eu cuido dele, mas depois ele irá para o abrigo.

— Não! — Ela me interrompe, abraçando o cachorro, protegendo-o. — Abrigo não, ele ficará doente e sentirá a minha falta.

— Acácia, pare de drama, você acabou de conhecer o cão. Ele ficará bem, agora traga-o, vamos examiná-lo. — Viro as costas e caminho para a sala de exames.

— Você é mau, nem parece um veterinário. Como pode pensar em levar essa criaturinha tão linda para um abrigo? — Ela me segue sem parar de reclamar.

— Deite-o aqui. — digo, sem lhe dar atenção. — Ande, Acácia, deite-o na maca. — Ela me encara com um olhar suplicante. — Não, você não ficará com o cão, animais precisam de cuidados e atenção, e você não tem tempo. Além do que, já tem dois gatos brigões em casa, e se eu permitir que fique com o cão, logo surgirão outros bichos. Não e não.

— Só esse, eu juro. Será só esse...

Seus olhos marejam, e eu quebro completamente.

— Não faça isso comigo, Acácia, não chore... — Ela baixa os cílios e uma lágrima escorrega lentamente. — Merda, Acácia, não sofra. — O cão grunhe, escondendo o focinho com as patas, o chantagista filho da mãe. — Faremos o seguinte, vou examiná-lo e deixá-lo em observação por vinte e quatro horas, se ele não apresentar nenhum sintoma grave, fico com ele e você cuida dele, ok?

— Você é o melhor patrão do mundo. — Ela voa em meu pescoço, beijando meu rosto demoradamente.

— Eu sei que sou, mereço uma medalha — digo, olhando-a nos olhos. Eles me encaram com um brilho tão intenso que quase sou puxado para os braços da sua dona, o magnetismo nos prende por alguns segundos e o desejo insolente atordoa meus pensamentos. — Acho que o pequeno chantagista está com fome — Desvio os olhos para o cãozinho, que choraminga, lambendo minhas mãos.

— Dengoso, o nome dele será Dengoso.

— Dengoso! — exclamo, interrompendo-a. — Onde arrumou esse nome? Coitado do cãozinho. — Acácia me encara com as sobrancelhas juntas, ficou zangada, e quando fica zangada, fica ainda mais linda.

— Um dia eu conto. E não ria de mim, ele tem cara de dengoso. — Inclina-se para admirar mais de perto o cachorrinho, e ele começa a grunhir baixinho.

— Chantagista filho da mãe. — Outra vez recebo um olhar de insatisfação. — Ei, não me olhe assim, esse cão é esperto, não posso negar isso.

Dengoso é um vira-lata de pelos pretos e olhos brilhantes que está bastante maltratado. Tem algumas feridas e alguns carrapatos, está muito magro também, ele não duraria muito nas ruas.

— É, pequeno chantagista, você é um cãozinho de sorte, sabia?

— Dengoso, o nome dele é Dengoso. — Sou advertido veementemente.

Examino o Dengoso e deixo a Acácia fazer o resto, o cão precisa de um banho de tratamento para pulgas e carrapatos, assepsia nos ferimentos e ração. Antes de seguir para a recepção, observo-a através do vidro da porta. Será que ela se lembra de quando nos vimos pela primeira vez? Porque eu lembrava de cada detalhe do nosso primeiro encontro, principalmente do brilho inconfundível dos seus lindos olhos verdes. E naquele momento, eles brilhavam intensamente enquanto encaravam com carinho o pequeno cãozinho.

Encontrei outra flor sensível, delicada e com um coração maior do que ela mesma. Às vezes eu não sabia quem era quem, pois as duas irmãs eram tão parecidas. Só espero não as estar confundindo, pois estava tudo muito confuso. Ainda não tinha conseguido esquecer o que vivi com a Íris, talvez por isso eu não saiba direito o que estava sentindo realmente pela Acácia. Não sei se são vestígios dos sentimentos que senti ou ainda sinto pela Íris, sei lá! Talvez a Acácia só me visse como um bom amigo... não sei de mais nada.

Continuo a observá-la.

Talvez eu estivesse impressionado com a sua inocência. Não sei, eu só não queria magoá-la. Todavia, não posso continuar lutando uma guerra desconhecida, preciso saber qual é a intensidade dos meus sentimentos por

ela.



...Alguns dias depois...

— Isso não vale, senhor sabichão! Você já assistiu todos os filmes do Harrison Ford. — Acácia se levanta do tapete com a vasilha de pipoca nas mãos.

— Sim, até os mais antigos. — respondo, levantando-me também.

— Quer mais pipoca? — pergunta, esticando o pescoço para me encarar.

— Não, estou enjoado de tanta pipoca que comemos hoje.

É uma noite chuvosa de sábado, Acácia me convidou para assistirmos alguns filmes, e claro que eu aceitei. Os últimos dias entre nós ficaram mais tensos. Nossos olhares fixados e toques de mãos e de corpos aconteciam com mais frequência, mal conseguíamos conversar sem nos fitarmos intensamente. Não restava dúvida de que existia uma atração entre nós, só não sei se eu estou pronto para enfrentar a realidade nua e crua disso. A Íris ainda está presente em meu coração, e sentir o que estou sentindo me fazia sentir um canalha, um traidor. Quero acreditar nos meus sentimentos, mas às vezes acho que eles não são reais e que na verdade estou confundindo as irmãs.

Não sei mais o que pensar, estou preso no mundo real e no mundo imaginário. Ora acreditava que realmente estava me apaixonando por uma pessoa de carne e osso, ora achava que não. Até meus pais acham que está acontecendo algo entre a Acácia e eu.

Eles vieram nos visitar algumas vezes, e até convidaram a Acácia para almoçar e jantar. A velocidade com que mamãe tirou conclusões foi espantosa. Quando a Acácia estava conversando com o papai ela foi direta.

“Esta moça está apaixonada por você, meu filho. Não seja bobo, se entregue a esse amor, está na cara que vocês nasceram um para o outro.”

Depois desse dia, as coisas ficaram piores, pois a eletricidade que existia entre nós piorou. Parecia que algo ou alguém estava nos empurrando um para o outro.

— Jordan... Jordan?

Viro-me rapidamente em direção à sua voz, e o ato faz com que eu esbarre nela. Não percebi que a Acácia estava tão próxima de mim e com dois copos de suco nas mãos.

— Merda! Desculpa, minha flor, eu não vi...

Os copos tinham caído no chão, suco para todo lado, mas não me importei. Rapidamente meus braços circulam sua cintura e eu me inclino levemente. A proximidade dos nossos corpos faz com que eu sinta as batidas do seu coração e sua respiração ofegante. Sua boca entreaberta chama pela minha e suplica para beijá-la. Seus olhos verde-esmeralda brilham intensamente enquanto encara os meus. Não sou de ferro, eu quero muito beijá-la, quero sentir o gosto da sua saliva, o calor da carne macia da sua língua. Minhas mãos querem muito deslizar por suas curvas sinuosas...

Não resisto e saqueio a sua boca.

Não é um beijo suave nem lento. É possessivo, cruel. Minha boca cobre a sua com sofreguidão, domando-a, devorando-a, exigindo tudo. Acácia simplesmente se entrega, ela quer isso tanto quanto eu. Ela sente a mesma necessidade, a mesma carência. Acho que esperávamos por isso há mais tempo do que imaginávamos, pois quando nossas línguas sedentas se chocam, uma explosão de desejos nos arrebatava. É como várias luzes coloridas explodindo ao nosso redor. Gemidos saem de nossas gargantas, e enquanto chupamos a língua um do outro, nossas mãos passeiam no corpo um do outro. O beijo devasso, sonoro, desperta em nosso corpo sensações adormecidas, descobrindo pontos erógenos que sequer sabíamos que existiam. Suspendo seu corpo, tirando seus pés do chão, e a coloco nos braços, levando-a para o seu quarto e jogando-a na cama sem nenhuma delicadeza. Meu desejo por ela está além da minha razão.

— Desculpe por meu afoitamento, mas no momento meu desejo está acima de qualquer cavalheirismo... — digo e rapidamente devoro sua boca outra vez.

Enquanto a beijo, ela arranca minha camisa de qualquer jeito, suas mãos apressadas a rasga, e assim que meu peito fica nu, elas descem para minha calça, desafivelando o cinto. As minhas mãos retiram o pequeno vestido de algodão, deixando seu corpo seminudo, coberto apenas por uma pequena calcinha.

— Jordan... — murmura em minha boca. — Jordan, eu... — Morde meu lábio.

— Acácia, eu a quero há tanto tempo. — digo, tomando um dos seus seios com minha mão, apertando a carne tenra, esmagando o mamilo rijo em

minha palma.

— Jordan... — Outro murmúrio sedutor invade meus ouvidos.

— Preciso de você, meu flor. Preciso muito... — Solto sua boca e abocanho o mamilo duro, chupando-o com força e traçando os dentes nele. — Quase enlouqueci, quase...

Ela abre o zíper da minha calça, puxando-a para baixo, deixando-a na altura dos meus quadris. Meu pênis é aprisionado por uma mão quente, macia e experiente. Ela desliza para cima e para baixo, deixando-o ainda mais duro, enquanto eu consigo sentir o pulsar do seu coração em meu corpo. Então, de repente, eu percebo que ela é quente, ela está viva. Ela não é a Íris... Não posso fazer isso, não posso confundi-la com uma morta. Ela precisa de alguém com a mente sã.

— Não posso, não posso fazer isso. — Ergo-me e fito-a com um olhar confuso. Eu a quero, quero muito, mas estou com medo, ela é a irmã da Íris. E se um dia ela descobrir sobre nós? E se ela pensar que estou com ela simplesmente para substituir a irmã? E se eu realmente estiver fazendo isso? Beijo-a outra vez, mas com suavidade, e depois a encaro. — Perdoe-me, eu não posso fazer isso. Não devo, não está certo.

Levanto-me rapidamente. Subo minha calça e saio sem olhar para trás, deixando-a sozinha, atordoada e provavelmente triste.

Capítulo 17



Tudo estava se tornando mais difícil do que esperava. Na realidade, as coisas estavam piores a cada dia. Ao fazer meus planos em contratar uma recepcionista, eu não havia contado com as minhas próprias emoções, e agora me sentia quase tão frustrado quanto ela.

— Jordan! — Acácia vem atrás de mim.

Sinto, então, meus músculos ficarem tensos quando ela segura com a mão o meu braço. Involuntariamente ergo o olhar e encontro o dela. Meu coração bate tão depressa que me sinto mal. Afasto-me tremendo, como se tivesse medo da minha própria reação.

— Acácia, eu preciso ir. Acredite, isso tudo é um erro...

— Erro!? — Ela me corta. — Você me deseja e eu o desejo, nós dois somos livres. Onde está o erro nisso, hein? Responda-me!

— Eu... eu não sei, só sei que precisamos ficar longe um do outro. — Meus olhos expressam muito mais do que estou sentindo. Desejando desesperadamente que ela não perceba o efeito que toda essa negação causa em mim, observo-a com atenção.

Seu corpo nu está coberto apenas por um lençol branco. Eu sei que se puxá-lo nada poderá me deter, pois o desejo me consome, e neste momento quero simplesmente fazê-la minha.

— Jordan, do que tem medo? Pois eu sei que me deseja, está escrito no brilho dos seus olhos. O que o assusta tanto?

— Você. — revelo, segurando-a com as mãos em seus braços, encarando-a intensamente.

— Eu!? Logo eu? Jordan, desde que o vi pela primeira vez não paro de pensar em você, parece que há uma força que me empurra para você. Quando o vi diante de mim, no dia da minha entrevista de emprego, quase agradei de joelhos. Não tenha medo de mim, eu sei que o que sinto por você é o mesmo que sente por mim.

Ela sorri e beija a ponta de meu nariz. Não resisto e a puxo, apertando-a de encontro ao meu corpo, e este contato me deixa excitado, por isso me afasto um pouco, mas mantenho as mãos em sua pele. Ergo a cabeça só o suficiente para observá-la, e mais uma vez vejo o desejo expresso no brilho do seu olhar. Inclino-me e beijo seus cabelos. Mantenho-me um pouco frio, controlando-me, mas estou sentindo cada batida do seu coração, e isso repercute em todo meu ser.

Permanecemos assim durante algum tempo, sem nos separar, em silêncio. Abraçados, num estado de transe, sentindo os mesmos sentimentos. E como se uma força me dominasse, minhas mãos se movem lentamente, acariciando suas costas, seus ombros e sua nuca. Beijo de leve os seus cabelos outra vez, sua orelha e, por fim, seus lábios. Rendo-me, beijando-a arduamente e circulando seu rosto com minhas duas mãos. Completamente sedento de paixão, puxo o lençol que cobre o seu corpo nu, que escorrega de mansinho até o chão. Acácia treme diante do tamanho do nosso desejo. Arfando, ela apoia a cabeça em meu peito, ouvindo meu coração palpitar. Todo o meu ser me incita para que continue, mas eu sei que tenho que parar.

— Minha flor... — Beijo suavemente seus lábios, seus ombros e seu pescoço.

Uma chama de paixão irrompe dentro de mim, Acácia solta um gemido e começa a acariciar meus cabelos. Emito um som de satisfação e ergo-a nos braços, levando-a para o sofá. Paro, ofegante, e tomo seu tenro seio na boca, murmurando palavras excitantes, com a voz embargada. Todo meu corpo está

em chamadas, e o dela também. Procuro seus lábios e a beijo avassaladoramente. Num ímpeto, eles se entreabrem, famintos de amor, e suas mãos delicadas abraçam meu pescoço. Deixo-me levar pelo delírio do momento, desejando-a tanto que sinto quase uma dor física. No entanto, a verdade chega à minha razão. Não está certo, não posso continuar com isso. Por alguns segundos, olho para o seu rosto lindo, depois reúno toda a minha coragem e levanto-me rapidamente. Eu quero sair correndo dali, mas algo me segura.

— Jordan, o que há com você? — Acácia se levanta e tenta virar o meu corpo, puxando o meu braço.

— Não posso, Acácia, eu sinto muito. — Articulo as palavras, depois de uma longa pausa e sem me virar.

— Não pode? Como não pode? Por quê? Tem alguma coisa errada em mim? Sinto muito, Jordan, mas não consigo entender. Eu sei que você me deseja, então, o que está acontecendo?

Agarra meu braço com força e me puxa, obrigando-me a virar para ela, com um gesto violento. Ao ver a expressão de raiva e paixão se alternando em seu rosto, tenho vontade de sair correndo, não sei se para os seus braços ou se porta afora.

— Eu não posso, Acácia, simplesmente não posso. Você não iria entender, acho melhor pararmos por aqui... — Imóvel, ela me contempla, incrédula.

— Jordan, eu não posso parar. Será que não percebeu? Estou apaixonada por você. Depois de tanto tempo, finalmente eu consegui confiar em alguém a ponto de me entregar, e eu sei que você sente o mesmo por mim, só não entendo por que resiste tanto...

— Porque não quero magoá-la. — Interrompo-a.

— Magoar? Por que você iria me magoar? — Seu olhar confuso busca o meu. Tento fugir, mas ela puxa meu braço e eu volto a encará-la. — Jordan, me explique, eu só quero entender seus motivos. Existe algo de errado comigo?

— Não, Acácia, o problema não é você, sou eu...

— Você? Então existe outra mulher, é isso? — Ela agita meu braço com força, olhando-me com desespero.

Eu poderia dizer: sim, existe, e a outra mulher é a sua irmã. Contudo, se eu fizer isso ela pensará que estou louco.

— Não! Você sabe que eu não tenho outra mulher.

— Então o que é? Pelo amor de Deus, Jordan, diga logo de que você tem tanto medo.

— Eu não posso contar, você não entenderá. Aliás, você pensará que estou maluco e me odiará, e eu não quero que me odeie. Portanto, é melhor darmos um fim nisso.

Solto-me do seu aperto, dando-lhe as costas. Eu sei que nesse exato momento estou a magoando, mas é melhor assim. Prefiro que ela se decepcione comigo do que me odeie por tê-la enganado.

— Jordan, por favor, não vá. — Ela suplica. Paro por um instante, minha vontade é dar meia-volta, pegá-la nos braços, levá-la para cama e fazer amor com ela. Confessar o meu amor e o meu pecado, dizer-lhe que antes de amá-la eu amei sua irmã. Mas não posso, não quero correr o risco de perdê-la para sempre.

— Eu sinto muito, mas eu preciso ir, será melhor para nós dois. Boa noite, minha flor. — Calada, ela me ouve. Abro a porta e saio sem dizer uma palavra, batendo a porta. Apesar do amor e da tristeza que sinto, estou determinado a não ceder. Entro no carro sem olhar para trás e vou embora.



Volto para casa com o coração partido, e sobre o rosto, uma máscara cinzenta e dura. Estou preso em meus próprios sentimentos, cheio de incertezas, pois não consigo distinguir entre o que sinto pela Íris e o que sinto pela Acácia.

— Por que eu? Por que eu, Deus? Entre tantas pessoas, justo eu sou o escolhido para tamanha loucura!

Enlouquecido, bato violentamente com a mão no abajur da mesinha de canto do meu quarto. Passo os dedos nervosamente entre os fios dos meus cabelos e sigo para a porta de vidro da varanda. Admiro o céu com poucas estrelas entre nuvens cinzentas, logo começará a chover. Um raio risca o céu e em seguida um relâmpago ilumina toda a rua.

— Oh, Íris, por que você fez isso comigo? Por quê? Por que permitiu que eu me apaixonasse por você? E agora, o que eu faço?

Encosto a testa no vidro, aperto os olhos e deixo a emoção me vencer. Lágrimas contidas descem por meu rosto. Sinto saudades da Íris, do seu riso solto, do brilho do seu olhar, do seu jeitinho delicado de falar. Eu a amei e estava disposto a me casar com ela, construir uma família...

— Você não devia ter feito isso comigo, Íris! — Fecho os punhos e bato no vidro, que estremece com a força do impacto.

— Perdoe-me, eu não tive a intenção de magoá-lo...

Viro ligeiramente, em busca do som da voz melodiosa que já conheço. Íris está diante de mim, vestida com seu lindo vestido branco, cabelos soltos e sedosos, que brilham mesmo com a pouca luminosidade. Ela está triste, fita-me com os olhos marejados.

— Vá embora, por favor. Vá embora, você já bagunçou demais a minha sanidade.

— Jordan... — Ela me interpela, dá dois passos em minha direção.

— Não! Não se aproxime, não quero vê-la nunca mais... — Caio de joelhos e seguro o rosto entre as mãos, não consigo mais segurar meu desalento. — Íris, eu a amei, a amei tanto. Como isso pôde acontecer? Por que aconteceu, por quê? — Dois braços cercam meus ombros, beijos molhados se espalham sob minhas mãos que cobrem o meu rosto.

— Jordan, eu também o amo, amo muito, mas sei que não sou o amor da sua vida. O nosso momento foi há muito tempo. Acredite, meu amor, já tivemos a nossa chance. Quer dizer, eu tive a minha chance de ficar ao seu lado...

Encaro-a com um olhar agnóstico. Mas do que ela estava falando? Eu nunca a vi antes daquela noite, sequer tive alguma amiga com o nome Íris.

— Íris, não me confunda, do que está falando? Eu não conhecia você, sequer cruzamos o mesmo caminho. — Dois dedos cobrem os meus lábios. Calo-me.

— Você não entenderá, talvez nem acredite.

— Vá por mim, Íris, se alguém me disser que existe mula sem cabeça, eu acredito. Na atual conjuntura, eu acredito em tudo.

— Meu amor... — Ela passa os dedos frios com delicadeza em meu rosto, contornando-o. — É complicado, principalmente para você, que é tão descrente.

E sou mesmo, não sei ao certo se existe mesmo um Deus criador benevolente. Se ele fosse mesmo o nosso pai, não deixaria tanta miséria acontecer aos seus filhos, principalmente aos inocentes.

— Deixe que eu me preocupo com as minhas crenças e só me explique como tudo isso aconteceu, tentarei entender.

— Levaria tempo para lhe explicar tudo, e tempo eu não tenho, logo terei que ir embora. Por isso preciso tanto de você.

— Eu preciso entender, preciso me desligar de você, preciso continuar a minha vida, Íris. — Ela me abraça forte. — Não faz isso comigo, Íris, eu não posso mais... ainda sinto algo muito forte por você, mas também sinto por sua...

— Por minha irmã. — Ela completa. — Eu sei, e ela também sente o mesmo por você. Eu já sabia que isto aconteceria assim que vocês se vissem, por isso não tenha medo de se entregar, vocês foram feitos uma para o outro.

— E o que aconteceu entre nós? — Interrompo-a imediatamente. — Deleto da minha memória? Acha que é fácil assim? — Quem dera. Será que ela não entende, eu me apaixonei por ela, como posso, em um passe de mágica, me apaixonar por sua irmã?

— Jordan, você não está fazendo nada de errado. Amar minha irmã iria acontecer de um jeito ou de outro. — Ela leu meus pensamentos. — Quanto a nós, aconteceu por um motivo e o amor foi lembrado, um sentimento adormecido ressurgiu. No entanto, esse amor não é possível. — Suas mãos seguram o meu rosto, uma de cada lado. — Nós já vivemos este sentimento em outra vida.

— Não! — interpelo-a. — Não venha com essa conversa de vidas passadas, isso não existe. Não queira me convencer que já vivemos um amor em outra vida, porque eu não acredito nessa baboseira.

— Viu o que eu disse? Você não acredita, é por isso que continua achando que está louco só porque está vendo, conversando e tocando em uma pessoa reencarnada. Mas é verdade, Jordan, eu e você já vivemos um amor e ele foi encerrado. Porém, como fomos muito apaixonados, principalmente eu,

que o amava muito, assim que nossos espíritos se reencontraram aconteceu uma ligação. Desculpe-me por ter deixado as coisas acontecerem, eu não consegui me afastar e alimentei o seu sentimento com o meu.

Não sei por que, mas eu acredito nela. É como se já soubesse que entre nós já existiu algo muito forte, onde respeito, admiração, gratidão e comprometimento eram o pilar da nossa relação. Quando os meus olhos encaram os dela, surge um sentimento muito maior do que qualquer outro, não sei explicar.

— Mesmo assim, eu não posso me relacionar com a Acácia, como explicarei sobre você? Ela não acreditará em mim, achará que estou louco.

— Jordan, eu preciso de você, só você pode me ajudar...

— Não! — esbravejo, e ela se assusta com o meu grito. — O que quer que eu faça? Enlouqueceu?

— Você é o único com quem eu posso me comunicar, sem você não poderei ajudar os quatro espíritos que estão presos no bosque. — Murmura chorosa.

— Íris, você disse que existem outros que têm o mesmo dom que eu. Em algum lugar deve ter alguém que possa ajudá-la.

— Não há tempo, pois existe outra moça aprisionada, e se não nos apressarmos, ela terá o mesmo destino que o meu.

— E o que quer que eu faça? Que vá até uma delegacia e diga: olha, eu vejo gente morta e uma moça que foi assassinada há oito anos me procurou e vai ajudar a encontrar um assassino? — Sorrio com ironia. — No mínimo mandarão me internar, isso sem mencionar a Acácia, ela nunca entenderá.

— Não seja irônico, Jordan, você não precisa ir até a polícia, só precisa me ajudar a identificar o meu assassino.

— Irônico! — vocifero. — Você acha que a Acácia vai achar isso normal? Ela nunca me perdoará, nunca! Vá embora, deixe-me em paz. Não magoarei a Acácia, ela...

— Com quem você está conversando, Jordan?

Capítulo 18



Viro-me bruscamente em direção à porta e dou de cara com uma Acácia completamente atordoada, olhando para todos os cantos do quarto, procurando com os olhos perplexos a pessoa com a qual eu estava conversando.

— Com ninguém. — respondo rapidamente. Meu coração bate apressadamente, quase o sinto através da caixa torácica. — Estava falando sozinho. — Engulo o bolo em minha garganta enquanto ela dá dois passos em minha direção. — Acácia, como entrou? E o que faz aqui a uma hora dessas? — Tento mudar o assunto da conversa.

— A porta estava aberta e eu fiquei preocupada com você, depois que foi embora. — justifica, mas seus olhos curiosos continuam avaliando todo o quarto. — Você estava conversando com alguém, sim, e o assunto era eu. Portanto, quero saber quem era e o que me magoaria tanto assim. — Ela me encara, estreitando os olhos.

— Está vendo alguém aqui? — Faço um gesto com as mãos, apontando para todo o quarto. Ela caminha em direção ao banheiro, varanda e closet. Ao

perceber que não há ninguém, volta a me encara com um olhar desconfiado.

— Onde ela está? Tinha alguém aqui, sim, eu não estou vendo nem escutando coisas. Cadê ela? — Aproxima-se, fitando-me expressivamente.

— Já disse que não há ninguém aqui. — repito meu argumento, desviando o olhar.

Acácia segura o meu braço e seus olhos avaliadores me estudam demoradamente. Ela não está acreditando em mim, e eu sei que estou mentindo, a certeza disso vem quando meu olhar se desvia para o lado esquerdo e vejo Íris ao lado da irmã, tentando tocá-la.

— Diga a ela que eu sinto tanta saudade... — Íris encara a irmã com os olhos brilhando de emoção.

— Não direi nada, ficou louca? — digo sem pensar, olhando diretamente para Íris. Acácia dá um passo para trás, fitando-me com assombro.

— Com quem está falando? — diz, perplexa. — Quem está aqui? — Olha em torno de si. — Jordan...

— Viu o que você fez? — digo, irritado.

— Jordan, você está me assustando. Com quem está falando? Não vejo ninguém aqui.

— Jordan, conte para ela, fale sobre mim. — Íris toca a irmã enquanto fala comigo.

— Nossa, que frio! — Assim que os dedos de Íris tocam seu rosto, Acácia abraça o corpo, alisando os braços arrepiados.

— Eu não posso, não posso... — respondo, nervoso. — Vão embora, vão embora as duas. Deixem-me em paz, pelo amor de Deus! Deixem-me em paz! — vocifero, olhando para as duas ao mesmo tempo.

— Duas? Não tem mais ninguém aqui, Jordan, quem é a outra? Onde ela está? — Acácia me encara com um olhar atordoado.

Nesse momento não sei o que fazer, nem o que dizer. Minha vontade é de sair correndo, ir embora de São Pedro, largar tudo e desaparecer para sempre.

— É sua irmã, e ela está bem ao seu lado. — revelo. Sou ríspido e cruel,

nem pisco, jogo tudo na cara da Acácia. Ela fica perplexa, pálida, olhando-me como se eu fosse uma criatura de outro mundo.

— Não brinque com essas coisas, Jordan, minha irmã está morta e você sabe disso. Não precisa me magoar, se quer que eu vá embora é só dizer. Só não brinque com os meus sentimentos. — Ela começa a chorar, mas permanece inerte no lugar.

— Não estou brincando, sua irmã está de pé ao seu lado. Não estou louco, eu sinto muito, mas é a pura verdade, eu posso vê-la e tocá-la.

— Você precisa de um médico, seu louco. — Acácia sai da inércia e gira o corpo em direção à porta. — Adeus, Jordan. Se você queria se livrar de mim, conseguiu. Eu me demito.

Apressadamente, Íris se coloca em minha frente, encarando-me.

— Diga a ela que o nome do primeiro namorado dela é Timóteo. — Íris fala apressadamente.

— Sua irmã disse que o nome do seu primeiro namorado é Timóteo. — obedeço, e Acácia interrompe os passos e se volta para mim.

— E daí? Qualquer pessoa que me conheceu quando eu era adolescente poderia ter lhe dado essa informação. — Gira o corpo novamente para a porta.

— Tico, ela o apelidou de Tico, porque ele só andava com um amigo, então era Tico e Teco. A Acácia adorava esse desenho animado e só eu sei sobre isso.

— Tico e Teco! — exclamo baixinho, olhando abismado para Íris. — Esse desenho é mais velho do que meus pais.

— Eu sei, mas a Acácia o adorava, assistíamos em um canal aberto. — Íris sorri, olhando diretamente para a irmã.

— Íris diz que você apelidou o Timóteo de Tico, porque ele só andava acompanhado de um amigo, então você apelidou os dois de Tico e Teco.

Acácia já estava abrindo a porta quando escuta o que digo, então ela para a mão na maçaneta.

— Diga que o nosso primeiro cachorro se chamava Dengoso. Era um segredo nosso, já que os nossos pais não permitiam cães em nossa casa, devido à asma da mamãe. Então nós escondemos o Dengoso e conseguimos

ficar com ele por dois meses. Infelizmente ele foi atropelado e morreu.

Agora eu entendo o motivo pelo qual ela se apegou ao cãozinho chantagista e pôs nele o nome de Dengoso.

— Dengoso foi o nome do seu primeiro cãozinho.

— Não, não brinque comigo, só a Íris sabia disso. — Ela se vira lentamente, seus olhos estão embaçados, e logo as lágrimas descem como cascatas por todo o seu rosto. — Como você sabe sobre isso? Como?

— Eu não sei, a Íris acabou de contar. Ela está aqui. — murmuro, trêmulo.

— Qual foi o apelido que ela deu para o professor de matemática do quinto ano? Só a Íris pode responder essa pergunta. — Acácia me encara desafiadoramente. Olho para Íris e ela fica pensativa.

— Bolachão. Mas ele não era professor de matemática, era de história. — Olha sorrindo para a irmã e responde.

— Bolachão. — Respondo.

— Meu Deus! Meu Deus! Não pode ser... — Ela cai de joelhos, chorando desesperadamente. — Não estou sonhando, é verdade mesmo. Você pode vê-la? — fita-me com um olhar sofredor, mas ao mesmo tempo incrédulo.

— Quisera eu que fosse um sonho. — digo e não estou mentindo, ver a Íris é como se estivesse em um pesadelo. — Sim, é verdade. Eu posso vê-la, ouvi-la e... — Fecho os olhos, como se estivesse sentindo o que estou para dizer. — ... tocá-la.

— Como isso pode acontecer? E por que eu não posso vê-la? — Sigo até ela e a ajudo a se levantar. Abraço-a, pois finalmente eu posso tocá-la sem me sentir culpado.

— Eu não sei responder, o que sei é que segundo a Íris, eu tenho um dom e é por isso que posso vê-la. — Acaricio seus cabelos, sentindo o cheiro deles, sentindo uma vontade louca de beijá-la.

— Você já viu outros mortos? — Seus olhos vermelhos pelo choro me fitam. Sorrio, achando graça do jeito que perguntou.

— Não, isso nunca aconteceu comigo, não que eu me lembre. — respondo, e ela encosta a cabeça em meu peito. Eu sinto uma paz que há

muito não sentia.

— Onde ela está? — Afasta-se um pouco, erguendo a cabeça à procura dos meus olhos. Respiro fundo e procuro a Íris. Ela está próxima a nós, encarando-nos com um brilho emocionado no olhar.

— Está de pé atrás de você e está muito emocionada. — Fito a Íris e logo depois a Acácia. — Agora ela está do seu lado esquerdo, olhando-a com emoção. — Acácia se vira e as duas ficam frente a frente.

Parece uma cena de filme, daqueles bem emocionantes, tipo aquela cena do filme Ghost.

— Quanta saudade de você, minha querida irmã! — Acácia exclama, emocionada, estende o braço com a mão aberta num gesto de carinho, como se quisesse tocar o rosto da Íris. — Minha mão está tocando o rosto dela? — Vira o rosto, me encarando enquanto pergunta.

— Agora está. — respondo. Íris deixa seu rosto nivelado ao toque da mão da irmã. Ela mexe a cabeça para tentar sentir a carícia, seus olhos emocionados fitam o rosto da Acácia. — Se quiser, deslize os dedos para cima e para baixo, Acácia. A Íris está com o rosto colado na palma da sua mão.

Como ser indiferente a esta cena? Duas irmãs que se amavam tanto separadas por uma tragédia, e após oito anos se reencontram. Apesar de o encontro ser surreal, mesmo uma não conseguindo ver, escutar ou tocar a outra, a emoção está presente no espaço que as separa.

— Eu sei. Eu juro que tentei me comunicar com você, Acácia, não queria que sofresse tanto, mas quanto mais você chorava e chamava por mim e eu tentava consolá-la, mas você sofria. Perdoe-me, irmã, não queria abrir feridas em seu lindo coração...

— Acácia, Íris está dizendo que tentou entrar em contato com você, que tentou consolá-la... — calo minha voz diante da cena. A Íris passa os braços em volta dos ombros da Acácia em uma tentativa de abraçá-la.

— Oh, minha irmã, como eu queria te abraçar uma última vez, sentir o calor do seu carinho, a suavidade do seu beijo em meu rosto. Sinto tanta falta de você.

Diante de tanta comoção, eu as abraço, unindo-nos em um só corpo. Sinto o braço da Íris em volta da minha cintura, assim como o da Acácia

também. As duas irmãs choram, emocionadas, tentam de alguma forma sentir uma a outra, e eu tento ajudá-las.

— A Íris quer abraçá-la, Acácia, ela está colada a você. Estamos em um abraço coletivo, consegue sentir algo? — Aperto o abraço. A junção dos nossos corpos me aquece por dentro, é como se uma luz estivesse nos rodeando e formando um laço à nossa volta.

— Íris, amo tanto você, tanto... — Emocionada, Acácia murmura, chorosa.

Começo a me preocupar com a Acácia. Ela mal consegue respirar, sinto as batidas aceleradas do seu coração e o tremor do seu corpo. Então, o inevitável acontece. Acácia desmaia em meus braços. Ao sentir o desfalecer da irmã, Íris grita, desesperada. Seguro o corpo inerte de Acácia nos braços e a levo para a cama. Íris nos acompanha.

— Ela está bem, não está? Minha irmã está bem, Jordan? — Íris se desespera entre as lágrimas que descem por sua face.

— Acalme-se, Íris, ela só desmaiou. A emoção por saber que você ainda está entre nós foi demais para ela, fique tranquila, ela vai acordar. — Tento acalmá-la e a mim também. — Acácia, minha flor, acorde, por favor. Acorde, meu amor.

Freio as palavras, acabo de chamar a irmã do meu primeiro amor de amor. Como posso ser tão leviano? Como posso deixar de amar tão rapidamente uma e automaticamente amar a outra? Não estou sendo correto.

Eu sei que a Íris está me encarando, talvez esteja pensando muitas coisas sobre mim, e uma delas é o quanto sou um canalha volúvel.

— Jordan, não precisa ficar assim. Eu já sabia que vocês dois iam se apaixonar assim que se vissem. — Sua mão toca a minha numa carícia lenta. — Eu sei que o que senti por mim foi intenso e real, como também eu sei que este sentimento já foi vivido em outra época. Nosso tempo já passou, você não me deve mais nada. Eu fui amada e respeitada por você, agora você está livre para viver o seu grande amor. Jordan, olhe para mim.

Ergo a cabeça e os nossos olhos se prendem. Há um brilho de cumplicidade no olhar dela, ela está sorrindo enquanto continua acariciando minha mão. Não sei bem o que ela quis dizer quando disse que não devo mais nada a ela, mas entendo o que quis dizer quando afirma que posso viver o

meu grande amor. Vendo a Acácia, pálida e fria, sobre o colchão da minha cama, sinto que esta outra flor realmente é o meu grande amor.

— Perdoe-me se fui leviano, Íris, mas não posso continuar enganando a mim mesmo. Estou apaixonado por sua irmã. Perdoe-me, por favor, perdoe-me...

— Shh! — Dois dedos gelados encostam em meus lábios. — Você me amou outra vez, sua alma reconheceu a minha. Isso quer dizer que um dia fui importante para você, significa que você me perdoou e que entre nós não existe mais ressentimento. Fomos felizes um dia, é o que basta para mim. Agora minha irmã poderá viver a felicidade plena ao seu lado, vocês finalmente poderão ser felizes.

— Jordan... — Acácia acorda. — Sonhei que a minha irmã voltava dos mortos... — murmura. — Que maluquice, não acha?

— Não foi um sonho, meu amor, ela realmente está aqui. Bem aqui ao seu lado e muito preocupada.

— Oh, Deus! Íris...

— Não, não, você não vai desmaiar outra vez. — digo, segurando-a em meus braços.

— Por que você não seguiu o seu caminho, minha irmã? Por que ainda está entre nós? — Acácia olha para todos os lados, como se estivesse procurando a irmã, e depois me olha. — Conte-me a verdade, Jordan. A Íris não era amiga do seu primo. Onde a conheceu?

Chegou a hora da verdade, eu preciso esclarecer a minha história com a Íris, mesmo que a verdade afastasse a Acácia de mim.

Capítulo 19



Encaro o olhar curioso da Íris. Ela me fita, intrigada, sabe que eu tenho que contar a verdade para Acácia e, assim como eu, não sabe qual será sua reação ao descobrir que tivemos um romance “sobrenatural”. Esta foi a melhor palavra que encontrei para classificar o nosso envolvimento.

— Íris, nos deixe a sós. Eu preciso conversar com sua irmã, me sentirei mais à vontade sabendo que não estará nos observando.

— Não! — Acácia diz rapidamente. — E se ela não voltar mais? Não, não quero que a Íris se vá. Por favor, Jordan, o que me contará de tão importante que a Íris não pode escutar?

Íris se aproxima da irmã. Tenta tocá-la, mas não consegue, então a fita com extremo amor.

— Acácia, eu voltarei, acalme-se. O Jordan tem razão, é o momento de vocês, ele precisa lhe contar algo e eu preciso que o entenda. — Mesmo sabendo que a irmã não pode ouvi-la, ela dialoga, e o choque da realidade cai sobre sua face com uma máscara de tristeza. Desolada, Íris me encara. — Por favor, diga-lhe o que acabei de falar.

A vontade de estar viva ainda era nítida nos gestos mais comuns da Íris, e quando ela percebe a sua realidade, rapidamente um pouco da sua luz se apaga. De certa forma eu a entendo, não deve ser nada fácil aceitar estar morta em plena flor da idade. Sorrio para ela, avaliando seu rosto tristonho, sentindo sua incapacidade de se comunicar com sua irmã. Então, seguro os dois lados do rosto da Acácia e a fito com carinho.

— Minha flor, a Íris pediu para que se acalme. Ela voltará, disse que eu e você precisamos de um momento a sós, pois preciso lhe contar algo muito importante. Não precisa temer, ok? — Ela assente com a cabeça enquanto a puxo para um abraço, sentindo a emoção do seu corpo trêmulo e os batimentos ritmados do seu coração.

Fecho os olhos para me conectar um pouco mais com a sensação que a proximidade do corpo quente da Acácia me proporciona. É como se estivéssemos com muito frio e só o simples encostar dos nossos corpos fosse o suficiente para nos aquecer, para nos dar o conforto de um cobertor quente e macio.

Abro os olhos lentamente e avalio o espaço entre nós. A Íris se foi. Beijo o alto da cabeça da minha linda flor de Acácia. Ela ergue-se um pouco e os seus lindos olhos verdes esmeraldas encontram os meus.

— Ela se foi? — Pergunta com um fio de tristeza na voz.

— Hum-hum. Mas não se preocupe, ela voltará. — digo, olhando-a com carinho enquanto minha mão esconde uma mecha do seu cabelo atrás da sua orelha.

— Então, o que tem para me contar de tão importante? — Olhando-me nos olhos, ela pergunta. Respiro profundamente, avaliando o seu lindo rosto curioso.

— É sobre a Íris e eu...

— Você e minha irmã? — Ela me corta. — Como assim? Você me disse que a conheceu através de um primo, não foi isso? — Respiro fundo outra vez, a conversa não será fácil, estou com medo da reação dela. — O que há, Jordan, por que está tão nervoso?

Solto lentamente o ar que estava preso.

— É que eu não sei como contarei isso. É complicado, pois a história que contei a você não é verdadeira, não existe primo...

— Você mentiu por quê? — Acácia se levanta, encara-me com apreensão. — Fala, Jordan, você conhecia ou não conhecia a minha irmã?

— Ok, mas antes eu quero que saiba que o fato de você se parecer com a Íris não influenciou os meus sentimentos. Por favor, Acácia, acredite em mim.

— Jordan, pare, não me confunda. Será que não entende que já está difícil demais saber que minha irmã voltou dos mortos e vive perambulando por aí? — Ela apoia as mãos nos quadris, encarando-me inexpressivamente. — Desembucha, Jordan. — ordena.

— Eu conheci a Íris no baile de São Pedro.

— No dia em que ela foi assassinada? — Interpela-me bruscamente. — É isso?

— Não, eu a conheci no baile deste ano, no primeiro dia. Estava tentando recuperar o fôlego das diversas danças exaustivas com as moças da cidade, quando resolvi fugir para um local reservado do casarão. Minha intenção era de logo depois ir embora, saindo à francesa, mas algo me chamou atenção entre os arbustos que ficavam...

Conto tudo o que aconteceu na primeira noite em que conheci a Íris. Acácia continua me encarando, e cada palavra que eu digo a faz arregalar os olhos com espanto.

— Você não desconfiou de nada? Ela não é diferente de nós? Como nos filmes, transparente, pálida, flutuante... — Acácia engole o nervosismo, fica pensativa por alguns segundos. — A Íris é igual a mim quando aparece para você?

Entendo as dúvidas dela, pois só agora me dei conta desses detalhes.

— Sim, ela é igual a uma pessoa normal. No entanto, em algumas ocasiões a aparência dela mudava.

É verdade, não havia notado isso. Quando ela ficava triste, provavelmente se lembrando do que aconteceu, alguns hematomas surgiam em seu rosto, pescoço, braços, e sua roupa se modificava. Só agora me dei conta.

— Acácia, não desconfiei de nada. A Íris parece uma moça normal. Assustada, mas normal. Como eu poderia adivinhar que sua irmã estava

morta?

— E as pessoas do baile? Alguém a viu com você?

— Não que saiba. A Íris só aceitou continuar me encontrando se ficássemos longe dos olhos dos outros.

— Vocês ficaram juntos por quanto tempo? — Meu coração acelera ao escutar esta pergunta.

— Durante os cinco dias da festa. — Respiro profundamente, fecho os olhos, busco coragem para lhe contar a verdade. — Acácia, acredite em mim quando digo que não estou confundindo você com a Íris. Acredite, eu sei que você não é ela e eu jamais iria usá-la como substituta. — Seguro-a pelos ombros, encaro-a com um olhar angustiado. Tento desesperadamente demonstrar através do meu olhar o quanto estou com medo, medo de ela não compreender os meus sentimentos pela Íris.

— Jordan, o que aconteceu entre você e minha irmã?

Reúno todas as minhas forças e respiro lentamente, concentrando-me em seus olhos verdes esmeraldas. Avalio seu rosto lindo e singelo, ciente que estou a um passo de perder tudo.

— Nós nos apaixonamos...

— O quê? — ela me interpela, assustada. — Você e a Íris? Como isso é possível? Meu Deus, estou ficando louca, só pode ser. Então... — Esse “então”, dito com uma força de decepção e dúvida, chega aos meus ouvidos como gritos cortantes e dilacerantes. — Era por isso que todas as vezes que nos beijávamos você dizia que não podia ir adiante e repetia que não queria me magoar. Você percebia que eu não era a Íris. Agora eu finalmente entendo, eu não passei de...

— Não! — Calo-a imediatamente, não posso deixá-la continuar. Não quero que exista dúvida alguma sobre os meus sentimentos, sobre o que verdadeiramente sinto por ela. — Acácia, nunca a confundi com a Íris, nunca. O que sinto por você é verdadeiro, único, mas não posso negar que eu me apaixonei por sua irmã. Cheguei até a pensar em casamento...

— Casamento! — Agora é ela quem me interrompe, olhando-me fixamente, varrendo o meu rosto com um olhar de incredulidade. — Não, Jordan, não queira que eu acredite que esqueceu a Íris e de repente se apaixonou por mim. Uma pessoa só pensa em casamento quando tem a

certeza que ama de verdade. Não minta, você está, sim, me confundindo com a minha irmã. Quer ficar comigo porque não pode ficar com ela.

— Cale-se! — Firmo as mãos sobre os seus ombros. Acácia tenta se desvencilhar. — Olhe para mim, Acácia. Pelo amor de Deus, olhe para mim. — Ela me empurra, afastando-se completamente do meu corpo.

— Você está me usando, essa é a palavra certa. Não, Jordan, como pôde? Como pôde continuar me iludindo, mesmo depois de eu ter dito que estou apaixonada por você? — Seus olhos marejados encaram os meus, que também estão embaçados pela emoção.

— Não, meu amor. Acredite, eu também estou apaixonado por você. Eu só tive medo de lhe contar a verdade e acontecer exatamente o que está acontecendo agora. Acho que a amei desde que a vi pela primeira vez.

— Mentiroso! — Ela vocifera, vira-me as costas e sai às pressas na direção da porta.

— Acácia! — chamo-a com desespero. Por Deus! Estou trêmulo de medo, com o coração batendo forte na minha caixa torácica. Não posso perdê-la. Não, não posso. — Por favor, não vá, deixe ao menos eu contar toda a história.

— Nada do que disser mudará o fato de que agora eu sei que você só queria uma substituta. — Acácia fecha os olhos com impaciência.

Começo a perceber que a situação está se tornando insustentável, mas não quero desistir. Procuro lembrar dos nossos momentos juntos, e são essas lembranças que me dão forças para continuar. Respiro fundo, fito-a com amor no olhar.

— Acácia, olhe para mim. — suplico. Lentamente ela abre os olhos e o nosso olhar se fixa.

A vontade de puxá-la para o meu corpo e apertá-la com força vem com desespero. Nunca senti tanto medo em minha vida como estou sentindo agora. Mantenho o meu olhar sofrido fixo ao dela por alguns segundos, até que ela baixa os cílios, quebrando nosso contato.

— Jordan, não posso ficar aqui. Não posso continuar junto a você depois de tudo o que me contou. — Seus olhos marejados encaram os meus outra vez. — Já sofri tanto. Passei por uma forte decepção, e quando resolvo dar uma nova chance para o amor, caio em outra cilada. Não suportarei outra

decepção. Entenda, por favor.

Inconsolável, ela cobre o rosto com as mãos. Não consigo me manter indiferente, então a puxo e a coloco em meus braços. Acácia não reage, apenas se deixa ser levada por mim. Levo-a para a cama, sento-me e a coloco em meu colo, abraçando seu corpo com os braços.

— Meu amor, não estou te enganando. Estou apaixonado por você de verdade, quero-a muito. O que aconteceu entre a Íris e eu foi real, mas se transformou em um sentimento de carinho cúmplice. Sim, eu sofri muito quando descobri a verdade. Quase entro em depressão, tranquei-me em meu quarto e só queria dormir. Achava que tinha sofrido um acidente e estava em coma em algum hospital e a qualquer hora acordaria e minha vida voltaria ao normal.

— E quanto a Íris? — Ela me corta a fala, erguendo a cabeça e me encarando com um olhar acusador. — E os sentimentos dela, não contam? Eu sei que ela está morta, mas você me disse que os dois se apaixonaram. Como acha que ela se sentirá, quando descobrir sobre nós dois?

— Ela já sabe e aprova — digo rapidamente. — A Íris sempre soube que assim que nos conhecêssemos nos apaixonaríamos um pelo outro. — Deposito a palma da mão em seu queixo, pois ela tenta desviar o rosto do meu. Preciso que ela continue me olhando nos olhos. — Uma vez tentei dizer que a amava e ela me interrompeu, dizendo que não era o amor da minha vida, pois um dia eu conheceria a mulher que seria a flor do meu jardim, e hoje eu entendo o porquê das suas palavras.

— Não faça isso comigo, Jordan. Não quero magoar minha irmã. — murmura, enquanto as lágrimas descem velozes dos seus olhos, fazendo um caminho lento por sua face e morrendo entre os seus lábios.

E eu não quero perdê-la. Acácia precisa acreditar em mim, precisa saber que o que aconteceu entre mim e a Íris foi importante, foi intenso, mas que quando descobri a verdade, minha consciência voltou à realidade e a paixão avassaladora aos poucos se transformou em um imenso carinho. Sim, demorou para que eu chegasse onde estava. Eu havia me apaixonado por um fantasma e aquele romance não teria futuro, então, por que alimentá-lo? É isso que a Acácia precisa entender.

— Meu amor, os únicos que sairão magoados aqui seremos nós dois, se continuarmos nos escondendo entre lamentações. — Aperto-a com força e ela

esconde o rosto em meu peito. Sinto suas lágrimas molharem o tecido da minha camisa. Ela está sofrendo, e isso me quebra totalmente. — Minha flor, quando eu aceitei o fato de que eu e a Íris não teríamos futuro, que o nosso romance era impossível, eu resolvi dar um fim à nossa história de uma vez. Quando você me encontrou no cemitério, eu estava me despedindo dela.

— Então, por que mentiu para mim? Não precisava dizer que conhecia a minha irmã.

— Queria que eu dissesse o quê? Que conheci sua irmã no baile da cidade?

— Não — responde rápido — inventasse outra coisa, sei lá.

— Nada disso importa mais, o fato é que já estava previsto que um dia nos encontraríamos e nos apaixonaríamos, isso era inevitável. Quando eu a vi no cemitério tomei um choque, sim, pois vocês são muito parecidas, e é óbvio que todas as vezes que olhava para você lembrava-me dela, mas no dia a dia eu comecei a perceber o quanto vocês são diferentes e a minha admiração virou amor.

— Não consigo acreditar que em tão pouco tempo você tenha se esquecido da Íris e se apaixonado por mim. — Soluça e volta a chorar. Eu sei que é difícil acreditar, mas com o amor não há explicação, ele simplesmente acontece.

— Entendo, mas é a pura verdade. Acho que me apaixonei por você assim que sorriu para mim — beijo o alto de sua cabeça e aliso os seus braços suavemente, na tentativa de acalmá-la. — Acácia, só o simples fato de já estar disposto a dar um basta no meu sentimento por sua irmã é o suficiente para que acredite em mim. Mesmo que pareça improvável, eu juro a você que eu estava disposto a esquecer tudo, por isso fui ao cemitério naquela manhã e levei comigo o buquê de flores de Íris que sua irmã deixou na caixa de correio da minha casa.

— Buquê de Íris?! — Ergue a cabeça e me encara estreitando os olhos, como se não estivesse entendendo o significado das minhas palavras.

— Sim, um buquê de Íris. Sua irmã todos os dias deixava um buquê de flor de íris em minha caixa de correio. Era um carinho, uma gentileza. Naquela manhã já estava decidido a dar um fim em tudo, eu precisava seguir em frente, e para fazer isso precisava dizer adeus.

— Então por que você ficou em dúvida sobre se envolver comigo, se já havia decidido seguir em frente? — A pergunta dela é relevante, o que ela não sabe é que eu também me questionava.

— Vocês são muito parecidas e isso confundiu meu julgamento. Olhar para você me lembrava a Íris, e logo no início eu pensei que estava só substituindo as irmãs, até perceber que estava errado. O que realmente me deixava confuso era que se você descobrisse sobre o meu romance com sua irmã, acabaria pensando a mesma coisa. Eu não queria magoá-la, não queria fazê-la sofrer, por isso tentei me afastar de você, mesmo a querendo mais do que tudo.

— Olhe para mim, Jordan. — Ela se afasta, erguendo a cabeça para me encarar, e eu a fito com um olhar penetrante. — Não brinque com os meus sentimentos, estou apaixonada por você. Por favor, não me confunda com a Íris.

Vejo a dúvida em seu olhar incerto e também sinto o calor do seu corpo em meus braços, o tremor dos seus lábios e um brilho lindo em seus olhos.

— Eu também estou apaixonado por você e tenho certeza de que você não é a Íris. Ela sabe que a amo, ela já sabia disso. — Acaricio sua pele macia com a ponta dos meus dedos, varro o meu olhar apaixonado por sua face linda. — Um dia tentei dizer a Íris que a amava e ela não permitiu, dizendo que ela não era a mulher da minha vida, pois eu ainda iria conhecer a flor mais linda do meu jardim — Lentamente inclino minha cabeça e toco os meus lábios nos dela, beijando-os suavemente. — A Íris tinha razão, você é a flor mais linda do meu jardim.

— Jordan, mas você e minha irmã se envolveram. Mesmo ela estando morta, ela se apaixonou por você. Como posso ficar com você sabendo disso? — Acácia empurra o meu peito com a mão, afastando-me e me encarando com um olhar confuso.

— Eu já lhe disse, a Íris já sabe sobre nós, como também sabe que eu e ela não temos futuro. Mas eu sei como você está se sentindo, porque eu também senti o mesmo quando descobri que estava apaixonado pela irmã do meu primeiro amor.

— Ela foi o seu primeiro amor? — Pergunta, surpresa.

— Foi, e acho que eu também fui o primeiro amor dela. Fico feliz por

ter sido, eu a fiz feliz e ela também me fez muito feliz, mas acabou. Nossa história acabou e ela sabe disso.

— E por que ela não foi embora?

— Ela precisa da minha ajuda, só não sei como poderei ajudá-la. — respondo com um fio de tristeza na voz.

— Ajudá-la em quê? — Pisca os cílios e depois me encara. Acácia está cada vez mais confusa. E quem não ficaria? Era uma situação estranha, bizarra.

— Ela precisa da minha ajuda para encontrar o seu assassino, já que só eu consigo vê-la e escutá-la. Disse-me que só assim poderá ir em paz. Ela e as outras que estão presas aqui neste mundo.

— Outras!? — exclama alterada, olha-me assombrada como se o que eu acabara de falar fosse algo extremamente insano.

Capítulo 20



O instinto me diz que precisarei da ajuda da Íris para explicar essa parte da história, ou caso contrário, a Acácia ficaria ainda mais confusa do que já está.

— Estou aqui. — Mal tenho tempo de pôr em ordem os meus pensamentos, e assim que pisco os olhos, ouço a voz da Íris. — Você pensou em mim — Ela me fita, um pouco confusa — Não era para eu vir agora?

Respiro profundamente e solto o ar de uma só vez num gesto de cansaço. Estou esgotado, já nem sei o que é real ou não.

— Está tudo bem, Íris. — digo, com um suspiro pesado. — Acácia já sabe quase tudo, só falta explicar o porquê de você ainda estar aqui.

Com um olhar aflito, Acácia segura o meu braço, perguntando pela irmã.

— Íris está aqui? — Acácia procura a irmã, avaliando cada espaço do quarto.

— Sim, ela está. — respondo. Ela continua a procurando com o olhar,

como se a qualquer momento pudesse enxergá-la. — Está próxima a você, do seu lado direito. — Acácia vira o rosto na direção indicada.

— Jordan, repita para ela o que vou dizer. — Íris olha para mim. — Acácia, não se preocupe. Meu tempo aqui é curto, resolvendo ou não o mistério do meu assassinato eu terei de partir, por isso não jogue fora a oportunidade de viver o seu grande amor. Minha história com o Jordan já passou, portanto, não fique se sentindo culpada. Você e o Jordan já estavam predestinados, não queira saber como eu sei disso, levaria um bom tempo para lhe explicar, e tempo é o que não tenho. Eu a amo, minha irmã, e amo o Jordan também. Quem ama verdadeiramente quer ver os seus entes queridos felizes, por isso quero que fiquem bem, sem culpa. O amor é uma benção, então se apeguem a ele e amem sem precedentes.

Repito palavra por palavra. Acácia escuta sem desviar os olhos dos meus, e a cada frase ela engole as lágrimas emocionadas.

— Vo-você o ama? — Acácia murmura com o olhar fixado no vazio.

Deve ser frustrante não poder ver quem se ama, e pior, saber que jamais a verá outra vez. Eu sei que é loucura toda essa aventura, quando eu ia imaginar que algum dia veria, ouviria e tocaria um fantasma ou espírito? Não, isso nunca passou por minha cabeça. Já assisti a filmes com esses temas, mas sempre soube que tudo isso era só ficção, nada real. Não sou religioso, mas o pouco que eu sei é que morremos e a vida acaba. No máximo, mesmo não acreditando também nisso, mas a maioria das pessoas acredita, o nosso espírito adormece e espera o juízo final, onde os bons vão para o céu e os maus vão para o inferno. Mas essa coisa de pessoas se comunicarem com os mortos! Para mim é coisa de filme ou charlatanismo, um meio dos espertos ganharem com as dores dos outros. Só que agora estou vivendo isso. Eu posso me comunicar com os espíritos, pelo menos com o espírito em questão, e eu nem sei o que fazer para ajudá-lo.

— Sim, eu o amo, mas meu amor por ele é diferente agora. — Íris vira os olhos em minha direção enquanto responde à pergunta da irmã. — No início, logo que o vi, foi como um choque de realidade. Ele estava ali diante de mim e podia me ver, escutar. Foi assustador, pois fazia tempo que não era notada. A princípio, eu até consegui fazer com que algumas pessoas me vissem, mas assim que elas me viam corriam, assustadas. Então desisti, escondendo-me na escuridão até que o Jordan apareceu e me encantou.

Eu mal posso respirar mediante tal confissão. Meu olhar está fixo ao da Íris, e ela sorri para mim enquanto articula as palavras.

— O que ela respondeu, Jordan? Jordan... — Volto à realidade quando sinto o toque da mão da Acácia em meu braço.

— Sim, ela está respondendo. — repito a resposta e continuo relatando o que ela fala.

— Ele foi o meu primeiro amor, pois em vida não pude conhecer o poder deste sentimento. O Jordan me mostrou, nesta vida, como é amar e ser amada. — Íris volta a fitar a irmã, como se ela pudesse escutá-la. — Nossos espíritos se reconheceram e se entregaram. Não era para acontecer, mas aconteceu e foi maravilhoso. O amor é sublime, no entanto, a magia acabou... Acácia, o Jordan é o seu amor e você é o amor dele. — Ela faz uma pausa, enxuga as lágrimas com o dorso da mão. Eu engulo as minhas quando elas chegam aos meus lábios. — Sim, minha irmã, eu o amo e eu sei que ele me amou. Mas acabou, e eu sei que preciso amá-lo de outra forma. Deus, em sua infinita sabedoria, fará com que o amor que ainda sinto por ele se transforme em algo incondicional. Por isso, Acácia, sinta-se livre para amá-lo. Eu só continuo aqui neste plano porque preciso libertar o meu espírito e os das outras moças que foram assassinadas cruelmente, e o Jordan é o único que pode nos ajudar.

Assim que paro de falar, Acácia me fita, completamente em lágrimas, seu corpo inteiro convulsiona. Eu temo por ela e este pensamento faz com que seja rápido o suficiente para ampará-la em meus braços, quando a minha linda flor se quebra. Seus joelhos dobram com o peso do seu corpo, suas mãos se agarram aos meus braços. Ela está tremendo, soluçando. Caímos no chão ajoelhados. Íris faz o mesmo e nos abraça. Sinto uma paz nos cercar. Penso que estou louco, pois os meus olhos veem em volta de nós uma luz azulada muito brilhante. O conforto que vem dessa luz é maravilhoso, sinto-me revigorado, pleno. Posso dizer que estou sentindo o abraço de um anjo. Acho que devo estar enlouquecendo, com toda certeza.

— Não chore, minha irmã, não chore... — Inconsolável, Íris também chora. Tenta acariciar os cabelos da irmã, mas em vão.

— Acácia, a Íris está conversando com você. Ela não quer que chore mais. — Acácia me encara com um olhar choroso e sofrido, então eu repito as palavras da Íris.

— Se eu não tivesse sido tão imprudente, a esta hora estaria viva e não teria feito tantas pessoas sofrerem. Perdoe-me, minha irmã querida, pois as minhas escolhas trouxeram consequências terríveis, não só para mim, mas para os que me amavam também... Perdoe-me... perdoe-me...

— Íris, não foi sua culpa. A culpa é de um doente maldito. — Só de pensar em como ela deve ter sofrido nas mãos do maníaco assassino faz com que um ódio cresça dentro de mim.

— Cla-claro que a culpa não foi sua. — Acácia murmura entre lágrimas — O Jordan tem razão, a culpa é de quem a matou. Não pense assim, minha irmã, se sofremos é porque sentimos sua falta.

Íris continua cabisbaixa, vejo suas lágrimas morrerem no vazio quando escorrem do seu queixo.

— Íris, como posso ajudá-la? Não sei o que farei, pois se eu for na delegacia e contar toda a sua história, ou serei jogado em um hospício ou preso como suspeito. A polícia suspeitará de mim, se contar todos esses detalhes. Sinceramente, não faço ideia de como encontrar o seu assassino.

Ficamos por alguns minutos em silêncio, presos em nossos pensamentos. Acácia se acalma, deitando a cabeça em meu peito. Íris encosta-se em meu ombro. Ficamos assim, um colado ao outro.

— Eu posso levá-lo até as quatro moças, já que você pode me ver. É lá no pântano, no meio da floresta. — Íris quebra o nosso silêncio, fica de pé e me encara com um sorriso de esperança nos lábios. — Se a polícia encontrar os corpos das moças, certamente reabrirá o caso do meu assassinato, não acha?

— Sim, creio que sim. — Respondo. Acácia me encara curiosa, só então me dou conta de que estou conversando com um espírito e ela não pode vê-la, tampouco escutá-la. — Sua irmã acha que se a polícia encontrar os corpos das moças desaparecidas, as autoridades reabrirão o caso do assassinato dela.

— Com certeza. — Acácia tenta se levantar, e eu a ajudo. Ficamos os três de pé. — Só preciso saber que moças são essas. — Ela me encara com um olhar curioso.

— Explica para ela, Jordan. — Íris me empurra com a mão em meu braço.

— Na época em que a Íris desapareceu, quatro moças desapareceram

também.

— Sim, agora eu lembro. — Acácia me interrompe. — Só que a polícia descartou assassinato, pois fizeram buscas e não encontraram nenhum vestígio delas. Então chegaram à conclusão de que as moças fugiram, já que elas já haviam feito isso antes. — Acácia volta os olhos para o meu rosto e respira profundamente. — A Íris tem razão, se a polícia encontrar os corpos das moças, eles reabrirão o caso.

Passo a mão nervosamente pelos cabelos, respiro profundamente, e por alguns segundos fico introspectivo.

— E como eu explicarei que sabia onde os corpos estavam? Porque certamente a polícia não acreditará que achei os corpos sem querer, serei tido como suspeito. Não, não posso correr este risco.

Acácia fica pensativa. Íris se fecha em sua tristeza desesperançada.

— Jordan — Acácia se sobressalta. Fito-a assustado com o seu alarme. — No pântano há muitas espécies de flores exóticas. — Seus olhos brilham e por um momento não entendo o que ela queria dizer com isso. — Não está entendendo? — Balanço a cabeça, negando. — Como não! — exclama, alarmada. — Flores! O seu hobby, fotografias. Lembra agora?

Só então a ficha cai. Nem eu lembrava do meu hobby, fazia tanto tempo que não o exercia. Na época da faculdade eu gostava de fotografar flores exóticas, era um passatempo agradável, me ajudava a relaxar. Eu costumava viajar nos finais de semana para cidades com climas frios. Aventurava-me no meio do mato para tirar fotos dos tipos de flores que existiam nelas, e cheguei até a ganhar alguns prêmios.

— Acácia, e o que isto tem a ver com a nossa situação? — Não entendo o que a Acácia estava tentando dizer. No que o meu hobby poderia ajudar com o problema da Íris?

— Jordan, pense! Pelo o que você falou, as moças estão no pântano e lá existem muitas plantas. Essa é a desculpa que você tem para encontrá-las — Continuo sem entender, e ela me olha apreensiva. — Não entendeu ainda? — Dou de ombros — É simples, você compra alguns materiais para fotografar e nesse meio tempo diz que vai explorar a floresta e o pântano. Nós tiramos algumas fotografias até a Íris nos levar onde as moças estão, então as encontramos e pronto, avisamos à polícia.

De certa forma ela tem razão. É uma boa desculpa, se eu realmente estiver no pântano fotografando e acompanhado não precisarei dizer a verdade sobre o fato de ter sido levado até os corpos por um fantasma, nem tampouco acusado pelo crime.

Olho para Íris, ela sorri, e antes mesmo que eu possa me afastar, ela me abraça.

— É a desculpa perfeita, Jordan, e assim que a polícia fizer o reconhecimento das moças, o caso sobre o meu assassinato será reaberto. Assim poderei ajudar de alguma forma. —Ela diz. Eu só não sei como ela poderia ajudar na captura do assassino. Mas seja como for, sinto que preciso ajudá-la. De alguma forma, meu destino está ligado às duas irmãs, e se eu for o caminho para que a Íris se liberte, então, que assim seja. Eu a ajudarei.

Capítulo 21



Quase uma semana se passou depois do encontro entre as irmãs. O nosso plano de ir até o pântano está indo bem, o dono da loja de fotografia onde comprei alguns equipamentos me indicou alguns lugares na floresta onde há algumas espécies bonitas. Ele nos disse – a Acácia estava comigo – que não sabia se as flores eram raras, mas que eram bonitas, pois ele mesmo já trouxe algumas mudas quando se aventurou pela mata, só que elas não sobreviveram, e como o local ficava distante, não voltou mais. Ele completou:

— Se o senhor não tiver medo de lugares sombrios e lamacentos, poderá seguir um pouco mais para dentro da mata. Lá deve existir espécies raras, só volte antes do anoitecer, pois correrá o risco de se perder.

Agradecemos a dica e saímos satisfeitos da loja. Álibi já tínhamos para não sermos acusados de algum crime. Amanhã, sábado, iríamos começar nossa grande aventura.

— Os potrinhos estão bem, Alaor, é só seguir com a medicação. — digo, enquanto acaricio o pelo brilhante do pequeno animal.

— Tem certeza, Jordan? Esses animais valem uma fortuna, olhe lá. — Alaor me encara estreitando os olhos. Nasceram três potros das suas melhores éguas e cada um deles vale uma fortuna.

— Certeza absoluta, mas você sabe que pode me ligar a qualquer hora, se precisar de mim. — digo, enquanto arrumo minha valise.

Alaor me acompanha até o carro, e quando já estou apertando sua mão em despedida, vozes chamam a minha atenção. Viro os olhos em direção às risadas e vejo a Selenia acompanhada por um rapaz. Alaor percebe a minha curiosidade.

— É o Marcos, o novo namorado da Selenia. Acho que desta vez ela está apaixonada, já que passou de uma semana. Geralmente os namoros da minha filha não duram mais de três dias. Confesso que se pudesse escolher um genro, não seria ele. — Fito-o, surpreso. — Ele é um pouco esquisito, meio caladão, sorriso desconfiado, mas se ela gostou dele, o que posso fazer? Afinal, quem dormirá com ele é ela, não eu. — Ele solta uma gargalhada que chama a atenção do casal.

— Oi, Jordan, tudo bem com você? — Selenia acena com um sorriso esticado nos lábios e rapidamente volta a encarar o rapaz moreno, alto e musculoso.

Ela realmente não se importa mais comigo. Sinto-me aliviado, pois ainda me sentia constrangido com o Alaor. Cheguei até a pensar em desfazer o nosso contrato.

— Já sabe, se acontecer qualquer coisa com os potrinhos me ligue. — Apertamos as mãos.

— Nem precisa me avisar. — Entro no carro enquanto o Alaor se afasta e deixo a fazenda com o coração mais leve.

Estou no jardim em frente à entrada da clínica, quando escuto uma conversa não muito agradável e da qual não gosto nada.

— Gracinha, se eu tivesse uma recepcionista como você...

— O que você faria, Solano? — Fito-o aborrecido, ele não tem o direito de ser inconveniente com a Acácia.

— Meu amigo. — Sorri, presunçoso, enquanto segue em minha direção.

— Está tudo bem, Acácia? — Solano me abraça, enquanto a fito e

pergunto. Ela assente com a cabeça.

— Calma, meu amigo, não tirei nenhum pedaço da sua funcionária. Só quis ser gentil com ela. — Solano se afasta, fixando os olhos no meu rosto. — Ela é uma delícia, e pelo que percebi, você... — Ele me puxa para perto, aproxima os lábios da minha orelha e cochicha: — Está comendo-a, não é? — afasta-se com um sorriso debochado nos lábios. — Não precisa fazer essa cara. — Encaro-o com um olhar de censura. — Faria o mesmo no seu lugar. — Solta a gargalhada que lhe é peculiar. — Olá, gracinha. Não me apresentei ainda, sou Solano, o melhor amigo do seu patrão.

Estende a mão para Acácia, e ela me fita, apreensiva. Assinto com a cabeça para que ela o cumprimente e ela o faz, mas rapidamente solta a sua mão, baixando os cílios. Percebo que não está se sentindo bem com a proximidade do Solano, então eu o puxo para longe, cercando seus ombros com o meu braço.

— A que devo a honra da sua ilustre visita em minha humilde clínica, meu amigo? — Praticamente o obrigo a se afastar da recepção. Ele caminha, mas continua olhando para trás com aquele riso medonho esticado nos lábios.

Entramos em meu consultório. Aponto para a cadeira que fica defronte à minha mesa. Ele se senta.

— Cara, que gostosa...! — diz, apontando para a porta, se referindo à Acácia. — Quando enjoar da moça, me avise. Ficarei feliz em pegar as suas migalhas, essa vale a pena.

Se não conhecesse o Solano, eu o expulsaria agora da minha clínica. Como eu sei que ele não tem papas na língua, engulo minha vontade de lhe quebrar a cara e sorrio, displicente.

— Ela é só a minha recepcionista e está namorando sério. Como você também é um homem casado, então esqueça a moça e me diga o que veio fazer aqui. Poderia ter me ligado.

— Sou casado, mas não estou morto. Minha mulher está em casa, cuidando das crianças e de mim. Ela tem tudo o que uma mulher sonharia na vida, além de ser muito bem fodida todas as noites, portanto, não tem com o que se queixar. Eu posso perfeitamente me divertir com outras bocetas, dinheiro eu tenho para convencê-las.

Não gosto nada desta conversa. Solano sempre foi um boçal de merda,

presunçoso, mas mau-caráter... Não, não na época em que andávamos juntos. Só que neste momento minha única vontade é tacar meu punho fechado em sua cara safada.

— A Acácia não é esse tipo de moça. — Engulo minha raiva e dou um meio sorriso.

— Vá por mim, meu amigo, essa aí gosta de umas boas tapas. Eu conheço uma mulher safada a metros de distância, e a sua recepcionista é...

— Escute aqui, Solano — interrompo-o abruptamente —, se continuar insultando a Acácia não me responsabilizo por minhas próximas ações.

Levanto-me tão rapidamente que minha cadeira se arrasta até encontrar a parede.

— Calma! — Ele se levanta também, o susto é tão grande que a cadeira na qual ele estava sentado cai ao chão. — Desculpe-me. Então é você o tal namorado, porque não disse logo? Mulher de amigo meu para mim é homem. Retiro tudo o que eu disse.

Solano me olha assustado, com as duas mãos à frente do corpo, na defensiva. Limpo a garganta e me desarmo.

— Ela é minha recepcionista e eu exijo respeito. Por favor, não se refira a ela assim tão vulgarmente. E tem mais, todas as mulheres merecem respeito, sejam elas quem forem.

— Tudo bem, tudo bem. — Ele relaxa o corpo. — Foi mal, cara. Se quiser, posso pedir desculpas à moça.

— Não, não precisa. — Relaxo a tensão dos meus punhos. Ele volta a se sentar. — Quer beber algo?

— Água, bem gelada.

Sigo até a porta e peço para que a Acácia traga um copo com água gelada. Alguns minutos depois, ela, um pouco sem graça, entra no consultório.

— Mais alguma coisa? — Acácia pergunta enquanto deixa o copo sobre a mesa.

— Não, obrigado. — Agradeço e sorrio, satisfeito.

— Eu tenho a impressão que já a conheço. — Solano diz de repente. —

Assim que entrei na clínica tive essa impressão.

— Foi só impressão, senhor Solano, pois eu me lembraria do senhor.

— A Acácia não é de São Pedro, Solano, ela morava na capital. — Olho para ela e a impeço de falar, fazendo um sinal com a cabeça para que volte à recepção e encerremos a conversa.

— Sei não, eu tenho quase certeza de já tê-la visto antes. Os olhos e a boca lembram alguém... — Ele se perde em seus pensamentos.

— Pode ter sido alguma moça parecida com ela. A Acácia ficou fora da região por muito tempo. — Limpo a garganta outra vez. — Então, o que o trouxe à minha clínica?

— Vim convidá-lo para almoçar. Já que não me ligou, resolvi vir vê-lo, precisamos reatar a nossa velha amizade. — Ele se levanta. — Não aceito um não como resposta.

Eu farei qualquer coisa para afastá-lo da Acácia, não o quero perto dela e nem a cinco metros de distância. A forma como olhava para ela – quase comendo-a com os olhos – assustava-me, então aceitei o convite e saímos rápido da clínica. Dei graças a Deus que Acácia não estava na recepção.



Levei o Solano para um restaurante onde tomamos alguns drinques. Só assim o fiz esquecer da Acácia, pois sempre que ele tinha uma oportunidade voltava a dizer que já a conhecia de algum lugar. Pelo o que ele me contou, comecei a ficar preocupado. Seus relatos perniciosos o desenhavam como um homem sem caráter e um tremendo mulherengo. Ele colecionava mulheres em todos os lugares, inclusive me mostrou fotos íntimas com algumas delas. Eu precisei empurrar o celular para não avistar fotos de suas orgias. Como uma pessoa podia mudar tanto assim? Solano era tímido quando adolescente e quase não falava com as pessoas. Não era namorador, tampouco sem escrúpulos. O homem que estava diante de mim era outro. Nos despedimos, mas ele não me liberou até que eu promettesse que iria visitá-lo em sua casa.

Voltei para casa e encontrei a clínica fechada, completamente às escuras. Decerto Acácia não voltaria mais e a fechou um pouco mais cedo. Geralmente, nas sextas-feiras, não temos muitos pacientes.

Assim que pego o meu celular para deixá-lo na mesa, ele toca. Verifico de quem é a ligação e sorrio, satisfeito.

— Oi — digo, sem apagar o sorriso dos meus lábios. — Perdoe-me por não tê-la avisado que demoraria tanto, o Solano não parava de falar e...

— Está tudo bem — Ela me interrompe. — Você já jantou? — pergunta com um tom de voz tímido.

— Estava indo para o banho e depois prepararia qualquer coisa. Estava pensando em macarrão com queijo e...

— Quer vir jantar comigo? — Sou interrompido mais uma vez.

Claro que quero, se ela não tivesse me convidado eu a convidaria para vir jantar aqui.

— Quero, sim, só vou tomar uma ducha. Quer que eu leve algo para beber?

— Vinho — Ela ficou feliz, percebo isso pelo seu tom de voz. — A propósito, eu fiz arroz com camarão, espero que goste e não seja alérgico.

— Adoro camarão. Então o cardápio pede um excelente vinho branco. Acho que tenho um apropriado para a ocasião.

— Humm, salivei. — Ela deve ter sorrido, pois sua voz ficou deliciosamente sexy.

— Eu também... — A frase soou com duplo sentido, pelo menos em meu pensamento. — Já, já estarei aí. Beijos.

— Beijos. — Ela desliga.

Fico por alguns segundos segurando o celular na orelha, pensando.

Será que não estava realmente sendo leviano? Há pouco tempo estava apaixonado pela Íris, e de repente a paixão se transformou em um sentimento de proteção, carinho – acho que estou me tornando repetitivo – sim, ainda sinto uma grande afeição pela Íris, só de pensar nela uma sensação maravilhosa invade o meu peito. Era como se ela já estivesse presente em minha vida há tempos. Não consigo entender esse sentimento tão gostoso, mas mesmo assim, ainda não me sinto totalmente livre. Eu quero muito assumir meu namoro com a Acácia, beijá-la e fazer amor com ela. No entanto, o vínculo inexplicável que ainda tenho com a Íris faz com que eu me sinta um mau-caráter.

— Mas você não é um. — Assusto-me com a invasão repentina da Íris em minha sala.

— Caracas, Íris, que susto! Será que você não pode usar a porta, como as pessoas normais? — digo, virando-me em sua direção.

— Esqueceu que não sou uma pessoa? Sou um espírito e posso entrar e sair dos lugares sem precisar avisar. — Seus lindos olhos verdes encaram o meu rosto. — Jordan, pare de se recriminar, você é livre para amar minha irmã, não pense que ficarei magoada. O que aconteceu entre nós foi real, foi lindo, mas eu não sou a flor do seu jardim. Agora é a vez do seu amor verdadeiro, seu amor de alma. Seja feliz e a faça feliz.

Quando me dou conta, as mãos da Íris estão espalmadas nos dois lados do meu rosto. Estamos chorando, emocionados, nossas testas encostadas uma na outra, nariz com nariz. Eu a abraço, sinto o seu cheiro de flor. Ficamos assim, entrelaçados pela emoção e sentindo um amor incondicional, um amor que ultrapassa a razão da realidade. Ela soluça entre as lágrimas e eu tento acalmá-la, alisando seus longos cabelos com minha mão aberta nos fios macios.

— Minha flor, obrigado por tudo. Obrigado por ter me mostrado o amor. — Digo, afastando-a do meu corpo e procurando os seus olhos emocionados. Avalio demoradamente o seu rosto lindo. — Amo você, linda Íris. Amo-a com toda a força do meu coração e prometo que farei de tudo para libertá-la da sua prisão. Prometo que em breve você seguirá o seu caminho. — Beijo sua testa demoradamente, um beijo terno, sincero e livre de qualquer malícia.

Sim, eu a amo, mas meu amor não é mais carnal. Agora eu sei disso. Mesmo depois de tudo o que aconteceu entre nós, a paixão, o tesão, a vontade de tê-la só para mim, agora o que sinto é algo leve, sincero, terno. Mesmo porque, nosso amor não teria futuro... Ela está morta e eu fui o escolhido para libertá-la, para lhe mostrar o caminho da luz. Então que seja, eu a libertarei e ajudarei a polícia a capturar o maldito que ceifou sua vida. Não só a sua vida, mas as das outras moças que estão presas neste mundo por culpa daquele maldito cruel.

— Eu sei que me ama, como também eu sei que ama a minha irmã. Você a ama tanto que tem medo de magoá-la. Mas não tenha medo, você a fará muito feliz, acredite no que eu digo. Se entregue, Jordan. Ame-a sem medo, sem receio.

Recebo um beijo demorado no rosto, e assim como ela surgiu, ela se vai. Quando abro os olhos, a minha linda flor de Íris se foi. Respiro fundo, encho o meu peito de novas esperanças, de novas certezas, e sigo para o quarto. Hoje a minha noite será diferente.

Capítulo 22



O instinto me diz que algo surpreendente acontecerá na noite de hoje, por isso escolho o melhor vinho branco que tenho em minha dispensa e, antes de ir para a casa da Acácia, ligo para a floricultura de uma das minhas clientes. Eu sei que a essa hora a loja está fechada, mas a ocasião merece algo inusitado, e a dona Lúcia – a dona da floricultura – ficará feliz em me vender o seu melhor buquê de rosas vermelhas.

Nervoso, ansioso, em estado de êxtase e com um enorme buquê de rosas em uma mão e uma garrafa de vinho debaixo do braço, bato na enorme porta branca.

Através do tecido fino da cortina, vejo a silhueta esguia da minha futura namorada se aproximar. Sim, a partir de hoje ela será oficialmente a minha namorada. Acácia para diante da porta, e antes que a abra, eu digo:

— Adivinhe quem é? — pergunto carinhosamente, sentindo o coração saltar dentro do meu peito.

— É meu chefe pontual. Acertei?

Chefe? Não, minha flor, palavra errada. A palavra certa é: o seu

namorado e futuro marido.

— Não, nesse momento seu chefe ficou em casa, quem está aqui é... o Jordan — penso no que dizer, acho melhor ir devagar. Ainda não sei se ela realmente vai querer dar continuidade aos sentimentos que se construíram ao longo desse tempo que ficamos juntos.

Com um lindo sorriso esticando seus lábios, ela abre a porta. Contemplo-a e sinto-me invadido por uma onda de ternura e amor. Penso em tê-la nos braços, mas ainda ela é, por enquanto, minha amiga, e não minha namorada. De repente, um estranho pensamento surge em minha mente: *se continuar pensando muito, não criará coragem para dar um passo adiante, Jordan Cavalcante.*

— Nossa! Não sabia que o senhor Jordan era um cavalheiro. Além de lindo, é claro. — Sua face fica rubra assim que se cala.

— Flores para a mais linda flor. — Estico o braço, oferecendo-lhe as rosas, que ela aceita sorrindo. Sei que a frase foi clichê, mas o nervosismo não me deixou ser um pouco mais criativo. — Humm! O cheiro está ótimo. — digo, quebrando o silêncio que foi construído em torno de nós.

— Oh, meu Deus...! — Ela corre em direção à cozinha, deixando-me parado diante da porta aberta. — O arroz, Jordan, o arroz. — Escuto algo cair no chão da cozinha, fazendo um barulho horrendo, seguido de um eco.

— Acácia, está tudo bem? — Sem esperar a resposta, corro na direção da cozinha. Encontro-a com a mão embaixo da torneira ligada, jorrando água sobre ela. — Por Deus, Acácia, você se machucou?

— Não é nada, na pressa de salvar o nosso jantar esqueci que o cabo da panela esquenta. — Seu olhar é guiado para o chão branco da cozinha, que está com arroz espalhado por toda extensão. — Acho que nosso jantar foi literalmente para o chão.

— Deixe-me ver isso. — Deixo a garrafa de vinho sobre a mesa e seguro sua mão. — Não poderá escrever por alguns dias. Está bem vermelha a palma, mas não ficará com bolhas. — Ela está trêmula. Nesse momento, sinto muita raiva da panela do arroz.

A palma de sua mão está bastante vermelha e dolorida ao toque. Por sorte, ela foi rápida e a colocou embaixo da água corrente, e graças a isso não causou danos mais graves. Durante alguns dias ela não poderá fazer esforço

com a mão direita.

— Jordan, perdoe-me... — Ela sussurra, enquanto ainda estou examinando sua pequena mão.

— Perdoá-la pelo quê? — Desvio o olhar de sua mão e encaro seus lindos olhos verdes.

— Pelo nosso jantar, ele está no chão. Eu queria tanto surpreendê-lo. — completa tristemente.

— Oh, minha linda flor, você me surpreende todos os dias sem precisar fazer esforços. Não se preocupe, podemos pedir uma pizza de camarão, o que acha? — Levo sua mãozinha até os lábios e a beijo suavemente, sem desviar os olhos dos seus.

E neste momento sou dominado por emoções extraordinárias, que fogem totalmente do meu controle. Aproximo-me um pouco mais do seu rosto e a luminosidade da lâmpada da cozinha me deixa ver um rosto rubro de lábios trêmulos. Ela está tão nervosa quanto eu. Inclino o rosto lentamente e lhe dou um beijo ligeiro. Mas a seguir meus braços a envolvem fortemente e o beijo que trocamos é violento, quase selvagem. Acácia se rende a mim, correspondendo totalmente, passando os braços pelo meu pescoço e unindo seu corpo ao meu. Quando nos separamos, ela treme. A emoção toma conta dela, impedindo-a de falar, deixando seu corpo quase paralisado. Deixando-a completamente em êxtase.

— Jordan — tenta me chamar, mas seus lábios não conseguem emitir um som completo. Algo em torno de nós nos paralisa, estamos envolvidos na mesma emoção, presos em nossos olhares. — Jordan... — Uma emoção infinita a toma e uma lágrima desce por seu rosto. Neste instante, já não importa o jantar ou qualquer outra coisa que não seja nós dois.

Somente quando a ergo nos braços, ninando-a como se fosse um bebê e dizendo-lhe palavras de carinho, enquanto passo a mão em seus cabelos, é que consigo responder e chamá-la pelo nome. — Acácia — Ela apoia o rosto molhado em meu peito, escondendo-o.

— Não, minha flor, não! — murmuro, aconchegando-a mais junto a mim.

— Eu quero você, eu quero você! — exclama, beijando meu pescoço.

Eu já sei dos seus sentimentos, só não sabia que eles eram tão fortes.

Desço-a dos meus braços e a seguro pelos ombros. Afasto-a, encarando-a profundamente.

— Sabe o que está dizendo?

— Sempre soube, Jordan. Eu o quero como nunca quis outra pessoa, quero tanto que chega a doer aqui. — Ela leva a mão ao peito. — Por favor, diz que me quer também. Diga que já não há mais nada que possa nos separar.

Eu sei bem o que ela quer dizer. As únicas coisas que nos separavam era a Íris e os meus sentimentos conflitantes por ela.

— Sim, e como quero. — digo. — Não suporto mais esconder isso de mim! Eu desejo você e isso está me destruindo! Meu Deus, Acácia, já ultrapassei os limites de minha resistência, e não serei responsável pelo que possa fazer, se não puder amar você agora mesmo.

Então, ela me surpreende e se afasta enquanto eu fico observando-a fixamente. Ela tira o vestido com mãos trêmulas e ele desce lentamente por seu corpo até encontrar o chão. Despe a calcinha, e eu ali, parado, vendo tudo aquilo. Finalmente nua, atira-se nos meus braços. Eu não resisto e beijo todo o seu corpo e sinto o contato de sua pele macia e cheirosa em meus lábios. Abraçados, beijamo-nos com ardor, até que paro de repente e ergo-a nos braços.

— Quero-a tanto, Acácia — afirmo. — E prometo que desta vez não mudarei de ideia. Eu a farei minha, e isso não é uma promessa, é uma afirmação.

— Eu amo você. Eu amo você. — Enlaçando meu pescoço com os braços, Acácia repete sem parar. — Não suporto tê-lo tão perto e ao mesmo tempo tão longe. Você me pertence. — Essas palavras soam tão sinceras. Sim, eu lhe pertencia. Fora assim desde o início. Estamos unidos pela eternidade.

— Sou todo seu — É a apaixonada resposta que lhe dou. — Meu Deus, como eu a amo! Como a desejo! — Levo-a para o quarto, deitando-a na cama. Deixo-a me observando enquanto me dispo completamente.

Seus olhos verdes curiosos admiram o meu corpo nu, param quando veem as minhas mãos alisar meu pênis ereto e espesso, louco para se inebriar no calor da sua boceta succulenta. Acácia morde o lábio inferior enquanto

admira meu membro e roça as coxas uma na outra. Está tão excitada que posso ver o brilho da sua umidade.

Seguro os seus pés enquanto me inclino em direção às suas pernas. Meus lábios tocam a pele macia e arrepiada e minha língua percorre cada pedacinho do caminho entre suas coxas, até chegar onde realmente quero: em suas dobras succulentas. Primeiro inspiro seu cheiro profundamente, depois lambo com a ponta da língua seu clitóris inchado, para em seguida mergulhar entre seus grandes lábios vaginais e colher todo o seu líquido viscoso. Fodo-a vertiginosamente em sua abertura, apenas com a força da minha língua. Os músculos internos de sua boceta tentam segurar minha língua e puxá-la mais profundamente. Ela quer ser preenchida, quer sentir a força do meu amor, da minha ereção pulsante dentro dela.

— O que você quer, minha flor? — pergunto com uma voz lúbrica.

— Vo-você. Quero você, Jordan. — responde, quase sem força, enquanto se contorce, extasiada.

— Ainda não. — Escorrego minha língua para fora e ela solta um gemido quando percebe que me afastei. Suas pernas tremem com a necessidade e as mãos me agarram com força. — Seu prazer é o meu prazer. — digo, alisando sua boceta com os dedos, fazendo um caminho lento para cima e para baixo.

Inclino-me outra vez, aproximando minha boca do seu sexo. Inspiro seu cheiro, e Acácia se contorce ao sentir minha respiração quente tão próxima da sua intimidade. Com meu cabelo roçando a pele sensível e meus dentes raspando por todo canto, ela respira cada vez com mais dificuldade, e eu me pergunto até quando ela poderá segurar sua excitação antes de explodir.

Quando minha boca suga o seu clitóris, ela chega ao limite extremo do seu controle. Sua cabeça vira de um lado a outro e ela joga os quadris mais perto da minha boca. Furiosamente eu bombeio minha língua em um movimento de entra e sai, cada vez mais rápido. Acácia não consegue segurar o clímax e explode como uma tempestade desarvorada, gritando com força e friccionando o quadril com força em minha boca, exigindo que eu a chupe cada vez mais. Ainda em êxtase com a força do seu orgasmo, eu me afasto. Minha boca molhada e com o seu gosto faz com que eu a deseje cada vez mais.

Acácia se apoia sobre um cotovelo, admirando-me. Vê-la com os olhos

brilhando de prazer me transforma em um homem das cavernas. Logo quero reivindicá-la, possuí-la, e esse pensamento machista faz um gemido escapar de minha garganta. Ela percebe o quanto estou louco de desejo e os seus lindos olhos fitam meu pênis, que se agita à vista. Comprido e grosso, curvando-se orgulhosamente para cima desde seu ninho de cachos acobreados. Uma reluzente gota da minha excitação desce lenta, e eu aproveito para lubrificar toda a minha extensão, escorregando a mão pelo meu grosso eixo, deixando-a impaciente.

De pau duro, avanço para ela, com um pecaminoso sorriso travesso em meu rosto.

— Agora vou realizar o meu e o seu desejo, e que se dane o resto do mundo, minha linda flor. — Ela umedece os lábios com a ponta da língua, provocando-me.

— Pare de atormentar, Jordan, já não estou suportando essa distância entre nós. — Ela me puxa, agarrando o meu pescoço com a mão. — Foda-me, homem. Devore-me. — Sua boca se choca com a minha, e o beijo é devasso.

Enquanto minha boca é devorada pela sua, minhas mãos brincam com os seus mamilos retesados. Bolino-os sem dó e ela grita com o prazer do pequeno ardor. Aproveito o seu êxtase e afasto suas pernas, ficando entre elas.

— Hoje será o primeiro dia de nossas vidas, minha linda flor. — digo, enquanto chupo um mamilo, lapeando-o com a minha língua.

Deslizo um dedo dentro de seu sexo escorregadio. Levanto minha cabeça com um sorriso pecaminosamente malvado no rosto, admirando-a, vendo-a tomar um irregular fôlego e se arquear na cama. Continuo mordiscando seu mamilo e deslizando um dedo dentro e fora de sua vagina completamente lubrificada. Cada golpe do meu comprido dedo habilidoso faz seu corpo se arrepiar no calor erótico, chispando através de seu ventre. Acácia geme, enlouquecida, retorcendo-se em deliciosa luxúria sob as minhas mãos e boca. Quando eu percebo que ela está prestes a gozar outra vez, preencho-a com mais dois dedos, movendo-os com mais rapidez, enquanto minha boca provoca os seus deliciosos mamilos.

— Jordan! — Acácia grita enquanto seu prazer vem em largas e estremecedoras ondas de prazer.

Rapidamente eu me ergo sobre ela. Apoiando meus antebraços em cada lado de seu corpo, eu a penetro com o meu membro espesso. Não satisfeito, e com cuidado, manobro seu corpo e fico por trás, envolvendo um braço em volta da sua cintura e apoiando-a sobre ele.

— Acácia, quero-a com toda a força do meu coração, tenha a certeza disso. — digo, emocionado.

— Jordan... — Ela mal consegue dizer o meu nome.

Então, mergulho meu membro lentamente, afundando profundamente em sua vagina. Ela empina a bunda para trás, tenta me sentir o mais fundo possível. Uma das minhas mãos acaricia seus mamilos e a outra faz um caminho até o seu estômago, descendo de encontro à sua vulva, onde meus dedos procuram o seu ponto sensível. Soluços saem da sua garganta enquanto continuo a fodê-la num ritmo constante e duro. Nossos corpos grudados, minhas mãos trabalhando e as delas tentando alcançar minha nuca para me ajudar nas batidas do meu membro em seu sexo. Acácia desaba e solta um grito orgástico, e eu continuo a dar para ela todo o meu prazer. Minhas mãos agarram seus quadris, puxando-a firmemente contra mim, até que não suporto mais e solto um grunhido, soltando minha liberação. Um prazer tão intenso que meu corpo todo se convulsiona freneticamente. Beijo sua nuca, e ela respira com dificuldade. Solto-a e deito-a de costas para o colchão enquanto fico sobre o seu corpo, admirando seu rosto lindo, ruborizado e suado. Coloco as mãos em concha em sua face e a beijo suavemente, provocando-a, beliscando e lambendo seus lábios.

— Estou louco por você, linda flor. — Continuo provocando-a com a boca.

Seu coração acelera outra vez, quando escuta minha confissão. Ela me abraça e o beijo torna-se desvairado.

Nos amamos outra vez, pois após tantos dias nos evitando – quer dizer, eu a evitei – finalmente estávamos possuídos por uma força difícil de controlar. Fizemos amor selvagem, quase conseguimos sentir as barreiras desabarem diante de nós, afastando para longe toda e qualquer dúvida existente quanto ao nosso sentimento. Exaustos, nos abraçamos, com os corpos lânguidos e relaxados.

A cama está uma bagunça, os lençóis jogados ao chão. Mas não nos importamos, temos tudo o que precisamos – nossos corpos atracados um no

outro – e assim dormimos profundamente.

Capítulo 23



O dia seguinte chega com uma pequena rajada de vento, fazendo a cortina branca e fina do quarto dançar, flutuando no ar. O sol morno, lançando seus raios, quase a alcançarem meu rosto, despertam-me rapidamente. Mexo-me sobre o colchão, espreguiçando-me lentamente. Meu corpo roça no de Acácia e eu me viro. Ficando de lado, eu a encaro. Ela abre os olhos, pisca-os rapidamente como se não acreditasse no que via, e eu solto um riso quando ela franze a testa, juntando os olhos. Então, após alguns segundos, seus lábios se abrem em um sorriso. Lembra de tudo sobre a noite passada e relaxa, puxando-me para perto com as mãos em minha nuca, unindo-me a ela. Por alguns segundos, também fico espantado com a situação, mas logo um ar de felicidade se estampa em meu rosto.

— Bom dia, meu amor... Meu querido. — Acácia encosta a testa na minha, fitando-me intensamente com um singelo riso nos lábios.

— Bom dia, meu amor. Minha linda flor. — repito o cumprimento, ainda tentando administrar essa minha nova fase. Fazia tempo que não acordava ao lado de alguém. Também, nunca havia experimentado tamanho sentimento, o mais próximo foi quando conheci a Íris. As emoções se

pareciam, a vontade era a mesma.

Uma vontade de perpetuar o momento.

— Sabe — ela continua, sorrindo enquanto fala —, ainda não acredito que finalmente estamos aqui... — ela faz um gesto com a mão, mostrando a cama bagunçada. — Será que estamos tendo o mesmo sonho?

— Se estamos, eu não quero acordar. — digo, puxando-a para mais perto e beijando-a com amor. — Mas posso garantir que não estamos compartilhando um sonho. Tudo isso é verdade, minha flor.

— Não está decepcionado comigo? Quer... quer dizer, você é tão lindo, já conheceu tantas moças... Eu sou o que esperava, ou...?

— Por Deus! — exclamo, divertido. — Como ousa pensar isso? Você, de todas as flores, é a mais bela, a mais perfeita. A única flor do meu humilde jardim. — completo com as mãos dos dois lados do seu rosto, encarando-a com admiração no olhar.

Ela ri, com um olhar emocionado.

— Será que a Íris entenderá tudo isso? Será que ela não ficará com raiva de mim? — O sorriso morre em seus lábios.

— Minha flor, não fique assim. Quem deveria pensar assim sou eu, não acha? — Envolver-a num abraço apertado. — Posso garantir que a Íris ficará muito feliz com a nossa união. Esqueceu que foi ela quem nos juntou? Sua irmã já nos abençoou. — completo.

— É verdade — Ela se afasta um pouco, encarando-me. — E por falar nisso, precisamos sair desta cama e começar a seguir o plano. Ou desistiu de ajudá-la a descobrir quem a matou?

— Claro que não, só não sei se esse plano funcionará. Mas vamos seguir com o planejado e seja o que Deus quiser.

Recebo um beijo apaixonado. Levantamos da cama e vamos para o chuveiro. Não resistimos um ao outro e fazemos amor outra vez. A cada segundo é mais difícil ficar longe da Acácia, ela está se tornando viciante, e o meu coração bate, acelerado, toda vez que percebo seus lindos olhos verdes em minha direção.

Resolvemos tomar o café da manhã na lanchonete da esquina, assim os fofoqueiros de plantão ficam sabendo que estamos indo para a floresta à

procura de flores raras. Já estamos saindo da lanchonete, quando o meu celular começa a tocar insistentemente. Eu não ia atender, mas a ética médica falou mais alto.

— É o Solano — olho para Acácia, que está curiosa para saber quem é. — Ele está na clínica me esperando com o filho. O cãozinho não está muito bem e o menino não para de chorar, teremos que adiar um pouco a nossa aventura na mata.

— Então vamos logo. — Ela segue até o carro.

— Acácia, se quiser pode me esperar em sua casa, eu sei que o Solano não é uma pessoa muito agradável. Percebi como ele olha para você, então eu a deixarei em casa...

— Nada disso — Ela me interrompe, entrando no carro. — Sou sua recepcionista e ajudante. O seu amigo é esquisito, mas não me assusta.

Encontramos o Solano em frente à clínica. Ele está agitado com o pequeno labrador nos braços e seu filho não para de chorar agarrado às pernas do pai.

— Pelo amor de Deus, Jordan, você precisa me ajudar, ou meu filho vai ter uma síncope de tanto chorar.

Abro a porta da clínica e entramos.

— “Dotor”, ajude o Lupe, por favor, por favor. — O menino desaba a chorar.

Acácia abre a sala de exames. Peço ao Solano que coloque o Lupe na maca e começo a examiná-lo, e enquanto faço isso, pergunto o que aconteceu.

— O Lupe entrou sem querer na sala do papai e foi expulso com chutes, depois começou a tossir direto e não quer mais comer nem beber. — Olho para o Solano, esperando uma explicação mais detalhada.

— Crianças têm imaginação fértil. — Ele diz, sem graça. — É só que o porão é o único local da casa onde ninguém tem permissão para entrar. Sabe como é... — Dá de ombros, sorrindo sem jeito. — Um homem tem suas necessidades, e uma das minhas é ficar sozinho por algumas horas. Por isso adotei o porão como meu refúgio.

— Tudo bem, Solano, não o julgarei, só preciso saber o que aconteceu.

— O cão mal consegue respirar. — Acácia, prepare a sala de radiografia digital. — Olho para ela com um ar preocupado. O Lupe está com o abdômen inchado. — Então, Solano, o que aconteceu?

— Dei alguns chutes nele. O cão é teimoso e eu me senti contrariado, não gosto de perder minha autoridade. Ele estava fuçando no que não devia, por isso perdi o controle.

Solano não está arrependido, ao contrário, ele parece bem satisfeito com a lição que deu ao cão. Olho ligeiramente para o menino, que permanece de cabeça baixa. Tudo nele denota medo, só então percebo que é medo do pai, e não o de perder o cãozinho.

— Ele engoliu algo muito importante para mim. Preciso que faça algo para que o regurgite. Pode fazer isso? — Solano não está preocupado com o cão, mas com o que ele engoliu.

— Não mate o Lupe, por favor, “dotor”. Não mate meu cãozinho. — O menino começa a chorar compulsivamente.

— Deixe de ser molenga, Douglas. Se for preciso, o cão será sacrificado, já conversamos sobre isso. Depois compro outro cão para você. — A frieza na voz do Solano me embrulha o estômago. Como ele podia ser tão cruel assim?

— Douglas, o Lupe ficará bem, ok? Agora eu preciso que vá com essa moça bonita até a recepção. Vá assistir um pouco de TV com ela. — Olho para a Acácia e ela entende meu recado. Eu preciso afastar a criança do pai.

— Se ele não quiser ir, eu vou. Assistir TV com essa mulher gostosa será um prazer. — Solano solta sua gargalhada peculiar, medonha e nada discreta.

Acácia o olha com desaprovação, e eu sentindo que o clima começava a pesar, intervi.

— Solano, respeite a minha namorada. — digo rispidamente.

— Finalmente, cara, resolveu assumir que está pegando a moça. — Meu sangue ferve em minhas veias. Minha vontade é de mandá-lo à merda, mas o profissionalismo fala mais alto.

— Sem gracinhas, Solano. — Olho para a Acácia, que está completamente ruborizada. — Leve o Douglas, minha flor — O menino me

olha, aflito. — O Lupe ficará bem, eu prometo. — Pisco um olho para o menino. Ele respira fundo e aceita a mão da Acácia e os dois saem da sala de exames.

Após examinar as imagens, comprovo minha desconfiança. O cão tinha engolido algo.

— Ouviu o que eu disse, eu sabia que ele tinha engolido. Tem como recuperar, não tem?

Solano não está preocupado com o cão.

— Tem, sim. — respondo. Analisando a imagem, ela se parece com um... crucifixo e outro objeto redondo, que se parece um anel.

Assim que penso nos objetos desenhados na imagem da radiografia, as portas do fundo da clínica se abrem violentamente e um vento forte invade o ambiente, jogando papéis e pequenos objetos ao chão. O cão que está deitado na maca levanta a cabeça e começa a latir, olhando para um ponto fixo. Olho na mesma direção e vejo a Íris. Ela está completamente diferente. O vestido não é mais o mesmo, está com o rosto todo machucado, a roupa toda esfarrapada e ensanguentada. Ela chora, as lágrimas escorrem por seu rosto feito cascatas. Tento me controlar para não ir ao seu encontro, o Solano não entenderia e certamente pensaria que estou louco. Mentalmente chamo por ela. Íris escuta minha súplica e os seus olhos fitam os meus. Ela tenta me dizer algo, olha desesperada para o Solano e depois para mim. Não entendo o que ela quer e o meu coração acelera. O cão late desesperado.

— Quietos, cães dos infernos! Jordan, faça alguma coisa para acalmar esse insuportável. — Solano toca o meu ombro com a mão.

Não consigo reagir, meus olhos não se desviam dos olhos da Íris.

— Íris... — balbucio seu nome. — Íris... — Ela está tão machucada, aparenta sentir muita dor. Estou a poucos segundos de ir até ela.

Então o inevitável acontece. Quatro moças surgem diante dos meus olhos, ao lado da Íris. Elas estão tão machucadas quanto a Íris e, como se tivessem combinado uma com a outra, elas apontam os dedos trêmulos para o Solano.

— É ele... é ele, Jordan. — Íris olha para mim com um olhar apavorado, e assim como surgiram todas, desaparecem.

Atordado, permaneço inerte. O choque das palavras da Íris me deixa sem ação. Não pode ser, o Solano não seria capaz de matar e fazer coisa pior, ele não teria coragem. Ele pode ser insuportável, asqueroso, mas um serial killer, não. Isso não.

— Jordan... Jordan. — Escuto sua voz ao longe. Absorto em meus pensamentos, encaro-o, mas não o vejo. É como se os meus olhos estivessem nublados. — Jordan, que cara é essa? Parece que acabou de ver um fantasma! — exclama. Se ele soubesse que vi mesmo, e não apenas um, mas cinco... — Jordan! Você está me assustando, cara.

Não, não, Solano. Eu quem estou assustado. Acabo de descobrir que meu amigo de infância é um assassino.

— An-ham! — Balanço a cabeça e fito o Solano. — O que disse? Ah, sim... foi só uma ventania forte, já passou.

— Você está bem? — Ele pergunta, olhando-me preocupado.

— Estou... estou bem — Olho para o Lupe e acaricio sua cabeça. — O Lupe precisará ficar aqui por no mínimo 72 horas...

— Como assim?! — Solano se sobressalta. — Não é só dar um laxante e esperar ele pôr o objeto para fora?

— Não funciona assim, Solano. A medicação não faz efeito imediato, preciso administrá-la várias vezes e no horário certo...

— Então, abra a barriga do bicho. — Ele me interrompe. — Ou o sacrifique. Não se preocupe com o Douglas, eu compro outro cão, ou vários cães, mas eu preciso do objeto o quanto antes em minhas mãos.

— O que o Lupe engoliu de tão valioso para deixá-lo assim ansioso? — Esta é a pergunta que não quer calar. Solano fica nervoso e começa a gaguejar.

— Foi... foi... foi uma joia de família. Uma corrente de ouro com um crucifixo e um anel. Eram da minha avó, não são caros, mas são valiosos para mim. — Ele não consegue me olhar.

Mentiroso filho de mãe. Ele odiava a avó por ser mão de vaca, acho que se esqueceu que conhecia a história da sua família.

— Não será preciso sacrificar o animal, Solano, por isso preciso que o Lupe fique aqui. Caso o remédio não faça o efeito esperado, então será

preciso uma cirurgia, entendeu? — Solano se cala e me encara com as sobrancelhas arqueadas.

Eu preciso de tempo, tempo para pensar no que farei, por isso menti. Lupe não precisa ficar aqui, a medicação que dei para ele agirá em algumas horas. No entanto, se eu estiver certo quanto à minha desconfiança, nunca verei a prova de seu crime se o Lupe for com ele.

— Não é melhor dar um fim no bicho? É mais rápido e menos trabalhoso. — Ele insiste com o sacrifício do animal, sequer pensa no que isso causará ao filho.

— Sem sacrifício, Solano. — afirmo, fitando-o com firmeza no olhar. — Pode ir tranquilo. Logo você terá as joias da sua avó nas mãos.

— Ok. — Ele olha para o cão, que permanece deitado na maca, quieto, enquanto acaricio sua cabeça. — Me mantenha informado.

Deixo o Lupe descansando na gaiola e acompanho Solano até a recepção.

— Papai... — Assim que Douglas nos vê corre em direção ao pai. — E o Lupe, cadê ele? — O menino me fita com os olhinhos marejados.

— O Lupe está bem, ele só precisará ficar aqui por algumas horas. — digo, sorrindo para ele. — Assim que ele estiver melhor aviso ao seu pai. — completo.

— Pare de chorar, você é um homem, não um maricas. É só um cão, posso comprar outro cachorro para você.

— Eu não quero outro cachorro, quero o Lupe. — Douglas soluça, limpando as lágrimas que escorrem dos seus olhos.

— Douglas, o Lupe está bem. — Agacho-me e abraço o garoto trêmulo. — Ele só precisa pôr para fora a joia que engoliu, só isso — O menino se afasta e me encara com um olhar desconfiado.

— Posso vê-lo?

— Pode, sim, mas não demore, ele precisa descansar. — Douglas nem espera eu terminar de falar, entra correndo na sala de exames. Minutos depois, ele volta com um sorriso esticado nos lábios. — Obrigado, “dotor” Jordan. Meu cãozinho está bem.

— É melhor irmos. — Solano segura a mão do filho. — Obrigado mais

uma vez, Jordan. — Estende o abraço, oferecendo a mão para me cumprimentar. Aceito. Depois, vira-se para a Acácia, que se mantém distante. — Linda moça, obrigado por cuidar do meu filho. — Ele fica observando-a por alguns segundos. — Ainda acho que nos conhecemos de algum lugar. Seus olhos e sua boca são muito familiares...

— Tenho certeza de que se o conhecesse, jamais o esqueceria. — Acácia responde sem nenhuma expressão no rosto.

— Se você está dizendo... — Solano retruca, indiferente — Vamos, Douglas.

Acácia pede licença e segue para a sala de exames. Eu acompanho o Solano até o carro.

— Jordan, eu tenho certeza que conheço sua recepcionista. Aqueles olhos verdes são inesquecíveis, e posso afirmar que já a comi. Portanto, meu amigo, tenha cuidado. Essa aí é uma biscate.

Já ia dizer umas boas verdades ao Solano, mas sou impedido pelo afoitamento do Douglas, que me abraça as pernas.

— Obrigado, “dotor”, por cuidar do meu cãozinho. — Solano espera o filho entrar no carro, depois faz o mesmo. Eu espero o carro desaparecer na esquina e entro na clínica, procurando por Acácia, louco para contar as novidades.

Capítulo 24



Encontro a Acácia limpando a bagunça que a ventania provocou.

— Nossa! O que aconteceu aqui? — Ela está agachada, juntando alguns papéis, e me olha com um olhar curioso.

Agacho-me e começo a ajudá-la.

— A Íris esteve aqui. Ela e as moças que estavam presas na floresta...

— Como assim!? — Ajudo-a a se levantar. Ficamos frente a frente, olhando pasmados um para o outro.

— Elas reconheceram o assassino. — digo rapidamente, sem nem piscar os olhos.

— O quê!? — Acácia empalidece. Pego-a, pois seus joelhos se dobram, e levo-a para uma cadeira. — Como reconheceu o assassino? — Ela sussurra. Está trêmula e lágrimas já brilham em seus olhos.

Sigo até a mesa e pego os exames de imagem do Lupe, sento-me ao seu lado e mostro para ela.

— O Lupe engoliu isso. O Solano me disse que é uma corrente com um

crucifixo e um anel que pertenceram à sua avó...

— Sim, e daí? O que isso tem a ver com a Íris?

— Eu não sei, mas depois disso a Íris surgiu na minha frente e logo depois as quatro moças. E todas elas apontaram para o Solano, afirmando que tinha sido ele. — Encaro a Acácia. — Vamos esperar o Lupe devolver as joias, assim veremos se as minhas dúvidas estão certas ou não.

— Não entendi, Jordan, quais são as suas dúvidas? Se a Íris apontou para ele, precisamos ir até a polícia.

— E dizer o quê? Acusar o Solano de quê? Com que provas? — Ela se levanta, anda de um lado para outro. Levanto-me e vou até ela, abraçando-a. — Meu amor, não posso acusar o Solano baseado na confissão de um fantasma. Precisamos de provas, e elas estão bem ali. — Aponto para o Lupe. — Só precisamos ter calma.

— Continuo sem entender, Jordan.

— É simples. — Seguro o lindo rosto da Acácia com as duas mãos e a fito com carinho no olhar. — A Íris tem uma correntinha com um crucifixo. Sei disso porque sempre a vejo em seu pescoço. Agora, responda-me, quando a Íris foi sepultada, ela estava com o crucifixo no pescoço?

— Não, a Íris nunca tirava a correntinha do pescoço. Foi um presente do papai nos seus quinze anos, e o meu foi este anel — ela o tira do dedo e me mostra. — Em ambos está gravado o nosso nome. Nós pensamos que ela tinha desaparecido no mato onde a encontraram... — Ela fica muda e pensativa. — Espere um pouco... — faz outra pausa. — ... você não está achando que este objeto aqui... — aponta para a imagem. — ... é a correntinha... não, meu Deus! Então é por isso que o Solano acha que me conhece, eu me pareço muito com a Íris... É ele, é ele Jordan! — Ela se levanta rapidamente. — Precisamos ir à polícia, esse assassino precisa ser preso.

— Acalme-se, minha flor. — Levanto-me e a abraço outra vez. — Precisamos de provas, se a correntinha que está no estômago do Lupe for a da sua irmã, no mínimo a polícia irá revistar o porão da casa do Solano.

Passam-se segundos, minutos e horas, até que finalmente a medicação faz efeito e o Lupe consegue expulsar os objetos para fora do seu organismo. Recolho-os, e enquanto a Acácia cuida do Lupe, limpo os objetos com

cuidado. Como havia suspeitado, a corrente com o crucifixo é a da Íris, está escrito o seu nome na parte de trás.

— Então, é da minha irmã a joia? — Acácia está bem atrás de mim. — Jordan, diga-me, é ou não é da Íris?

— É — Viro-me e encontro um par de olhos aflitos procurando o objeto em minhas mãos. — E este anel, é dela? — Mostro um anel em ouro branco com um lindo rubi e cravejado de pequenos diamantes. Não sou um especialista em joias, mas pelo peso do anel e o brilho reluzente das pedras, sei que o anel é uma joia muito cara.

— Nunca vi esse anel antes, eu e a Íris não tínhamos objetos caros, nossas únicas joias eram essas. — Ela mostra o anel no dedo e a correntinha que está em sua mão. — Esse anel não pertencia à minha irmã.

— Já desconfiava disso. — digo, analisando o anel outra vez. — É uma joia cara demais, parece um anel de formatura...

— A Íris estava no último ano do ensino médio. — Acácia me interpela.

— Então... — Fito-a sério. — Só pode ser da sua última vítima, porque as outras meninas que desapareceram eram humildes demais para possuir um anel tão caro. Deve ser da filha do fazendeiro que está desaparecida.

— Meu Deus! — exclama, abismada. — Será que ela está morta?

— Deve estar. — concluo.

— Coitados dos pais dessa garota. — diz, pesarosa. — O que faremos, Jordan? Vamos à polícia? Precisamos fazer isso logo, antes que o Solano queira as joias e o Lupe de volta.

Acácia tem razão, se temos que denunciá-lo, tem que ser agora.

— Faremos isso, mas será você quem o denunciará, pois, a joia é da sua irmã. — Sim, só a Acácia poderia fazer isso. Ela, como irmã e conhecedora do objeto de família, tem causa provável para fazer a queixa.

Resolvemos ir direto à delegacia, que fica a uns cinco quarteirões de onde estávamos, ao lado de um hipermercado, aliás, o único da cidade. Estacionei e seguimos pelos paralelepípedos uniformes, os mesmos de quando eu era apenas um adolescente. Os mesmos onde eu e o Solano e alguns amigos costumávamos fazer nossas estripulias nos skates. Sabíamos que ruas como aquela não eram propícias para brincar de skate, mas sempre

fomos do contra, por isso sempre vivíamos estropiados. Entramos na delegacia e seguimos para a recepção. A recepcionista nos pede para aguardar na sala de espera enquanto ela fala com o delegado Paulo Brandão. Fomos para o caminho indicado, mas nem dá tempo de nos sentar, logo somos convidados a entrar na sala do delegado.

Paulo Brandão é um homem parrudo, que aparenta ter mais de quarenta e cinco anos. O típico delegado de cidade do interior.

— O que perderam? — Ele me olha por cima dos óculos. — Celular, bolsa, carteira?

— Não, estamos aqui para prestar queixa... — Ele sobe as sobrancelhas, na certa se admira com o que digo, pois, o nível de criminalidade em São Pedro é baixo. O caso mais grave foi a morte da Íris, há oito anos, e agora, provavelmente, o desaparecimento da filha de um dos fazendeiros mais ricos da cidade. Pelo pouco que eu sei, o fato ainda está sob sigilo.

— Queixa sobre o quê? — Ele se encosta em sua confortável cadeira, nos observando com curiosidade no olhar.

— Meu nome é Jordan Cavalcante, sou o novo veterinário da cidade, e esta é minha funcionária, Acácia Santiago...

— Santiago? Esse sobrenome não me é estranho. — Ele me interrompe.

— Deve ser porque eu sou a irmã da Íris Santiago, a moça que foi assassinada cruelmente há oito anos e cujo crime nunca foi desvendado. — Acácia diz secamente.

— Como eu dizia... — Olho para a Acácia e ela se cala, não viemos à delegacia provocar o delegado, e sim pedir ajuda. — Viemos pedir a sua ajuda.

— Estou escutando vocês, podem falar. — Ele limpa a garganta e desvia os olhos da Acácia, voltando-se para mim.

— Bem, Acácia é minha funcionária e eu tenho uma clínica veterinária, e um cliente nos trouxe seu animal para tratamento... — explico o que aconteceu. — Após a medicação fazer efeito, era isso que estava dentro do estômago do cão. — Mostro os objetos para o delegado, que os aceita e analisa.

— Sim, e o que isto significa? Acha que é um objeto roubado e o cão os

encontrou e engoliu?

— Não. — Acácia diz, enquanto pega a correntinha na mão. — O cliente disse ao Jordan que o cão engoliu joias que pertenciam à sua avó, joias que para ele são muito preciosas, só que... — Acácia vira o crucifixo e mostra-o para o delegado. — Qual o nome que está escrito aqui?

O delegado se inclina e avalia o pequeno crucifixo.

— Íris. — Ele o pega e fica pensativo.

— Pois é, essa correntinha pertencia à minha irmã Íris, veja o senhor mesmo. — Ela mostra uma fotografia da irmã com a joia pendurada no pescoço. — Nosso pai deu para ela quando completou quinze anos. Ele deu um crucifixo para mim também, só que é um anel. — Acácia retira o anel do dedo e mostra o seu nome gravado. — Está vendo?

— E este anel aqui, era da sua irmã também? — Ele pega o anel delicado e valioso.

— Não — Acácia responde. — É uma joia cara demais, a dona dela deve ser uma pessoa muito rica. Parece um anel de formatura. Como o senhor pode ver, essas joias não pertenciam à avó do cliente do Jordan, ele mentiu. Ele só pode ser o assassino da minha irmã e provavelmente é o assassino da dona desse anel.

— É uma acusação muito séria, senhorita. E se a pessoa em questão encontrou essas joias e se apossou delas? Isso não o torna um assassino, e sim um ladrão.

— A pessoa em questão não precisa roubar, ela é muito rica. — interrompo o delegado. — E ele não precisava mentir para mim, pois somos amigos, e mais, a avó dele não era uma pessoa de dar presentes. Ele estava bem desesperado para ter de volta os objetos, queria até sacrificar o animal de estimação do filho.

— Quem é o tal cliente? — O delegado começa a se interessar.

— Solano Silva. — digo.

— Solano? — O delegado solta uma gargalhada. — Um dos homens mais íntegros da cidade! — Admira-se. — Não, não pode ser. Não tem como ele ser um assassino frio e cruel, ele deve ter outra explicação para estar com esses objetos.

— Senhor delegado, o Solano não é nenhum santo, ele é frio e ardiloso. Mentiu sobre as joias e isso já é motivo suficiente para o senhor investigá-lo.
— Levanto-me, inclinando-me sobre a mesa e apontando para as evidências.
— A Acácia é muito parecida com a irmã e não conhecia o Solano, mas ele, assim que a viu, desconfiou que a conhecia. Ele tem a certeza que já teve relações íntimas com ela, e quanto a esse anel, eu tenho certeza que pertence à Rebecca, a filha do senhor Joel que está desaparecida. Por que o senhor não vai até a fazenda e pergunta ao pai dela? — concluo.

O delegado, ao escutar os meus argumentos, levanta-se também e me fita com espanto.

— Como o senhor sabe sobre isso? O desaparecimento da moça está correndo sob sigilo.

— Sou veterinário de quase todos os fazendeiros dessa região e escutei comentários sobre a notícia. O senhor não acha que se fosse um sequestro os sequestradores já teriam entrado em contato? Pois é, a essa altura essa moça já está morta, e aí está a prova. — Indico o anel. — O Solano deve ter outros suvenires das outras vítimas dentro da sua sala secreta, no porão da sua casa. Acho melhor pedir um mandato e ir lá investigar. — digo energicamente.

— Senhor Jordan, não queira me ensinar como trabalhar, se acalme. — O delegado me olha, furioso.

— Desculpe, mas só eu sei como o Solano ficou quando levou o Lupe até a clínica, ele nem se importou com a dor do filho se por acaso precisasse sacrificar o cão. Ele simplesmente me mandou matá-lo para recuperar as joias. Isso é muita frieza, nem sei como ele mesmo não matou o animal.

— Investigue-o, senhor, por favor. — Acácia, que até então só nos observava, suplica com a voz consternada.

— Não prometo nada. — Ele se senta. — Até eu mostrar o anel para a família da moça desaparecida, se for mesmo dela, não tenho motivos para abrir uma investigação.

— Ele mentiu quando disse que as joias eram da avó dele, isso é um motivo. — digo, alterado. — O Solano não precisa roubar, ele é rico, pode comprar milhares de correntes como essa e dezenas de anéis como esse — aponto mais uma vez para as evidências. — E mais, a filha dele é pequena, não tem idade para ter um anel de formatura, se for esse o caso. Portanto, ele

é, sim, um suspeito.

— Se acalme, Jordan, vamos investigar antes de acusar. Começarei hoje mesmo, não se preocupe, senhorita Acácia, se o senhor Solano for o culpado nós descobriremos. Mantereí os senhores informados, estou indo agora até a fazenda.

Ele nos mostra a saída e nos acompanha até o carro.

— Peço que, por enquanto, não comentem nada com ninguém, e se por acaso o Solano entrar em contato com vocês, inventem uma desculpa qualquer.

— Não se preocupe quanto a isso, delegado, eu pedi setenta e duas horas para o Lupe reagir à medicação. — informo.

— Melhor assim. — Ele olha para a Acácia. — Dou minha palavra de que se o senhor Solano for o assassino, ele será preso. Até mais.

Ajudo Acácia a entrar no carro e depois faço o mesmo. Seguimos para a clínica e o delegado segue para a fazenda dos pais da moça desaparecida. Espero que ele encontre as respostas certas.

Capítulo 25



Consegui convencer Acácia a não contar nada sobre a correntinha da Íris à sua mãe, é melhor que ela não saiba, afinal, feridas abertas doem mais do que feridas novas. Andreia já sofreu demais com a morte da filha e a do marido, por que fazê-la reviver uma dor dilacerante? Acho melhor esperarmos que tudo se resolva, que o assassino seja preso e que finalmente possamos seguir com nossas vidas. Aí, então, contaremos tudo e lhe entregaremos a lembrança perdida da Íris. Acácia concordou e, após toda a nossa aventura, eu finalmente consegui fazê-la dormir. Deixei-a agarrada a um travesseiro com o meu cheiro e voltei para casa.

— Jordan. — Estou na cozinha, preparando um chá de camomila. Viro-me com a xícara na mão.

— Íris, por que você sumiu? — Deixo a xícara sobre a ilha da cozinha e a largos passos alcanço-a, abraçando o seu corpo frio. — Por Deus, minha flor, eu fiquei tão preocupado. Pensei que tinha ido embora sem se despedir de mim.

Afasto-me e a observo com carinho no olhar. Ela não está mais com a

mesma fisionomia da última vez que nos vimos, na clínica. Está vestida com o seu habitual vestido branco esvoaçante, seus lindos olhos verdes estão com o seu brilho inconfundível e os seus lábios com a cor rosada de sempre. O seu rosto delicado está sem nenhum hematoma. Vendo-a assim, respiro aliviado.

Íris sorri e volta a me abraçar, apertando-me. Eu cheiro os seus cabelos sedosos e os beijo com carinho.

— Eu trouxe convidadas — ela diz, respirando fundo. — Você pode conversar com elas? — Assim que a Íris faz a pergunta, minha nuca se arrepia e eu sinto uma sensação de euforia. — Elas estão bem atrás de você. — Meus braços deixam o corpo da Íris e eu me viro, lentamente. — Você consegue vê-las?

— Sim. — sussurro. Quatro lindas moças estão diante de mim, pasmadas. Assim como a Íris, elas estão com aspectos naturais, sem nenhum sinal de violência em seus corpos. Vestem roupas de festa e estão maquiadas como se estivessem prontas para ir a um baile. — Olá, meninas! — cumprimento sorrindo, e elas continuam mudas com olhares de espanto. — Sou o Jordan, amigo da Íris.

— Vo-você pode nos ver? — A pequena loira balbucia, está trêmula como se estivesse com medo de mim.

— Posso, sim. — respondo com voz calma, não quero assustá-la. Não deve estar sendo fácil para elas a descoberta de que estão mortas. — Como se chama? — pergunto, sem afastar o olhar.

— Sou a Dália. Aquela é Rosângela — aponta para a moça alta e de cabelos cacheados. Fito-a sorrindo.

— Sou a Jasmine. — Jasmine parece um anjo. É bem delicada, seus cabelos longos e negros escondem o seu rosto redondo. Ela é a mais curvilínea de todas.

— Olá, Jasmine. — Ela baixa os cílios, depois volta a me fitar e a sorrir, acanhada.

Encaro a moça morena que tenta se esconder atrás da Dália. Ela é da cor de chocolate e tem olhos cor de mel, contrastando com a cor da sua pele. É esguia e seus cabelos estão com muitas tranças longas. É muito bonita.

— E você, quem é? — pergunto, fitando-a com um olhar acolhedor.

— Eu... eu... sou Daisy. Você é o... o... beija-flor?

— Beija-flor! — Exclamo, espantado.

— A Dália que disse que o seu nome é beija-flor, pois nos salvou da escuridão.

Viro o meu rosto para onde a Íris está e a encaro com o olhar apertado. Ela sorri e dá de ombros.

— Não entendeu a situação ainda? — Ela se aproxima e enlaça o braço no meu. — Todas nós temos nomes de flores, então você é o nosso beija-flor. É justo, não é?

— É, sim... — Dália diz rapidamente. — Se você não tivesse encontrado a Íris, acreditado nela e aceitado ajudá-la, ainda estaríamos no pântano, pensando que estávamos vivas...

Sua voz morre e as quatro se abraçam.

— Você nos salvou, pois é o único que pode nos ver e ouvir. Você encontrou o homem que nos fez mal e ele será punido, e nós finalmente poderemos seguir... — Rosangela fala, emocionada.

— Vocês se lembram de alguma coisa, de algo que possa nos levar ao lugar onde ficaram aprisionadas?

— Lembramos de pouca coisa. — Dália responde.

— O Solano sequestrou uma de cada vez? — pergunto, pois ainda não sei como elas foram sequestradas. A polícia na época não cogitou sequestro, sequer investigaram a hipótese. Pensaram que as meninas haviam fugido, pois as mesmas tinham o costume de fugir. Só que elas sempre voltavam.

Daquela vez não voltaram, no entanto, tanto a polícia como os familiares pensaram que elas tinham encontrado o destino que tanto procuravam.

— Não, ele levou nós quatro. — Jasmine diz rapidamente.

— Como assim, vocês estavam juntas?

— Estávamos. — Dália olha para outras enquanto responde. — Foi no terceiro dia da festa, decidimos fugir para a capital e tentar a sorte lá. Quando chegamos na festa escondemos nossas coisas e nem percebemos que estávamos sendo observadas. Um tempo depois, o Solano veio até nós. Ele foi muito simpático, nos fez companhia e dançamos algumas músicas. Nunca

que desconfiaríamos dele...

— Ele foi um cavalheiro. — Rosangela completa. — Quando resolvemos ir embora, pois não podíamos perder o último ônibus para a capital, foi que ele perguntou sobre as malas que escondemos. Então contamos o nosso plano e ele se ofereceu para ajudar. Aceitamos, e já no carro dele, ele nos ofereceu uma garrafa de champanhe para comemorar as nossas novas vidas. Nós nunca havíamos bebido champanhe, ficamos tão felizes. Após a segunda taça começamos a ficar tontas e depois disso acordamos em uma cabana de tábuas. Só conseguíamos ver através das frestas, estávamos deitadas em colchões e acorrentadas.

— Não sabemos por quanto tempo ficamos na cabana, só contamos até o décimo quinto dia. Depois disso, perdemos as contas. Chegou uma hora que não sentíamos mais nada, nem dor... — Jasmine começa a chorar.

— Ele matou a Rosa primeiro, e enquanto a matava, ficava dizendo que nós seríamos as próximas... a... — Ela olha para a Daisy. — Daisy foi a última. Depois disso, acordamos em uma clareira. Foi como um sonho, não lembrávamos de nada, pensávamos que estávamos perdidas. Tentamos sair de lá, mas sempre voltávamos para o mesmo lugar, até que a Íris nos encontrou e prometeu nos ajudar. Então, naquele dia em que encontramos você e a irmã da Íris com aquele homem, foi que lembramos de tudo e conseguimos nos libertar.

— Obrigada! — Todas dizem ao mesmo tempo.

— Podemos abraçá-lo? — Daisy pergunta.

— Sim... sim. — Não sei se isso iria funcionar, pois o único fantasma que me tocou até agora foi a Íris.

Braços trêmulos me cercam e lábios gelados tocam o meu rosto. Sou beijado, apertado e molhado por lágrimas frias. Mesmo assim, sinto-me no céu, sinto uma paz imensa dentro do meu ser. A felicidade me toma e choro junto com elas.

— Meninas, está na hora.

Escuto uma voz desconhecida falar. Ainda atordoado, afasto-me das moças e viro o corpo em direção à voz. Uma senhora de sorriso largo, olhos brilhantes e cabelos negros está de braços abertos, bem no centro da minha sala.

— Olá, Jordan! Sou a Cecília, vim buscar essas jovens e agradecer por ajudá-las. Se não fosse a sua intervenção, elas ficariam nesse plano por muito tempo e logo outros espíritos inconformados e perversos se aproveitariam da inocência delas. Isso seria muito ruim para o adiantamento espiritual de cada uma.

— Viu, Beija-flor, o que eu disse? Você nos salvou. — Dália diz e corre para os braços da doce senhora. As outras fazem o mesmo, menos a Íris.

Fito-a, preocupado.

— Você não vai? — pergunto.

— Ainda não. Não posso ir, não sei explicar, mas não estou pronta... — Ela desaparece. Encaro a doce senhora com um olhar confuso.

— Não posso obrigá-la a ir, quando ela estiver pronta ela me chamará e eu virei buscá-la. — Cecília abraça as meninas.

— Adeus, Beija-flor, e obrigada por nos resgatar. — Dália sorri. Um sorriso límpido e acolhedor.

— Adeus, Jordan. — Rosangela, Jasmine e Daisy se despedem ao mesmo tempo.

— Vão em paz, meninas. — Aceno emocionado, gesticulando com a mão enquanto uma luz toma toda a minha sala, e do mesmo jeito que Cecília surgiu, ela desaparece, levando consigo as moças. E eu fico cheio de dúvidas e perguntas.



Acordo com uma sensação de dever cumprido, pois agora sei que as moças que a Íris queria tanto ajudar estão em paz e seguiram os seus caminhos. Contudo, ainda me preocupo com a Íris.

Ela não voltou depois que suas amigas se foram, fiquei à sua espera até adormecer e, até agora, nenhum sinal dela. Sei que cedo ou tarde ela aparecerá e me explicará por que não quis partir, ela mesma tinha me dito que quando encontrasse o seu assassino estaria livre para ir embora e seguir o seu caminho. Bem, enquanto a Íris não aparece, a vida continua. Daqui a pouco Acácia chegará, nós ficamos de ir juntos até a delegacia atrás de novidades e

confirmar se o anel é, ou não, da moça desaparecida.

Desço até a clínica para dar uma olhada no Lupe, alimentá-lo e colocá-lo para fazer um pouco de exercício.

— Oi, garotão como você está? — Lupe late feliz, abanando o rabo, eufórico. — Vamos correr um pouco. — Abro o canil e ele sai latindo e subindo em mim com as patas. — Calma, garoto, calma. — Ofereço uma tigela de ração e água fresquinha. Lupe come tudo, e assim que dou dois passos em direção à porta, ele volta a latir. — Venha, vamos brincar um pouco no jardim. — Lupe passa em disparada por mim.

Sento-me no banco e o observo brincar com alguns brinquedos que atirei para ele.

— Bom dia! — Assim que Lupe escuta a voz da Acácia, late e corre em direção ao portão. Levanto-me e faço o mesmo.

— Bom dia, minha flor! — Acácia se joga em meus braços e nos beijamos com paixão. — Nossa! Que saudade de você. — Encosto minha testa na dela e seguro os dois lados do seu rosto com as mãos. — A noite foi longa sem você, meu amor.

— Sonhei com você. — Ela diz, fitando-me com seus olhos verdes lindos. — Acordei na madrugada e pensei que era verdade, quase venho para cá.

— Humm! Então o sonho foi bom. — Beijo-a outra vez enquanto Lupe faz festa ao nosso redor.

— Estávamos casados e eu estava grávida de uma menina e você me mimava muito... — Ela fecha os olhos, emocionada.

— Esse sonho está próximo de realizar, mas posso antecipar os mimos enquanto o casamento e a nossa filha não chegam, certo? — falo, enquanto caminhamos em direção a um banco perto do canteiro de rosas.

— Escutou isso, Lupe? Você é testemunha...

— Testemunha do quê? — Viramos o rosto em direção à voz do delegado Paulo. — Bom dia! — Ele retira os óculos escuros e nos cumprimenta.

Eu, Acácia e o Lupe seguimos até o portão de ferro.

— Bom dia, delegado! — Estou surpreso por vê-lo, abro o portão

fazendo um gesto com a mão para que ele entre. Lupe começa a latir. — Quietos, Lupe. — Pegos-o pela coleira.

— Paulo, me chame de Paulo. — Ele entra. — Espero que não esteja atrapalhando, eu não tenho horário e sempre acho que as pessoas são iguais a mim. Se quiserem, posso voltar outra hora. — Ele parece um pouco ansioso.

— Não está atrapalhando. Eu acordo cedo também, mesmo nos finais de semana e, a propósito, estávamos indo até a delegacia falar com você. — Lupe não para de latir e nem de pular em mim. — Meu amor, você leva o Lupe para o canil? — Entrego a guia do Lupe para a Acácia.

— Acho melhor vocês entrarem também, a vizinhança já começou a afastar as cortinas. — Acácia aponta com o olhar para a casa da frente, onde a dona nos observa escondida atrás da cortina.

— Bom dia, dona Lívia! — digo acenando para a janela da velha senhora. Paulo faz o mesmo e o Lupe começa a latir.

— É melhor entrarmos, antes que chamemos a atenção de toda a vizinhança. — Entramos na clínica. Acácia leva Lupe para o canil. — Café? — ofereço.

— É bom, um café sempre é uma boa pedida. — Paulo aceita e me segue até a pequena e confortável copa.

— Quer ajuda, meu amor? — Acácia se aproxima e começa a arrumar a mesa.

Faço o café, esquento os pães e nos sentamos ao redor da mesa.

— Então, quais as novidades sobre a joia? — pergunto e fico na expectativa da resposta, enquanto uma tensão se forma em nossos rostos curiosos.

Capítulo 26



O delegado Paulo levanta a xícara e a leva até a boca. Saboreia o líquido fumegante, mantendo o seu ar misterioso, típico de um policial experiente. Acácia me encara, ela sequer provou o café, está tão tensa que posso ver o pulsar da sua jugular.

— Então, o que pode nos contar, Paulo? — Volto a inquiri-lo.

— Joel confirmou que o anel é da filha. — responde, enquanto vira de vez a xícara com o café na boca e permanece quieto por alguns segundos, enquanto o líquido escorrega por sua garganta. — É o anel de conclusão do ensino médio — Volta a ficar pensativo, em seguida, deixa a xícara na mesa. — Ele quis saber onde o encontrei...

— Você contou a verdade? — Acácia o encara imediatamente, como se estivesse preocupada.

— Não, claro que não. — Paulo se serve de uma fatia de pão. — Disse-lhe que um dos meus investigadores o encontrou nas buscas, e ele pareceu acreditar.

— E agora, qual será o próximo passo? — pergunto, fitando-o e logo em

seguida encarando o olhar interrogativo da Acácia. Ela está tão ansiosa que tenho medo de não suportar este mistério que nos cerca.

— Já dei o primeiro passo. — Paulo se recosta na cadeira, encarando-nos com o seu olhar experiente.

— Explique direito. — Ele já está me deixando irritado com o seu ar emblemático.

— Acabei de voltar da casa do Solano. — Meu olhar cruza com o olhar da Acácia. — Mostrei as evidências para ele.

— Como assim, o senhor foi até a casa do Solano e simplesmente o acusou de assassinato?

— Claro que não. — Ele se levanta e se encosta na bancada da pequena pia. — Perguntei se eram dele as joias.

— E ele disse o quê? — Acácia pergunta, curiosa.

— Ele ficou pálido e começou a gaguejar sem saber o que responder e depois negou conhecer as joias.

— Filho da mãe, mentiroso... — praguejo com raiva. — É claro que o senhor não acreditou nele, não é?

— Não. Deixei que se enrolasse nas suas mentiras, esperei alguns minutos e contei o que vocês me contaram. Ele... — Paulo volta a se servir de mais café e beberica-o enquanto observa a fumaça dançar em volta da borda da xícara. — Quando ele viu que eu já sabia da história, disse que o cão encontrou as joias no bosque, e como ele não quis que o filho dele soubesse que está treinando o cão para caça, inventou essa história de joias de família. Ele só queria que o cão ficasse bem, pois o filho é muito apegado ao animal.

— Mas que desgraçado mentiroso! — exclamo irritado, batendo forte com o punho fechado na mesa. — Ele sabe que fui eu quem o entregou?

— Disse-lhe que a sua recepcionista reconheceu a joia da irmã que foi morta há oito anos. — Ele encara a Acácia. — Quando eu revelei esse detalhe, ele juntou as sobrancelhas, um gesto comum em pessoas que querem recordar algo.

— Na certa ele juntou as coisas. Agora ele já sabe de onde me conhece, ou melhor, o porquê de pensar que me conhece. Na verdade, ele me confundiu com a minha irmã, já que somos muito parecidas.

A voz de Acácia treme ao terminar a frase, não sei se de raiva ou remorso.

— E agora, você vai investigá-lo? Vai revistar o porão dele?

— Não, por enquanto não posso fazer nada, o que tenho são só especulações. Não são provas, mas ele ativou meu radar, ficarei na cola dele. Se ele for o sequestrador da Rebecca, logo fará algo errado.

— Não... — Acácia se levanta tão rápido que sua cadeira cai, fazendo um barulho assustador. — Ele matou minha irmã e quem sabe quantas outras meninas, até essa Rebecca já deve estar morta. O senhor tem que prendê-lo, tem que conseguir um mandado para revistar a casa dele e todas as suas propriedades. Por favor, não o deixe livre, não...

Ela desaba no choro. Corro ao seu encontro e a envolvo em meus braços.

— Calma, minha flor, o delegado não pode agir sem provas. Precisamos ter calma.

Tento acalmá-la, beijando o alto da sua cabeça e acariciando suas costas.

— Acácia, não posso agir precipitadamente, ou o Solano escapa das minhas mãos. Você não quer isso, nem eu também. Não se preocupe, ele está se sentindo acuado, percebi isso pela sua voz trêmula e o seu olhar raivoso. O Solano vai pisar na bola, é uma questão de tempo. Ele vai querer se livrar da Rebecca, e quando isso acontecer, estarei na cola dele.

— Ele pode escapar impune. Ele é rico, pode perfeitamente ir embora e esperar a poeira baixar. Se isso acontecer, nunca mais o pegaremos. — Nervosa, ela completa, esfregando o rosto em minha camisa.

— Você precisa fazer alguma coisa. O Solano não é um idiota, ele vai se livrar de todas as provas contra ele. — digo.

— Se ele for mesmo o assassino da Íris eu o pegarei, só preciso de mais provas. Preciso que ele as entregue a mim, sem eu precisar pedir. — Paulo me encara com um ar soberbo, como se ele fosse o dono da verdade.

— Ora, Paulo, o Solano não é nenhum idiota. Eu o conheço e sei perfeitamente que ele é muito esperto, jamais irá fabricar provas contra si mesmo. Não se iluda, precisamos estar um passo à frente dele, caso contrário, ele escorregará entre os nossos dedos. — Seria pretensão do delegado ignorar

as minhas advertências? Solano já deve estar planejando algo para se livrar das desconfianças do delegado.

— Deixe que eu me preocupo com isso. A lei tarda, mas não falha. Já disse, se o Solano for o culpado, eu o pegarei. — Paulo pega os óculos e os coloca no rosto. — Bem, estou indo. Tenham um bom dia.

Deixo Acácia sentada em uma das cadeiras da mesa e acompanho Paulo até a porta.

— Como você está? — Quando me viro, encontro-a com um olhar fixo em um ponto qualquer, pensativa. Agacho-me e seguro uma das suas mãos e pressiono meus lábios na pele macia. — Não fique assim — Pego uma mecha de seus cabelos e a levo para detrás da sua orelha. — O que tínhamos de fazer, já fizemos. Agora está nas mãos da polícia. — completo. Envolver seu rosto entre as minhas mãos puxando-o de encontro ao meu. Beijo seus lábios com carinho.

— E se ele se safar? — Ela se afasta da minha boca e me olha. Seu olhar é apreensivo, e não tiro sua razão, afinal, nós dois sabemos que o Solano é o assassino da Íris e das outras moças. — Ora, só nós sabemos que os crimes têm ligação, não é mesmo? O delegado nem sabe sobre as outras moças e nem sabemos se ele descobrirá. E ainda tem... — Ela engole em seco, fitando-me com um olhar aflito. — Nem sabemos se a Rebecca ainda está viva, já se passou mais de um mês...

Eu sei que ela tem razão, como também sei que será muito difícil que a filha do Joel esteja viva a essa altura. E se estiver, Solano dará um jeito de se livrar dela.

— Não devemos desanimar, Solano em algum momento fará algo errado. Ele está acuado, e uma pessoa quando fica sem saída, termina se perdendo em suas próprias mentiras, só precisamos ter calma.

— Calma! — Acácia se levanta bruscamente e eu quase caio sentado no chão, pois ela me empurra. — O Solano é louco, um lunático, um sujeito meticuloso. Ele vai dar um jeito de se livrar de todas as provas, se já não estiver fazendo isso agora mesmo. Precisamos fazer alguma coisa...

Antes de ela terminar a frase, escutamos alguém bater na porta. Olhamos ao mesmo tempo na direção da sala da recepção. Deixamos a pequena cozinha e fomos até a porta principal.

— Eu pensei que você fosse meu amigo... — Assim que abro a porta, um Solano muito nervoso avança em mim, segurando-me pela camisa e me encarando com fogo no olhar. — Você não tinha o direito de fazer o que fez, deveria ter me perguntado sobre as joias, e não as levado para o delegado.

Empurro-o com força para longe de mim. Ele tenta vir outra vez em minha direção. Está completamente transtornado.

— Nem mais um passo, Solano. Eu fiz o que deveria ser feito, afinal, as joias não eram suas, elas pertenciam a outra pessoa. — Ele consegue me segurar outra vez e tento afastá-lo de mim, mas o Solano está completamente fora de si.

— Solte-o... — Acácia parte para cima dele, tentando afastá-lo. — Uma das joias era da minha irmã e eu a reconheci. O senhor não tinha o direito de se apossar dela.

Solano me solta, sua cabeça vira em direção a Acácia. Ele a encara pasmado, como se estivesse vendo um fantasma. Dá dois passos em direção a ela e estende a mão como se quisesse tocar em seu rosto. Ela não reage, fica paralisada. Lágrimas brilham em seus olhos.

— Afasta-se dela, Solano. — Fico em frente ao Solano, protegendo Acácia. — Eu fiz o certo. Levei as joias para a polícia, porque elas não eram suas. Uma das joias pertence a Íris, irmã da Acácia, e a outra joia pertence à filha do Joel. Agora você deve explicações à polícia...

— Você tem noção do que fez!? — Ele me interrompe. — O delegado esteve em minha casa, fazendo várias perguntas. Ele só faltou perguntar se eu matei a irmã dela. — Ele aponta para Acácia. — Eu nunca vi a irmã dessa daí, nunca.

— E como o colar dela foi parar em suas mãos? — Cuspo na cara dele a pergunta que não quer calar.

— Meu cão encontrou na mata. — Ele gagueja.

— Mentiroso. Mentiroso, eu sei que você matou minha irmã e as outras moças também, e vou provar isso. — Acácia passa na minha frente e parte para cima do Solano, se eu não a tivesse segurado ela teria batido nele.

— Louca! — Solano se afasta, assustado. — Do que ela está falando, que outras moças? — Solano me encara. Ele sabe perfeitamente do que a Acácia está falando, seu olhar culpado o entrega.

Afasto-o o mais distante que posso da Acácia, mas ela continua insistindo em chutá-lo.

— Assassino, monstro. Você ficará preso pelo resto da sua vida, vou garantir isso. — Acácia está completamente enraivecida, tenta a todo custo atingir o Solano com os pés, enquanto a seguro pela cintura.

— Vá embora, Solano. Vá embora, por favor. — suplico. Preciso afastá-lo da Acácia para que ela possa se acalmar, meu medo é que o Solano se altere ou realmente chegue à conclusão de que nós sabemos de toda a verdade. Por isso temo pela vida da Acácia.

— Sua namorada é louca, eu não conhecia a irmã dela. Não sou assassino, só tive a infeliz ideia de levar o meu cão para a floresta e infelizmente ele engoliu aquelas porcarias. Como eu não queria que meu filho descobrisse a verdade, inventei que o Lupe engoliu joias de família.

— Solano, depois você se explica, agora vá embora. A Acácia está muito nervosa. Vá embora, em outra ocasião conversaremos com mais calma. Agora não dá.

Suplico com o olhar e peço mentalmente para que ele entenda e vá embora.

— Isso não ficará assim, não serei prejudicado por sua falta de ética médica. Processarei você, Jordan. Agora me entregue o Lupe, meu filho o quer de volta.

— Minha flor, vá buscar o Lupe. — Solto-a, olho para o seu rosto transtornado e peço com carinho. Acácia fita o Solano com raiva, antes de se virar e desaparecer no interior da clínica.

Fico à espera do Lupe na frente da porta da sala de exames.

— Fique aqui. — peço para a Acácia quando ela me entrega o Lupe. — Já volto.

Entrego o Lupe para o Solano.

— Eu pensei que erámos amigos. Como pode desconfiar de mim? Você sabe que eu jamais machucaria alguém. Foi uma atitude idiota, sim, ter mentido sobre as joias que o Lupe engoliu, mas antes de pensar idiotices sobre mim e ir até a polícia, deveria ter me procurado primeiro. É uma pena ter acreditado nessa louca. O que uma boceta apertada não faz, não é mesmo?

Pois bem, você fez a sua escolha. Tenha um bom-dia e aguarde o meu advogado.

Solano pega a guia do Lupe com ignorância e sai às pressas. Eu não tenho o que falar, não irei pedir desculpas, pois sei que ele é culpado. Sei que matou não só a Íris, como também as outras meninas, e talvez tenha feito mal a muitas outras. Deixo-o ir, no momento minha única preocupação é com a moça que está lá dentro, completamente destroçada por ter ficado cara a cara com o assassino da sua irmã.

Agora não sei mais o que fazer, nem por onde começar. Deixo nas mãos da polícia, ou tento de alguma maneira encontrar provas que ajudem o delegado a pelo menos conseguir um mandado para investigar o porão do Solano? E o Solano, qual será o seu próximo passo? Ficará quieto? Dará um fim nas provas que existem contra ele? E quanto à Rebecca, o que fez com ela? Será que ela ainda está viva? São muitas perguntas, que por enquanto ficarão sem respostas.

Como Acácia ficou bastante abalada com tudo o que aconteceu na manhã do sábado, o nosso passeio na floresta foi adiado, resolvi levá-la para outro passeio e depois fomos almoçar com os meus pais. Papai e mamãe estão muito felizes com o meu namoro, já a adotaram como filha e não param de perguntar quando será o nosso casamento. Tento desviar o assunto, mas com os meus pais não tem escapatória. Eles são insistentes e sempre batem na mesma tecla: que eu não sou mais tão jovem assim e já que encontrei o amor da minha vida, então, o que me impede de casar? Já tenho uma casa e condições financeiras para isso. Então, por que esperar?

Eles tinham razão. Por isso já me decidi, assim que resolvermos o assunto “Solano”, pedirei a Acácia em casamento.

Almoçamos e jantamos na casa dos meus pais e, tirando a amanhã tensa, o resto do dia foi maravilhoso.

— Espero vê-los mais vezes. — Mamãe abraça Acácia enquanto me despeço do papai. — Não só uma vez por semana. Afinal, moramos tão perto. — Ela vem até mim, seguro suas mãos e a puxo para abraçá-la. — Filho ingrato, não a queira só para você, deixe-nos curtir a nossa nora também.

— É isso mesmo, JC, temos todo o direito de mimá-la. — Papai diz, enquanto beija a testa da Acácia.

— Ok, pais chantagistas, prometo que a trarei mais vezes. — digo, sorrindo.

— Deixe de ser dramático, Jordan. — Acácia bate em meu braço. — Não se preocupem, se ele não me trouxer virei sozinha visitá-los. — Ela beija o papai.

Eles nos seguem até o carro.

— Dirija com cuidado. — Papai bate levemente na porta do carro.

Dez minutos depois, chegamos na casa da Acácia.

— Vai dormir comigo hoje? — Ela pergunta com um olhar sensual, e eu sei perfeitamente o que ela quer.

— Não posso, minha flor. Esqueceu que marquei para as seis da manhã a cirurgia na gata da senhora Ludmila? — Mesmo sendo domingo não pude negar, pois a senhora Ludmila viajará para a capital na terça-feira. Não tinha outro jeito, teria que fazer o procedimento no domingo.

— Posso ajudá-lo, se quiser. — Ela se aproxima lentamente, segura a minha camisa e fica na ponta dos pés, oferecendo seus lábios.

— É uma oferta tentadora, mas não há necessidade. Você precisa descansar, portanto, ficará em casa, em sua cama e quietinha, mas... — Seguro os dois lados do seu rosto com as mãos e a fito com carinho. — Assim que terminar, eu corro para cá e lhe faço companhia debaixo dos lençóis, ok? — Pisco um olho e beijo-a levemente.

Afasto-me o suficiente para observá-la. Traço o contorno do seu queixo com os dedos, acariciando sua pele. Ao meu toque ela fecha os olhos. Sinto o seu corpo estremecer e isso me deixa louco de tesão. Então baixo a cabeça e aperto os lábios nos seus e a eletricidade salta através do meu corpo. Bastava isso para eu ficar em chamas.

— Oh! Jordan! — Ela geme contra meus lábios e eu aproveito para deslizar minha língua quente para dentro da sua boca. Deus, ela realmente sabe me deixar louco só com um beijo.

Estendo as mãos até o seu cabelo sedoso e puxo sua cabeça para mais perto da minha, aprofundando o beijo. Sinto que vou enlouquecer, tamanho o desejo que sinto. Seus mamilos estão duros contra meu peito e o meu pau pulsa como um animal selvagem.

— Jordan, eu quero você — murmura.

— Minha flor — rosno com voz baixa. Meus lábios acariciam seu pescoço e começam a chupar a área sensível enquanto minhas mãos deslizam pelo seu corpo, até se esconderem debaixo da sua blusa. Esfrego os seus mamilos duros enquanto meu sexo pulsa cada vez mais.

— Faça amor comigo, Jordan. — Ela nem precisava pedir, farei isso agora. Sinto como se não conseguisse respirar. Meu corpo está em chamas por ela. Eu a quero. Anseio por ela.

Afasto-me outra vez. Meus longos dedos tocam seu queixo e inclino a cabeça até a sua. Tremo de desejo. Sinto minha ereção cutucá-la no estômago.

— Por Deus, você não tem ideia do que você faz comigo, Acácia — sussurro, enquanto a fito com fogo nos olhos. — Você me enlouquece.

Ela sorri e se contorce um pouco contra meu pau, suplicando-me para tocá-la. Sorrio de volta e a levo para o quarto. Coloco-a na cama grande e espaçosa, e enquanto ela se acomoda, pego minha carteira e tiro um pacote de preservativo.

— Eu a quero tanto, minha flor. — digo. Aproximo-me e a puxo contra o meu corpo. — Você não tem ideia do efeito que tem sobre mim — concluo enquanto fico entre suas pernas e acaricio seu pescoço com meus lábios.

Afobados, nós nos livramos das roupas. Meu coração palpita fortemente contra meu peito. Com ferocidade, chupo, lambo e brinco com seu mamilo duro enquanto minha outra mão trabalha acariciando o outro.

— Você é a flor mais cheirosa do meu jardim.... — rosno, enquanto a beijo avidamente nos lábios. Então separo suas pernas e observo sua boceta linda. — Você está tão molhada, minha flor. — digo, enquanto movo dois dedos dentro dela, levando-a à loucura.

Escorrego meu corpo para baixo até ficar de cara com sua boceta. Deslizo minha língua quente em torno das suas dobras escorregadias, provocando seu clitóris a ponto de ela arquear as costas devido ao prazer esmagador. Gemendo e ofegando.

— Você gosta da minha boca aqui, não é? — Chupo seu clitóris outra vez. Ela geme alto. — Deus, você é tão gostosa. — murmuro e começo a chupá-la com desespero.

Foda, ela é muito foda! Acácia se contorce na cama, agarra os lençóis com força quando enfio violentamente minha língua quente dentro da sua boceta. Ela geme alto e cai com prazer na cama, quando um forte orgasmo toma seu corpo. Dou uma última chupada no seu clitóris e logo depois estou em cima dela, dando um beijo ávido na sua boca, fazendo-a sentir seu próprio gosto contra minha língua, o que me excita demais. Então, viro-a de bruços sobre a cama e rasgo um pacote de preservativo, vestindo meu pênis com ele. Dou um tapa sonoro em sua linda bunda, que me excita pra caralho, despertando-me ainda mais.

— Gosta disso, não é, minha flor?

— Oh, sim, meu amor. Sim. — Ela geme. Seguro-a pelos quadris e inclino seu traseiro no ar, ajoelhando-a na cama e preparando-a para receber meu espesso pau.

Acaricio sua boceta mais uma vez antes de deslizar meu membro dentro dela. Empurrando, bombeando duro e rápido.

Gemo como um animal e a fodo mais e mais. Meus dedos acariciam suas dobras, apertando seu clitóris, e ela geme se contorcendo contra meu pau. Aumento o ritmo dos dedos sobre seu clitóris enquanto estoco freneticamente dentro da sua boceta.

— Jordan! — Ela geme alto e eu não consigo controlar as contrações do orgasmo que tomam o meu corpo, empurrando meu membro dentro da sua vagina.

Gozamos juntos, perdendo-nos em um só gemido rouco.

— Humm! — solto um grunhido antes de desabar em cima das suas costas. O calor de seu corpo me dá uma sensação de proximidade.

— Amo você, Jordan — Ela murmura baixinho, acho que por medo que eu ache as palavras precipitadas.

— Amo você também, linda flor. — Beijo sua nuca, provocando arrepios. Deito-me sobre os travesseiros, puxando-a para o meu peito. — Quando conheci sua irmã senti algo muito forte por ela, e quando descobri que ela estava morta, quis morrer também. Lá no fundo do meu coração, achei que não sentiria o mesmo sentimento por outra mulher, e estava certo... — Ela ergue a cabeça, fitando-me com o olhar semicerrado. Sorrio levemente e a beijo — Não tire conclusões apressadas, linda flor. — Ela belisca minha

pele. — Ai, isso dói... — Aliso meu braço. — Linda flor, o que sinto por você não cabe em meu peito, é mais forte do que qualquer outro sentimento que já vivi. A Íris foi importante, mas você é necessária. — Ela me beija com paixão e depois se afasta, olhando-me demoradamente.

— Obrigada. Obrigada por ser sincero.

— Quer casar comigo?

— Co-como... O que disse?! — Seus olhos lindos nem piscam, tamanho seu susto.

— Perguntei se quer casar comigo. — repito lentamente.

— Está falando sério? — Ela engole em seco.

— Nunca falei tão sério em minha vida. — respondo, sorrindo.

Ela fica pensativa. Então um sentimento de medo toma o meu coração. Será que fui impulsivo demais? Será que não fui convincente o suficiente quanto aos meus sentimentos pela Íris? E se ela disser não?

— Sim... sim, eu aceito.

Quase me engasgo. Não perco tempo e calo sua boca com um beijo apaixonado. Ela acabou de me fazer o homem mais feliz do mundo.

— Ia esperar resolver toda essa bagunça, mas depois desse sim, quero torná-la minha esposa o mais rápido possível. Portanto, minha linda noiva, segunda-feira pode começar a procurar seu lindo vestido branco... Eu, bem, eu providenciarei o resto.

— Esse seu “mais rápido possível” são quantos meses? — Ela pergunta, sorrindo.

— Tempo suficiente para os proclamas. Quanto à igreja, festa e etc., meus pais providenciarão. Não precisa se preocupar com nada, só com o vestido de noiva.

Fizemos amor outra vez, e desta vez fiz amor com minha futura esposa.

Acácia adormeceu em meus braços, e quando tive a certeza de que ela estava completamente envolvida pelo sono, fui para casa. Não queria deixá-la, mas era preciso. Porém, assim que o meu compromisso terminar, voltarei para aquela cama, ela nem perceberá que eu saí.

Capítulo 27



Um vento forte abre as portas da varanda do quarto, provocando um barulho assustador, fazendo as cortinas esvoaçarem para o alto e derrubando alguns objetos no chão. Está chovendo, e a água invade o quarto junto à rajada de vento. Está frio e eu me levanto o mais rápido que posso. Corro em direção à porta de vidro e com dificuldade consigo fechá-la. Olho para mim mesmo, desolado. Estou completamente molhado e ainda está escuro, suponho que seja madrugada. Sigo até a cabeceira da cama e pego o celular. Já passam das quatro da manhã.

— Merda de chuva! — Caminho em direção ao armário e troco minha roupa molhada. Como está frio, visto uma calça moletom preta e uma blusa cinza de malha de mangas compridas.

Assim que volto para a cama, outra rajada de vento forte volta a abrir as portas de vidro com violência. É tão forte desta vez que o vidro de uma das portas se quebra, espatifando-se por todo o chão molhado.

— Ótimo, agora melhorou bastante. — digo, desanimado. Dou um passo em direção à porta do quarto para pegar a vassoura e a pá, mas sou parado

por outra ventania forte e um estrondo de trovão.

— Jordan! — Uma voz aterrorizada grita atrás de mim. — Jordan, ele a pegou... ele a pegou... — É Íris, completamente transtornada e gesticulando as mãos com desespero.

— Quem levou quem, minha flor? — Sigo até ela, sem me importar com os cacos de vidro nem com o piso escorregadio. — Íris, se acalme. O que está acontecendo?

— Precisamos ir, precisamos ir, ele vai matá-la... — Ela chora e fala ao mesmo tempo. Daí então me puxa pela mão em direção às escadas.

— Íris, pare, não irei a lugar algum até você me explicar tudo. — Puxo-a de encontro ao meu corpo. Quando meus braços cobrem seus ombros, eu sinto o tremor do seu corpo.

— A-Acácia — Íris murmura. — Ele a levou. Eu tentei impedi-lo, mas ele não é igual a você. Ele a levou, Jordan. Ele vai judiar dela e fará todas aquelas coisas horríveis com ela...

— Solano?! — questiono, estático. Íris confirma com um aceno. — Maldito, como ele fez isso? Como ele entrou na casa da sua irmã? — Desço as escadas rapidamente e pego a chave do carro.

— Eu não sei... — Íris senta no banco do carona. — Só o vi colocá-la nos braços e levá-la para dentro de uma van.

Em cinco minutos, chego à casa da Acácia. As portas estão escancaradas e a da cozinha foi arrombada. No quarto, as cadeiras estavam reviradas e os lençóis haviam sumido.

— Vou matá-lo. Juro que o matarei... — Saio do quarto com o celular na mão, e antes de ligar para o Paulo, olho para a Íris, que está inconsolável.

— Você sabe para onde ele a levou? — pergunto.

— Sei.

— Para onde? — Ela fica pensativa. — Ande, Íris, não podemos perder tempo, o Solano já criou um álibi para o desaparecimento da Acácia. Provavelmente, quando o delegado chegar à casa dele, ele já estará lá. Não posso acusá-lo sem provas, preciso pegá-lo no flagra.

— Não sei explicar. — Desespero-me ao ouvi-la dizer isso. — Mas posso levá-lo até lá.

Guardo o celular no bolso. De nada adiantaria ligar para o delegado agora. Eu precisava primeiro encontrar o Solano e só depois ligar para o Paulo.

Vinte minutos depois, chegamos à floresta de São Pedro. Encontrei a van, ou furgão, do Solano escondido em meio ao matagal. Seguimos a pé para o norte por uma trilha. Demora uns vinte minutos para que eu me sinta completamente perdido. Quando adolescente, eu costumava me esgueirar pela mata, mas nunca tinha ido tão longe, e naquela direção o local parecia nunca ter sido desbravado por um ser humano. Enquanto caminhamos, eu peço em pensamento para que o Solano não tenha tocado em um fio dos cabelos da Acácia, do contrário, ele será um homem morto. Mais quinze minutos, e já dava para ouvir o esplendoroso barulho das águas do rio Açoure, um dos rios mais volumosos e perigosos de São Pedro. Poucas pessoas se aventuravam a explorá-lo, e as que tentavam não iam muito longe.

— Íris, você tem certeza que sabe onde o esconderijo fica? — Começo a me preocupar, pois já faz tempo que andamos e, às vezes, achava que estávamos andando em círculos.

— Tenho. É longe mesmo, eu o segui o caminho todo. — Ela diz, sem diminuir os passos.

Fico observando cada detalhe do lugar. Seria difícil carregar uma pessoa pelo meio dessa mata, principalmente num tempo chuvoso. Todo o caminho é coberto por grandes galhos espinhosos e as raízes das árvores fazem do chão um terreno bastante acidentado e muito perigoso.

— Chegamos. — Ela para, acuada, em meio a alguns arbustos. Dou alguns passos à frente e me junto a ela, observando o lugar com cuidado.

É uma pequena propriedade. Um galpão de madeira, que ele provavelmente transformou em seu abatedouro. Há um chiqueiro de porcos, um galinheiro e uma caixa d'água de cimento.

Íris me encara e seu olhar me diz que ela fará algo do qual eu certamente não concordarei.

— Fique aqui, vou dar uma espiada lá dentro...

— Nem pensar. — Interpelo-a imediatamente.

— Se acalme, Jordan. Esqueceu que estou morta e ele não pode me ver?
— Ela desaparece como que por mágica. Alguns minutos depois ela volta,

completamente transtornada. — É... é o mesmo local...

— Íris, do que está falando? Sua irmã está lá dentro? Ela está bem? — Lágrimas descem dos seus olhos tão depressa que nublam seus lindos olhos verdes. — Íris!

— Foi neste local que eu fiquei. Foi aqui que ele me violou e me matou. Foi aqui, Jordan. — Ela me encara. Com a voz e o corpo trêmulos, corre em minha direção, abraçando-me. — Ele me torturou por dias, até eu ceder a todas as suas vontades e, como eu não quis ser o seu “brinquedinho”, como ele me chamava, ele me matou. Disse que se não fosse dele, não seria de ninguém e que eu carregaria a culpa por ele abusar e matar outras moças depois de mim, pois se eu o tivesse aceitado ele não precisaria de mais nenhuma outra.

— Monstro! — Artigo ferozmente. — Como uma pessoa pode ser tão ardilosa? Como eu nunca desconfiei do Solano, será que ele sempre foi assim?

— Jordan, a... a outra moça está lá dentro. Está com a Acácia... Ele está fazendo aquelas coisas nela e forçando a Acácia a ver. Ele fica repetindo que fará o mesmo com ela. Você precisa salvá-la.

Íris não para de falar. A certa altura já não a escuto mais, pensamentos atordoados passam por minha cabeça. Vejo imagens desconexas, escuto várias vozes gritando no meu ouvido. Algumas me mandam invadir o galpão e matar o assassino. Outras gritam “eu fico com ele, eu fico com ele”. Fecho os olhos com força, mas isso não impede que eu as veja... Mulheres deformadas. Seus rostos desfigurados e suas vozes furiosas machucam os meus ouvidos. Tento afastá-las com as mãos, mas elas me tocam, empurram-me...

— Deixem-me em paz, vão embora! — grito, apavorado. — Afastem-se de mim...

— Jordan! — Sinto as mãos da Íris em mim, sua voz doce é como um bálsamo para os meus ouvidos. — Vão embora, vão embora! Se não forem embora, ele não poderá ajudá-las! — Íris grita com os fantasmas, e segundos depois, o silêncio volta a reinar à minha volta.

— Elas se foram, elas se foram... — repito para me tranquilizar. Abro os olhos e vejo o lindo rosto da Íris. Ela está preocupada. Encara-me com duas

rugas na testa e os olhos semicerrados. — Estou bem, não se preocupe. Só me assustei, não tenho o costume de ver gente morta a todo instante, principalmente com aparências tão assustadoras.

— São as vítimas do Solano, Jordan. Elas estão por toda parte. Algumas querem vingança e outras só querem partir. — Íris olha em direção ao galpão. — Você precisa salvá-las, precisa ir até lá. O Solano vai matá-las, ele está armado e completamente fora de si. — Sinceramente não sei o que fazer, não posso simplesmente entrar naquele galpão e encarar o Solano desarmado. Provavelmente levarei um tiro e colocarei a vida da Acácia e a da Rebecca em risco também. — Jordan...

— Eu sei, eu sei. — Pego o celular no bolso da minha calça. Peço em pensamento para que tenha sinal. — Graças a Deus! — Há sinal.

— O que vai fazer? — Íris me olha com censura.

— Eu sei o que estou fazendo. — Ligo para o delegado Paulo, que logo atende. — Paulo, é o Jordan. Preste atenção, estou precisando da sua ajuda com urgência...

Conto-lhe tudo. Exceto o fato de um fantasma ter me ajudado a chegar até aqui. Disse-lhe só que, quando cheguei na casa da Acácia e vi tudo revirado, desconfiei logo do Solano. Como não tinha provas, resolvi vir atrás dele e lembrei da cabana no interior da mata. Relatei que ao chegar nela encontrei Acácia e Rebecca, então lhe pedi que se apressasse, pois Solano está armado. Dou detalhes de como chegar e ele me pede para não fazer nada, pois ele viria o mais rápido que pudesse.

— Paulo está vindo. — digo e guardo o celular. Procuro a Íris, mas ela desapareceu. — Íris. — chamo-a.

— Ele vai violar a minha irmã. — Ela surge do nada. — Você precisa impedir, não dá para esperar o delegado. — Íris anda de um lado para outro, gesticulando nervosamente com as mãos.

Ela tem razão, preciso fazer algo, não posso esperar o Paulo. Tomado pela raiva e pela vontade de salvar a mulher que amo, esqueço-me por completo do perigo iminente. Desço o pequeno declive e sigo pelas pedras rochosas, o mato alto cobre todo o caminho. Ando apressado sem ter a certeza do que farei nem de como enfrentarei um maníaco depravado, armado e louco. Talvez eu morra hoje e leve comigo a mulher que amo. Se realmente

existia vida após a morte, talvez possamos ser felizes no além. Bem, saberei disso daqui a alguns minutos.

Espreito-me entre as tábuas velhas que cercam o galpão e tento não fazer barulho. Em um canto onde há alguns tonéis, latas e restos de comida, há uma brecha onde eu posso ver o que acontece lá dentro.

— Solte-a, seu louco. Será que não vê que ela não sente mais nada? — Acácia grita com o Solano. Tento ver o que ele está fazendo, porém não consigo. — Desgraçado. Você será preso e apodrecerá na cadeia. — Peço em pensamento para que ela se cale e não o provoque.

Saio de onde estou, me espreitando por entre os galhos dos arbustos. Arrasto-me por entre arames e cacos de vidro, e um deles corta a palma da minha mão.

— Maldição. — praguejo.

— Cale-se, ordinária. — Escuto a voz violenta do Solano. — Você terá o mesmo fim da sua linda e gostosa irmãzinha, mas antes nós vamos brincar um pouquinho.

— O delegado prenderá você.

— Com que prova? — Ele solta uma gargalhada estridente. — Você poderia ter ficado quieta, mas resolveu bancar a heroína e agora morrerá, junto com ela. Eu irei para casa, esperarei a poeira baixar. Depois pego a minha família e iremos fazer uma longa viagem. — Solta outra gargalhada.

Dou uma olhada à minha volta e procuro algo que possa usar como uma arma.

— O Jordan sentirá a minha falta. Ele tem como descobrir que foi você. — Acácia fala desafiadoramente.

— Por acaso ele é vidente? — Solano debocha.

— Mais ou menos isso, você não acreditaria se eu contasse.

— Escute, sua ordinária, já me cansei de você. — Consigo vê-los, e ele avança em direção a Acácia.

Ela está deitada em um colchão. Está acorrentada e mal consegue se mover. A outra moça está nua, em outro colchão, com as mãos acima da cabeça e as pernas afastadas. Está acorrentada e desacordada.

— Saia de cima de mim, seu maldito. — Acácia grita, e eu me desespero.

— Sua irmã lutou, também. Durou alguns dias, mas depois fez tudo o que mandei. Ela foi uma boa puta e eu me apaixonei. Ela seria única, mas a infeliz cuspiu na minha cara, me rejeitou e eu a matei, e com você farei o mesmo.

Encontro um pedaço de madeira em meio a alguns destroços e seguro-a com as duas mãos. Nem me importo com a dor que sinto. Levanto-me de onde estou e sigo quase correndo em direção à entrada do galpão. Não sei onde encontro forças para abrir a grossa porta num só golpe do meu pé. Talvez seja a adrenalina, mas por um momento eu vi a Íris e alguns outros espíritos me ajudando a invadir o local. Cego de raiva, eu parto para cima do Solano.

Solano, pego de surpresa, nem tem tempo de sacar a arma, tampouco de prever o golpe que estava por vir. Primeiro bato no seu ombro esquerdo e depois arremeto em cheio em sua cabeça. O sangue logo mancha o seu rosto, saindo rapidamente pelo corte e cobrindo todo o seu couro cabeludo. Suas pernas e braços ficam moles, para logo em seguida ele se arrebentar no chão.

Recuo e me recosto em uma mesa enorme que está próxima, mas assim que vejo a quantidade de sangue seco que a cobre, afasto-me. Respiro profundamente, perdendo o ar por alguns segundos, a adrenalina alta. Olho para o homem alto caído no chão e me agacho. Coloco os dedos no seu pescoço, e não sei se desejo que esteja vivo, mas ele está, sinto sua pulsação. Só está inconsciente. Fecho os olhos rapidamente e os abro imediatamente. Meus olhos capturam imagens em lampejos sem sentido: vejo mulheres belas sorrindo para mim, agradecendo mudamente e desaparecendo na luz branca brilhante. Algumas moças continuam ao lado do corpo do Solano, elas não querem ir com as outras, mas voltaram à sua condição normal. Se posso afirmar que estar morto seja uma condição normal.

— Jordan! — Acácia me chama, desesperada. Levanto-me, chuto a arma do Solano para longe e corro até Acácia.

— Meu amor, você está bem? Ele a machucou? — Beijo-a por diversas vezes no rosto. Avalio sua face à procura de algum machucado, mas ela está intacta. — Ele a tocou?

— Não, meu amor, ele não me tocou. — Ela começa a chorar. — Solte-

me, pelo amor de Deus.

Procuro as chaves em algum canto. Não as encontro, então, volto ao corpo caído do Solano e reviro seus bolsos. Encontro as chaves no bolso esquerdo, junto com o anel em forma de crucifixo da Acácia.

Maldito!

Olho rapidamente para Acácia, que encara a moça desacordada à sua frente. Solano pretendia mesmo matá-las, ele já havia pegado o anel como souvenir.

Solto primeiro os braços de Acácia, que estão presos no alto da sua cabeça em uma viga. Depois liberto seus pés, e assim que ela fica livre se atira em meus braços, chorando convulsivamente.

— Acabou, meu amor, você está a salvo. Ele nunca mais machucará ninguém. — Digo carinhosamente, tentando acalmá-la e me acalmar também.

— Ele ia nos matar, Jordan. Por Deus, o Solano é cruel, um doente asqueroso...

— Shh! — Aliso sua vasta cabeleira com carinho. — Você está a salvo.

— Como me encontrou?

— Sua irmã, a Íris me trouxe aqui.

— Ela está aqui? Eu preciso agradecer.

Procuro-a por todos os lados, mas não encontro a Íris.

— Não, meu amor, ela não está. Mas não se preocupe, logo ela aparecerá.

— Rebecca! — Assustada e preocupada com a moça que está desacordada, Acácia tenta se levantar. Eu a ajudo a se levantar segurando-a pelo braço, e a levo até a moça.

Acácia para diante do colchão e sinto seus dedos apertarem a carne do meu braço. Ela se assusta diante da figura magra, quase esquelética da jovem. Deitada de costas, inerte, com correntes prendendo seus braços e pernas. Molambos cobrem parcialmente seu corpo machucado. Ajudo Acácia a se sentar no colchão e me junto a ela. Suas delicadas mãos alisam os cabelos sujos da moça.

— Ei! — Ela murmura carinhosamente. A moça reage ao som da voz e

abre os olhos lentamente. — Você consegue dizer o seu nome? — Acácia pergunta.

— Rebe... — Ela bate os dentes, tentando murmurar o seu nome.

A sua cabeça pende para o lado e nos dá uma ideia do quanto está machucada. Seu rosto todo sujo de sangue, de sangue recente e seco. Há resíduos pretos de cola de fita adesiva nos cantos de sua boca. Seus lábios estão cortados, algumas feridas cicatrizadas e outras recém-abertas. Seu corpo frágil apresenta várias lacerações: cortes nos seios, abdômen, coxas e vulva. Ela foi espancada cruelmente, e ver tudo isso só me dá uma vontade enorme de ir até o Solano e matá-lo de vez.

Acácia se inclina mais um pouco e sussurra para ela:

— Sou a Acácia e este é o meu noivo, Jordan. Você está a salvo. Vamos cuidar de você.

— Socorro... socorro... socorro... — Atordoada, acho que sem entender nada do que a Acácia disse, ela começa a pedir ajuda. Seu corpo começa a tremer com força e o medo é visível em seu rosto. — O... o... monstro... o monstro... — Seu olhar fita o vazio, desfocado. — Socorro... a-ajudem-me...

Acácia olha angustiada para mim. Aproximo-me da moça.

— O monstro se foi, Rebecca. Ele não a machucará nunca mais. — digo, acariciando seus cabelos sebosos.

Solto Rebecca das correntes, dispo minha camisa e a cubro. Mantenho Rebecca deitada, apesar de ser médico veterinário, sei que não posso movê-la sem os equipamentos certos.

— Está escutando, Jordan? — Acácia aponta para a porta do galpão.

— Sim, estou. — Um barulho de sirenes cada vez mais próximo. Levanto-me e procuro algumas cordas e amarro os pulsos do Solano. — Fique aqui, vou fazer um sinal para que o Paulo nos encontre logo.

Junto um pouco de capim seco, volto para dentro e procuro fósforos. Faço uma fogueira e provoco uma fumaça escura com folhas de bananeira. Logo atrás do galpão vejo uma estrada de barro.

Por que será que o Solano não veio com o carro até aqui?

Certamente para não deixar rastro de pneus. Ele é esperto, foi por isso que até hoje não foi pego. O barulho das sirenes cada vez mais se aproxima

de onde estou, e minutos depois, vejo ao longe duas viaturas e duas ambulâncias. Aceno, desesperado. Paulo desce do carro com a arma em punho.

— Onde o elemento está? — pergunta, já sinalizando para os seus homens cercarem o perímetro.

— Está preso lá dentro. Não deu para esperar, ele ia matá-las.

— Matá-las?! — Paulo me encara, curioso.

— Sim, a Rebecca está viva e está lá dentro com a Acácia.

Paulo chama os paramédicos e eles me seguem.

Quando entramos no galpão, encontramos Acácia tentando acalmar a Rebecca. Esta se agitava, balbuciando palavras desconexas.

— Ela ficou assim depois do barulho das sirenes. — Um dos médicos pede para Acácia se afastar. Ela dá espaço para que o homem se aproxime.

Ele tenta examiná-la, evitando mover o corpo, até que saiba exatamente com o que está lidando. O socorrista coloca um colar cervical e bandagens de compressão em seus seios, abdômen e na vulva, e talas pneumáticas para manter os membros estabilizados.

— Moça, vou movê-la para a maca — Ele explica, então apoia o pescoço e os ombros dela enquanto o outro socorrista tenta ajudá-lo.

— Não, não, não! — Rebecca luta contra as mãos que tentam tocá-la. — Não, por favor! Não, por favor! — Mesmo assim, os socorristas continuam com a remoção, e quando ela vê que eles não vão parar, começa a berrar. Eu não sabia de onde ela tirava forças para gritar daquele jeito. Seus gritos estridentes são aterrorizantes. — Não! — grita, com a voz embargada. — Não! Por favor! Nãããão!

Rebecca começa a ter convulsões violentas. Instantaneamente, o socorrista se curva sobre a maca e a segura, para que não caia no chão. Ela geme a cada convulsão, como se com cada movimento estivesse sentindo dores dilacerantes.

O médico começa a assisti-la, aplicando as medicações e, segundos depois, Rebecca fica calma e é levada para a ambulância. O outro socorrista examina o Solano, e ele também é levado para a outra ambulância.

Capítulo 28



Rebecca, Acácia e Solano são levados para o hospital. Eu sigo atrás com o delegado Paulo. Alguns agentes da polícia técnica ficaram no local para cobrirem a parte investigativa, buscando evidências dos crimes praticados ali. Antes de chegarmos ao hospital, Paulo ligou para o Joel, pai da Rebecca, avisando que encontrara sua filha e que ela está viva.

A notícia sobre o sequestro da filha de um dos fazendeiros mais importantes do estado se espalha como uma trilha de pólvora, e assim que chegamos ao hospital, repórteres e curiosos já esperavam na entrada. Para evitar maior alarido, Paulo ordenou que seguíssemos pela área reservada, onde os caminhões de oxigênio entravam. A partir daí, nos separamos. Eu fui com a Acácia, ela precisava ser examinada, e o Paulo assumiu a internação da Rebecca e do Solano, mas ficamos de sobreaviso que, assim que Acácia fosse liberada do hospital, precisaríamos ir até a delegacia para prestar depoimento.

— Como ela está? — Acácia acorda, atordoada. — Rebecca, como ela está?

— Shh! Se acalme, minha flor. Você precisa descansar.

— Quanto tempo eu dormi?

— Cerca de cinco horas. — Ela tenta se levantar.

— Ei, aonde pensa que vai?

— Acho que já dormi demais, quero ver a Rebecca. — Olha para mim com aquele olhar intrigante. — Jordan, por favor, preciso vê-la.

— Você verá, só que não agora. A médica foi bastante clara, a senhorita precisa de descanso e eu garantirei isso.

Acácia foi examinada minuciosamente, e graça a Deus ela não foi agredida sexualmente. Só tem algumas escoriações nas pernas, braços e rosto, o que para mim já é o suficiente, pois todas as vezes que ela visse os machucados lembraria deste dia fatídico. O trauma emocional é pior do que o trauma físico.

— Não, Jordan, eu quero vê-la agora...

— Acalma-se, ou serei obrigado a chamar a médica. — Começo a me preocupar com o estado emocional dela. — Ora, Rebecca está sendo cuidada pelos melhores especialistas. Já fizemos a nossa parte, ela foi resgatada, e com a ajuda que está recebendo, logo, logo estará bem. — Consigo mantê-la nos travesseiros, todavia, assim que fecha os olhos, lágrimas descem suavemente por sua face.

— Ela nunca ficará bem, Jordan, será que não vê isso!? Uma pessoa que passou pelo o que ela passou jamais se recuperará desse trauma. Ela foi torturada, violada em todos os sentidos por semanas. Ela nunca mais será a mesma, sabe... — Ela me encara, os lábios trêmulos e os olhos vermelhos partem meu coração. — Chego a pensar se não seria melhor se ela tivesse morrido, pois eu no lugar dela iria querer estar morta. Viver para sempre com essas lembranças não faz bem para nenhum ser humano.

— Minha flor, não pense assim. Rebecca ficará bem, será assistida pelos melhores profissionais, eles saberão o que fazer. — Se eu pudesse, deletaria as últimas horas vividas pela Acácia de sua memória. Fito-a com amor, sento-me bem perto dela e a puxo para o meu peito. — Não pense mais nisso, já passou.

— Por favor, Jordan, vá vê-la. Já que eu não posso sair deste quarto, faça isso por mim.

— Ok, mas só farei isso se me prometer que dormirá um pouco. — Ela sorri, fazendo um aceno com a cabeça, concordando.

Beijo-a na testa. Antes de ir atrás de informações sobre Rebecca, passo no posto de enfermagem e aviso a enfermeira que Acácia está um pouco agitada. A enfermeira chefe me tranquiliza, verifica seu prontuário e em seguida pede para uma das auxiliares ir até o quarto da Acácia, para administrar uma medicação.

Na recepção central, procuro informações sobre a Rebecca e a recepcionista me encaminha para o médico que a atendeu, o doutor Fernando Lins. Sigo por um grande corredor até encontrar uma outra recepção, pergunto pelo médico e minutos depois estou em frente a um homem alto, barbudo e com um sorriso simpático. Pergunto qual o estado geral da Rebecca.

Ele limpa a garganta. Sua preocupação é notável, o que é compreensível, considerando o estado dela. Mesmo assim, por um momento eu sinto um pouco de pânico.

— A senhorita Rebecca já foi examinada e está sendo medicada e mantida sob efeitos de calmantes e morfina. Os danos infligidos ao seu corpo foram terríveis, as múltiplas feridas, os sinais óbvios de tortura. Ela tem marcas de queimaduras e cortes por todo o corpo, sinceramente não sei como ainda está viva. Dois psiquiatras já estão preparados para atendê-la assim que ela acordar, e com paciência, essa moça voltará a sua rotina.

— Doutor, seja sincero, ela terá uma vida normal? — Ele estreita os olhos, encarando-me.

— Essa moça passou por coisas terríveis, não posso garantir que ela possa esquecer tudo. Talvez um dia, quem sabe.

Acácia tinha razão, talvez fosse melhor que ela tivesse morrido. Despeço-me do médico e volto para o quarto dela.

Ela está dormindo, então eu me sento na poltrona e tento descansar um pouco também. Recosto a cabeça no encosto do sofá, fecho olhos e tento cochilar, contudo, logo alguém dá leve batidas na porta. Levanto-me e vou ver quem é.

— Como ela está? — Paulo entra no quarto e pergunta sobre a Acácia em tom baixo, para não acordá-la.

— Abalada. Acordada ela se finge de forte, mas quando dorme é que vemos o quanto está traumatizada. — É verdade. Acácia tenta me passar que está bem, mas seu sono é agitado. Ela grita e chora enquanto dorme.

— Solano fez algo com ela? Ele a violentou!?

— Não... Graças a Deus, não, mas ela ouviu e viu coisas. A tortura psicológica também é traumática.

— Sorte a dela, a Rebecca não teve tanta sorte assim. Os pais dela estão arrasados, segundo eles a filha nunca mais poderá ter filhos... Imagine o que essa moça passou?

Doutor Fernando não tinha me falado daquele detalhe. Fico pensativo e vejo o rosto da Íris por alguns segundos em minha mente. Eu chego à conclusão de que foi melhor mesmo o Solano ter tirado a sua vida. A Íris não suportaria viver com essas lembranças.

— Estou precisando da sua ajuda. — Paulo me encara e percebo que ele está nervoso.

— É o Solano? — Algo me diz que é sobre ele.

— Sim. Ele enlouqueceu, fica pedindo para umas vozes pararem. Acho que ele está fingindo estar louco, assim o advogado dele alegará insanidade e ele cumprirá a pena no manicômio judiciário.

— E o que eu posso fazer? — Não sei o que o Paulo quer que eu faça, não sou advogado, tampouco psiquiatra.

— Ele quer falar com você. Disse que só fala sobre as vítimas se for com você.

— Ele ainda está aqui no hospital?

— Não, ele foi medicado e liberado. Está na delegacia. Preciso que vá até lá e converse com ele. Meus investigadores encontraram três corpos enterrados nos arredores do galpão, pelo grau de decomposição avançado já faz muito tempo que foram enterrados. Precisamos saber quantas vítimas foram e onde ele as enterrou.

Olho para a Acácia, ela dorme tranquilamente. Concentro-me e peço mentalmente que a Íris apareça. Antes mesmo de abrir meus olhos, sinto o seu cheiro. Ela está ao lado da cama da Acácia, sentada, alisando os cabelos da irmã.

Cuide dela, por favor.

Íris sorri e faz um aceno afirmativo com a cabeça.

Obrigado!

Ela diz um “*por nada*”, mudamente.

Antes de fechar a porta do quarto, dou mais uma olhada nas duas flores da minha vida. Sorrio e sigo para a delegacia com o Paulo.



— Jordan, não deixe que o comportamento insano do Solano prejudique o seu julgamento. Ele é esperto e sabe perfeitamente o que está fazendo. Ele pode enganar os médicos, mas a mim não engana.

Paulo me para antes de abrir a porta da sala de interrogatório. Não vejo o Solano desde que eu o imobilizei no galpão e não faço ideia de como está, mas pelo o que o Paulo comenta, ele não está nada bem.

— Não se preocupe, Paulo. Só não entendo o que posso fazer para ajudar. — Até agora continuo sem entender o que estou fazendo aqui.

— Nem eu. — Paulo diz enquanto abre a porta da sala para que eu entre. — Mas o Solano nos disse que só falaria com você.

Assim que coloco os pés na sala de interrogatório, eu entendo os motivos do Solano. Ele está sentado, algemado à mesa por uma corrente e a cabeça baixa, com as mãos tampando os ouvidos. Ele se agita na cadeira, balançando para frente e para trás, enquanto seis espíritos sussurram próximo a ele.

— Calem-se... Deixe-me em paz... — Ele grita, encolhendo-se e forçando as mãos nos ouvidos.

— Fingimento. Ele quer que pensemos que está louco, que ouve vozes e foram as vozes que o induziram a praticar os crimes. — Paulo segura em meu braço, inclinando o rosto para falar próximo ao meu ouvido.

— Ele disse isso? — pergunto, curioso.

— Ainda não, mas irá dizer, pode acreditar. Ele dirá que foram as vozes. — Entramos na sala e Paulo bate forte na mesa com a mão. — Solano, aqui

está o Jordan, ele aceitou vê-lo.

Solano ergue a cabeça. Está completamente transtornado, nem de longe se parece com aquele homem arrogante e sarcástico de antes. Sua cabeça está com um curativo, seus olhos com olheiras profundas e escuras, tem um olhar distante e assombrado. Os espíritos me olham, eles sabem que posso vê-los. São quatro moças completamente desfiguradas, com as roupas rasgadas, cortes nos rostos, sangue seco por todo o corpo. Uma delas já está com os ossos dos braços aparentes.

— Assassino! Ele é um assassino, vamos ficar com ele, ele é nosso... — Uma das moças cola a boca na orelha do Solano e fica repetindo a mesma frase. — Você é nosso, entendeu? Nosso!

— Calem-se, calem-se... deixem-me em paz... — Ele grita, tampando os ouvidos. — Faça as vozes parar, por favor, Jordan. Faz com que elas parem. — Seu olhar marejado encontra o meu e ele me suplica, chorando.

— Deixe-me sozinho com ele, Paulo. Por favor. — Peço, com um olhar aflito.

— Tem certeza, Jordan? — Assinto com a cabeça. Mesmo com minha afirmação, Paulo não parece convencido. — Estarei na outra sala, observando. Qualquer coisa eu entro aqui imediatamente. — Ele sai e eu me sento de frente para Solano.

Os espíritos ficam atrás dele, ora olhando para ele, ora para mim.

— Quais os nomes de vocês? — pergunto, olhando para cada uma delas.

— Você pode ver a dona das vozes? — Solano pergunta abismado.

— Sim, eu posso. Se acalme, Solano.

— Ah! — Ele arregala o olhar. — Então foi por isso que elas pediram para te chamar. — Solano tenta segurar uma das minhas mãos, mas as correntes que estão presas nas algemas não deixam. — Peça para elas irem embora, elas não me deixam dormir, comer, nem beber. Minha cabeça dói, meu corpo dói. Por favor, peça para elas me deixarem em paz.

— Não! — Os espíritos gritam ao mesmo tempo. Estão furiosos.

— Não vamos fazer isso. Ele nos matou, nos torturou. Ele tem que pagar, por causa dele permanecemos presas aqui. — Uma delas fica bem em frente a mim, com um olhar de ira, encarando-me furiosa.

— E se eu ajudar a libertá-las, vocês o deixam em paz?

Uma encara a outra.

— Como você fará isso? — A moça que está me encarando pergunta.

— Ele fará. — Faço um gesto com a cabeça, apontando para o Solano. Solano olha para mim, acenando com a cabeça e gesticulando um sim.

— Faço qualquer coisa, eu prometo. — Fala, desesperado.

— Ok, então. Faremos o seguinte...

Solano concorda em confessar todos os seus crimes e mostrar ao delegado os locais onde desovou todos os corpos. Os espíritos concordaram em seguir com a senhora que apareceu pouco depois na sala, a mesma que levou as quatro amigas que estavam presas na floresta.

Saí da delegacia mais leve, posso dizer que feliz. Agora eu poderia seguir com os meus planos. Enfim, o assassino da Íris foi preso e suas vítimas encontradas. Nada mais me impede de ser feliz. Passo em uma joalheria, depois na igreja. Converso com o padre e depois vou direto para Piaçavas. Volto para o hospital no início da noite.

— Posso entrar? — Abro a porta do quarto e encontro Acácia rindo com as piadas do papai.

Quando eu saí da delegacia, no caminho para Piaçavas, liguei para os meus pais e contei-lhes sobre os últimos acontecimentos, inclusive sobre o que pretendia fazer.

— Claro, filho. E antes que pergunte, sua linda flor almoçou e já jantou, está se recuperando muito bem. A médica já passou aqui e nos disse que amanhã lhe dará alta. — Mamãe vem até mim, beijando-me no rosto.

Beijo-a de volta, e antes de entrar, volto para o corredor.

— Trouxe uma surpresa, minha flor. — Acácia me encara, rindo. Abro a porta totalmente e deixo Andreia entrar.

— Mamãe! — Ela grita, surpresa. — Jordan, por que não me avisou que a traria aqui?

— Porque assim não seria uma surpresa. — falo rindo, enquanto levo Andreia até a cama da filha.

— Filha, se o seu noivo...

— Noivo!? — Acácia me encara com um olhar surpreso. — Ele contou à senhora? — Sorri levemente.

— Pois é, filha. O Jordan me contou tudo, e se ele não fosse até Piaçavas, eu não saberia de nada. Meu Deus, que horror! Eu imagino o pavor que você viveu. — Andreia abraça Acácia chorando. Acaricia seus cabelos, beija-lhe a face e a aperta com seus braços, tão forte que posso escutar o seu suspiro. — Minha filha, quase a perdi também.

— Mas não perdeu, querida sogra. — digo abraçando-a, afastando-a um pouco da Acácia, que já está bastante emocionada, e eu não quero que tanta emoção prejudique sua recuperação.

Andreia se afasta e ficamos frente a frente.

— E pensar que o senhor foi à minha casa um dia, pensando ter conhecido minha Íris, sem saber que um dia iria conhecer a irmã dela. Mundo louco esse, não? — Andreia fala, limpando as lágrimas.

— Que história é essa, filho? — Papai pergunta.

— É uma história longa, depois explico. Agora eu tenho coisas mais importantes para fazer.

— Jordan Cavalcante! — Acácia afasta as cobertas e desce da cama, alcança o meu braço e o segura. — O que o senhor está aprontando? — Exige o meu olhar, virando-me em sua direção.

Ajoelho-me e pego sua mão esquerda.

— Oh, Deus! Jordan, levante-se, o que pensa que vai fazer? — Ela tenta me levantar, mas eu apenas olho para o seu lindo rosto e sorrio. — Jordan... — Ela percebe a minha intenção assim que vê o padre entrar no quarto. — Não... você não fez isso...? É o que estou pensando? — Ela começa a chorar, e eu aceno positivamente com a cabeça.

— Acácia Santiago, amo você e tenho pressa para torná-la minha esposa — Olho para o padre. — Por isso, aqui e agora, na frente dos nossos pais, quero saber se você aceita se casar comigo.

— Você sabe que sim. Eu já aceitei, seu bobo.

— Eu sei, mas quero me casar agora.

— Agora!? Aqui? Assim? — Ela olha para o padre, abismada.

— Sim. — Enfio a mão no bolso da calça, retiro uma caixinha preta de veludo e abro-a. Um par de alianças em ouro branco reluz diante dos nossos olhos. — Minha flor, amanhã mesmo darei entrada nos proclamas do nosso casamento civil, e eu tenho certeza que o padre — Olho para ele. — não se importará de celebrar nossa cerimônia de casamento outra vez. Estou certo, padre? — Ele apenas sorri, concordando com a cabeça.

— Levante-se, meu filho. — O padre me ajuda a levantar.

— Jordan, você é maluco. — Acácia, de tão emocionada, não consegue segurar as lágrimas. — Acho que posso afirmar que nenhuma mulher se casou assim. — Engole um soluço.

— Tenho certeza que não, minha filha. — Andreia ajeita a camisola hospitalar da Acácia, enquanto mamãe tenta pentear alguns fios do seu longo e lindo cabelo.

— Podemos dar início à cerimônia? — O Padre pergunta. Emocionados, nós assentimos. Ele começa o sermão com suas palavras ensaiadas, mas o que queremos mesmo é escutar o final. — Eu os declaro marido e mulher diante de Deus.

Eu sei que não é o casamento dos sonhos de uma mulher. Casar-se em um quarto de hospital, vestida com uma camisola horrorosa e sem bolo nem festa, mas no momento, e diante das circunstâncias, é o que podemos ter. Depois eu darei à Acácia o casamento dos seus sonhos, com tudo o que ela merece.

Já casados, com nossas alianças reluzentes nos dedos, brindamos com água à nossa felicidade. Papai, mamãe e Andreia ficaram muito emocionados, não paravam de chorar.

— Este casamento ficará em nossas memórias para sempre, de tão lindo que foi. Meu Deus, meu filho! Parabéns, você superou todos os pedidos de casamento do mundo.

Mamãe me abraça entre lágrimas e beijos.

— Sempre sonhei com um casamento assim. — Brinco.

Meus pais e Andreia ficam mais um pouco, até a enfermeira entrar no quarto para avisar que o horário de visitas acabara. Papai ofereceu hospedagem para Andreia. Agora somos todos uma família e não é justo que ela fique longe da filha.

— Estamos casados mesmo, não é um sonho? — Acácia estende a mão esquerda, admirando a grossa aliança no seu dedo anelar esquerdo.

— Se for um sonho, estamos vivendo um sonho coletivo. Mas por via das dúvidas, deixe-me ver se a senhora Cavalcante está sonhando. — Belisco-a.

— Ai! Isso dói, Jordan. — Ela alisa o braço. — Repete.

— O beliscão?

— Não! A frase.

— Qual? — Finjo não entender.

— Não banque o engraçadinho, Jordan. Repete, quero escutar você dizendo.

— Senhora Cavalcante. Minha esposa, minha mulher, minha flor, minha vida.

— Acho que estou apaixonada... — Ela me puxa pela camisa e nossas bocas se chocam.

— Eu me apaixonei há muito tempo. — rebato. Beijo-a com paixão, sentindo as batidas do seu coração emocionado através do meu peito.

Escuto um pigarro atrás de nós. Afasto-me e me viro. Íris está nos observando com um lindo sorriso nos lábios.

— O que foi, Jordan? — Acácia balança o meu braço, tenta descobrir para onde estou olhando.

— É a Íris, ela está aqui.

— Onde ela está?

— Aqui, bem perto. Sentada na cama. — Antes mesmo de piscar meus olhos, ela já está tão perto que posso sentir o seu cheiro.

— Íris, como você está? E as outras moças, elas ficaram bem depois que o Solano foi preso?

— Minha irmã querida, sentirei tanto a sua falta. — Íris toca o rosto da irmã.

— Nossa, que frio. — Acácia abraça o corpo com os braços. — O que ela disse? Ela falou alguma coisa, Jordan?

— Ela tocou o seu rosto e disse... — começo a me emocionar — disse que sentirá a sua falta.

— Como assim!?

— Jordan, eu o amo, amo muito. Acho que ainda não desapeguei de você, talvez um dia eu possa amá-lo de uma outra maneira. Talvez... Não sei, mas agora, hoje, não posso mentir. Eu o amo muito, mas infelizmente não nasci para ficar com você. Meu destino era esse e a minha existência nesse mundo acabou, pelo menos por enquanto...

— O que ela está dizendo, Jordan? — Acácia agita o meu braço, chamando minha atenção. Estou sem palavras, com os olhos marejados e o coração acelerado.

— Diga-lhe que eu vim me despedir.

— Ela veio se despedir. — repito.

— Meus assuntos inacabados foram resolvidos e não há como ficar mais. Fui feliz em vida e de alguma forma fui feliz depois da morte, pois conheci o amor outra vez.

Transmito cada palavra para Acácia.

— Minha irmã, eu queria tanto vê-la uma última vez. Abraça-la, beijá-la... — Acácia cobre os olhos com as mãos. Eu a abraço.

— Não posso realizar o seu desejo, minha irmã, mas eu também gostaria muito de poder abraçar você. — Quando repito as palavras da Íris, Acácia chora muito mais.

— Acalme-se, meu amor. Se continuar chorando assim as enfermeiras contarão à médica e você não terá alta amanhã. — Beijo sua testa enquanto minhas mãos alisam suas costas.

— Um dia, quem sabe, possamos extravasar esse amor que sentimos uma pela outra, minha irmã. Mas enquanto isso não acontece, eu só quero que seja muito feliz, que o amor de vocês seja abençoado. Estou muito feliz por vocês estarem juntos. — Íris começa a chorar. Sinto seus braços em volta do meu corpo, sua cabeça se apoia nas minhas costas. O calor do seu amor faz com que uma energia calorosa nos cerque. — Seja feliz, meu amor. Seja muito feliz ao lado do seu amor. — Ela beija o meu rosto demoradamente e depois beija a mão da Acácia.

— Ela ainda está aqui? — Acácia ergue o rosto banhado pelas lágrimas e pergunta.

— Está, está nos abraçando. Se despedindo.

— Adeus, Íris! Amo você, sempre a amarei. — Acácia esconde o rosto em meu peito, chorando.

— Também amo muito você. Sempre amarei, minha irmã. — Ela alisa os cabelos da Acácia através das minhas mãos. — E também sempre amarei você, meu amor. — Ela me encara com seus lindos olhos verdes, inclina-se e os seus lábios tocam os meus. Beija-me suavemente enquanto nossas lágrimas se fundem. — Adeus!

Somos envolvidos por uma luz branca, brilhante, e do mesmo jeito que a Íris surgiu, ela se vai diante dos meus olhos. Eu sei que nunca mais a verei, sinto isso. Não como a Íris que conheço. Talvez um dia, quem sabe, possamos nos reencontrar, mas no fundo do meu coração, eu sei que o nosso amor não será carnal, não será um amor de homem e mulher, será outro tipo de amor.

Após alguns minutos de um choro inconsolável, consigo fazer Acácia se acalmar e dormir. Foi uma noite longa para mim, pois me despedir da Íris foi dolorido. Posso afirmar que ela foi o meu primeiro amor...



Quatro dias depois da minha conversa com o Solano, a polícia vasculhou todos os lugares indicados por ele. Foram encontrados no total doze corpos, todos enterrados nos arredores da propriedade, inclusive os corpos da Daisy, Rosangela, Dália e Jasmine. Os pertences das moças foram encontrados na sala secreta do porão da sua casa, alguns com identificação, outros não, o que infelizmente dará um pouco de trabalho para a polícia. A família do Solano se mudou para a Argentina, pois eles não tinham condição alguma de permanecer em São Pedro. A população ficou revoltada e sempre tinha um engraçadinho querendo bancar o vingador. Solano foi condenado a 25 anos de prisão e foi transferido para o manicômio judiciário. Infelizmente, ele não escapou da insanidade, os espíritos fizeram um estrago em sua mente.

Rebecca recebeu alta médica um mês depois, e os seus pais a levaram

para fazer um tratamento psicológico no exterior. Ela não se comunicava com ninguém e só queria ficar dentro de casa. Não sabemos se algum dia ela terá uma vida normal. Cinco meses depois, eu e Acácia nos casamos no civil, e como prometi, realizei o seu sonho de se casar na igreja. A cerimônia religiosa foi tão linda quanto a primeira, a igreja estava lotada dos amigos dos meus pais e dos meus amigos, os antigos e os novos. Acácia estava vestida em um lindo vestido de noiva, com muito brilho, rendas e muitas saias, tornando-a uma linda princesa... Minha princesa

A única flor mais linda do meu jardim.

Quanto a mim, não quis me aprofundar no meu dom. Sabia que precisaria estudar bastante para desenvolvê-lo. Não, não queria, para mim bastou uma experiência de ver, tocar e conversar com alguns espíritos. Não desejava viver aquilo tudo novamente. Toda vez que sentia que algo extraordinário estava por perto, pedia em pensamento que se afastasse. Até agora estava funcionando, nenhum ser do mundo dos mortos tentou se comunicar comigo.

O engraçado é que, depois de toda essa experiência paranormal, fiquei sabendo através de conversas com alguns clientes, que muitas pessoas, principalmente homens que passavam de carro próximo ao cemitério, durante a madrugada, já tinham avistado uma mulher vestida de branco caminhando na beira da estrada. Se eles soubessem que a moça em questão era a Íris e que ela estava à procura do seu assassino, ficariam sem dormir por um bom tempo.

Próxima História

LÓTUS

Ele quer vingança. Ela quer, amá-lo.

Capítulo Bônus

O encontro entre o ÓDIO e o AMOR

Raphael e Lilly

*As pessoas são responsáveis e inocentes em relação ao que acontece com elas,
sendo autoras de boa parte de suas escolhas e omissões.*

(Lya Luft)

Sigo em frente, várias portas dão para o enorme corredor. Resolvo abrir uma delas. É a de um quarto pequeno, mas confortável. Há uma cama de casal, um estofado marfim e uma linda mesa em mogno. As cortinas brancas de tecido fino vão até o chão, proporcionando um ar romântico ao aposento. Este quarto só poderia pertencer à Eva. Lembro quando meu pai me contou que ela sempre vinha para cá.

Fecho a porta atrás de mim e sigo direto para o meu quarto. Ao abrir a porta, constato que, sem dúvida, aquele foi o quarto de meu pai. Enorme e com algumas pinturas suas penduradas na parede, ele possui uma enorme varanda com vista para um jardim ainda maior. As cortinas são em verde-musgo contrastando com o florido do edredom da enorme cama king size.

— Oh, Deus! — Grito, sento na cama e minha mão começa a acariciar o forro da cama. As lágrimas que teimavam cair há poucas horas agora descem como um vendaval tenebroso pelo meu rosto.

A dor toma todo meu corpo. Escorrego pelo longo edredom até cair ao chão. — Maldito! Maldito! — Vocifero, exasperado. — Você irá me pagar, maldito... sangrarei o seu coração assim como faz o meu sangrar.

Escondo o rosto entre as mãos e choro copiosamente, até a exaustão total.

Alguns instantes depois recupero meu autocontrole, vou até o banheiro e lavo o rosto. Troco de roupa, prefiro vestir um jeans escuro e uma camisa de algodão branca de mangas compridas, apesar de já ser quase final de tarde e não estar calor, mas dou preferência a algo mais descontraído.

Desço as escadas e sigo em direção à parte não explorada pelos seguranças. A floresta.

O jardineiro me mostra o caminho. Diz que é melhor ir a cavalo, mas eu prefiro andar. Sigo por um percurso cercado por pequenas árvores até chegar a um atalho. Após mais ou menos cinco minutos chego a uma clareira. Paro por alguns segundos, já estou querendo desistir e voltar para o castelo, quando vejo um caminho de flores silvestres, muito bem cuidado. Tenho plena certeza que nenhum dos caseiros viria até aqui cuidar de uma parte remota da propriedade, mesmo porque no contrato de serviços prestados só autorizei o trato dos arredores do castelo. Alguém cuidava deste lugar, mas quem?

Sigo as flores, subo alguns aclives, desço outros declives, e então escuto um barulho diferente, parecido com o som da chuva. Dou mais alguns passos e ao longe, entre uns galhos de arbustos, vejo uma cachoeira. Aproximo-me mais um pouco e ao passar entre os galhos de árvores rasteiras, paro onde estou.

Nem presto atenção direito à cachoeira no alto de uma rocha. Meus olhos estão voltados para uma enorme lagoa de águas escuras devido às folhas verdes que boiam junto a diversas flores de lótus na cor vermelha. No meio delas está uma moça nua, brincando com uma flor. Não acredito em fadas, sereias, mas pisco os olhos uma porção de vezes, só para ter a certeza de que a moça não é uma miragem ou fruto da minha imaginação.

Ela solta um gritinho de felicidade e gira o corpo em torno de si mesma. Brinca com a flor, fingindo segurá-la nas mãos. A moça olha na direção da cachoeira e segue se desviando dos galhos das plantas submersas. Seu corpo desaparece sob as águas turvas até chegar nas pedras que dão acesso à

cachoeira de águas cristalinas. A moça sobe na grande pedra e eu vejo o seu lindo corpo nu. Curvas perfeitas, a pele alva contrastando com os seus cabelos escuros. Eles são compridos, alcançam as nádegas. Fico hipnotizado por sua beleza, ela parece uns dos quadros pintados por meu pai.

A linda moça brinca com as cascatas que descem sobre sua cabeça, senta-se na pedra e deixa a água cristalina escorrer por seus cabelos. É a imagem mais linda que os meus olhos já viram. Fico ali, pasmo, escondido entre as árvores feito um ladrão prestes a roubar a joia mais valiosa do mundo.

Então de repente, a moça pula na água, mergulhando de cabeça. Quase corro para salvá-la, mas o meu ímpeto é interrompido quando a vejo emergir, nadando até a parte de lodo onde se encontra os lótus. Ela continua brincando com as flores.

Quem será essa moça? O que ela faz em minha propriedade? Com certeza é uma nativa de Paraíso e provavelmente pensa ser a dona das terras de meu pai, assim como todos daqui.

O rancor cresce em mim, lembro do ódio que os moradores de Paraíso sentem pelos estrangeiros, principalmente pela minha família.

Saio do meu esconderijo, fico bem perto das roupas da jovem *Lótus*. Resolvo apelidá-la assim, já que não me interessa saber o seu verdadeiro nome.

A moça continua distraída, brinca com uma flor na mão. Para fazer notada a minha presença, limpo sonoramente a garganta. A moça se assusta e os seus olhos me encaram. Ela solta um grito e se esconde debaixo das águas turvas.

Eu a encaro com um olhar sombrio e com os braços cruzados na altura do peito. Sei que pareço assustador e pelo seu olhar apavorado ela deve acreditar mesmo que é isso que sou. A moça fica estática sob a água e o universo parece nos observar, porque de repente tudo fica quieto, não consigo nem escutar o som das águas da cachoeira batendo nas pedras.

— Quem é você? — Acabo com o nosso silêncio perturbador e questiono a sua presença em minha propriedade. — Você está em uma propriedade particular, sabia?

A moça pisca os olhos. Me encara com medo.

— Que-que eu saiba esta propriedade está abandonada. — Balbucia.

— Não mais, e eu quero que saia imediatamente daqui. — Respondo, indiferente.

— Quem pensa que é para me expulsar? — Levanta o corpo um pouco e responde nervosamente, ao se levantar eu consigo avistar os seus seios.

Ela percebe para onde foi o meu olhar e imediatamente mergulha na água.

— Eu sou o novo proprietário e não quero intrusos em minha propriedade. Exijo que saia imediatamente. — Brado severamente, dando um passo à frente. Mostro a minha contrariedade tanto no tom da voz como no olhar frio.

— Eu saio, se o senhor se virar. — Ela começa a tremer, a água deve estar fria. Olho para o céu, o sol está quase se pondo.

— Não, a intrusa é você, terá que sair da água comigo aqui, do jeito que estou. — Minha voz se faz ouvir, raivosa, como flechas pontiagudas.

— Senhor, será que não vê que estou nua? Não posso sair da água com o senhor me olhando. Por favor, vire para que eu possa me vestir e ir embora.

— Não. — Agacho e seguro suas roupas nas mãos. Levanto-me e a encaro com provocação. — Saia, agora!

— Não, com o senhor me olhando eu não saio. — Rebate com impaciência.

— Tudo bem, pode ficar aí, daqui a pouco ficará escuro e a água tão gelada que o seu corpo parecerá um maracujá murcho. Eu tenho todo o tempo do mundo.

Estarrecida, a moça me olha como se não acreditasse no que acabara de escutar.

Alguns minutos depois, ela sai da água cobrindo suas vergonhas... seus seios e sua vulva. Trêmula até os ossos. Não desvio os olhos do seu rosto nem do seu lindo corpo nu. Entrego-lhe suas roupas.

Para pegá-las, ela precisa descobrir os seios. Ao vê-los tão de perto sinto uma necessidade louca de tocá-los. Salivo de vontade.

— Seu idiota, prepotente, insolente. Asqueroso, filho da mãe... —

Murmura, praguejando palavras furiosas, enquanto me olha com raiva.

Dou dois passos para frente e a seguro firme, circulando os braços em volta do seu corpo nu. Seus seios bicudos roçam meu corpo, sinto-os muito duros. Ela me olha assustada, me enfrenta e o seu olhar dourado é hipnotizador.

— Solte-me. Solte-me ou então eu grito... — Tenta se livrar do aperto dos meus braços. Chuta as minhas pernas, tenta me morder.

— Grite, pode gritar à vontade. Duvido muito que alguém a ouça, e se ouvir de nada vai adiantar, você invadiu minha propriedade e eu posso mandar te prender, se quiser.

Aperto-a com mais força. Ela inclina a cabeça e eu consigo ficar mais perto do seu rosto. Seus lábios são carnudos, o nariz pequeno, as bochechas salientes e rosadas. Ela é muito mais linda de perto. Seu corpo nu, trêmulo, voluptuoso, me deixa excitado. Meu membro pulsa, enlouquecido. Ao senti-la ela tenta se afastar, suas mãos tocam meu peito, me empurrando.

— Solte-me, seu tarado, solte-me...

— Tarado? Você invade uma propriedade particular, entra toda nua em um lago e eu que sou tarado? Vou lhe mostrar o quanto sou tarado.

Beijo-a com posse, saciando minha vontade de provar aqueles lábios generosos e vermelhos. Ela tenta lutar contra minha investida. Tenta me morder, mas eu sou mais forte e muito maior. Quando a minha língua invade sua boca e eu chupo a sua, ela estremece, geme baixinho. Aos poucos, seu corpo vai abrandando e assim consigo explorar suas curvas, acariciando-a com delicadeza. A moça mostra timidez, quase posso afirmar que não sabe beijar, pois não sabe muito bem o que fazer com a minha língua. Porém, eu a beijo implacavelmente e aos poucos suas mãos começam a alisar o meu peito e ela se permite ser beijada. Eu poderia fazer o que quisesse naquele momento. Poderia deitá-la no chão e fazer sexo com ela, mas não foi para isso que vim a Paraíso. Então eu a solto bruscamente, deixando-a perplexa, sem fôlego. Ela teria caído de joelhos se eu não a tivesse segurado.

— Vá embora da minha propriedade e não volte mais. Se voltar novamente, eu solto os cachorros em você. — Digo friamente, olhando fixamente em seus olhos, enquanto minha mão a segura pelo cotovelo. — Entendeu? Não quero te ver aqui novamente. Se insistir em voltar, solto os

cachorros em você.

Afasto-me, dando dois passos para atrás.

A moça começa a chorar e a tremer. Se veste rapidamente e, sem olhar para mim, vira-se para partir. Começa a se afastar, mas antes de desaparecer pelas árvores, diz:

— Você é o homem mais insuportável, frio e arrogante que eu já conheci.

— Já fui chamado de coisas piores, pequena Lótus. Adeus!

Viro e sigo na direção oposta.

Não sei para onde ela foi, nem me interessa saber, só sei que ainda sinto o sabor da sua língua em minha boca.

Outros Romances da Autora

Minha – Série Os Lafaiete – Livro 4

Escolhas

Minha Insensatez

Sensibilidade

A Luz do Seu Olhar

Sr. Estranho

Tão Minha – Série Os Lafaiete – Livro 3

Hands that Heal

The Exchange

50 Tons de Mulher

O Contador

KAEL – nos braços do amor – livro 2

KAEL – renascendo para o amor – Livro 1

Ela é Minha – livro 2 da série Os Lafaiete

Ele é Meu – livro 1 da série Os Lafaiete

Nossa História

Depois de Tudo, Você

Recomeço

A Viúva

Emma

Cold Heart

Incontrolável

Pequenos contos:

Depois de Você, Tudo Mudou

A Despedida

Contatos

Fanpage: @autoralarasmithe

Facebook: lara.smithe.14

Site: www.larasmithe1.wix.com/meusite

Instragam: #autoralarasmithe

Notes

[[←1](#)]

Restaurante italiano, muito famoso na cidade

Table of Contents

[Agradecimentos](#)

[Mensagem](#)

[Sinopse](#)

[FLOR DE ÍRIS](#)

[Capítulo 1](#)

[Capítulo 2](#)

[Capítulo 3](#)

[Capítulo 4](#)

[Capítulo 5](#)

[Capítulo 6](#)

[Capítulo 7](#)

[Capítulo 8](#)

[Capítulo 9](#)

[Capítulo 10](#)

[Capítulo 11](#)

[FLOR DE ACÁCIA](#)

[Capítulo 12](#)

[Capítulo 13](#)

[Capítulo 14](#)

[Capítulo 15](#)

[Capítulo 16](#)

[Capítulo 17](#)

[Capítulo 18](#)

[Capítulo 19](#)

[Capítulo 20](#)

[Capítulo 21](#)

[Capítulo 22](#)

[Capítulo 23](#)

[Capítulo 24](#)

[Capítulo 25](#)

[Capítulo 26](#)

[Capítulo 27](#)

[Capítulo 28](#)

[Próxima História](#)

[LÓTUS](#)

[Capítulo Bônus](#)

[O encontro entre o ÓDIO e o AMOR](#)

[Outros Romances da Autora](#)